



*A Formação de Liderança Urbana  
Numa Perspectiva Missional e Pastoral:  
Estudo de Caso de Seminário Teológico Batista Nacional,  
Goiânia, Goiás, Brasil*

Eder José de Melo Silva

Johannesburgo, África do Sul

Agosto, 2017



*A Formação de Liderança Urbana  
Numa Perspectiva Missional e Pastoral:  
Estudo de Caso de Seminário Teológico Batista Nacional,  
Goiânia, Goiás, Brasil*

Eder José de Melo Silva

Tese apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Teologia (PhD), da South African Theological Seminary (SATS) tendo como linha de pesquisa o campo de Educação Teológica.

Supervisor

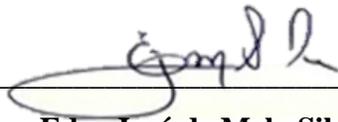
Dr. Antônio Carlos Barro

Johannesburgo, África do Sul

Agosto, 2017

## DECLARAÇÃO

Dou fé de que o presente trabalho é resultado de minha própria investigação e não tem sido submetido, nem parcial nem totalmente, em nenhuma outra instituição educativa para obter algum grau acadêmico.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Eder José de Melo Silva', is written over a horizontal line. The signature is stylized and cursive.

**Eder José de Melo Silva**

## DEDICATÓRIA

Quando vocês chegaram, Ana Júlia,  
Sofia e João Pedro, meus queridos  
netos, descobri um amor incomparável!  
Dedico esta tese a vocês, que nasceram  
durante a gestação deste doutorado, e  
me parece, que está vindo mais um ou  
uma, por aí.

## AGRADECIMENTOS

Ser grato é reconhecer incompletude; que não se basta a si mesmo; que não é pleno; e ao longo da caminhada, de alguma forma, foi completado por outrem, pois o ser humano é um ser em relação. Ao mesmo tempo, a gratidão liberta do egocentrismo, do ensimesmado, de uma vida sem sentido, como a do fazendeiro, cuja parábola revela não ter com quem compartilhar suas alegrias...

\_\_ Que farei? Pergunta ele.

\_\_ Por não ter ninguém, responde a si mesmo: Farei isto, aquilo e aquilo outro. Então direi a minha alma...

Jesus finaliza e diz:

\_\_ Louco... O que tens, para quem será? Ele vivia para si mesmo, não tinha com quem trocar ideias, se alegrar... Uma vida vazia, sem sentido.

Então, reconheço minha incompletude, e ao mesmo tempo, do mais profundo de minha alma, sou imensamente grato a tantos quantos colaboraram comigo nesta jornada e que de alguma forma contribuiram para que eu pudesse chegar ao final da caminhada, a eles sou imensamente agradecido!

Valéria Maria Barreto Motta dos Santos, que me incentivou inscrever-me no PRODOLA - SATS, obrigado por ter me incentivado a iniciar o doutorado!

Agradeço às pessoas que me ajudaram na elaboração dos tutoriais, sem os quais eu não teria chegado ao final. Maria Auxiliadora de Carvalho, em estatística; Dr. Marajá João Alves Mendonça, em geografia; a Dra. Gláucia Regina Yoshida, em Sociologia; Pr. Jesus Aparecido dos Santos Silva, em economia e sociologia. À Delma Maria da Silva Ramos, orientação literária pedagógica.

Á João Paulo Soares Amorim, que me ajudou nas questões de regras metodológicas e suporte na TMI; a vocês Wellington Gomes da Silva e minha filha Francielly de Freitas Melo Oliveira, por me ajudarem nas questões de digitação; a meu filho Eder David de Freitas Melo por me ajudar na biblioteca da UFG; ao Jorge Guilherme Neto e Rejane Siqueira Campos de Bittencourt, Pr. Esdras Dias de Sousa

Ferreira, Pr. Ronald Carvalho, por me fornecerem documentos sobre a história da CBN. Muito obrigado!

À Direção do SETEBAN/GOIÂNIA, na pessoa do Diretor Pr. Heverton de Faria Mesquita e da Secretária, Raquel Toledo Protázio, por oferecer as informações necessárias. Ao corpo docente e discente, aos egressos e diretores em pretérito, bem como aos pastores das Igrejas Batistas Nacionais da RMG, que responderam aos questionários. Muito obrigado!

À CBN, na pessoa de seu Presidente, Pr. Edmilson Vila Nova; à CBN-GO, na pessoa de seu presidente Pr. Claudio do Rego Luna e a Igreja Batista da Paz; muito obrigado por ter ofertado tudo que foi necessário para o último ano da tese.

À Igreja Batista Filadélfia, igreja que me acolheu como pastor há 28 anos, e que tem cuidado de mim em todas as áreas, muito obrigado por ter compreendido a importância dos estudos acadêmicos e ter concedido o tempo necessário para as viagens, estudos, e ao final, ter investido nos pagamentos finais do doutorado.

Minha gratidão aos meus orientadores de tutoriais, Dr. Jorge Henrique Barro, Dr. Marcos Orison e Dr. Wander de Lara Proença. A cooperação de vocês foi essencial para o resultado final.

Sou grato a Direção do PRODOLA - SATS por ter me oferecido a oportunidade de desenvolver melhor o ministério que recebi do Senhor, oportunizando-me a possibilidade de nos capacitar para melhor servir ao reino de Deus, a partir da América Latina. Dr. Charles van Engen e Dr. Pedro Larson. Obrigado pela bolsa que recebi todos os anos, sem a qual a tarefa seria muito pesada, e talvez não teria chegado ao final.

A você meu caro Dr. Antonio Carlos Barro, mui digno orientador geral da tese, minha gratidão extrapola os limites desta tese, pois foi por sua instrumentalidade que Deus me dirigiu a dedicar minha vida ao estudo acadêmico no ano de 1996 em Goiânia, quando me incentivou a iniciar o mestrado na Faculdade Teológica Sul Americana, e agora estou aqui concluindo o doutorado. Muito obrigado!

Finalmente, devo a uma pessoa muito especial a conclusão dos meus estudos doutorais. Você Lucia, é quem sabe todas as lutas que passamos pra chegar aqui, e foi você que mais me incentivou nos momentos difíceis, e meu deu as condições necessárias

para que eu pudesse estar ausente em todas as idas para o período presencial na Costa Rica e em outros países, sem cobranças, e cuidando de tudo aqui, inclusive dando o suporte a nossos filhos, genro, nora e netos; quando tive que investir boa parte dos recursos econômicos que poderiam ser investidos em alguma área de nossa vida, pagando parte dos três anos de estudos doutorais. Muito obrigado minha querida, chegamos ao fim de mais esta jornada!

E a Ti Soberano Senhor, minha gratidão, pois sem Ti nenhuma destas pessoas e instituições teria sido colocada em minha vida, para que o Teu caminho se mostrasse evidente e Tua graça fortalecesse minha incapacidade. Portanto, faço minhas as palavras de Davi, “Tudo vem de Ti, e nós tão somente entregamos a Ti do que é Teu”. (1 Cr 29:14)

## RESUMO

Silva, Eder José de Melo. *A formação de liderança urbana numa perspectiva missional e pastoral: estudo de caso do Seminário Teológico Batista Nacional, Goiânia - Goiás-Brasil.*

O processo educacional para a formação de liderança cristã a partir do contexto urbano pressupõe que a educação teológica ofereça um duplo enfoque teórico, missional e pastoral. A pesquisa mostra que até hoje o enfoque da educação teológica, ou tem sido pastoral (o que tem sido a tônica), ou é missional (o que tem sido a exceção), na maioria dos seminários teológicos no Brasil. Ambos os enfoques separadamente redundam numa formação disfuncional. A proposta é focar em ambos: pastoral – como nutrir a fé do povo de Deus e equipá-lo para o serviço missional – como alcançar o não povo de Deus.

Como marco teórico teológico/missional-pastoral optamos pela Teologia da Missão Integral (TMI) porque em 2002, os batistas nacionais optaram por ela como eixo eclesiológico norteador das atividades pastorais e missionais de suas igrejas. A TMI, para muitos, nasceu na América Latina, com teólogos latino-americanos, e tem suas raízes no movimento missionário do século XIX e XX na América do Norte e Europa, com a teologia clássica e no movimento Evangelical. Os fatos fundantes para a criação e expansão da TMI foram o Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE), sendo o primeiro em 1969; a criação da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL), em 1970; e, a Conferência Mundial de Evangelização em Lausanne – Suíça em 1974. A partir da TMI foram extraídos três princípios que poderão cooperar para a educação teológica com viés pastoral e missional, na formação de liderança a partir do contexto urbano: (i) o princípio da integralidade do ser humano; (ii) o princípio da contextualização; e, (iii) o princípio da missão.

Como marco teórico antropológico/missional-pastoral vemos as antropologias cultural e bíblica como as mais adequadas. A antropologia cultural ajuda a compreender as teias de significado que tecem a vida no *homo urbanus* e orienta a construir pontes de compreensão para a ação e reflexão missional e pastoral a partir da cidade, o *locus* de onde

se trava o drama da existência humana. A antropologia bíblica nos oferece ferramentas fundamentais para o agir e refletir missional e pastoral. Partindo da antropologia bíblica da liderança paulina, se extrai princípios bíblicos para a formação de liderança cristã, analisando suas cartas e o livro de Atos, tendo como ponto de partida a formação familiar cultural de Paulo; sua experiência de conversão e chamada; sua caminhada como discípulo e mentor; como missionário, pastor e teólogo. Em cada um destes aspectos e em todos conjuntamente, temos quatro princípios auxiliares para a educação teológica na formação de liderança que atenda às demandas a partir do contexto urbano, quais sejam: (i) princípio antropológico; (ii) pedagógico; (iii) eclesiológico; e (iv) estratégico.

Goiânia e a metrópole, com seus mais de dois milhões de habitantes, é o espaço histórico e geográfico onde se concentra a pesquisa. A cidade de Goiânia, fundada para ser a capital do Estado de Goiás, no dia 24 de outubro de 1933, foi, àquela época, uma das cinco capitais brasileiras devidamente planejadas. A proposta para sua criação era de ser uma cidade líder no processo de integração nacional, a partir do Centro-Oeste Brasileiro. Foram quatro os fatores que contribuíram para a criação da nova capital: (i) os grupos econômicos nacionais, instalados, sobretudo em São Paulo desejavam expandir suas fronteiras, e a economia global, por conta da depressão de 29 nos Estados Unidos; (ii) a Revolução de 30, quando Getúlio Vargas cria o programa de ocupação do sertão, “Marcha para o Oeste.” (iii) O cenário político em Goiás, visto que o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor do Estado era inimigo político da oligarquia dos Caiados, que dominavam politicamente e estavam instalados na antiga capital; (iv) a antiga capital não reunia as condições de ser uma metrópole em razão de vários fatores, dentre eles a topografia e a insalubridade, pleiteado desde o século XIX. O traçado original de Goiânia foi inspirado em Versalhes, na França e tinha como objetivo último, a construção da futura capital federal, Brasília. A cidade se tornou líder regional em diversas áreas, como na atividade terciária, na medicina, na educação e cultura. Sua localização fez dela um entreposto nacional entre Sul/Sudeste e Norte//Nordeste, bem como para todo o Centro-Oeste brasileiro.

As teias de significado que formam o *ethos* cultural do *homo urbanus* goianiense, com suas características peculiares fruto do processo de fundação da cidade, são: o conflito

urbano/rural e o apego ao religioso. Em diversas áreas, especialmente na música e na arquitetura, podem-se perceber essas características do *homo urbanus* goianiense. Na arquitetura foi a cidade onde o apego ao neocolonial se deu por mais tempo, e na música se tornou a capital da música sertaneja no Brasil. Nos últimos anos foi o apego ao religioso e ao rural que perdeu campo para a secularização e urbanização, na arquitetura pela opção por estilos modernistas, e na música pela adoção do sertanejo universitário.

As características gerais do *homo urbanus* goianiense, o estresse urbano causado pelo tráfego, conurbação indesejada, e a violência, afeta a vida do cidadão. Do *ethos* cultural do mundo urbano atual encontramos presente no *homo urbanus* goianiense algumas características, tais como: o sentido de impermanência, gerado pelo estrangulamento da família tradicional e pela imigração, e a cultura das sensações, gerado por uma visão de mundo individualista e materialista. O desemprego e a competição são dois fatores que afetam o cidadão goianiense, tornando a vida urbana ainda mais individualista e geradora de imensos conflitos pessoais e estruturais. Duas características presentes no *homo urbanus* goianiense são: um ser contador de história e relacional.

A pesquisa demonstrou que os agentes institucionais envolvidos no processo de transformação, por meio do agir e refletir pastoral e missionalmente na RMG são três: o Seminário Teológico Batista Nacional (SETEBAN) em Goiânia; a Convenção Batista Nacional de Goiás (CBN - GO); e, as 18 igrejas batistas nacionais da RMG. O perfil dos pastores batistas nacionais da RMG é: na totalidade, homem; de cor branca em sua maioria; casados; média de dois filhos; e a maioria tem casa própria. Todos têm formação teológica; média de idade é de 50 anos; tempo de ministério 20 anos. A maioria nasceu num lar evangélico e sempre pertenceram a CBN. As igrejas que pastoreiam, a maioria tem sede própria; com capacidade para 200 pessoas. O envolvimento em missões é regular e nas questões sociais é fraco. Das 20 cidades que compõem a RMG, temos igrejas em 6 cidades, sendo treze em Goiânia, uma em Aparecida de Goiânia, uma em Trindade, uma em Senador Canedo (as cinco maiores cidades da RMG), e uma em Inhumas.

O SETEBAN/GOIÂNIA foi criado em 21.08.1982, com o objetivo de formar teologicamente os vocacionados e vocacionadas e propiciar o crescimento das igrejas batistas nacionais na região, orientando na doutrina batista nacional, sobretudo nas questões

do batismo do Espírito Santo e os dons espirituais, o que aponta para uma filosofia educacional com um viés conteudista e funcionalista. O processo educativo do Seminário conta com um currículo cuja matriz é comum à maioria dos seminários brasileiros. A pesquisa sugere intervenções nas instituições que fazem parte do processo, sobretudo no SETEBAN/GOIÂNIA, e propõe uma nova filosofia educacional, qual seja: servir na preparação de pessoas vocacionadas para o ministério, em perspectiva missional e pastoral, conforme os princípios batistas, não deixando de lado as questões referentes ao batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais como realidades para nossos dias. E, a execução de um Projeto Pedagógico, cujos valores sejam os três princípios da TMI e os quatro princípios de liderança da experiência paulina.

Palavras-Chave: Educação teológica; liderança urbana; Convenção Batista Nacional; SETEBAN-GO.

## ABSTRACT

Silva, Eder José de Melo. *The formation of urban leadership in a missional and pastoral perspective: case study of the National Baptist Theological Seminary in Goiania-GO-Brazil.*

In the urban context, the educational process of Christian leadership formation presupposes a theological instruction that offers a double theoretical focus, namely missional and pastoral. The research shows that most of Brazilian theological seminaries focus on pastoral formation and that the missional approach is an exception. As the single approach on either, or pastoral or missional, results in dysfunctional formation, the proposal is to focus on both kinds of approach: missional – know how to reach the non-God’s people – and pastoral – know how to nourish the God’s people faith and give them tools to the missional work.

The Theology of Integral Mission (TMI) was chosen as our theoretic and theological (missional/pastoral) framework because the National Baptists have chosen it as ecclesiological axis and reference point to the pastoral and missional church’s activities. For many, the TMI was born in Latin America, from Latin American theologians. It has roots in the missionary movement of North America and Europe in 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries, also in the classical theology and evangelical movement. The creation and expansion of TMI has, as grounding facts, the Latin American Congress of Evangelization (CLADE), the first in 1969, the beginning of the Latin American Theological Fraternity (FTL) in 1970, and World Evangelization Conference in Lausanne – Switzerland in 1974. Three bases were extracted from TMI in order to cooperate for theological education with pastoral and missional bias, in leadership formation from the urban context. They are: (i) principle of integrality of human being, (ii) principle of contextualization, and (iii) principle of mission.

The cultural and biblical anthropology are the most suitable anthropological framework (missional/pastoral). It is so because the cultural anthropology helps the understanding of the web of meaning that weave the *homo urbanus* life. It also guides to build links of understanding on missional and pastoral actions and thoughts, both from the city, where the drama of human existence has its *locus*. And yet the biblical anthropology also offers us fundamental tools for the missional and pastoral actions and thoughts. Starting

on biblical anthropology of Pauline leadership, biblical principles of Christian leadership formation are extracted. It's done by analyzing Paul's letters and the book of Acts, keeping in mind Paul's cultural and familiar background, his converting experience and called, his way as disciple and leader, as missionary, pastor and theologian. In each and all of these aspects, we have four auxiliary principles for the theological education of leadership formation that, from de urban context, meet the demands, which are: (i) anthropological, (ii) pedagogical, (iii) ecclesiological, (iv) strategic.

The Metropolitan Area of Goiânia (RMG), with more than 2 million citizens, is the historical and geographical area of research approach here. The city of Goiânia started on October 24<sup>th</sup>, 1933 as Capital of the State of Goiás. At that time it was one of the five Brazilian cities well planned. It was created in order to be head in the national integration process from Midwest on. The new capital creation was contributed by four factors: (i) the national economical groups, mainly with headquarters in São Paulo, wanted expand their bounds because of 1929 Economic Depression in USA; (ii) the Revolution of 30ies, when Getúlio Vargas created the West Occupancy Program, known as “Marcha para o Oeste” [“March to the West”]; (iii) The political scene in Goiás, since Dr. Pedro Ludovico Teixeira, Auditor of the State was political enemy of the oligarchy of the Caiados, that dominated politically and were installed in the old capital of Goiás; (iv) the old capital did not meet the conditions of being a metropolis due to several factors, among them the topography and the insalubrity, pleaded since the 19th century. The original layout of Goiânia was inspired by Versailles in France and had as its ultimate goal the construction of Brasilia as federal capital. Goiânia has become a regional leader in several areas, such as third sector, medicine, education and culture. Its location made it a national strategic point between South/Southeast and North/Northeast as well as for the entire Brazilian Midwest.

The webs of meaning that form the cultural *ethos* of the *homo urbanus* Goianiense, with their peculiar characteristics resulting from the process of city formation, are: urban/rural conflict and attachment to the religious. In several areas, especially in music and architecture, it's possible to find out the Goianiense *homo urbanus* characteristics. In architecture it was the city where the attachment to the neocolonial occurred for longer, and in music became the capital of Brazilian country music. In the last years it was the

attachment to the religious and the rural that lost field because of secularization and urbanization. In architecture it lost field by the option of modernist styles, and in music by the adoption of the university country music.

The general characteristics of the *homo urbanus* Goianiense, urban stress caused by traffic, unwanted conurbation, and violence affect the life of the city. From the cultural *ethos* of the present urban world we find in the *homo urbanus* Goianiense some characteristics, such as: the sense of impermanence, generated by the strangulation of the traditional family and by immigration; the culture of sensations, generated by an individualistic and materialistic worldview. Unemployment and competition are facts that affect the Goianiense daily life, making urban life even more individualistic and generating immense personal and structural conflicts. Other two characteristics present in the *homo urbanus* goianiense are: being relational and storyteller.

This research has shown that the institutional agents involved in the transformation process, through the pastoral and missionary activity and reflection in the RMG, are three: the National Baptist Theological Seminary (SETEBAN) in Goiania, the National Baptist Convention of Goiás (CBN-GO), and the eighteen National Baptist Churches of the RMG. The profile of the National Baptist pastors of the RMG is: in the totality, man; most white men; married; average of two children; and most have their own houses. All have theological formation; average age is 50 years; time of ministry 20 years. Most were born in an evangelical home and have always belonged to the CBN. The churches that herd, most have their own headquarters; with average capacity for 200 people. Involvement with mission is regular and with social issues is weak. Of the 20 cities that make up the RMG, we have churches in 6 cities. They are thirteen in Goiânia, one in Aparecida de Goiânia, one in Trindade, one in Senador Canedo (the five largest cities of RMG), and one in Inhumas.

The SETEBAN-Goiânia was created in August 21<sup>st</sup>, 1982. It's mission is theological formation of one's vocation and growth propitiation of the National Baptist Churches of the RMG. It does that through orientation on National Baptist doctrine, mainly on Holy Spirit baptism issues and spiritual gifts, which points to an educational philosophy with content and functionalist bias. The Seminary educational process has a curriculum whose matrix is common to most Brazilian seminaries. The research suggests interventions in the institutions

that are part of the process, especially in SETEBAN-Goiânia. It proposes a new educational philosophy, namely: serving in the preparation of persons dedicated to the ministry in a missional and pastoral perspective, according to Baptist principles, not leaving aside the questions concerning the Holy Spirit baptism and the spiritual gifts as realities for our days. It also proposes the execution of a Pedagogical Project, whose values are the three principles of the TIM and the four principles of leadership of the Pauline experience.

Keywords: Theological Education; Urban leadership; National Baptist Convention; SETEBAN-GO.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – INSTITUIÇÕES AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO.....	33
MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE GOIÂNIA.....	92
FIGURA 2 – PLANO URBANÍSTICO DE GOIÂNIA.....	93
FIGURA 3 – O PLANO URBANÍSTICO DE GOIÂNIA/MITO DE APARECIDA...	97
TABELA 1 – TAXAS DE URBANIZAÇÃO DAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	99
TABELA 2 – TAXAS DE URBANIZAÇÃO DE GOIÂNIA.....	100
TABELA 3 – DADOS DEMOGRÁFICOS DA RMG.....	101
QUADRO 1 – IGREJAS FUNDADORAS.....	122
QUADRO 2 – IGREJAS FUNDADAS.....	123
GRÁFICO 1 – CIDADES COM IGREJAS PLANTADAS E A PLANTAR.....	126
GRÁFICO 2 – IGREJAS QUE PLANTARAM E NÃO PLANTARAM IGREJAS...	128
GRÁFICO 3 – IGREJAS QUE ESTÃO E QUE NÃO ESTÃO PLANTANDO IGREJAS.....	129
GRÁFICO 4 – FAIXA ETÁRIA DOS PASTORES.....	129
GRÁFICO 5 – ENVOLVIMENTO EM MISSIONÁRIO.....	131
GRÁFICO 6 – ENVOLVIMENTO SOCIAL.....	131
GRÁFICO 7 – FORMAÇÃO TEOLÓGICA.....	133
QUADRO 3 – RESUMO DE FORMATURAS DO SETEBAN/GOIÂNIA 1985-2011.....	139
QUADRO 4 – CURRÍCULO.....	147
FIGURA 4 – PRINCÍPIOS BÍBLICOS DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇA PAULINO.....	161
FIGURA 5 – PRINCÍPIOS DA TMI PARA A FORMAÇÃO DE LIDERANÇA.....	162
QUADRO 5 – CURRÍCULO PROPOSTO.....	179

## **LISTA DE SIGLAS**

RMG – Região Metropolitana de Goiânia

CBN – Convenção Batista Nacional

CBN-GO – Convenção Batista Nacional do Estado de Goiás

SETEBAN-GO – Seminário Teológico Batista Nacional do Estado de Goiás

SETEBAN-GOIÂNIA – Seminário Teológico Batista Nacional – Núcleo Goiânia

ORMIBAN – Ordem de Ministros Batistas Nacionais

STEB – Seminário Teológico Evangélico Batista

AME – Associação Missionária Evangélica

TMI – Teologia da Missão Integral

TDL – Teologia da Libertação

MBBN – Manual Básico dos Batistas Nacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FTL – Fraternidade Teológica Latino-americana

CLADE – Congresso Latino Americano de Evangelização

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	22
<b>CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E CONTEXTO: POR QUE ESTUDAR?</b> .....	26
1.1. A importância do tema para os dias atuais: .....	26
1.2. Contexto Institucional Geral: .....	27
1.2.1. <i>Contexto Institucional Específico:</i> .....	32
1.3. Justificativa: .....	33
1.4. Objetivo geral: .....	35
1.5. Problema: .....	35
1.6. Objetivos específicos: .....	35
1.7. Perguntas da investigação: .....	36
1.8. Definição preliminar: .....	36
1.9. Delimitações: .....	40
1.10. Marco teórico: .....	41
1.10.1. <i>Marco teórico urbano, a antropologia:</i> .....	41
1.10.2. <i>Marco teórico teológico, a Teologia da Missão Integral:</i> .....	42
1.10.3. <i>Marco teórico bíblico, a teologia bíblica da liderança paulina:</i> .....	43
1.11. Metodologia: .....	44
1.12. Avaliação da validade e confiabilidade: .....	46
1.12.1. <i>Confiabilidade:</i> .....	46
1.12.2. <i>Validade:</i> .....	46
<b>CAPÍTULO 2 - MARCO TEÓRICO BÍBLICO-TEOLOGICO</b> .....	48
2.1. Marco teórico bíblico: uma análise da experiência paulina: .....	49
2.1.1. <i>Sua formação familiar, religiosa e cultural:</i> .....	51
2.1.2. <i>Conversão e vocação:</i> .....	53
2.1.3. <i>Paulo como discípulo:</i> .....	54
2.1.4. <i>Como mentor:</i> .....	56

2.1.5. <i>Como missionário:</i> .....	58
2.1.6. <i>Como pastor:</i> .....	60
2.1.7. <i>Como teólogo:</i> .....	62
<b>2.2. Marco teórico bíblico: princípios da experiência paulina para a educação teológica.....</b>	<b>63</b>
2.2.1. <i>Princípio antropológico</i> .....	64
2.2.2. <i>Princípio pedagógico</i> .....	65
2.2.3. <i>Princípio eclesiológico</i> .....	67
2.2.4. <i>Princípio estratégico</i> .....	68
<b>2.3. Marco teórico teológico: Teologia da Missão Integral - uma teologia apropriada ao contexto latino-americano: .....</b>	<b>69</b>
2.3.1. <i>Breve Histórico da Teologia da Missão Integral:</i> .....	69
2.3.1.1. <i>Pacto de Lausanne e o Compromisso da Cidade do Cabo:</i> .....	74
2.3.1.2. <i>Teologia da Missão Integral e Convenção Batista Nacional:</i> .....	77
<b>2.4. Marco teórico teológico: Princípios da TMI para a educação teológica .....</b>	<b>79</b>
2.4.1. <i>O princípio da integralidade do ser humano:</i> .....	79
2.4.2. <i>O princípio da contextualização.....</i>	<b>83</b>
2.4.3. <i>O princípio do compromisso com a missão</i> .....	85
<b>CAPÍTULO 3 - A METRÓPOLE E SUAS DEMANDAS ANTROPOLÓGICAS ..88</b>	
<b>3.1. Goiânia, a história de sua urbanização: .....</b>	<b>88</b>
3.1.1. <i>História:</i> .....	88
3.1.2. <i>Urbanização e metropolização:</i> .....	98
3.1.2.1. <i>Urbanização:</i> .....	98
3.1.2.2. <i>Metropolização:</i> .....	101
<b>3.2. Demandas antropológicas da urbanização de Goiânia: .....</b>	<b>105</b>
3.2.1. <i>A antropologia e a urbanização:</i> .....	106
3.2.2. <i>O homem/a mulher urbanus goianiense:</i> .....	108
3.2.2.1. <i>Características peculiares do homo urbanus goianiense:</i> .....	108
3.2.2.2. <i>Características gerais do homo urbanus goianiense:</i> .....	114
3.2.3. <i>Desafios à formação de liderança evangélica para o contexto goianiense: ....</i>	118

<b>CAPÍTULO 4 - CONTEXTO INSTITUCIONAL .....</b>	<b>121</b>
<b>4.1. Perfil do pastor batista nacional da RMG: .....</b>	<b>121</b>
<i>4.1.1. Perfil dos pastores Batista Nacionais na RMG: .....</i>	<i>123</i>
<i>4.1.2. Desafios que esse perfil apresenta a formação teológica: .....</i>	<i>125</i>
<i>4.1.2.1. Plantio de Igrejas: .....</i>	<i>125</i>
<i>4.1.2.2. Formação dos pastores: .....</i>	<i>129</i>
<b>4.2. Análise histórica da educação teológica batista nacional em Goiânia – o caso SETEBAN/GOIÂNIA: .....</b>	<b>134</b>
<i>4.2.1. Histórico do SETEBAN-GO: .....</i>	<i>135</i>
<i>4.2.2. Relação SETEBAN/GOIÂNIA e Igrejas Batistas Nacionais da RMG: .....</i>	<i>140</i>
<b>4.3. Análise do processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA: .....</b>	<b>145</b>
<i>4.3.1. O SETEBAN/GOIÂNIA e a estrutura atual: .....</i>	<i>145</i>
<i>4.3.2. O currículo do SETEBAN/GOIÂNIA: .....</i>	<i>147</i>
<i>4.3.3. A filosofia educacional do SETEBAN/GOIÂNIA: .....</i>	<i>150</i>
<b>CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESUMO, CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>155</b>
<b>5.1. Resumo: .....</b>	<b>155</b>
<i>5.1.1. Marco teórico bíblico-teológico: .....</i>	<i>156</i>
<i>5.1.2. Goiânia: a metrópole e suas demandas antropológicas: .....</i>	<i>157</i>
<i>5.1.3. Contexto institucional: .....</i>	<i>159</i>
<b>5.2. Conclusões: .....</b>	<b>160</b>
<i>5.2.1. Marco teórico bíblico-teológico: .....</i>	<i>161</i>
<i>5.2.2. Goiânia Metrópole e suas demandas antropológicas: .....</i>	<i>163</i>
<i>5.2.2.1. Desafios sociais .....</i>	<i>163</i>
<i>5.2.2.2. Desafios culturais .....</i>	<i>165</i>
<i>5.2.2.3. Desafios pessoais .....</i>	<i>167</i>
<i>5.2.3. O Contexto institucional .....</i>	<i>169</i>
<b>5.3. Recomendações: .....</b>	<b>171</b>
<i>5.3.1. Referentes ao Marco Teórico-bíblico-teológico: .....</i>	<i>171</i>
<i>5.3.2. Referentes ao contexto da RMG: .....</i>	<i>173</i>

<i>5.3.3. Referentes ao campo institucional:</i> .....	174
<b>CONCLUSÃO</b> .....	180
<b>BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS</b> .....	182
<b>ANEXOS</b> .....	194

## INTRODUÇÃO

Escolhi a sombra desta árvore para  
Repousar do muito que farei,  
Enquanto esperarei por ti.  
Quem espera na pura espera  
Vive um tempo de espera vã.  
Por isto, enquanto espero  
Trabalharei os campos e  
Conversarei com os homens  
Suarei meu corpo, que o Sol queimará;  
Minhas mãos ficarão calejadas;  
Meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;  
Meus ouvidos ouvirão mais;  
Meus olhos verão o que antes não viam,  
Enquanto esperarei por ti.  
Não te esperarei na pura espera  
Porque o meu tempo de espera é um  
Tempo de quefazer.  
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,  
Em voz baixa e precavidos:  
É perigoso agir  
É perigoso falar  
É perigoso andar  
É perigoso esperar, na forma em que esperas,  
Porque esses recusam a alegria de tua chegada.  
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,  
Com palavras fáceis, que já chegaste,  
Porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam.  
Estarei preparando a tua chegada  
Como o jardineiro prepara o jardim  
Para a rosa que se abrirá na primavera.

FREIRE, Paulo. (2000). Educação Óbvia, 1971.

Escrever uma tese é uma tarefa árdua, extremamente desgastante sob todos os pontos de vista. Para que o caminho seja um tanto agradável, e em algum momento até mesmo suportável, o tema deve estar arraigado na alma de quem se propõe à empreitada. No meu caso, especificamente, o assunto central desta tese, sempre me cativou; a educação, e de modo particular, a educação teológica, como chave para a formação de

liderança. Então, me lancei neste desafio no mesmo espírito do grande educador brasileiro Paulo Freire, consideradas é obvio as devidas proporções. É da minha índole, não ficar “na pura espera”, pois, penso como ele, que sempre é “tempo de quefazer”. Ainda que seja tempo de esperar, assim como já dizia o Pregador “Quem somente observa o vento, nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará” (Ec. 11:4).

Antônio Carlos Barro questiona: “Que tipo de educação teológica dará um sólido fundamento para os futuros líderes cristãos aparelhando-os para um ministério efetivo, bíblico e contextual? ” (2006b, p. 173). Debrucei-me sobre esta questão nesta tese e ofereço minha contribuição nas páginas que se seguem. Como a pergunta é abrangente, minha dedicação foi restrita ao meu contexto imediato, pois é a partir dele que penso poder, de alguma forma contribuir.

O contexto cultural pessoal que envolve a tese tem duplo fundamento: a cidade de Goiânia, onde nasci, fui criado e tenho servido como cristão, pastor e educador em teologia, a qual se tornou uma metrópole, cuja região metropolitana é formada por 20 cidades. E, a igreja batista nacional, oriunda do Movimento de Renovação Espiritual, ocorrido no Brasil entre 1950 e 1960. Meus pais se converteram na IV Igreja Batista de Goiânia quando eu tinha dois anos de idade, e foi nesta igreja (uma das fundadoras da Convenção Batista Nacional em 16.09.1967) onde foi iniciada a construção de minha identidade religiosa. Com vinte e uma igrejas fundadoras, a Convenção Batista Nacional conta hoje com quase três mil igrejas, entre igrejas e missões. Graduei-me em teologia no SETEBAN-GO onde fui diretor e sou professor. Sou pastor batista nacional desde 1988 e pastoreio a Igreja Batista Nacional Filadélfia, filha da IV Igreja, desde então. Por aí percebe-se as profundas ligações que minha identidade revela, com a cidade e com a Igreja Batista Nacional.

Paul Tillich (2009), escrevendo sobre teologia da educação, e especificando sobre as escolas da igreja, sejam seminários, escolas dominicais e outras formas, afirma que:

O problema enfrentado pelas escolas da Igreja vai além da mera finalidade da educação. Trata-se do relacionamento do cristianismo com a cultura em geral e com a educação em particular. O problema é infinito e precisa ser resolvido a cada nova geração. Nesse contexto as escolas da Igreja são pequenos laboratórios onde se podem estudar as questões da Igreja e do mundo na busca de soluções preliminares. Seria uma inestimável contribuição à solução de problemas maiores (2009, p. 208).

No sentido de se buscar soluções preliminares, se faz um estudo das questões culturais que envolvem, de modo geral e específico os habitantes da RMG e as igrejas batistas nacionais que nela estão servindo, e de que forma a educação teológica oferecida pelo Seminário, poderia contribuir para melhorar as condições de vida dos habitantes da metrópole, tendo como ponto de partida, oferecer uma educação teológica que equipe líderes no sentido para responderem aos desafios missionais e pastorais fundamentando-os “para um ministério efetivo, bíblico e contextual” (2006b, p. 173).

Para melhor compreensão do tema, dividi a tese em cinco capítulos, sendo o primeiro uma introdução técnica, delineando o contexto cultural e institucional, ponto de partida da tese. A escolha do marco teórico urbano, teológico e bíblico, sendo o teológico o principal e ao redor do qual se interagem o urbano e o bíblico; e a metodologia de pesquisa que dará confiabilidade e validade a tese.

No segundo capítulo apresento o Marco Teórico Bíblico-Teológico. A partir da teologia bíblica da formação de liderança paulina, extraí quatro princípios da liderança: antropológico, eclesiológico, pedagógico e estratégico. Tendo a Teologia da Missão Integral como marco teórico principal, extraí três princípios dela aqui apresentados (da integralidade, da contextualização e da missão), para a formação de liderança cristã para o contexto urbano com viés missional e pastoral.

O terceiro capítulo é dedicado ao estudo da Goiânia Metrópole, sua urbanização e metropolização. Utiliza-se o conceito das “teias de significado” de Geertz (2008) e da “construção de pontes” de Hiebert (1999), no sentido de se propor uma teoria antropológica, missional e pastoral, direcionada ao *homo urbanus* goianiense.

No quarto capítulo, é oferecido o resultado das pesquisas de campo que teve como foco o SETEBAN/GOIÂNIA. Como resultado das entrevistas com diversos

grupos representantes de todo o arcabouço educacional do Seminário, bem como da parte documental histórico, institucional e acadêmica; é elaborado um perfil do pastor batista nacional das igrejas batistas nacionais da RMG. É registrado um histórico da formação teológica batista nacional do Seminário na RMG, e algumas conclusões das práticas pedagógicas e sua interação com a metrópole.

No quinto, apresenta-se um resumo dos três últimos capítulos da tese. Apresentam-se também, as conclusões que a pesquisa apontou, e finalmente, elaboram-se algumas recomendações às três instituições envolvidas na pesquisa, e, sobretudo ao SETEBAN/GOIÂNIA, objeto principal da tese. Toda a pesquisa gira no sentido contribuir para que o SETEBAN/GOIÂNIA possa oferecer uma educação teológica com duplo enfoque, missional e pastoral, preparando líderes “para um ministério efetivo, bíblico e contextual” (2006b, p. 173).

## CAPÍTULO 1

### EDUCAÇÃO TEOLÓGICA E CONTEXTO: POR QUE ESTUDAR?

#### 1.1. A importância do tema para os dias atuais:

Estudar o assunto em tese, educação teológica e sua importância para a formação de liderança, foram para o pesquisador um assunto palpitante, fazendo sempre parte de sua formação o apego à educação teológica, bem como a compreensão de sua importância para o crescimento equilibrado da igreja. Nas observações preliminares, o pesquisador, ao longo de sua experiência ministerial, iniciada em 1988, como pastor, e em 1991 como docente da educação teológica, percebeu que o crescimento da igreja em sua denominação, seguiu a expansão dos seminários teológicos, ou seja, onde se plantou um seminário, as igrejas cresceram e se desenvolveram.

Observa-se, entretanto, que a educação geral no contexto da América Latina tem sido relegada a segundo plano, conforme podemos observar não apenas na política dos nossos países, como também na postura da própria população, a qual quando tem a oportunidade de votar, não opta por candidatos que possuem como plataforma de campanha, a melhoria na educação. A mentalidade da igreja evangélica latino-americana acompanha de resto, o que pensa e como age o povo latino americano, não valorizando, de modo geral, a educação principalmente no âmbito da sua liderança política.

No âmbito da educação teológica, muitas mudanças têm ocorrido nos últimos anos e se pergunta que tipo de educação teológica seria relevante e pertinente ao nosso contexto, num período pós-moderno, urbanizado? Qual seria o caminho a seguir na formação teológica, que possa oferecer uma perspectiva pastoral e missional para a igreja do século XXI? Como despertar nos líderes eclesiais a consciência da importância de uma educação teológica relevante e pertinente, para o crescimento equilibrado da igreja?

O pesquisador está envolvido com esse tema a muitos anos como observador e participante ativo, e agora pretende contribuir de forma empírica, ciente de que “sempre

começamos com certas experiências, ideias e opiniões sobre o problema a estudar, o qual é resultado de nossa história de vida” (Sampieri et. al., 2006, p. 527). Assim, esse tema nasceu do coração, da vida, do ministério, do pulsar da ação pastoral e missional num contexto urbano específico, a cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, no Centro-Oeste do Brasil, numa igreja específica, a batista nacional da RMG.

## **1.2. Contexto Institucional Geral:**

Como pastor batista nacional, o pesquisador estudou o assunto na perspectiva da Convenção Batista Nacional, especificamente no SETEBAN-GO – Seminário Teológico Batista Nacional no Estado de Goiás, o qual conta com três núcleos que funcionam em três cidades: Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Encontra-se aqui um campo institucional apropriado e aberto para uma investigação do assunto, sendo que até hoje ninguém se propôs a um estudo acadêmico neste tema, não somente em nossa Regional, como também nas demais, e neste caso, o pesquisador contribui com o desenvolvimento do pensamento pastoral missionário em sua denominação, no que tange a formação teológica.

A Convenção Batista Nacional, de acordo com os estudos de Campos (1996, p. 82-90),<sup>1</sup> foi fundada no período da “segunda onda” do pentecostalismo brasileiro, a qual se fez passar tanto pelas igrejas históricas oriundas do movimento missionário do século XIX, quanto pelas igrejas pentecostais, cuja origem se dá a partir de 1910, estabelecidas

---

<sup>1</sup>Silva, E. J. M. (2011). *A convenção batista nacional e a dicotomia entre a modernidade e a pós-modernidade*. Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura, 35, 70-81, Campos (1996, p. 77-120) faz a seguinte divisão do Pentecostalismo Brasileiro: Primeira onda – O pentecostalismo histórico surgido no Brasil em 1910; Segunda Onda – Novas igrejas pentecostais, com dissidência das pentecostais históricas na década de 50 e o Movimento de Renovação Espiritual entre 1950/60, nas igrejas históricas; Terceira Onda – O movimento neopentecostal no início de 1970. Campos se faz valer da teoria de Paul Freston (1994, p. 67-99), entretanto, Freston não menciona as igrejas oriundas do Movimento de Renovação na segunda onda, na verdade, ele nem menciona o movimento. Ricardo Mariano (1999, p. 28-32) faz a mesma divisão classificando-as de modo diferente: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. Mariano menciona uma distinção: as igrejas históricas renovadas, que poderia ser a terceira onda, na minha opinião, antecedendo a neopentecostal (82-90). Araújo, S. (1997, p. 54-55), missiólogo batista nacional, divide em quatro as famílias pentecostais no Brasil e denomina de forma diferente, sendo, primeiro os Pentecostais históricos em 1910; segundo os Neo-Pentecostais, Igreja Pentecostal Deus é Amor, O Brasil Para Cristo, Evangelho Quadrangular foram as que iniciaram, em 1950; terceiro, Os Renovados Carismáticos, oriundos do movimento de Renovação Espiritual ocorrido nas igrejas Históricas, do movimento de missão do século XIX, em 1960; e em quarto, Os Novos Carismáticos, liderados pela Igreja Universal.

no Brasil até 1950. Como resultado da obra carismática dentro das igrejas históricas, principalmente batistas, surge em 1966 a AME – Associação Missionária Evangélica, a qual tinha como fundamentos um governo centralizado e não democrático para congregar as 52 igrejas excluídas da Convenção Batista Brasileira, aberta a todos os evangélicos e não apenas aos batistas (Tognini e Almeida, 2007, p. 164), o que na prática não ocorreu, pois como afirma o próprio Tognini “cada igreja das denominações históricas que participaram do movimento de renovação ‘seguiu seu próprio caminho’” (Tognini e Almeida, 2007, p. 165). Como podemos observar na ata de fundação da Convenção Batista Nacional, das 52 igrejas que foram excluídas, estavam presentes apenas 21 igrejas, as quais assinaram a ata de fundação.

O que deu origem a todo esse movimento<sup>2</sup> foi o fato de vários pastores e líderes batistas iniciarem um movimento de oração, denominado Renovação Espiritual, pedindo a Deus um avivamento em terras brasileiras. Darci Guilherme dos Reis que na época era seminarista em Recife-PE, foi expulso do Seminário Batista do Norte por causa do movimento de Renovação Espiritual,<sup>3</sup> (Tognini, 1993 p. 103) e testemunha sobre o nascimento do hino “Obra Santa” de autoria do Pr. Rosivaldo de Araújo, que se tornou o hino oficial do movimento: “Sabíamos o que buscávamos. A história dos avivamentos –

---

<sup>2</sup> Neste sentido a pesquisa realizada por Silva (2015), poderia dar suporte ao que menciona Mariano (1999) em sua análise das divisões do pentecostalismo brasileiro, no sentido de que esse movimento de Renovação Espiritual seria a terceira onda do pentecostalismo, e o neopentecostalismo a quarta onda. Nesta possível terceira onda (formada por dissidentes das igrejas históricas) estariam as igrejas mencionadas por Campos (1996, p. 90): Metodista Wesleyana, Presbiteriana Renovada Congregacional Independente e Batista Renovada (CBN). Silva (2015), a partir de uma análise sociológica, estuda o campo religioso da época da dissidência ocorrida entre os Batistas no Brasil, e afirma que no início, o que se buscava, era uma vida renovada e santificada o que não feria o *ethos* batista de origem puritana e avivalista, mas com o passar do tempo, com a adesão ao batismo no Espírito Santo como realidade para os dias atuais, o movimento se aproximou do pentecostalismo o que causou a ruptura. Paul Freston (1994), ao dividir o pentecostalismo em três ondas, não menciona na segunda onda as igrejas que nasceram do Movimento de Renovação Espiritual ocorrido nas igrejas históricas na década de 60 (p. 70-72). Seriam então as igrejas batistas nacionais pertencentes ao movimento pentecostal?

<sup>3</sup> Renovação Espiritual era o nome de um programa de rádio, iniciado pela missionária americana Rosalee Appleby, que juntamente com seus folhetos com o tema, Vida Vitoriosa, prepararam o terreno no coração de muitos pastores para a obra do Espírito. Assim, foi que o movimento recebeu esse nome “Renovação Espiritual” desde o início na década de 50 (Tognini, 1993, p. 19). Este livro foi ampliado e lançado em 2007 em comemoração aos quarenta anos da CBN. Nele é dedicado um capítulo para explicar o que foi o Movimento de Renovação Espiritual (Tognini e Almeida, 2007, p. 247-62).

da Inglaterra, dos Estados Unidos, do País de Gales, da China e de vários outros lugares nos indicava o caminho a seguir” (Tognini, 1993, p. 111).

Reuniões de oração e busca de uma vida consagrada, neste sentido, foram realizadas em diversas regiões do Brasil, em seminários, em encontro de pastores, em retiros espirituais, em igrejas diversas, e em cada uma dessas reuniões, pessoas eram batizadas no Espírito Santo.<sup>4</sup> Muitos choravam e confessavam seus pecados e recebiam dons espirituais. Em 1965, a Convenção Batista Brasileira reunida em Niterói-RJ, expulsou 32 igrejas e ao final do mesmo ano, já totalizavam 52 igrejas.

Portanto, o movimento denominado Renovação Espiritual, iniciado em meados da década de 50, gerou inicialmente a AME – Associação Missionária Evangélica, a qual se caracterizava por um governo centralizado e aberto a qualquer igreja evangélica, o que não deu certo, nascendo assim a Convenção Batista Nacional, em 16.09.1967.

Neste intervalo entre a criação da AME e da CBN, foi criado o STEB, Seminário Teológico Evangélico do Brasil, em Belo Horizonte, com o objetivo de formar líderes com a visão de Renovação Espiritual, com o lema “Ensinado ou ensinando a Palavra no Poder do Espírito”. Assim, a CBN foi fundada com 21 igrejas<sup>5</sup> e um seminário (Souza, 2007, p. 35-38).

Esse movimento teve como centro de maior influência o Estado de Minas Gerais, precisamente a cidade de Belo Horizonte, por intermédio da Missionária Rosalee Appleby e do Pr. José Rego do Nascimento, o qual recebeu o batismo do Espírito Santo quando pastoreava em Vitória da Conquista. Mas, logo foi para Belo Horizonte, pastorear a Igreja Batista da Lagoinha em 17.05.1958. A maioria das igrejas desligadas

---

<sup>4</sup> Para os Batistas Nacionais, o batismo no Espírito Santo é uma experiência posterior à conversão, com vistas a capacitação para a missão e uma vida sob o controle do Espírito Santo. Assim defende dois de seus pioneiros. Enéas Tognini, no capítulo “A grande bênção” (1988, p. 15-43). José Rego do Nascimento vai pelo mesmo caminho em seus dois livros, publicados posteriormente num só volume, “Calvário e Pentecoste” e “Regeneração e Poder” (2007, p. 127-132). O modo como os Batistas Nacionais definem o Batismo no Espírito Santo, distingue dos pentecostais, no sentido não a firmar o dom de línguas como “evidência” do recebimento do batismo (idem, p. 85). Jesus Silva, afirma: “para o pentecostalismo, o batismo no Espírito Santo deve vir sempre acompanhado do falar em línguas, como evidência de que o crente foi batizado no Espírito Santo. Para o movimento de renovação espiritual o falar em línguas não é uma exigência como tal” (2015, p. 115).

<sup>5</sup> Ata de fundação da CBN, em Belo Horizonte, dia 15.09.1967, no templo da Igreja Batista da Lagoinha, publicada na Bíblia comemorativa dos 40 anos da CBN.

era do Estado de Minas Gerais, mas a obra contava ainda com outros líderes, como o Pr. Enéas Tognini em São Paulo, que percorreu todo o Brasil com seus livros e suas mensagens. O Pr. Rosivaldo de Araújo, em Pernambuco e por todo o Nordeste brasileiro e depois com a ALBAMA – Aliança Missionária da Amazônia, criada com o objetivo de plantar igrejas em toda a região norte do Brasil. No Planalto Central, o Pr. Elias Brito Sobrinho, da Primeira Igreja Batista de Brasília, foi o instrumento de Deus para levantar a bandeira de Renovação Espiritual, juntamente com o Pr. René Pereira Feitosa, da IV Igreja Batista de Goiânia-GO.

Conforme os dados da Secretaria Geral da CBN, a denominação contava em 2008 com as seguintes organizações e instituições:<sup>6</sup>

- ORMIBAN – Ordem de Ministros Batistas Nacionais, que congrega todos os pastores. É responsável por promover o cuidado pastoral de seus membros bem como cuidar das questões de ingresso e disciplina. Conta, conforme registro, com 2.037 pastores devidamente credenciados.
- JAMI – Junta Administrativa de Missão Transcultural, com sede própria em Belo Horizonte-MG, onde funciona a administração e o CETRAMI – Centro de Treinamento Missionário. Esta instituição foi criada em janeiro de 1995 e tem a responsabilidade de apoiar as igrejas batistas nacionais na execução da missão transcultural. Conta com 71 missionários em diversos países e alguns em tribos indígenas no Brasil. O CETRAMI, a cada ano, forma de entre 8 e 10 novos candidatos para o campo missionário. Conta também com 110 missionários autóctones em diversos países onde mantemos trabalhos de avanço missionário.

---

<sup>6</sup> Os dados relacionados foram extraídos do Anuário da CBN publicado em 2007 para 2008, bem como do livro História dos Batistas Nacionais, (Tognini e Almeida, 2007, p. 333), publicado por ocasião da comemoração dos 40 anos da CBN e do site da Convenção Batista Nacional, <http://www.cbn.org.br/>

- LERBAN – Livraria e Editora Renovação Batista Nacional, em Brasília, a qual conta com todo o material para Escola Bíblica Dominical, para grupos de células e alguns livros de autores batistas nacionais. Publica também o jornal O Batista Nacional.
- SENAM – Secretaria Nacional de Missão. Foi criada em 2005 com o objetivo de fomentar o crescimento e fortalecimento das igrejas batistas nacionais no Brasil.
- CBES – São as seccionais estaduais, que funcionam sob a sigla CBN, mais a sigla dos Estados, por exemplo: CBN-GO – Convenção Batista Nacional no Estado de Goiás. São 25 ao todo, as quais congregam 1.509 igrejas organizadas e 1.322 missões.<sup>7</sup> Conta com cerca de 384.080 membros arrolados.<sup>8</sup>
- SETEBAN – Seminário Teológico Batista Nacional. Das 25 Regionais, 6 não possuem seminários registrados. Das 19 Regionais que possuem seminários, algumas possuem mais de um, como a Bahia e outros possuem núcleos, como Goiás. Alguns destes seminários não funcionam com a sigla SETEBAN.<sup>9</sup>
- A CBN-GO foi criada em 1982, contando na época com 4 igrejas e 3 congregações. As Convenções Estaduais foram criadas em face ao crescimento da CBN no Brasil. Assim, as igrejas foram se organizando em regionais, o que se deu no Estado de Goiás no ano de 1982. No mesmo ano foi criado o Seminário, SETEBAN-GO, o qual contava com um núcleo, em Goiânia. Em 1997 foi criado o núcleo de Anápolis e em 2003 foi criado o núcleo de Rio Verde. Hoje a CBN-

---

<sup>7</sup> As igrejas batistas nacionais chamam de Missão, aquelas congregações que ainda não receberam a emancipação de sua igreja mãe, que neste caso, são as devidamente organizadas, ou seja, autossustentáveis, auto administráveis e auto propagáveis.

<sup>8</sup> Temos igrejas com 20.000 membros, como a Igreja Batista da Lagoinha, pioneira da denominação bem como igrejas com 50 membros.

<sup>9</sup> Pesquisa realizada pela Diretoria da CBN e publicada por ocasião da Assembleia em Ilhéus-BA, em julho de 2015, conforme Manual do Mensageiro disponível <http://www.cbn.org.br/manual/manual2015.pdf>

GO conta com 42 igrejas e 25 frentes missionárias.<sup>10</sup> Contamos também com 44 pastores inscritos na ORMIBAN-GO, Ordem de Ministros Batistas Nacionais no Estado de Goiás. Neste período foi criada por nossa regional a CBN-TO – Convenção Batista Nacional no Estado do Tocantins.

### ***1.2.1. Contexto Institucional Específico***

Considerando que o SETEBAN-GO funciona em três Núcleos distintos, Goiânia, Anápolis e Rio Verde, esta pesquisa delimita como contexto institucional específico o núcleo do SETEBAN de Goiânia, e doravante sempre que for mencionado seguir-se-á a seguinte nomenclatura: SETEBAN/GOIÂNIA ou simplesmente Seminário. Quando se referir ao Seminário em suas três cidades, se mencionará SETEBAN-GO.

Ao pesquisar o SETEBAN/GOIÂNIA, se delimita também o seu raio de ação, que será a Região Metropolitana de Goiânia, ou seja, as igrejas batistas nacionais que estão localizadas nos 20 municípios que compõem a RMG.<sup>11</sup> O SETEBAN/GOIÂNIA tem seu raio de ação além da RMG, com duas extensões, uma em São Luiz de Montes Belos-GO, fundada em 2013, e outra em Morrinhos-GO, fundada em 2015. Neste caso, é preciso ter em mente, que a pesquisa trabalhou diretamente com três instituições envolvidas no processo de pesquisa: as igrejas batistas nacionais da RMG, a CBN-GO e o SETEBAN/GOIANIA. Embora o foco da pesquisa seja o Seminário, as demais instituições têm papel fundamental e estão diretamente envolvidas no processo de formação teológica do Seminário.

Abaixo está uma figura que demonstra com clareza as instituições envolvidas no processo de formação teológica, as quais são agentes de transformação da realidade na RMG, cada qual com sua especificidade, mas que vivem em relação dinâmica e se retroalimenta, e cuja vitalidade está ligada, para o bem ou para o mal, nessa relação comunitária. Embora se tenha levado em conta dados tanto das igrejas batistas nacionais

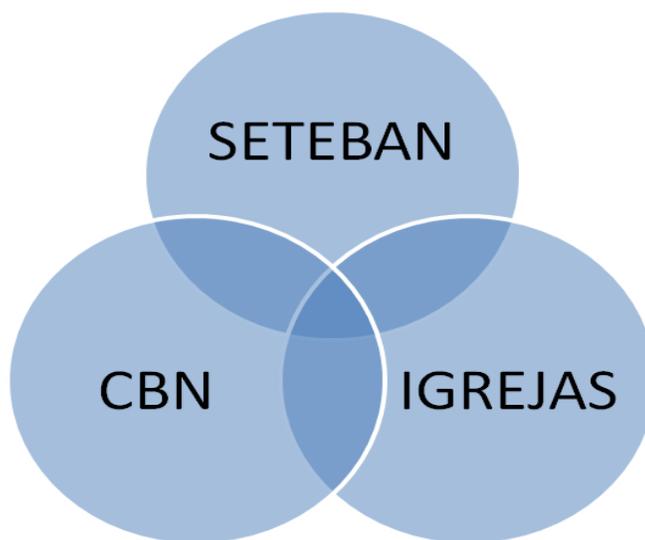
---

<sup>10</sup> Esses dados foram extraídos do relatório da Diretoria da CBN-GO, aprovado na Assembleia ocorrida em setembro de 2015 em São Luiz de Montes Belos-GO conforme manual do mensageiro.

<sup>11</sup> A sigla RMG estará em toda a presente tese e significará “Região Metropolitana de Goiânia”.

da RMG como da CBN-GO, a pesquisa se concentrará nas questões do SETEBAN/GOIÂNIA, em sua participação tanto positiva quanto negativa nesta relação dinâmica e institucional comunitária.

**FIGURA 1 – INSTITUIÇÕES AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO**



A figura acima revela um núcleo central, que simboliza a influência que cada instituição tem no processo vital de cada uma, ou seja, uma se vitaliza ou não nas outras e delas são parceiras.

### **1.3. Justificativa:**

Este estudo se justifica em função primeiramente da carreira ministerial do pesquisador, a qual sempre esteve ligada à formação teológica, primeiro como professor no SETEBAN-GO, do qual foi posteriormente Diretor por oito anos, e hoje segue como professor. Neste período pode avaliar a importância da educação teológica para a formação de liderança, bem como as diversas perspectivas que apresentam os líderes atuais sobre o referido assunto.

Percebe-se ao longo dos anos que grande parte dos líderes formados em nossos seminários, não estimulou seus liderados a buscarem a formação teológica. Muitos

alunos que ingressam nos seminários enfrentam diversas dificuldades, e percebe-se que estão, em grande parte, sozinhos, quase que sem o apoio de seus líderes ou igrejas. Espera-se que este estudo contribua para estimular a liderança evangélica geral e da Convenção Batista Nacional em particular, a investirem na formação teológica de seus liderados.

Em segundo lugar, outro fator pelo qual se justifica o estudo do presente tema, é que não basta possuímos uma formação teológica, ela precisa também ser bíblica, relevante e pertinente.<sup>12</sup> Por isso, a proposta foi estudar o assunto da educação teológica, sob dois focos fundamentais: missional e pastoral urbano. Temos hoje o aspecto urbano como um diferencial a ser estudado, pois as implicações do processo de urbanização afetam diretamente o agir social contemporâneo, portanto, precisamos refletir sobre ele e formar uma liderança que possua instrumentos adequados para fazer a leitura da realidade urbana e apresentar para a igreja, uma proposta missional e pastoral que seja pertinente e relevante ao contexto.

Em terceiro lugar, do ponto de vista institucional, a denominação, fundada em 16.09.1967, possui 19 seminários regionais, os quais foram fundados por iniciativas de líderes regionais, sem qualquer participação da liderança nacional ou um projeto nacional de educação teológica. Este estudo contribui para despertar o interesse no estudo da questão de denominação como um todo, para que se busque uma visão panorâmica da situação em que se encontram nossos seminários. Apresenta uma fundamentação teórica para nosso agir na educação teológica local, em busca da formação de líderes que tenham uma formação própria para o contexto urbano, onde se possa agir missional e pastoralmente, contribuindo para a transformação da realidade da sociedade.

---

<sup>12</sup> Segundo Hans de Wit, A interpretação bíblica latina americana tem posto sua atenção na *relevância*, ou seja, nos problemas que caracterizam o momento atual, a pobreza, morte prematura, o neoliberalismo, o fracasso dos modelos socialistas, o avanço do neopentecostalismo, o pequeno crescimento das igrejas históricas, a secularização, as questões de gênero e raça, entre outras. Ser relevante significa: tocante na atualidade. O problema é que antes de ser relevante, a prática exegética precisa ser *pertinente*. A primeira tarefa do exegeta é prover conhecimento (novo) sobre os textos do Antigo e Novo Testamento. Essa prática deve ser, sobretudo, científica. Deve ter coerência, consistência e continuidade com a ciência bíblica estabelecida (2002, p. 301-3).

#### **1.4. Objetivo geral:**

Analisar e avaliar o processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA para a formação de liderança que responda a fundamentos bíblico-teológicos com perspectiva missional e pastoral no contexto da cidade de Goiânia, Brasil.

#### **1.5. Problema:**

O processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA, responde missional e pastoralmente, segundo fundamentos bíblico-teológico, na formação de liderança para o contexto de Goiânia-GO, Brasil?

#### **1.6. Objetivos específicos:**

Elaborou uma descrição histórica da formação teológica dos batistas nacionais no Brasil, desde sua fundação em 16.09.1967, até os dias atuais, particularizando o Estado de Goiás, especificamente a cidade de Goiânia.

Analisou e avaliou o currículo do SETEBAN/GOIÂNIA, seu conteúdo pastoral e missional, na perspectiva urbana.

Analisou e avaliou as experiências educacionais do núcleo de Goiânia e seus resultados nas igrejas batistas nacionais da RMG.

Avaliou suas propostas à luz de uma formação teológica para o contexto urbano, dentro de uma perspectiva missional e pastoral.

Realizou uma pesquisa histórica sobre processo de urbanização e metropolização da cidade de Goiânia e suas implicações para a *missio Dei*, sob o ponto de vista da antropologia, extraindo daí elementos pedagógicos e teológicos para educação teológica que atenda as demandas urbanas e os desafios que se apresentam para população, a luz de uma missional pastoral transformadora da realidade.

Avaliou o duplo enfoque educacional proposto, missional e pastoral, numa perspectiva bíblica e teológica oferecendo uma pesquisa hermenêutica e bibliográfica

que pode contribuir com aqueles e aquelas que militam na administração e docência teológica.

Ofereceu um referencial teórico teológico, a Teologia da Missão Integral, como eixo integrador do conteúdo programático do SETEBAN/GOIÂNIA, no auxílio à formação teológica que considera as consequências do processo de urbanização para as áreas missional e pastoral.

### **1.7. Perguntas da investigação:**

- O que é o processo educativo para a formação de liderança, em perspectiva pastoral e missional, do SETEBAN/GOIÂNIA, que vise à formação de liderança?
- Quais são os valores bíblico-teológicos para a formação de liderança eclesial, apta para o agir pastoral e missional?
- Quais os valores do contexto urbano, da cidade de Goiânia, Brasil, relacionadas à formação de liderança com perspectiva pastoral e missional urbana?

### **1.8. Definição preliminar:**

Esta pesquisa tem como foco fundamental, propor uma nova filosofia educacional para a educação teológica batista nacional, focada num duplo viés, missional e pastoral. Este foco duplo é condição *sine qua non* para que a formação de liderança cristã para refletir e agir na, com e a partir da cidade, seja relevante e pertinente.

A compreensão que se quer oferecer nessa pesquisa para o termo pastoral,<sup>13</sup> aplicado a formação de liderança cristã para o contexto urbano, tem o sentido de tudo aquilo que envolve o cuidado pastoral às pessoas que são membros das igrejas nesse contexto, ou seja, seria o que se pode oferecer como ferramenta que auxilie as pessoas a serem preparadas para agir pastoralmente no cuidado integral dos membros e congregados de cada igreja local, no contexto urbanizado da RMG. Orlando Costas definiu bem o termo, embora dando também uma conotação de ação pastoral e missional. Opto nesse trabalho, para restringir ao campo do cuidado pastoral, cuja definição seria “Pastoral é toda aquela ação que procura correlacionar o evangelho, ou a fé cristã, com as situações concretas do viver diário, servindo de ponte para a experiência (internalização, incorporação e atualização) da fé na vida cotidiana” (Costas, 1975, p. 111).

A compreensão que se quer oferecer nessa pesquisa para o termo missional, aplicado a formação de liderança cristã para o contexto urbano, tem o sentido da ação missional que cada igreja pode fazer no sentido de anunciar o evangelho aos habitantes da RMG e a partir da RMG, até aos confins da terra, como obediência a Grande Comissão. Ou seja, equipar as pessoas que estão sendo formadas, com ferramentas que as habilitem a agir com suas igrejas missionariamente, em obediência a *missio Dei*, levando o plano redentor de Deus aos habitantes da cidade, considerando os aspectos antropológicos urbanos, não deixando de lado, o aspecto transcultural e integral do evangelho, ou seja, equipar líderes para que trabalhem em suas igrejas no sentido de transpor barreiras de todas as espécies a fim de alcançar a totalidade da pessoa, todos os tipos de pessoas em todos os lugares onde estiverem.

O que se propõe aqui é a junção dos dois enfoques, pastoral e missional na formação teológica, e não a formação concentrada em um dos enfoques, pastoral ou missional, o que tem sido uma prática comum na formação de liderança evangélica no

---

<sup>13</sup> Pastoral na compreensão do termo na teologia católica abrange tanto o cuidado dos fiéis como a missão da igreja na cidade. Já a teologia da missão integral optou pelo termo Missão, incluindo ambas as tarefas. Luiz Longuini Neto (2002) faz uma boa abordagem do uso dos dois termos nas duas correntes.

Brasil.<sup>14</sup> Os seminários que se propõem a formar pastores, oferecem uma formação concentrada mais no enfoque teológico e pastoral, sobretudo nas questões acadêmicas, e os que se propõem a formar missionários, oferecem uma formação concentrada mais no enfoque missiológico e evangelizador, como evangelização, discipulado e plantação de igrejas.

Sathler-Rosa propõe dois elementos visando “a articulação entre as ações de cuidado pastoral e as inseguranças e aspirações humanas em nossos tempos de incertezas” (2004, p. 69). Os dois elementos que ele propõe são: um bíblico-teológico e outro antropológico, chegando a uma teoria teológico-pastoral fundamentada no reino de Deus, e uma teoria antropológico-pastoral, fundamentada na antropologia teológica. Esse duplo enfoque que ele propõe é interessante, mas omite o foco missional ou o inclui por inferência, pois pensa somente nas questões pastorais, particularmente ligadas ao cuidado pastoral, e de certa forma, incluindo a ação missional como ação pastoral ou dela derivada. Concordo com as duas teorias, teológico-pastoral,<sup>15</sup> e antropológico-pastoral, mas é necessário incluir a ação missional distinta da ação pastoral, para que a igreja não perca seu fervor e dinamismo evangelizador.

Assim, ficaria a proposta: teorias teológico/missional-pastoral e antropológica/missional-pastoral. Neste caso, a proposta é manter separada missional da pastoral, e ao mesmo tempo, a relação dinâmica entre ambas, o que foi colocado sob um conceito apenas, tanto na teologia católica (pastoral) quanto na evangélica (missão). Esta proposta deu fundamento para o capítulo a seguir, que trata do Marco Teórico bíblico-teológico, o qual ficou da seguinte forma: teoria bíblico-missional/pastoral a partir da experiência paulina e teoria teológico-missional/pastoral a partir da TMI.

Kohl sugere uma mudança na ênfase missiológica, ou seja, ele discorre sobre a importância da missiologia para a teologia, do discipulado para o pastorado, e propõe

---

<sup>14</sup> Luiz Longuini Neto afirma que há quatro grandes projetos missionários mundiais, o católico romano, o ecumênico, o evangelical e o fundamentalista. Ele analisa o ecumênico e o evangelical. Mostra que ambos escolheram termos diferentes (pastoral e missão) para o mesmo enfoque, e ao final, propõe um enfoque unificador, dizendo que “a pastoral é o novo rosto da missão” (2002, p. 283).

<sup>15</sup> Sendo o reino de Deus a chave hermenêutica para a leitura contextual do método da TMI, a proposta de Sathler-Rosa, por consequência a adoção de sua proposta é corroborada nesta pesquisa (Sanches, R. 2009, p. 114-143).

que novas diretrizes devem marcar a formação de liderança cristã e uma delas é que se deve dar ênfase à missiologia no conteúdo programático de formação dos novos líderes (2006, p. 94). Penso que foi justamente ao analisar a prática da maioria dos seminários em dedicar mais as questões teológicas pastorais e acadêmicas.

David Bosch propõe uma mudança fundamental, de uma teologia da missão, o que tem caracterizado o estudo da missiologia como um ramo da teologia, para uma teologia missional, no sentido de “relacionar cada disciplina especificamente à teologia da missão [...] onde a ideia missionária [...] deve infundir-se em todo o currículo em vez de prover matéria para um curso especial” (2002, p. 590). Aqui entraria a questão da interdisciplinaridade.

Escobar discorre sobre a necessidade de rever currículos que tem o padrão anglo-saxão como fonte, que pensam na formação de ministros monoculturais e que os currículos devem ser influenciados pela redescoberta da natureza missional da igreja, e segundo ele “isso é muito mais do que simplesmente acrescentar um curso de missões ao currículo. Significa reformular as disciplinas para colocar a missão da igreja no centro do objeto de estudo” (1997, p. 24). Penso que colocar a missão da igreja no centro do objeto de estudo seria perigoso, pois poderia redundar numa missão eclesiocêntrica, mas substituir a missão da igreja pela *missio Dei*, resolveria a questão e evitaria a criação de mais um ídolo.

Um foco teórico e prático duplo, unindo o que se propõe de essencial para a formação missional e pastoral, nas perspectivas que apontam Kohl (2006), Bosch (2002), e Escobar (1997), ou seja, não se dará uma formação focada em apenas numa área, pastoral (o que tem sido a tônica) ou missional (o que tem sido deixado de lado), como tem sido o procedimento na maioria dos seminários no Brasil, mas missional e pastoral.

O objetivo é que todos aqueles que receberem a formação teológica, compreendam que a *missio Dei* é tanto missional quanto pastoral, ou seja, visa tanto o alcançar do indivíduo em sua realidade para a salvação (ação missional), quanto o cuidado desse indivíduo alcançado, em sua vivência diária, numa comunidade de fé (ação pastoral). Nesse sentido, a formação teológica de liderança não visa não apenas

formar pastores para as igrejas, mas líderes de forma geral, e oferecer uma educação teológica que habilite o povo de Deus a agir e refletir missional e pastoralmente, na, com e a partir da cidade. Essa seria a proposta inicial para uma filosofia educacional para o SETEBAN/GOIÂNIA.

### **1.9. Delimitações:**

O problema exige que se delimite nas seguintes fronteiras:

Primeiro a fronteira institucional. Sendo o SETEBAN-GO uma instituição que funciona em três núcleos: Goiânia, Anápolis e Rio Verde. A pesquisa ficou restrita ao núcleo de Goiânia e os resultados de seu labor pedagógico e teológico, circunscrito ao âmbito de ação das igrejas batistas nacionais na Região Metropolitana de Goiânia. Os resultados do labor pedagógico do SETEBAN/GOIÂNIA que extrapolaram esse limite, tais como, os núcleos que foram gerados a partir dele, bem como as novas extensões de São Luiz de Montes Belos e de Morrinhos; as igrejas que foram plantadas ou são pastoreadas por egressos de seus cursos que estão em outras cidades fora da RMG, em regiões do Brasil ou fora dele, bem como missionários e missionárias, entre outros, não foram considerados nesta pesquisa.

Segundo a fronteira legal, entre curso livre ou reconhecido pelo MEC. Considerando que existem diversas formas de cursos teológicos oferecidos no Brasil, tais como cursos livres, ou seja, não reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura, MEC, quais sejam: à distância; cursos pela internet; semipresencial e presencial. Cursos reconhecidos pelo MEC: bacharel em teologia presencial e bacharel em teologia à distância. É necessário deixar claro que a pesquisa se dedicará a estudar o curso de teologia presencial, não reconhecido pelo MEC, e que o SETEBAN/GOIÂNIA é um seminário pequeno, cuja estrutura é possível se enquadrando no que se poderia dizer, adequado à maioria dos seminários no Brasil, como um instituto bíblico.

Reconhecemos que há no Brasil hoje uma crise nas instituições de teologia que já ministravam seus cursos de teologia e agora, diante das exigências do MEC para validar os cursos de teologia e dessa possibilidade, se veem em grandes dificuldades por dois

motivos: primeiro saber se será pertinente obter tal reconhecimento e em segundo lugar obter as condições necessárias para tal, visto que as exigências, do ponto de vista estrutural, oneram em muito o curso, visto, sobretudo do ponto de vista dos seminários que possuem em seus quadros um número insuficiente de alunos, o que elevaria a mensalidade a um patamar impraticável.<sup>16</sup>

### **1.10. Marco teórico:**

As investigações realizadas em SATS são realizadas em duas áreas teológicas: missiologia e eclesiologia. Esta pesquisa está focada no campo eclesiológico, embora vá trabalhar as questões missiológicas, no âmbito das questões urbanas, mas a finalidade principal é eclesiológica, ou seja, verificar o relacionamento entre o seminário e a igreja e suas contribuições para a formação de liderança que atenda as demandas urbanas, no viés missional e pastoral.

Para definição do marco teórico ou referencial teológico, o pesquisador optou pelo seguinte método em relação ao tema: (i) um ponto de partida urbano levando-se em conta as questões antropológicas do processo de urbanização e metropolização da cidade de Goiânia; (ii) um teológico, a teologia da missão integral, (iii) e um bíblico, a teologia bíblica da liderança paulina.

#### ***1.10.1. Marco teórico urbano, a antropologia:***

Segundo Ronaldo Sathler-Rosa (2004), o fenômeno urbano exige da igreja uma pastoral que atenda às necessidades do homem e da mulher urbanos. Ele propõe uma

---

<sup>16</sup> A história do reconhecimento do curso de teologia como curso superior pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura tem em seu caminho os seguintes documentos: 241/99 em 15.03.1999; 0063 em 19.02.2004; e, 60.2014 em 12.03.2014; este último ainda não homologado. O SETEBAN/GOIÂNIA funciona com uma estrutura simples, com apenas um funcionário com Carteira de Trabalho assinada, que é justamente a Secretária. O Diretor e todos os professores e professoras, trabalham em regime de voluntariado, recebendo uma oferta mensal, tipo prebenda. As instalações pertencem a Convenção Batista Nacional do Estado de Goiás, o que dispensa o pagamento de aluguel. Via de regra é assim que funciona a maioria dos seminários batistas nacionais. Uma estrutura como exige o MEC, inviabilizaria a quase totalidade destes cursos. A Diretoria da CBN tem realizado estudos no sentido de procurar o reconhecimento do MEC de pelo menos um dos nossos seminários regionais.

teoria teológico-pastoral tendo o reino de Deus como tema principal, bem como uma teoria antropológica-pastoral (esta teoria fundamentou o marco teórico bíblico-teológico). Trabalhou-se a partir da teoria antropológico-pastoral, no sentido de apresentar uma proposta de formação teológica pastoral urbana relevante e pertinente.

Neste sentido, o estudo da antropologia cultural contribui para a formação teológica de líderes nas questões missionais e pastorais que considere as particularidades e especificidades dos habitantes das cidades, o *homo urbanus*.<sup>17</sup> As contribuições específicas de dois antropólogos, cooperaram para este estudo foram: Clifford Geertz (2008), antropólogo americano, onde em sua definição de cultura, afirma que ela é composta de “teias de significado” os quais necessitam de interpretação. Então, nesse sentido o estudo da antropologia cultural coopera com a formação de liderança, no sentido de oferecer ferramentas para a compreensão e interpretação das teias de significado que compõem a cultura dos habitantes da cidade. E, o antropólogo cuja contribuição é significativa na pesquisa, Paul Hiebert (1999), missiólogo norte americano, o qual em sua definição de cultura, afirma que o estudo da cultura ajuda a “construir pontes” no sentido de alcançar uma comunicação que seja relevante e pertinente. Nesse sentido, os dois conceitos contribuíram para o estudo da formação de liderança para o contexto do *homo urbanus*.

### ***1.10.2. Marco teórico teológico, a Teologia da Missão Integral:***

A partir da definição de René Padilla (1994), missiólogo equatoriano, um dos expoentes da Teologia da Missão Integral, o qual afirma que anunciar o evangelho,

---

<sup>17</sup> Antônio Carlos Barro, discorrendo sobre a questão escolha do pastor como fator para uma liderança transformadora, aponta, entre outras coisas, como sendo uma das grandes falhas da educação teológica o fato de muitos não terem recebido uma sólida formação nas questões de antropologia cultural, o que já não ocorre nos cursos de preparação para missionários (2006a, p. 90).

É falar do Evangelho como boas novas de Jesus Cristo para a vida pessoal e social, para a esfera do espiritual e do material, para o tempo presente e a eternidade. Todo o Evangelho é o Evangelho que mantém a unidade entre a fé e as obras, entre a palavra e a ação, entre o amor e a justiça, entre a reconciliação com Deus e a reconciliação e a reconciliação com o próximo, entre a teologia e a ética (p. 19).

A Convenção Batista Nacional fez opção pela Teologia da Missão Integral (TMI) como eixo eclesiológico registrado em seu Manual Básico dos Batistas Nacionais aprovado em 2002. Ali fundamentado, se estabeleceu a TMI como marco teórico principal desta pesquisa, no sentido de oferecer uma proposta integradora para experiência educativa do SETEBAN/GOIÂNIA. A partir da análise histórica dos CLADEs, do documento final de Lausanne 1974, do Compromisso da Cidade do Cabo 2010, se trabalhou a partir de três princípios da TMI para oferecer uma proposta integradora curricular para a formação de liderança para o contexto urbano.

### ***1.10.3. Marco teórico bíblico, a teologia bíblica da liderança paulina:***

Segundo Jorge Henrique Barro (2002), missiólogo, brasileiro, são cinco os elementos missiológicos de Paulo, em sua análise da perspectiva urbana encontrada em Atos. A pesquisa trabalhou tais elementos missiológicos e pastorais, principalmente o elemento da formação de liderança, a partir de uma análise da teologia bíblica da liderança paulina, ou seja, a partir de vida e obra de Paulo, extraiu princípios para a formação de liderança cristã que atenda as demandas urbanas.

Urbano Zilles (2011), afirma que a antropologia teológica procura responder a pergunta: a luz da revelação divina, o que é o homem? Então, tendo como fundamento a revelação bíblica, especificamente os pressupostos da vida e obra do apóstolo Paulo, sobretudo o seu *modus operandi* na formação de liderança, a antropologia teológica contribui nesse estudo confirmando o que diz Rudolf Bultmann (2008), para o qual a teologia paulina é simultaneamente antropologia, oferecendo uma teoria bíblico-teológica-antropológica, para a *práxis* pastoral e missional nos grandes centros urbanos.

### **1.11. Metodologia:**

Tendo em vista que o pesquisador pesquisou o SETEBAN/GOIÂNIA, seus currículos e experiências educacionais, tendo como alcance primeiramente a investigação descritiva, ou seja, pretende-se a partir de análise documental, conceitual e metodológica do Seminário, descrever suas tendências teológicas de formação, bem como a partir desta descrição, usou a metodologia da investigação exploratória, para verificar o comprometimento do Seminário com a missão urbana, na perspectiva missional e pastoral (Sampieri et al., 2006, p. 100-104).

Assim sendo, o caminho percorrido começou com a investigação descritiva e concluiu com a exploratória. A metodologia utilizada, neste caso, foi a hermenêutica, que requer uma rigorosa interpretação de dados observados e analisados bem como seus significados. Tanto os dois primeiros objetivos específicos quanto os dois últimos exigiram o método hermenêutico-dialético, considerando sempre o que afirma Martinez, “a conduta humana, toda ação humana, é suscetível de múltiplas interpretações, e que o melhor e mais acertado em cada caso, se descobrirá só com uma detalhada e cuidadosa análise estrutural de suas dimensões e do todo de que faz parte” (1997, p. 135).

Quanto às técnicas utilizadas, o assunto requereu as seguintes:<sup>18</sup>

- Entrevistas – se seguiram em fases distintas, sendo:
  - (i) na primeira fase foi utilizado o método de entrevistas estruturadas, elaborando-se um questionário objetivando conhecer dados históricos dos pastores que presidiam todas as igrejas batistas nacionais da RMG. Nela se fez uma investigação com todos os pastores presidentes das igrejas batistas nacionais da RMG, visando primeiramente traçar o perfil do pastor batista nacional; em segundo lugar visando compreender o relacionamento desse pastor com a educação teológica, especificamente com o SETEBAN/GOIÂNIA; e em último lugar, visando perceber como cada um relaciona seu ministério com as questões

---

<sup>18</sup> Sampieri et al. (2006), p. 597 – 661.

sociais e missionais. Aqui já se percebeu a influência do SETEBAN/GOIÂNIA na vida eclesial das igrejas batistas nacionais da RMG.

- (ii) na segunda fase, a pesquisa se concentrou no SETEBAN/GOIÂNIA para estabelecer uma pesquisa mais profunda e nela se usou tanto entrevistas estruturadas a fim de aprofundar os dados acima mencionados, já incluindo a interação da formação teológica oferecida com a proposta do assunto, missão urbana em perspectiva missional e pastoral. Pesquisa específica. Nessa pesquisa se pretendeu verificar: a. a influência do Seminário na expansão das igrejas em sua região; b. a opinião do diretor sobre a participação dos pastores na vida do Seminário e dos seminaristas; c. a opinião dos pastores sobre a importância do Seminário na missão da igreja em sua região; d. qual a opinião dos pastores e do diretor sobre a questão urbana e a formação de liderança nesta perspectiva; e. à devida adequação do currículo do Seminário à realidade da urbanização e suas exigências pastorais e missionais; f. Verificou-se junto aos alunos qual foi a motivação inicial para ingressar no Seminário, e quais mudanças ocorreram após o ingresso. Essa pesquisa se fez com questionários direcionados aos: (i) Líderes Fundadores; (ii) Docentes; (iii) Discentes; (iv) Egressos; (v) Diretoria, passada e presente.
- Documentos e Registros – se obedeceu aos seguintes procedimentos:
- (i) Aprofundou a pesquisa no SETEBAN/GOIÂNIA, e verificou em documentos produzidos por ele ou pela denominação, que versam sobre as decisões tomadas em relação à formação teológica e suas consequências, em livros de atas, bem como em jornais e periódicos da denominação e do Seminário.
- (ii) Verificou o currículo do SETEBAN/GOIÂNIA, em seus cursos de graduação e em seus manuais que demonstra qual é seu processo educativo.

## **1.12. Avaliação da validade e confiabilidade:**

Consciente que a validade e confiabilidade “dependem em grande medida do investigador” (Sampieri et al., 2006, p. 662), seguiu-se alguns critérios que facilitaram a avaliação das mesmas no que se segue:

### ***1.12.1. Confiabilidade:***

Segundo Sampieri et al., são três as recomendações para se alcançar a confiabilidade: (i) evitar que crenças e opiniões do pesquisador afetem a coerência e sistematização dos dados; (ii) não estabelecer conclusões antes de analisar os dados, e (iii) estar certo de que todos os dados necessários foram considerados (2006, p. 662). O pesquisador se comprometeu a seguir as recomendações, para que sua pesquisa possa adquirir a confiabilidade necessária. O que foi demonstrada seguindo os seguintes procedimentos: (i) o investigador ofereceu detalhes específicos sobre sua perspectiva teórica; (ii) explicou com clareza os critérios de seleção das instituições selecionadas para investigação, bem como das pessoas a serem entrevistadas e das ferramentas de coleta de dados, e (iii) ofereceu descrição do papel do investigador no campo e os métodos de análises empregados (*ibid*, p. 662-3).

### ***1.12.2. Validade:***

Para que a pesquisa apresente validade, o pesquisador procurou desenvolver os seguintes pontos: (i) evitar que as crenças e opiniões do pesquisador afetem a clareza e as interpretações dos dados; (ii) foi considerado importante todos os dados, particularmente aqueles que contradizem o ponto de vista do pesquisador; (iii) o pesquisador considerou todos os pesquisados por igual, e (iv) ficou consciente de que o pesquisador influencia os participantes e eles também afetam o pesquisador (*ibid*, p. 666).

O próximo capítulo trabalha a questão do marco teórico bíblico-teológico proposto e sua relação com a educação teológica. O bíblico é fundamentado na experiência paulina de formação de liderança, e o teológico, na Teologia da Missão Integral. Da análise deste marco teórico bíblico-teológico, se extrai princípios para a formação de liderança cristã para o contexto urbano.

## CAPÍTULO 2

### MARCO TEÓRICO BÍBLICO-TEOLÓGICO

Este capítulo trabalha a questão do marco teórico para a educação teológica que visa preparar liderança cristã para o contexto urbano numa dupla fundamentação teórica, missional e pastoral: a primeira bíblica, que tem como fundamento a liderança paulina. A segunda é teológica, e a opção foi a Teologia da Missão Integral. A partir da Teologia bíblica de liderança paulina e da TMI, se extraiu alguns princípios os quais servirão como marco teórico da tese, no sentido de responder a questão: quais são os princípios que a educação teológica necessita para formar liderança cristã para o contexto urbano?

A escolha de Paulo se deve ao fato, de que no Novo Testamento, ele foi um dos personagens principal, à parte de Jesus Cristo, do qual se extrai com precisão diversos aspectos de formação de liderança, tanto pelo que escreveu em suas cartas e pelo que se escreveu a seu respeito, por Lucas; sem esquecer também, o que se escreveu em torno dele ou a partir do que ele fez: como João, que escreveu seu evangelho para a comunidade da Ásia menor, especificamente Éfeso, igreja fundada por Paulo, onde ele fundou uma escola missional, a partir da qual, toda a região da Ásia Menor foi alcançada, tornando-se Éfeso, posteriormente, umas das principais cidades da cristandade em influência cristã. Sem falar no Apocalipse, que foi dirigido às igrejas que eram diretamente influenciadas por Éfeso.

A escolha da Teologia da Missão Integral se deu por ser justamente o referencial eclesiológico adotado pela CBN, e do qual foi elencado os princípios da TMI que oferecem, segundo a pesquisa, uma base segura para a educação teológica, no sentido de oferecer uma formação de liderança que equipe pessoas para agir e refletir missional e pastoralmente na, com e a partir da cidade.

## 2.1. Marco teórico bíblico: uma análise da experiência paulina:

O Marco Teórico é bíblico-antropológico, pelo fato de se adotar a teoria antropológico-pastoral de Sathler-Rosa (2004). É verificado a partir da antropologia bíblica e onde se chegou a proposta de estudo de uma teoria bíblico-missional/pastoral, fundamentada na experiência paulina, de onde se verifica alguns princípios que cooperam com a educação teológica para a formação de liderança cristã para o contexto urbano.

Segundo Urbano Zilles (2011), a antropologia teológica procura responder a pergunta: a luz da revelação divina, o que é o ser humano? Considerando que o conceito de cultura inclui a religião como um dos fatores constituintes,<sup>19</sup> procura-se considerar a partir deste momento, tendo como ponto de partida a revelação bíblica, quais pressupostos da vida e obra do apóstolo Paulo, sobretudo no *modus operandi* de sua *práxis* na formação de liderança, que podem contribuir para a formação de liderança cristã? Ou seja, quais princípios se podem extrair da análise da antropologia teológica do pensamento e prática paulino, para a formação teológica de liderança, que coopere com agir e refletir missional e pastoral, com e a partir da cidade?

Segundo Bultmann:

A teologia paulina não é um sistema especulativo. Ela trata Deus não em sua essência em si, mas somente em seu significado para o ser humano, para sua responsabilidade e sua salvação. De modo correspondente, ela não trata do mundo e do ser humano tais como são em si, mas vê o mundo e o ser humano sempre na relação com Deus. Todo enunciado sobre Deus é, ao mesmo tempo, enunciado sobre o ser humano e vice-versa. Por isso e nesse sentido, *a teologia paulina é simultaneamente antropológica* (2008, p. 246).

É justamente, dentre outros motivos, no destaque que Bultmann faz de que a teologia de Paulo é simultaneamente antropologia, que optamos pela teologia bíblica da

---

<sup>19</sup> Justo González (2011) faz um estudo etimológico do termo ‘cultura’ e onde diz que “em toda cultura dois elementos andam juntos: as técnicas para dirigir o mundo – o cultivo – e o modo como se entende o mundo – o culto” (p. 46). Então, o culto, ou o mundo religioso, integra a cultura e a interpreta.

experiência paulina, como própria para dela chegar a princípios fundamentais para a educação teológica, que se propõe a equipar o cristão para agir e refletir missional e pastoralmente.

Sathler-Rosa (2004) defende a necessidade uma teoria antropológico-pastoral, para os que estão envolvidos no cuidado pastoral, pelo fato de ser necessário conhecer a natureza humana a fim de que se possa ministrar com eficiência à pessoa humana. Ele afirma que os textos de Gênesis 1:26-26 e 2:7 “têm sido identificados como os mais apropriados para elaboração de uma doutrina bíblica do ser humano” (p. 84). Em sua antropologia pastoral de Paulo, Jerome Murphy-O’Connor (2007) defende que Cristo é o critério para a antropologia paulina e é ‘em Cristo’, expressão encontrada 155 vezes nas cartas paulinas, que ele fundamenta o conceito da ‘imagem de Deus’. Então, para Paulo “sua perspectiva inteira sobre a realidade estava condicionada por sua visão de Cristo.

Especialmente, sua compreensão do que a humanidade podia e devia ser, estava enraizada em sua compreensão da humanidade de Cristo” (p. 33). Neste sentido, o modelo de liderança paulina, segue o modelo de Cristo, na compreensão da importância de alguns conceitos que vão moldar seu trabalho e agir pastoral e missionalmente.

A formação de Paulo como líder, se dá em três momentos. Primeiro do seu nascimento até sua conversão e chamada. Segundo, de sua conversão até o início de sua Primeira Viagem Missionária. O terceiro vai até o final de seu ministério, conforme narrado nas epístolas pastorais.<sup>20</sup>

A par das questões de autoria, pretende-se extrair alguns fatos que foram marcantes e delinear a liderança paulina. Os textos bíblicos que se dispõem para tal pesquisa são *a priori* as cartas paulinas (fontes primárias), escritas por Paulo, e Atos (fonte secundária), escrito por Lucas, mas que se completam com algumas divergências,

---

<sup>20</sup>*Corpus Paulino*: aqui é necessário mencionar que há duas correntes principais quanto à autoria das cartas paulinas: a primeira considera as 13 como de sua autoria e Ellis, E. E. (2008) p. 181-191, apresenta uma excelente pesquisa apontando a opção pela autoria paulina, bem como Morris, L. (2003), p. 24-28; Arteaga, M. (2008), p. 5 e Stott, J. (2001), p. 2-6. A segunda corrente questiona a autoria paulina de todas as cartas, a partir do séc. XIX, afirmando que não são de autoria paulina, 2 Tessalonicenses, Colossenses, Efésios e as pastorais, 1 e 2 Timóteo e Tito. Fontes para pesquisa desta segunda corrente: Bornkamm, G. (2003), p. 126-130; Vielhauer, P. (2005), p. 96-100; Marguerat, *apud* Volga, F. (2009), p. 181-203; Reynier, C. (2012), p. 117-121; Konings, J. (2014), p. 129-136; Heyer, C. J. (2009), p. 6-8 e Bultmann, R. (2008), p. 245.

detalhes que não alteram o conteúdo fundamental (Alexander, 2008, p. 343-353). Considera-se nesta pesquisa, que o *corpus* paulino se constitui das seguintes cartas: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemon.

### **2.1.1. Sua formação familiar, religiosa e cultural:**

*Saulus Paulus*, Judeu, hebreu, da tribo de Benjamim, fariseu, nascido em Tarso da Cilícia, fazedor de tendas e cidadão romano. Este é um resumo fundamental da formação de Paulo, em seu primeiro momento, antes de sua conversão. Seu nome judeu, Saulo, tem em comum com o fato de Saul ter sido o membro mais importante de sua tribo, Benjamim (Rm. 11:1; Fp. 3:5). Seu segundo nome, Paulo, tem sua origem no fato de ser cidadão romano (At. 16:37; 22:27 e 25:10). Judeu hebreu se deve a citação que ele faz se dizendo ser “hebreu de hebreus” (Fl. 3:5; 2 Co 11:22), para diferenciá-lo dos judeus helenistas.<sup>21</sup> O fato de Paulo ser cidadão romano (At. 16:37; 22:27), e ter sido enviado por seus pais, por um período de sua vida para estudar em Jerusalém, indica que era originário de uma família bem colocada socialmente e financeiramente, o que daria a ele as condições necessárias para receber uma boa formação, não somente em questões religiosas, mas também na cultura geral, bem como obter influência das diversas culturas que formavam o *ethos* cultural de Tarso, por meio das várias nações que se fizeram representar na cidade por imigração.

Quando se identifica como fariseu, procura salientar primeiramente que era um seguidor extremamente dedicado (At. 22:3; 23:6), da seita mais radical do judaísmo, “vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião” (At. 26:5). A formação de Paulo na cultura judaica se dá de forma bem consistente e contundente, primeiro em sua própria família, quando ele afirma “sou fariseu, filho de fariseus”. Infere-se daí, que seus

---

<sup>21</sup> Os dois primeiros grupos que causaram conflitos na igreja em seu nascimento foram esses dois, como afirma Lucas, o grupo “dos helenistas contra os hebreus” (At 6:1), sendo ambos os grupos, judeus, mas de formação cultural diferente, um helenístico outro palestiniense. Pierson, P. (2000), p. 57,58; Fabris, R. (1984), p. 125-126; Stott, J. (1994), p. 133-134; Marshall, I. (1999), p. 122 e González, J. (2000), p. 148-155. González apresenta uma ótima consideração a respeito do pluralismo inserido na igreja como obra ‘subversiva’ do Espírito Santo.

pais, além de educá-lo no farisaísmo, ainda fizeram um esforço a mais, enviando Paulo, num certo momento de sua vida, para Jerusalém, a fim de estudar com o principal rabino da época, Gamaliel (At. 22:3; 5:34 e Gl. 1:22). Sua formação judaica foi tão intensa que o registro bíblico indica que ele era provavelmente “membro de uma sinagoga ou concílio do sinédrio” (Ellis, 1981, p. 1217), e em seu discurso perante o rei Agripa, ele afirma “Havendo recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos nas prisões; e contra eles dava o meu voto quando os matavam” (At. 26:10), revelando aí, a radicalidade de prática religiosa.

Quando ele é identificado como nascido em Tarso, na Cilícia (At. 9:11; 21:39; 22:3), daí, percebe-se que sua formação foi abrangente no sentido cultural, pois, por ser nascido numa cidade importante da Cilícia e que era habitada por povos de outras nações, Paulo teve contato com outras culturas, o que influenciou em sua formação. Com relação à cultura helênica, Paulo a recebe por nascimento (At. 21:9). Tarso era uma importante cidade da Cilícia, região a margem do Mediterrâneo, no sudoeste da Ásia Menor (At 21:39). Pompeu, em 67 a. C, unificou todas as regiões da Cilícia e fez de Tarso a capital da região, que perdurou pelo menos, até o tempo de Paulo (Bruce, 2003, p. 28).<sup>22</sup> Bruce, citando Strabo, geógrafo dos dias de Paulo, afirma:

O povo de Tarso era ávido por atividades culturais. Eles se dedicavam ao estudo da filosofia, das artes e ‘de todo o círculo de aprendizado em geral’ – toda enciclopédia – a ponto de Tarso, neste aspecto pelo menos, ultrapassar até Atenas e Alexandria, cujas escolas eram frequentadas mais por visitantes do que por seus próprios cidadãos (2003, p. 29).

Assim, pode-se inferir daí, que o conhecimento da cultura grega, seus filósofos e poetas, Paulo recebe em Tarso, que também foi uma cidade comercialmente importante,

---

<sup>22</sup> Tarso foi uma cidade que já gozava de prestígio (At. 21:28). Era um importante entreposto comercial, sobretudo na área têxtil, provavelmente de onde Paulo aprendeu seu ofício de fazedor de tendas. Era também uma importante cidade universitária, com uma escola filosófica que se destacava, a partir da qual a cultura grega era difundida na cidade. Dominada por Assírios, Persas, Gregos, Armênios e nos dias de Paulo por Romanos. Tognini, E. (1987), p. 151-153.

pois era grande produtora de tecidos e recebia um grande fluxo e pessoas de todas as partes do império.

Portanto, sua formação do nascimento a conversão a Jesus Cristo, pode-se destacar três questões que foram fundamentais em sua vida: a cultura judaica, destacando-se nessa formação a religião judaica; a cultura helênica, sua língua, filosofia, artes, religião e costumes; a cidadania romana, que lhe assegurava privilégios especiais.

### ***2.1.2. Conversão e vocação:***

A conversão de Paulo é registrada por Lucas em Atos 9:1-19, e por duas vezes, Lucas registra discursos de Paulo, em que ele dá testemunho de sua conversão (22:1-16 e 26:1-23). Nas cartas, Paulo menciona sua conversão em (Gl. 1:11-17; Fl. 3:4-11; 1 Co. 15:8 e 1 Tm. 1:13-15), além do fato de que Romanos 7:8-25, ser considerado por alguns biblistas, um autorretrato da conversão de Paulo. O ponto central aqui, tanto nos escritos de Paulo quanto de Lucas, é a ênfase em Cristo, na revelação pessoal do seu Senhorio e na suficiência de Jesus Cristo como fator de mudança radical e de conversão pessoal de Paulo.

Quanto à vocação, as referências bíblicas são mais substanciais, e um dos principais motivos é o de sempre ter que defender seu apostolado em face aos ataques constantes que recebe por parte dos judeus e de pessoas de dentro da igreja. Sua vocação é realizada junto com sua conversão (At. 9:1-19; Gl. 1:11-17; At 22:1-16 e 26:1-23). Ao escrever suas cartas, com exceção de Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemon, ele inicia com a declaração de que sua chamada ao ministério, ao apostolado, que foi pessoal e teve sua origem e iniciativa em Deus somente (Rm. 1:1; 1 Co. 1:1; 2 Co. 1:1; Gl. 1:1; Ef. 1:1; Cl 1:1; 1 Tm. 1:1; 2 Tm. 1:1 e Tt. 1:1).

A especificidade da vocação de Paulo se dá em ser, Apóstolo de Cristo, Ministro da igreja e enviado aos gentios. Sua vocação aos gentios está clara nas declarações em (Gl. 1:15;16; Rm. 11:13; 15:16; Ef. 3:5-9). Lucas registra esta especificidade nas palavras de Ananias (At. 9:15) e nos discursos de Paulo, diante de Agripa (At. 26:17-18), e diante da multidão em Jerusalém (At. 22:17-21), onde Paulo afirma ter recebido

do próprio Senhor Jesus essa incumbência, numa visita que fizera a Jerusalém logo após sua conversão. Sua vocação como apóstolo de Cristo, está registrada em (1 Co. 4:9; 9:1-27; 15:8-11; 2 Co. 11:7-15; 1 Tm. 2:7 e 2 Tm. 1:9-11). Sua vocação como ministro da igreja está registrada em (1 Co. 4:1-5; 2 Co. 6:4-10; Cl. 1:24,25 e 1 Tm. 1:12-16).

Assim, a convicção de conversão e vocação, fortalece a caminhada ministerial de Paulo, bem como a especificidade de sua vocação, apostolado de Cristo; sua origem e fundamento em Cristo, seu ministério à igreja, voltado para a evangelização dos gentios, fornece a Paulo segurança ministerial e direcionamento em sua vocação, fazendo com que não perca tempo em outras direções, visto que sabe claramente qual é a especificidade de sua vocação.

### ***2.1.3. Paulo como discípulo:***

Por discípulo aqui, entende-se aquele que recebe instrução, orientação de outrem em determinado assunto. Como o que se estuda aqui é a busca por princípios bíblicos para a formação de liderança, nesse sentido, aqui se pretende perceber na vida de Paulo, pontos importantes na sua formação como discípulo e quais foram as pessoas que exerceram o papel de mentores em sua vida, o que forneceram a ele, fundamento para dar prosseguimento nesse caminho, fazendo novos discípulos e incentivando seus discípulos a seguirem o mesmo caminho. A partir da pesquisa bíblica, percebe-se que Paulo teve como seus mentores nas questões religiosas, seus pais, Gamaliel e Barnabé.

Segundo Paulo escreve em Filipenses 3:4-7, percebe-se a força de sua formação religiosa desde a infância, quando toda a iniciativa fora tomada por seus pais, com extremo rigor, cuidando que da parte deles nada faltasse, para que aquela criança se tornasse um fervoroso praticante da religião de seus pais. Ele afirma ser “zeloso das tradições de meus pais” (Gl. 1:14). Quando ele afirma ser “hebreu de hebreus” (Fl. 3:5), bem como no registro que Lucas faz quando ele diz “eu sou fariseu, filho de fariseus” (At. 23:6), fica patente como seus pais influenciaram em sua formação cultural e religiosa no judaísmo. Três outros fatos demonstram a influência de seus pais na transmissão da cultura e religião judaica a Paulo: o fato de falar fluentemente o hebraico.

O cuidado que tiveram de fazer com seu filho, não somente fosse encaminhado a estudar com um dos grandes rabinos judeus, Gamaliel, mas que também pudesse por um tempo de sua vida, viver em Jerusalém, o centro da cultura e religião judaica (At. 22:3; 5:34). O fato de terem colocado seu nome *Saulus Paulus*, hebraico e romano, aqui tratando especificamente do nome hebraico, que provém do ascendente mais famoso de sua tribo, Saul; e nessa atitude de seus pais, percebe-se o desejo de marcar sua origem judaica, sua tribo Benjamim, com o nome mais importante dado a um filho em honra a seus antepassados.

A importância de Gamaliel, fariseu, doutor da lei e membro do Sinédrio (At. 5:34), na formação de Paulo, se dá pelo fato de reforçar sua formação religiosa, pretendida por seus pais. Como Gamaliel era membro ilustre do Sinédrio, Paulo recebe uma formação rigorosa no farisaísmo, o que ele considera ser a “seita mais severa de sua religião” (At. 26:5) e quando escreve aos Gálatas, ele afirma que “quanto a judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl. 1:14). Na maioria das questões teológicas e de método e exegese bíblica, Paulo segue Gamaliel, “Paulo provavelmente foi um aluno apto e um seguidor fiel do seu professor” (Bruce, 2003, p. 45). Nas questões de família, da mulher na sociedade e na igreja, muito se vê da influência do farisaísmo, e quando se trata das questões eclesiológicas, percebe-se um modelo similar das sinagogas, nas primeiras igrejas fundadas por Paulo. Paulo somente não segue o mestre em seu espírito de contemporizar (At. 5: 34-39), pois no caso de Timóteo, ele o obriga a circuncidar-se, por ser sua mãe judia, embora o pai era grego (At. 16:1-3).

Barnabé foi pessoa fundamental no discipulado de Paulo. As narrativas da história de Paulo deixam claro que se não fosse por Barnabé, Paulo não teria penetração nos círculos de maior influência da igreja. A primeira vez que vai a Jerusalém após sua conversão, a igreja teme e não dá lugar a Paulo. É Barnabé que vai a seu encontro e o insere no contexto da igreja (At. 9:27). É Barnabé que, enviado pela liderança da igreja em Jerusalém para a igreja em Antioquia (At. 11:22), como um representante orientador, percebendo a grandeza do trabalho a ser realizado e a necessidade de obreiros, vai a Tarso para trazer Paulo, afim de que este os ajude na liderança da igreja em Antioquia

(At 11:25-26). É Barnabé que sai como líder da primeira viagem missionária, junto com Paulo, levando-o justamente para sua própria terra, Chipre, onde Paulo se destaca e ali inicia o processo de separação dos dois, que vai ser concluído, quando iniciam as definições para a segunda viagem missionária.

#### **2.1.4. Como mentor:**

A questão da mentoria será vista aqui como sendo a atividade de preparação de novos líderes, a partir de uma ação intencional nesse sentido, por parte de alguém que está na liderança. Paulo, como líder, cumpre esse papel em toda a sua vida, e esse fato se nota especialmente, a partir da primeira viagem missionária. E. Earle Ellis registra os passos de Paulo e seus colaboradores (2008, p. 232-239), e faz uma abordagem exaustiva. Segundo sua pesquisa, afirma-se entre os estudiosos, que Paulo teve de 81 a 95 colaboradores. Ele elabora um quadro, onde registra 36 colaboradores, sob 9 designações diferentes, mencionados apenas nas cartas (*ibid*, p. 233). Pretende-se trabalhar com aqueles cujo registro da atividade paulina, demonstra um quadro mais completo e profundo de um mentor envolvido na formação de seus discípulos. Então, temos os nomes de João Marcos, Tito, Timóteo, Lucas, Priscila e Áquila e Tíquico.

Embora Paulo tenha se desentendido com Barnabé por causa de João Marcos e se separado de Barnabé na segunda viagem missionária (At 15:36-41), mais tarde, é registrado a presença de João Marcos com ele, quando escreve da prisão, as cartas aos Colossenses e a Filemon, nesta afirmando ser ele um dos seus colaboradores, bem como em sua última carta, solicita a Timóteo que envie João Marcos a Roma para ajudá-lo no trabalho (2 Tm. 4:11).

Tito é mencionado fazendo companhia a Paulo e Barnabé por ocasião do concílio em Jerusalém (Gl. 2:1-3). Paulo deixou Tito em Corinto (2 Co. 2:13) e depois o fez retornar (2 Co. 8:7). Em Creta, foi deixado para organizar a igreja (Tt. 1:5) e Paulo menciona o desejo de estar com ele em Nicópolis, e em 2 Timóteo afirma ter enviado Tito para a Dalmácia. Quando estava em Creta, Paulo escreve-lhe uma carta a fim de orientá-lo na tarefa e organizar a igreja cretense.

Timóteo converteu-se durante a primeira viagem missionária e logo no início da segunda viagem, Paulo o leva consigo ao passar por Listra (At. 16:1-3). Paulo o envia nas seguintes missões: a Corinto (1 Co. 4:17); Beréia (At. 17:14); Atenas (At. 17:15); Corinto, novamente (18:5 e 2 Co. 1:19); e Filipos (Fl. 2:19-23). Esteve com Paulo em sua primeira prisão em Roma (Fl. 1:1). Estava com Paulo quando escreveu aos Romanos (Rm. 16:21); 2 Coríntios 1:1; Filipenses 1:1; Colossenses 1:1; 1 Tessalonicenses 1:1 e 2 Tessalonicenses 1:1. Foi enviado por Paulo a Éfeso (1 Tm. 1:3), e lhe escreve duas cartas, orientando-o no serviço pastoral e finalmente solicita sua presença com ele em Roma, na expectativa da proximidade de sua morte, solicitando algumas providências (2 Tm. 4:9-22).

Lucas é chamado por Paulo de médico amado (Cl. 4:14), e em Filemon 24, afirma ser ele um dos seus companheiros de trabalho; e ambas as cartas, foram escritas da prisão em Roma. Sua última carta ele diz que “somente Lucas está comigo” (2 Tm. 4:11), demonstrando assim a fidelidade de Lucas a Paulo, nos últimos e mais difíceis momentos de sua vida. Em Atos, Lucas registra sua presença nas viagens missionárias de Paulo, durante a segunda viagem (At. 16:10-17); na terceira até sua prisão em Jerusalém (At 20:5; 21:18), Lucas o acompanhou em sua viagem para a prisão em Roma (At. 27:1 – 28:15).

Priscila e Áquila, quando se associaram a Paulo, em Corinto, já exerciam seus ministérios, provavelmente originado na igreja de Roma (At. 18:1,2), e quando Paulo escreve a igreja romana, menciona que ambos arriscaram as vidas por ele (16:3-4). Levou-os consigo e os deixou em Éfeso, no final da segunda viagem (At. 18:18-21). Encontra-se com eles novamente, por ocasião da terceira viagem, e ao escrever de Éfeso a primeira carta aos Coríntios, menciona haver na casa deles uma igreja (16:19), e também, quando retornaram a Roma, havia uma igreja que se reunia na casa deles (Rm. 16:3-5; 2 Tm. 4:19).

Tíquico, cristão asiático de Éfeso, acompanha Paulo quando sai de Éfeso, para o final da terceira viagem (At. 20:1-4); foi enviado por Paulo a Éfeso (6:21,22) e a Colossos (4:7-8) para informar e consolar as igrejas. Paulo afirma que enviaria Tíquico

para substituir Tito em Creta (3:12) e é enviado a Éfeso, para que Timóteo pudesse ir ao encontro de Paulo, antes de sua morte (4:21).

Paulo escreve as igrejas e as orienta a valorizar seus colaboradores, a respeitá-los e em alguns momentos chega a dizer, reconhecei e honrai a homens como esses. Em Romanos 16:1-15, Paulo recomenda Febe a igreja, dá testemunho da abnegação de Priscila e Áquila, fala de uma Maria e de Pérside, que “muito trabalhou por vós”; diz que Andrônico e Júnias foram notáveis entre os apóstolos. Em 1 Coríntios 16:10, 11, ele pede que cuidem de Timóteo e pede também que a igreja se submeta e reconheça seus colaboradores. Em Filipenses 2:19-30, ele registra a grande confiança que tinha em Timóteo e menciona como Epafrodito amava a igreja de Filipos e se dispôs a dar a própria vida pela causa de Cristo, e termina orientando a igreja a honrar pessoas como Epafrodito. Em 2 Coríntios 8:16-24 e 12:15-18, Paulo mostra como Tito e outros companheiros eram honestos, experientes, zelosos no serviço do Senhor. Diz aos Efésios, em 6:21, como Tíquico era “fiel ministro do Senhor”. Aos Colossenses Paulo também diz que Tíquico e Onésimo eram fiéis ministros do Senhor. Paulo valoriza seus discípulos e honra-os diante da igreja. Tudo isso motivava aqueles que trabalhavam como Paulo, pois percebiam o reconhecimento público e a valorização de seus esforços pastorais e missionários, bem como a retidão de caráter de cada um.

#### ***2.1.5. Como missionário:***

No que diz respeito à vida de Paulo como missionário, no sentido de formação de liderança, destaco aqui três fatores: a questão estratégica (na plantação de igrejas e formação de liderança); a questão da flexibilidade missiológica (na consideração pelas questões culturais e diversos métodos de evangelização e plantação da igreja) e a questão do sofrimento (na disposição ao sacrifício pelo evangelho).

Na questão estratégica, percebe-se claramente que a pregação do evangelho que Paulo realizava em cada cidade, tinha o objetivo último de reunir aqueles que aceitavam o evangelho em uma comunidade eclesial, onde pudessem dinamizar a nova vida. Após sua saída de cada cidade, essa igreja organizada daria o suporte necessário para o

desenvolvimento da fé comunitária e anúncio do evangelho aos de fora (At. 14:20-24; 16:11-40; 17:1-9). Em segundo lugar, para que a igreja pudesse caminhar, precisava de uma liderança capacitada, então ele procura estabelecer, em cada igreja, uma liderança idônea. Essa estratégia de Paulo fica evidente nas epístolas e em Atos (At. 14:23 e Tt. 1:5).

Na questão da flexibilidade missiológica, percebe-se, a partir da forma como Paulo aborda públicos diferentes, que ele procurava considerar as influências culturais de cada lugar, e a partir daí, apresentar o evangelho. Quando ele chegava a uma cidade onde havia uma comunidade judaica, ele iniciava pela sinagoga (At. 13:5; 14; 43; 14:1); e apresentava o evangelho a partir da constatação de que o Messias prometido no Antigo Testamento era Jesus Cristo, o nazareno. Nas cidades onde não havia essa comunidade judaica, ou seja, que desconhecia o Antigo Testamento, Paulo apresentava Jesus Cristo, começando pelo Deus criador de todas as coisas (Listra e Atenas). Ou seja, a um grupo ele começa com a revelação especial de Deus, o Antigo Testamento; a outro grupo ele começa com a revelação natural de Deus, a criação. Observa-se, também, a grande capacidade de usar pontes de contato com a cultura da cidade, quando ele se utiliza de crenças do povo para apresentar a Jesus, como fez em Atenas. Segundo Jorge Barro, a flexibilidade missiológica é um dos elementos missionários em Paulo (2002, p.146).

Em termos de flexibilidade missiológica, pode-se também observar que Paulo usa métodos variados de plantação de igrejas. Inicia a partir da sinagoga e depois nas casas; em Filipos ele inicia à beira de um rio, onde as pessoas se reuniam para oração, e ali começa a igreja na Europa (At. 16:13-15); em Éfeso ele começa na sinagoga e depois aluga a escola de Tirano e funda um seminário, a partir do qual toda a região da Ásia Menor é alcançada (At 19:8-10), e é a cidade que Paulo investe maior tempo de seu ministério e que vai se tornar, posteriormente, umas das principais igrejas para o desenvolvimento da obra missionária, no final da segunda viagem missionária e a terceira viagem. Lendo o Novo Testamento parece que seria mais ou menos o seguinte roteiro geográfico: A igreja nasce em Jerusalém; cria uma base missionária em Antioquia da Síria e se concretiza como centro missionário em Éfeso. Sendo Éfeso o centro que tem como seu fundador o apóstolo Paulo, ali ele inicia uma nova estratégia. O

número de escritos do Novo Testamento que tem o trabalho iniciado em Éfeso como destinatário é impressionante (Efésios, Colossenses, Filemon, 1 e 2 Timóteo, Evangelho de João e Apocalipse). Por todo o exposto, percebe-se como Paulo procurava conhecer profundamente o contexto onde ele estava trabalhando e cada uma de suas peculiaridades culturais de seu contexto.

A última questão aqui é a disposição de Paulo para entender e aceitar o sofrimento por causa do evangelho, como uma condição *sine qua non* para a vida e missão cristã: “todos aqueles que querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Tm 3:12). Em Gálatas 6:17, ele diz que trazia em “seu corpo as marcas de Cristo”, provavelmente referindo-se as feridas causadas pelo apedrejamento que sofreu na primeira viagem missionária, em Listra, como afirma Stott, “os ferimentos que seus perseguidores lhe infringiram e as cicatrizes que ficaram – estas eram *as marcas de Jesus*” (1989, p. 165). Em Filipenses 4:11-14, uma das cartas da prisão, ele registra como aprendeu o contentamento tanto na bonança quanto no sofrimento. Em 2 Coríntios 6:4-10 e 11:23-33, ele registra seus inúmeros tipos de sofrimentos que passara pelo evangelho. Finalmente em sua última carta, justamente uma carta pastoral, ele convida Timóteo a participar com ele dos sofrimentos a favor do evangelho (2 Tm. 1:8). Ele diz que as algemas que o prendiam, era por causa de Cristo (2:9); afirma que Timóteo sabia e havia participado de muitos dos seus sofrimentos por causa do evangelho (3:10-11). Para Paulo, servir ao Senhor exige disposição para o sacrifício e sofrimento pessoal, e aqueles que aceitam o chamado de Cristo, precisam encarar o fato de que o ministério exige sacrifício e sofrimento a favor do evangelho.

#### **2.1.6. Como pastor:**

Paulo demonstra em sua vida, uma ocupação pastoral com seus discípulos no sentido de se preocupar com as pessoas, fruto do seu trabalho: na oração ele se coloca diante de Deus em favor da igreja (2 Co. 13:7; Ef. 1:16; Fl.1:4; 1 Ts. 3:10; 2 Ts. 1:11). Nesses textos, as orações de Paulo pela igreja eram “com alegria”, “sem cessar”, “incessantemente”, “noite e dia”, e em Efésios 3:14-19, ele afirma “por esta causa, me

ponho de joelhos diante do Pai”. Finalmente, ele escreve a Timóteo e afirma se lembrar dele “noite e dia” em suas orações. Essas expressões demonstram o cuidado pastoral de Paulo em favor daqueles, aos quais se sentia um pastor.

Na orientação para a vida comum, encontramos nas suas cartas não apenas instruções teológicas, mas da vida prática. A carta aos Efésios, do capítulo 4 ao 6, ele dedica as questões da vida comum. Também escreve cartas em respostas a dilemas das igrejas, como a de 1 Coríntios. Ele se envolve no apaziguar conflitos entre irmãos, como em Filipenses e Filemon, e até mesmo nas questões de saúde de seus discípulos ele se ocupa (1 Tm. 5:23). Ele demonstra uma ocupação especial com o atendimento aos irmãos carentes ou que passam por um tempo de grandes dificuldades econômicas e providencia para que as igrejas que têm mais recursos econômicos ajudem aquelas que estão em dificuldade (1 Co. 16:1-4; 2 Co. 8:1-15; 9:5-15; Gl. 6:7-10; Rm. 15:25-27). Essa ocupação com os pobres foi uma recomendação dos apóstolos em Jerusalém, que ele registrou (Gl. 2:10), e da qual não se esqueceu.

As cartas que ele escreveu são demonstrações de seu cuidado pastoral com as igrejas fundadas e sua liderança. Paulo se envolve emocionalmente na tarefa do cuidar, trabalhando tanto na coletividade quanto individualmente, por exemplo, quando escreve a Timóteo, orientando até em questão de saúde, a Tito nas questões administrativas e a Filemon em questões pessoais. Ferreira (2009) afirma em sua análise das cartas aos Gálatas e 1 Coríntios, que a compreensão antropológica que Paulo tinha do ser humano não era dualista, como pensavam os helenistas, mas integral, “Paulo embora vivendo num mundo helenizado, teve uma clara visão da unidade antropológica do ser humano (p. 128). É, portanto, não somente um missionário que prega o evangelho e funda igrejas, mas um pastor que cuida delas, por meio de constantes visitas, envio de cartas e de pessoas idôneas para substituí-lo nas funções pastorais.

### 2.1.7. Como teólogo:

A teologia de Paulo é fundamentalmente teologia do caminho, e não da arquivancada.<sup>23</sup> Ele não é um teólogo sistemático, mas escreve sua teologia e a sistematiza, a partir das necessidades e dos desafios que se apresentam no momento e que são demandas comunitárias e pessoais. Aos Gálatas, ele responde a questão judaizante; aos Efésios, questões de prática da vida cristã e teológicas; aos Coríntios, ele responde a várias questões (litúgio entre irmãos, questões morais, partidarismo na congregação, vida conjugal, ceia, dons espirituais, ressurreição); enfim, todas as suas cartas, nascem a partir de uma situação circunstancial, de um contexto específico que esperava por uma resposta. Para Bultmann (2008):

O fato de Paulo não ter desenvolvido, a exemplo de filósofos gregos ou teólogos modernos, seus pensamentos sobre Deus e Cristo, sobre o mundo e o ser humano teoricamente e de modo coeso, em um texto científico independente, mas que os apresenta – com exceção de Rm – apenas de modo fragmentário, sempre em conexão com uma ocasião atual, em suas epístolas; inclusive em Rm, onde expressa de modo coerente e de certo modo completo, o faz justamente na forma de epístola sob a pressão de uma situação concreta (p. 245).

Assim, Bultmann afirma que a teologia paulina, sempre em conexão com questões da atualidade, fundamentadas em situações concretas, sendo um teólogo que foge das questões especulativas, tornou-se um teólogo fundamental (*ibid*, p. 246). Sua teologia é teologia do caminho.

Paulo em sua teologia sabe dialogar com o Antigo Testamento e com a cultura do seu tempo, sua teologia é bíblica por excelência e contextual por natureza. Ao escrever aos Romanos, ele elabora, a partir do Antigo Testamento, a doutrina da graça, da

---

<sup>23</sup> São duas metáforas criadas por John Mackay, teólogo e educador escocês, que viveu em Lima, Montevidéu e México, e escreveu vários livros sobre teologia e missão da igreja. Os primeiros da “janela” a observar e a teorizar; os segundos, os que se lançam na vida, atuando com paixão e decisão. Depois da América Latina, Mackay foi para os EUA e foi presidente do Seminário de Princeton. Roldán, A. (2000, p. 35-37) Escobar, S. (1997, p. 84-88). Escobar utiliza estas duas metáforas para se referir à teologia evangélica que está sendo elaborada na América Latina, uma teologia do caminho, realizada em meio às lágrimas e esperanças do povo latino-americano.

justificação pela fé. O mesmo se dá em Gálatas, Efésios e Colossenses. Ao escrever as cartas pastorais, ele elabora um tratado de teologia prática.

Como teólogo, ele incentiva o aprendizado e compartilha o que se aprende ao escrever a Timóteo (2 Tm. 2:2). Deixou um grande exemplo de quando se deve parar de estudar. Ao escrever sua última carta, preso e sabedor que haveria de ser condenado à morte, solicita que lhe sejam enviados “os livros e pergaminhos” (2 Tm. 4:13), ou seja, até ao que pensava ser a última hora, ele ainda se dedicava a pensar e produzir teologia, escrevendo suas cartas e estudando, demonstrado ao fazer tal solicitação a Timóteo. Johan Konings (2014) afirma que Paulo foi o primeiro teólogo cristão: “Paulo é o primeiro a nos oferecer uma pauta para ‘ler’ o efeito produzido por Jesus, um instrumental intelectual para compreender o que é a fé cristã. Isso se dá nas cartas enviadas às igrejas que havia fundado ou visitado, ou que pretendia visitar” (p. 129-130).

## **2.2. Marco teórico bíblico: princípios da experiência paulina para a educação teológica**

Nesse momento, chega-se a questão dos princípios bíblicos que se pode extrair da experiência paulina, que ofereçam um norte a formação de liderança para o contexto urbano. Por “princípio” entende-se: aquilo de que derivam todas as coisas; ou, princípio de realidade; ou, razão pela qual todas as coisas são o que são; ou como afirma Aristóteles, a fonte de onde derivam o ser, ou a geração, ou o conhecimento; ou como afirmam os escolásticos, aquilo de onde algo (realidade, movimento ou conhecimento) procede; para Descartes, os princípios seriam tão claros e evidentes que o espírito humano não pudesse duvidar de sua verdade e que de tais princípios se pudessem depender o conhecimento das demais coisas, e dos quais se possa deduzir tal conhecimento.<sup>24</sup>

Então, os princípios bíblicos de liderança, a partir da experiência paulina, ou seja, ao examinar a vida e obra de Paulo, a partir dos registros bíblicos, pode-se verificar

---

<sup>24</sup> Abbagnano, N. (2007), p. 928-9 e Mora, J. F. (2001), 2370-72.

claramente que o êxito na formação de liderança, deve-se a tais princípios, que seriam aqui, citando Aristóteles, a fonte de onde derivam o conhecimento da liderança paulina e seu legado para a formação de novas lideranças. Em toda a exposição dos atos e fatos bíblicos registrados da experiência paulina, verificam-se, *a priori*, os seguintes princípios que norteiam sua liderança, e que merecem consideração quando se fala em formar líderes cristãos eficientes e eficazes, quais sejam:

### ***2.2.1. Princípio antropológico***

O primeiro princípio bíblico que se pode apontar da experiência paulina na formação de liderança, é o que aponta para a importância da antropologia cultural<sup>25</sup> e bíblica para a dinamização da educação teológica que vise formar líderes cristãos. O que o homem pensa, sente e faz, é resultado das “teias de significados” culturais que o molda, como afirma Geertz: “não existe o que chamamos de natureza humana independente da cultura” (2008, p. 35), pois, “nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura” (p. 36). Nesse sentido, o líder cristão é condicionado por sua formação cultural, como se percebe na formação de Paulo, e essa formação cultural com suas “teias de significado” vão dando forma a seu pensar, agir e fazer, gerando não somente novas possibilidades, mas novos conflitos. Neste sentido se deve compreender a importância do princípio antropológico na formação de liderança cristã, no sentido de que se dê ao indivíduo em formação, a possibilidade de discernir quais são suas “teias de significado” afim de que ele possa avaliar até que ponto tais teias colaboram ou não com sua liderança e “construir pontes” de onde se possa exercer uma liderança eficaz.

Clifford Geertz afirma que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Na formação de Paulo percebem-se essas *teias* nos traços herdados da cultura judaica e helênica. Afirma também, que “a cultura é composta

---

<sup>25</sup>Neste capítulo se deu ênfase na antropologia bíblica, no próximo se dedicará à antropologia cultural e ao melhor esclarecimento dos termos aqui denominados: “teias de significados” e “construir pontes”.

de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento.” (p. 8).

A formação cultural de Paulo teve influência direta em sua vivência na liderança da missão cristã. A influência de sua formação judaica e helênica, familiar e religiosa, seus mestres, tanto Gamaliel, no farisaísmo e Barnabé, no cristianismo, foram determinantes para o que realizou Paulo durante seu ministério. Tal fato aponta para a questão da importância da formação cultural do indivíduo, na vivência de sua liderança, e ao se propor trabalhar a questão de formação de liderança cristã para uma pastoral missionária que responda ao contexto urbano, esse princípio necessita ser observado. Essa formação antropológica vai dar ao líder cristão a capacidade de exercer a flexibilidade missiológica, como aponta Jorge Barro (2002, p. 146), e assim poder perceber as nuances de cada ambiente cultural a ser trabalhado e oferecer uma resposta que seja adequada ao contexto. Então, o princípio antropológico vai acompanhar o líder cristão por toda a sua caminhada, pois a cultura não é estática, mas dinâmica e sempre e novamente necessita de interpretação e de uma nova ação.

- O princípio antropológico de Paulo, para a educação teológica, coopera na compreensão das “teias de significado” que envolve os sujeitos do processo educativo, com o objetivo de “construir pontes” para maior efetividade na formação de liderança cristã.

### ***2.2.2. Princípio pedagógico***

O segundo princípio que se pode apontar da experiência paulina de liderança, é o princípio pedagógico. Segundo Sonia Abarca Mora, a pedagogia é “uma forma de conceber a atividade educativa, que toma em conta as características dos sujeitos que aprendem e a finalidade da educação” (2008, p. 5). Essa definição de pedagogia está fundamentada em três tripés: a forma de conceber a atividade educativa, as características dos sujeitos que aprendem e a finalidade da educação. Incluo nesse tripé, um acréscimo no segundo, que fica assim, as características dos sujeitos que aprendem e

ensinam. Dessa forma, a definição a priori, será: a pedagogia é uma forma de conceber a atividade educativa, que toma em conta as características dos sujeitos que aprendem e ensinam e a finalidade da educação. Jorge Barro identificou o ensino como um dos elementos missiológicos de Paulo, para a evangelização das cidades (2002, p. 146). Lyra descreve as estratégias utilizadas por Paulo na evangelização das cidades, apontando dentre elas: a “preocupação na formação de uma liderança local, doutrinariamente sadia” (2004, p. 141), o que Jorge Barro chama de “formação de companheiros e companheiras de trabalho para continuar o que Paulo havia começado” (2002, p. 146).

O modo como Paulo concebe a formação de liderança, envolve formação pedagógica de toda a igreja em geral e da liderança em particular, usando todas as formas possíveis, formais e informais no processo educativo, bem como uma capacidade estratégica que considera o contexto, e é flexível em sua aplicação. Ele considera as características dos sujeitos nessa atividade, tanto os que ensinam como os que são ensinados, observando as particularidades culturais em todos os casos. Paulo adota o modelo do discipulado ou da mentoria, o que se percebe por sua formação no discipulado e na sua atividade como mentor de diversos líderes, conforme mencionado nos tópicos: discípulo e mentor.

A finalidade do processo educativo em Paulo é a formação de todo ser em Cristo. Segundo Orlando Costas, a igreja deve crescer, não apenas em número, mas também em profundidade. Para Costas crescimento em profundidade é o esforço de “incorporar aqueles que respondem positivamente e capacita-los para que sejam maduros na fé” (1979, p. 92). Esse crescimento Costas o apresenta em três aspectos: profundidade: conceitual, vivencial e orgânico. Esse crescimento só é possível por meio do ensino. Um texto que resume o que poderíamos chamar de ‘a finalidade do processo educativo em Paulo é Efésios 4:11-16, onde se percebe a ideia de totalidade em todo o sentido do discipulado e que o Senhor Jesus Cristo capacita a liderança para que esta trabalhe com o povo de Deus, para que ambos, ordenados e não ordenados, cheguem juntos a plenitude de Cristo.

- O princípio pedagógico de Paulo para a educação teológica concebe que o povo de Deus em geral e da liderança em particular, seja preparado de todo modo possível, formal e informalmente com estratégias diversas, flexíveis e contextuais, no modelo de mentoria e discipulado, visando à formação de todo o ser em Cristo.

### **2.2.3. Princípio eclesiológico**

O terceiro princípio bíblico que se pode apontar da experiência paulina na formação de liderança, é o princípio eclesiológico. Em que sentido? A intenção eclesial de Paulo é visível em sua *práxis*, pois, ao anunciar o evangelho procurava reunir um grupo de pessoas em torno do evangelho, para que pudessem nutrir sua fé e dar continuidade na propagação do evangelho, a partir de sua cidade. Jorge Barro afirma que um dos elementos missiológicos de Paulo era a “plantação de novas igrejas” (2002, p. 145). A partir das quais, segundo ele, novas comunidades seriam plantadas em cidades circunvizinhas. Percebe-se claramente que Paulo considerava sua tarefa exitosa quando a igreja era plantada na cidade. Esta vida eclesial era alimentada por uma ação dupla: pastoral para com os de dentro – nutrição da fé; missional para com os de fora – propagação do evangelho. A formação de liderança cristã em Paulo considera a igreja como fator decisivo para a vivência e proclamação da fé, não como um fim em si mesmo, mas como meio.

Hesselgrave assim define o coração da missão cristã: “a missão primária da Igreja e, portanto, das igrejas, é proclamar o evangelho de Cristo e reunir os crentes em igrejas locais onde podem ser edificados na fé tornados eficazes no serviço, e assim implantar novas congregações no mundo inteiro” (1995, p. 13-4). O equívoco de Hesselgrave é focar somente na proclamação e colocar em segundo plano ou como consequência, o serviço, o que é um reducionismo. Paulo, em sua elaboração teológica, nota-se sempre em suas cartas, a ocupação com a vitalidade da igreja. Ele escreve em resposta a seus dilemas e procura orientar em todas as áreas. Ocupa-se em escrever aos líderes, orientando na tarefa do pastoreio e missão. Paulo entende a importância da igreja

na vida do povo de Deus, como comunidade do reino, a partir de onde não somente se nutre, mas também se propaga a fé (pastoral e missional).

- O princípio eclesiológico de Paulo para a educação teológica percebe a igreja como meio educacional fundamental e central onde ocorre a dinâmica pastoral (nutrir o povo de Deus) e missional (proclamar a fé ao não povo de Deus) com vistas a cumprir a missão de Deus.

#### ***2.2.4. Princípio estratégico***

O quarto princípio de formação de liderança paulina, que se observa em toda a sua atividade pastoral missionária, é o estratégico. Estratégia, afirma Dayton e Fraser (1987), “é uma abordagem, um plano ou um método genéricos, que descreve como iremos alcançar nosso objetivo ou resolver nosso problema” (p, 690). Observa-se em Paulo, que ele não agia aleatoriamente, mas de forma organizada, pensada e articulada, a fim de atingir seus objetivos. Ao estudar no Novo Testamento, percebe-se que não houve uma reunião entre os apóstolos para decidir as estratégias, mas encontramos algumas questões interessantes. A questão da geografia, como eles elegeram algumas cidades e áreas estratégicas. Era uma abordagem pessoal e urbana. Havia também uma abordagem global para o evangelho, que era anunciado estrategicamente, levando-se em conta o contexto cultural dos ouvintes.

Outro fato importante na flexibilidade estratégica de Paulo, ao que Barro chama de flexibilidade missiológica, (2002, p. 146) foi a capacidade de Paulo, dependendo da cultura do povo a ser alcançado, a estratégia era alterada, ampliada ou adaptada. Green, (1989), descreve como se deu a evangelização dos gentios. Afirma ele que Paulo soube mudar a roupagem sem mudar o conteúdo (1989, p. 137 – 150). Mas não foi somente na questão de conteúdo da mensagem, Paulo também soube usar estratégias diferentes para lugares diferentes, e foi evoluindo, ao ponto de que em Éfeso, capital da Ásia Menor, ele alugou a escola de Tirano para estabelecer um centro de formação missionária,

alcançando toda a Ásia Menor formando liderança em Éfeso. Esta capacidade de flexibilidade estratégica fez toda diferença.

- O princípio estratégico de Paulo para a educação teológica, desperta para a necessidade de se dedicar a compreensão da importância da elaboração estratégica para a ação missional e pastoral, considerando que a flexibilidade é fundamental no processo de elaboração estratégica.

### **2.3. Marco teórico teológico: Teologia da Missão Integral – uma teologia apropriada ao contexto latino-americano:**

A Teologia da Missão Integral, teologia que nasceu na América Latina e a partir da América Latina, é apropriada ao contexto latino americano, por ser uma busca por oferecer um norte teológico de reflexão sobre as práticas missionais e pastorais a partir de nosso contexto. Não desprezando toda a tradição teológica e missiológica produzida em outros contextos, e com grande relevância histórica, até porque ela é oriunda desta história. Mas, a partir da realidade contextual latino-americana, refletir sobre nossa ação missional e pastoral, e oferecer contribuições pertinentes e relevantes.

#### **2.3.1. Breve Histórico da Teologia da Missão Integral:**

A Teologia da Missão Integral (TMI),<sup>26</sup> está ligada historicamente ao movimento missionário ocorrido no século XIX e XX, na América do Norte e Europa, para diversas partes do mundo, incluindo a América Latina, como afirma Sanches (2009, p. 55). Embora tenha suas raízes na teologia clássica e no

---

<sup>26</sup> Para uma abordagem histórica mais completa da Teologia da Missão Integral, ver: Castro, E. (1986); Cavalcanti, R. (1987); Escobar, S. (1971) e (1997); Padilla, C. R.. (1982) e (1992); Steuernagel, V. (1992); Costas, O. E. (1975) e (1979); Sanches, R. (2009), p. 54-103; Zwetsch, R. (2008), p. 146-263 e Matos, A. (1999), p. 1-16.

movimento evangelical,<sup>27</sup> eurocêntrico, “a Teologia da Missão Integral é procedente da América Latina e preocupada em corresponder a sua origem” (*ibid*, p. 55). Para Antônio C. Barro, a origem da Missão Integral não está na América Latina, se bem que o mesmo entende que a Missão Integral está mais forte e viva na América Latina. Para ele, os primórdios da Missão Integral podem ser traçados mais recentemente ao Movimento do Evangelho Social de Walter Rauschenbusch (1861–1918), do conceito da *missio Dei* desenvolvido por autores dentro do Conselho Mundial de Igrejas; por alguns aspectos da Teologia Política também na Europa pós-guerra e finalmente pela Teologia da Libertação (2004, p. 74-5).

Os historiadores registram os vários congressos, onde os pressupostos que deram origem a TMI foram lentamente gestados desde a Conferência Missionária Mundial em Edimburgo 1910. Destacam-se, sobretudo, três eventos que deram forma a TMI: O CLADE I, Congresso Latino Americano de Evangelização; A FTL, Fraternidade Teológica Latino-americana; e, Lausanne 74. O CLADE I, em Bogotá, 1969, foi de onde a TMI se configurou bem como de onde se articulou a criação da FTL (Fraternidade Teológica Latino-americana), a qual foi criada no ano seguinte, em Cochabamba, no dia 12 de dezembro de 1970. Os postulados da TMI ali fundamentados foram expressos e surpreenderam os participantes do Congresso Mundial de Evangelização Mundial, em Lausanne, 1974, o que fez a TMI alcançar expressão mundial.

---

<sup>27</sup> O movimento Evangelical Nasce na Europa, mais precisamente na Inglaterra, dentro da Igreja Anglicana, como um movimento de reforma da igreja, inspirado nos avivamentos, tanto metodista e pietista, no final do século XVII e início do século XIX. Os pontos principais de sua teologia, segundo David Bebbinton, são: (i) Conversionismo: ênfase na necessidade de mudança de vida, (ii) Ativismo: ênfase no esforço evangelístico e missionário, (iii) Biblicismo: importância especial atribuída a Bíblia, (iv) Crucicentrismo: ênfase na centralidade do sacrifício de Cristo na cruz. Abraça os elementos fundamentais da Reforma Protestante sobretudo calvinista, e ao chegar na América Latina, incorporou além dos elementos dos avivamentos europeus, os avivamentos ocorridos na América do Norte e o denominacionalismo. No Brasil, de modo geral, ser evangélico é ser protestante, não considerando os aspectos históricos. É importante destacar aqui, que o fundamentalismo nasce em torno de 100 anos depois, tornando-se este, originário daquele. Para melhor esclarecimento sobre sua origem, pontos fundamentais e influência na TMI, verificar Sanches, R. (2009, p. 80-84) e Neto, L. L. (2002, p. 17-30).

No âmbito conservador e evangélico o Congresso de Lausanne (1974) foi sem dúvida o mais significativo, no sentido da inserção da TMI<sup>28</sup> no diálogo teológico mundial, por conta de sua abrangência e influência na América Latina. Em Lausanne, a participação dos representantes latino-americanos (sobretudo de Padilla, Escobar e Costas, entre outros) batalhou contrário ao foco restrito de uma evangelização que não tratava de questões sociais e não levava em consideração as questões estruturais da sociedade.

Parte desta ênfase acabou fazendo parte do documento que ficou conhecido como o Pacto de Lausanne.<sup>29</sup> A importância dos participantes da América Latina é atestada por Douglas Birdsall:

Em reação à preeminência dada do "Evangelho Social" aos princípios e propostas do Século 20 pelo Conselho Mundial de Igrejas, os evangélicos se descuidaram de seu compromisso histórico com as implicações sociais do Evangelho. Isto se transformou radicalmente em Lausanne e nos anos seguintes mediante a obra de Samuel e René Padilla [na época] jovens e brilhantes teólogos latino americanos e obreiros entre os estudantes.<sup>30</sup>

Antes, porém, de Lausanne, em 1969, ocorreu um congresso na América Latina que foi determinante para a formação de uma identidade teológica própria deste continente, o qual tem se repetido através dos tempos, o que passamos a descrever. São cinco os Congressos Latino Americanos de Evangelização, os

---

<sup>28</sup>Douglas, J. D. (1975) e segundo Barro e Kohl (2005, p. 8), Lausanne “foi um marco no entendimento da igreja mundial para com a missão integral e com profundas influências no protestantismo brasileiro”. É preciso dizer que muitos dos principais artigos e fontes do movimento de Lausanne estão no site do Lausanne <https://www.lausanne.org/pt-br> e podem ser baixadas por lá.

<sup>29</sup> O Pacto de Lausanne foi produzido por uma equipe formada dentre os participantes do congresso. O líder encarregado de dirigir as reuniões foi o teólogo britânico John Stott. O nome desse documento recebe no Brasil o título de Pacto de Lausanne ou muitas vezes o Manifesto de Lausanne. Ainda que o documento não tenha refletido todas as questões levantadas pelos delegados da América Latina, o mesmo foi um avanço em relação ao papel da igreja na transformação da sociedade. (Birdsall, D. *Lausana 74: Gestión del legado*. Recuperado 15 de Janeiro de 2017 de <https://www.lausanne.org/es/contenido/aml/2014-07-es/lausana-74>).

<sup>30</sup>Birdsall, D. *Lausana 74: Gestión del legado*. Recuperado 15 de Janeiro de 2017 de <https://www.lausanne.org/es/contenido/aml/2014-07-es/lausana-74>.

CLADEs.<sup>31</sup> E, são neles que a TMI foi sendo formatada, ampliada e divulgada, desde a América Latina.

O CLADE I foi realizado em Bogotá, Colômbia, nos dias 21 a 30 de novembro de 1969, e tinha como antecedentes os postulados do Congresso Mundial de Evangelização realizado em Berlim no ano de 1966, o qual incentivou a organização de congressos continentais. Reuniu cerca de 900 participantes e o tema foi: “Ação em Cristo para um continente em crise”. Foi no CLADE I que se “procurou contextualizar sua reflexão e aproximar seu pensamento e sua estratégia das necessidades próprias do continente latino americano” (Escobar, 1995, p. 13); produziu a “Declaração Evangélica de Bogotá”; e, se articulou a criação da FTL – Fraternidade Teológica Latino-americana.

O CLADE II, ocorrido em 1979, em Lima, Peru, foi o primeiro organizado totalmente por iniciativa dos latino-americanos, por meio da FTL, a qual, daí por diante, organizou os demais. Norberto Saracco afirmou que o CLADE II “revelou que os diferentes grupos evangélicos, estavam lutando para articular sua própria identidade como igreja e missão” (2001, p. 365).

O CLADE III, ocorrido em 1992, em Quito, Equador, foi ampliado significativamente não só no número de participantes, mas também na representatividade dos diversos grupos evangélicos presentes na América Latina. José Míguez Bonino afirma que o CLADE III ultrapassou os limites da FTL e se tornou um verdadeiro congresso protestante latino americano (1995, p. 56). No Brasil, como fruto do CLADE III, foi produzida uma coleção de três volumes, editada por Valdir Steuernagel (1994), com as palestras e estudos bíblicos, as quais versam sobre os temas fundantes e dinâmicos da TMI, quais sejam: Evangelho, Cultura e Missão; Evangelho e Cultura; O Evangelho do Poder; O Evangelho e a Política na América Latina; Missão e Desenvolvimento Comunitário Integral; Evangelização e Família na América Latina; Novos Modelos de Evangelização; entre outros.

---

<sup>31</sup> Para uma melhor compreensão dos movimentos e congressos latino-americanos, ver a excelente obra de Luiz Longuine Neto, O novo rosto da missão, (2002, p. 153-217).

O CLADE IV, no ano 2000, novamente em Quito, Equador, procurou assegurar os objetivos e desafios do CLADE III, quais sejam: 1) reafirmar o lugar essencial das Escrituras na formação do pensamento, vida e missão da comunidade do Espírito; 2) destacar, desde a Trindade, o papel, a presença e o poder do Espírito Santo na vida, espiritualidade e missão da igreja na América Latina; 3) refletir sobre as diversas expressões teológicas, missiológicas e litúrgicas da espiritualidade contemporânea da igreja evangélica no continente; 4) desafiar a igreja evangélica em seu testemunho, como comunidade do reino de Deus, a ser agente de mudança e transformação numa sociedade caracterizada pela violência, corrupção, pobreza e injustiça; 5) dar testemunho público e agradecer a Deus pelo crescimento da igreja na América Latina ao longo deste século e discernir a vontade de Deus para o novo milênio.<sup>32</sup>

O CLADE V, aconteceu em 2012, em San José, Costa Rica, e pode ser avaliado a partir da afirmação inserida no Caderno de Participação que diz,

Seguir a Jesus na realidade concreta da América Latina e Caribe requer considerar as questões sociais, econômicas e espirituais as quais nosso povo está submetido. O evangelho necessita trazer respostas as questões mais profundas como a violência, a exploração, a corrupção, a pobreza e a miséria, espalhadas por todos os rincões deste imenso continente. A igreja não pode se intimidar; pelo contrário, necessita fazer frente a todas estas manifestações de pecado estampadas abertamente diante de nossos olhos (Bedford e Segura, 2011, p. 34).

Assim sendo, percebe-se claramente o compromisso com uma teologia missional, que seja integral, contextual e aberta a novas considerações e reformulações, a partir da realidade que está sempre sendo transformada, desde o primeiro CLADE, até o último.

---

<sup>32</sup>Cavalcanti, R. (1999, setembro-outubro). *Para que um CLADE IV?* Revista Ultimato260. Recuperado 20 de Agosto de 2015 de <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/260/para-que-um-clade-iv>

---

É importante destacar ainda que logo após a realização do CLADE 1 (1969), outro evento marcante acontece na América Latina, isto é, a fundação da Fraternidade Teológica Latino Americana (FTL) na cidade de Cochabamba, Bolívia, no ano de 1970. Os principais representantes de fala hispânica e portuguesa se fizeram representar. Os objetivos da FTL foram delineados:

1)A autoridade da Bíblia e, portanto, o seu carácter normativo, como a Palavra de Deus em forma escrita. A teologia da FTL, portanto, seria bíblica. 2) A reflexão bíblica da FTL seria realizada no meio das culturas latino-americanas. Em outras palavras, a teologia articulada dentro do FTL seria contextual. 3) A reflexão bíblica e contextual da FTL serviria a vida ea missão das igrejas evangélicas na América Latina. Ou seja, a teologia da pastoral e missionária seria FTL.<sup>33</sup>

A partir de então, a FTL tem e vem sendo a principal fomentadora dos ideais da Missão Integral. Dentre os autores mais significativos citamos C. René Padilla, Orlando E. Costas e Samuel Escobar. No Brasil, destacou-se nesse início da caminhada, o teólogo luterano Valdir Steuernagel, e o anglicano Robinson Cavalcanti.<sup>34</sup>

### ***2.3.1.1. Pacto de Lausanne e o Compromisso da Cidade do Cabo:***

Os rumos do Congresso de Lausanne de 1974 foram alterados pela participação de Orlando Costas, René Padilla e Samuel Escobar, entre outros latinos americanos, os quais acrescentaram a “responsabilidade social” como parte integrante da evangelização, criticando “a redução do evangelho a categorias religiosas de salvação pessoal e interior” (Zwetsch, 2008, p. 157). Segundo Matos,

---

<sup>33</sup>Padilla, C. R. (2015). 45 años de La Fraternidad Teológica Latinoamericana. Recuperado 15 de Janeiro de 2017 de <http://ftl-al.org/45-anos-de-la-fraternidad-teologica-latinoamericana>.

<sup>34</sup>Para mais detalhes sobre as circunstâncias históricas da teologia latino-americana ver a obra de Edgar Alan Perdomo, Una descripción histórica de lateología evangélica latinoamericana. Perdomo, E. A., (2013, julio-diciembre). Una descripción histórica de la teología evangélica latinoamericana. Recuperado 18 de Janeiro de 2017 de: <http://obrerofiel.s3.amazonaws.com/teologia/pdf/Descripcion%20teologica%202.pdf>

“O pacto de Lausanne foi muito além das declarações evangélicas tradicionais, demonstrando que o evangelismo bíblico é inseparável da responsabilidade social, do discipulado cristão e da renovação da igreja” (1999, p. 6). Foi em Lausanne que a Teologia da Missão Integral foi reconhecida e inserida num movimento internacional de teologia. Bosch registra que foi por insistência de um grupo evangelical radical do terceiro mundo que se operou um “novo avanço” na compreensão da existência e coexistência dos dois mandatos, cultural e evangelístico, como exigências para a missão da igreja (2002, p. 485). Os discursos de Samuel Escobar e René Padilla foram determinantes para essa situação, e Zwestsch afirma “a meu ver, com base nas informações pesquisadas, foi esse grupo que conseguiu fazer constar no Pacto de Lausanne o cerne do parágrafo 5, que mais tarde teve enormes repercussões em todo o movimento evangélico internacional” (2008, p. 151). Matos faz afirmação semelhante ao afirmar “o impacto de líderes como Samuel Escobar e C. René Padilla, por meio do grupo de Discipulado Radical, foi de especial importância” (1999, p. 6), fazendo com que o Pacto de Lausanne fosse além das declarações tradicionais, no que se diz respeito à evangelização e à missão da igreja. E Regina Sanches conclui sobre a participação dos latino-americanos em Lausanne dizendo:

O chamado Pacto de Lausanne tornou-se um referencial para o evangelicalismo histórico mundial, e a presença do Terceiro Mundo fez no evento foi significativa para essa conclusão. Certamente, o Terceiro Mundo fez ouvir sua voz entre os participantes em geral (2009, p. 100).

Dessa forma, percebe-se a importância de Lausanne para a causa da Teologia da Missão Integral, onde ela se apresentou e mudou os rumos da concepção de missão e evangelização, propondo uma ação integral entre evangelização e responsabilidade social.

Lausanne foi onde a TMI se impôs oficialmente no contexto da teologia missiológica mundial, alterando os rumos do Pacto ali firmado. Logo na introdução

do Compromisso da Cidade do Cabo,<sup>35</sup> são mencionados os principais benefícios do Pacto, quais sejam: “o Pacto de Lausanne; uma nova consciência do número de povos não alcançados; e uma nova descoberta da natureza holística do evangelho bíblico e da missão cristã” (CCC, 2010, p. 4). Assim, além do Pacto em si, que de qualquer forma seria estabelecido, as únicas novidades seriam; primeiro, o número de povos não alcançados e em segundo, a descoberta da natureza holística do evangelho; ou seja, das duas novidades, uma delas, a TMI, foi uma contribuição dos participantes da América Latina, fundadores da TMI, é o que reconhece e registra o Terceiro Congresso Lausanne, por meio do Compromisso da Cidade do Cabo.

Em relação ao Pacto de Lausanne, o Compromisso da Cidade do Cabo é expandido em conteúdo, sendo, portanto, mais profundo, abrangente, e orientador em relação ao Pacto de Lausanne. A primeira parte do documento registra o “Compromisso de Fé” e a segunda parte “Um Chamado a Ação”. Por toda a primeira parte, percebe-se os postulados da TMI inseridos no Compromisso de Fé e finalizando reitera os parágrafos 4 e 5 do Pacto de Lausanne (*ibid*, p. 19), e adota a definição de Missão Integral que consta na Declaração Miquéias, qual seja:

Missão integral é a proclamação e a demonstração do Evangelho. Não significa simplesmente que o evangelismo e o envolvimento social tenham que ser realizados simultaneamente. Na missão integral, nossa proclamação tem consequências sociais quando convocamos as pessoas ao amor e ao arrependimento em todas as áreas da vida. Nosso compromisso social tem consequências para a evangelização quando damos testemunho da graça transformadora de Jesus Cristo. Se ignoramos o mundo, traímos a palavra de Deus, que nos envia para servir o mundo. Se ignoramos a palavra de Deus, não temos nada para oferecer ao mundo (*ibid*, p. 19).

E, então, finaliza o Compromisso da Cidade do Cabo dizendo: “firmamos nosso compromisso com o exercício dinâmico e integral de todas as dimensões da missão para a qual Deus chama toda Sua igreja” (*ibid*, p. 19). Na segunda parte “Um

---

<sup>35</sup> Compromisso da Cidade do Cabo 2010 – Resultado final do Terceiro Congresso de Lausanne sobre Evangelização Mundial realizado de 16 a 25 de outubro de 2010, na Cidade do Cabo, África do Sul.

Chamado a Ação”, percebe-se por todo o documento, a presença clara de conceitos abraçados pela TMI.

### ***2.3.1.2. Teologia da Missão Integral e Convenção Batista Nacional:***

A Teologia da Missão Integral está vinculada oficialmente a Convenção Batista Nacional desde 24 e 25 de outubro de 2002,<sup>36</sup> quando foi aprovado o Manual Básico,<sup>37</sup> o qual, por meio do trabalho da Comissão de Elaboração, conseguiu inserir na definição de missão da igreja, os pressupostos da Teologia da Missão Integral. Assim, define o Manual Básico, a Missão da Igreja:

*A Missio Ecclesiae*, ou Missão da Igreja, como enviada que é, se refere a levar a denúncia do estado de degradação (moral, espiritual, social e físico) do homem, por causa do pecado, que provocou a interrupção do relacionamento com Deus e com outro homem.

A missão integral da igreja atua na perspectiva da adoração a Deus, do discipulado, da ação missionária e da responsabilidade social.

O Evangelho todo para todo o homem e o homem todo!  
(MBBN, 2010, p. 27,28).

A Teologia da Missão Integral está inserida no Manual Básico das Igrejas Batistas Nacionais, como o modo da CBN compreender sua eclesiologia, em sua ação missional local e transcultural. Com isso, percebe-se claramente que é intenção da CBN que suas igrejas e pastores estejam inseridos nessa pressuposição teológica da missão da igreja. Assim, comparando ao texto acima com a afirmação de René Padilla por ocasião do CLADE III, em Quito:

---

<sup>36</sup> Registra-se neste momento a colaboração histórica de Stephenson Soares Araújo como um dos precursores da TMI na CBN, o qual concluiu seu mestrado em missiologia no CEM – Centro Evangélico de Missão em Viçosa-MG e fez parte da Comissão de elaboração do Manual Básico aprovado em 2002.

<sup>37</sup> O Manual Básico dos Batistas Nacionais, contém, entre outras coisas, os elementos fundamentais da nossa fé; nossa eclesiologia; nossa pragmática; nossos usos e costumes; nossa estrutura organizacional, e outros documentos que orientam ao funcionamento das igrejas batistas nacionais e as organizações pertencentes à CBN. Está registrado no Livro de Atas da CBN nº 2, p. 177 e publicado em livro junto com diversos documentos denominacionais em 2010.

Falar de todo o Evangelho ou do Evangelho completo é falar do Evangelho como boas novas de Jesus Cristo para a vida pessoal e social, para a esfera do espiritual e do material, para o tempo presente e a eternidade. Todo o Evangelho é o Evangelho que mantém a unidade entre a fé e as obras, entre a palavra e a ação, entre o amor e a justiça, entre a reconciliação com Deus e a reconciliação com o próximo, entre a teologia e a ética (1994, p. 19).

Vê-se claramente e decididamente, que a Convenção Batista Nacional assumiu um compromisso com a Teologia da Missão Integral, a partir da elaboração de seu Manual Básico.

- O Evangelho todo – Não parte dele, mas o Evangelho em sua integralidade e profundidade;
- Para todo ser humano – Não para parte da humanidade, para alguns; mas, para todos os homens e mulheres, de todos os povos, línguas, nações, todas as etnias.
- Para o ser humano todo – Não apenas para a parte espiritual do ser humano, mas também física, moral e social, ou seja, em seu ser integral.

O Manual Básico afirma que é papel da liderança da igreja “objetivar o cumprimento da missão integral e o atendimento das necessidades detectadas” (MBBN, 2010, p. 31), e mais ainda: “entendemos que a liderança deve proporcionar as condições para que todos os membros sejam capacitados a tomar decisões e assumir responsabilidades no serviço do Reino de Deus” (*ibid*, 2010, p. 31). Entretanto, foi somente em 2011 que a CBN tomou atitudes objetivas no sentido de implementar a decisão de 2002. Em 6 de abril de 2011, decidi firmar convênio com os missionários Ann e Bruce Borquist,<sup>38</sup> para que a partir de 2012 eles ficassem a disposição da CBN no

---

<sup>38</sup> Eles começaram a trabalhar com a CBN em 2004, por meio da JAMI, Junta Administrativa de Missões, limitados nesse período apenas ao treinamento de missionários para o campo transcultural, conforme ata de 25.05.2004, do livro de atas nº 002 da Junta Administrativa de Missões.

sentido de trabalhar com a denominação para implementar um projeto de Missão Integral.<sup>39</sup> Em 2011 foi criada a REDEMI – Rede de Missão Integral e, em 2013, dias 14-17 de novembro, foi realizada a Primeira Consulta de Missão Integral da CBN, em Brasília.<sup>40</sup>

## **2.4. Marco teórico teológico: Princípios da TMI para a educação teológica**

A partir desse momento do trabalho, alguns princípios da TMI que são fundamentais para a formação de liderança com viés pastoral/missionário, na e a partir da cidade de Goiânia e Região Metropolitana, serão analisados. No ponto anterior, a partir da experiência paulina, trabalharam-se os princípios bíblicos, e agora se pretende verificar, a partir da TMI, os princípios que se pode extrair dela que cooperarão com a formação de liderança cristã para agir e refletir pastoral e missionariamente na e a partir da RMG.A metodologia será descrever cada princípio, e finalmente tecer algumas considerações finais que colaborarão com a formação de liderança cristã com no viés pastoral/missionário.

### ***2.4.1. O princípio da integralidade do ser humano:***

O evangelho se dirige a todos os seres humanos e ao ser humano todo, em sua integralidade, material e espiritual, cognitiva e afetiva. A TMI nasceu da crítica a uma evangelização reducionista e dicotomista,<sup>41</sup> que reduzia os privilégios do evangelho para a alma e para a eternidade, sem valorizar os aspectos do aqui e agora e dos demais aspectos da vida humana, e isso gerou uma igreja desconectada com a realidade cultural, vivendo mais como num gueto do que na dinâmica do encontro entre o evangelho na

---

<sup>39</sup> O Batista Nacional, dez 2011, p. 13.

<sup>40</sup> O Batista Nacional, ago 2013, p. 14.

<sup>41</sup> Steuernagel, V. (1993), p. 33-58, escreve pedindo ‘Pelo fim da dicotomia’ que investe na salvação pessoal, mas não comunitária; libertação da condenação eterna, mas não interfere na escravidão presente pelos poderes constituídos; que proclama a libertação do pecado, mas não contra as estruturas de pecado que oprimem o ser humano.

vida dos discípulos e o mundo ao seu redor, o que poderia propiciar um diálogo enriquecedor e transformador.

O pressuposto da integralidade do ser humano, que a TMI desenvolve e pelo qual ela se insere no contexto internacional a partir de Lausanne, tem todo um histórico, que para nós latino americanos, é extremamente importante, além de ser um dos princípios fundantes da TMI, pois o conceito da integralidade do ser humano leva consigo a três dimensões consecutivas: individual, comunitária e cósmica. Na formação de liderança cristã com perspectiva pastoral e missional, esse pressuposto é fundamental. René Padilla, assim, o define por ocasião do CLADE III, em Quito:

Falar de *todo o Evangelho* ou do Evangelho completo é falar do Evangelho como boas novas de Jesus Cristo para a vida pessoal e social, para a esfera do espiritual e do material, para o tempo presente e a eternidade. Todo o Evangelho é o Evangelho que mantém a unidade entre fé e as obras, entre a palavra e a ação, entre o amor e a justiça, entre a reconciliação com Deus e a reconciliação com o próximo, entre a teologia e a ética (1994, p.19).

Aqui está a essência do que se pretende expor por ‘integralidade do ser humano’ e que afeta primeiramente o indivíduo em si, como um todo a ser alcançado e transformado, seus relacionamentos pessoais – familiar, eclesial, comunitário, e por fim, como cidadão do mundo criado por Deus, do qual somos mordomos e recebemos o mandato cultural. Pedro Arana defende que essas três dimensões da reconciliação podem ser exemplificadas por três círculos concêntricos, onde o primeiro está ligado à conversão pessoal, a integração de seu ser a Deus; o segundo que integra o convertido a um corpo único – igreja -; e um terceiro, que reconcilia todas as coisas em Cristo, ou seja, toda a criação, que ele chama de visão escatológica de Paulo (Romanos, Efésios e Colossenses), a qual Deus “nos chama a participar desse movimento por meio de uma existência reconciliadora” (2003, p. 63).

Sobre a primeira dimensão reconciliadora, Juan Stam fala sobre as implicações da ressurreição de Cristo para a teologia e missão, a qual aponta para a ressurreição do corpo de todos aqueles que são alcançados pelo evangelho:

O corpo não é algo mau nem algo secundário ou acidental. A corporalidade pertence ao mais profundo de nosso ser. Deus criou a carne e exclamou: 'Que boa esta humanidade física, com corpo, que eu criei, boa de grande maneira'. Cristo encarnou em carne como a nossa, mas sem pecado. Cristo morreu na carne, ressuscitou na carne e voltará na carne. A ressurreição ensina-nos que sem o corpo estamos incompletos, não podemos ser plenamente nós. A carne não é algo de que se envergonhar, mas algo por dar graças a Deus (2003, p.50).

Essa corporalidade boa e criada por Deus foi afetada na sua integralidade pelo pecado e será transformada integralmente pelo evangelho. Assim, esse indivíduo não é somente uma alma penada aqui na terra e salva para a eternidade, que um dia, após a morte, vai para o céu, mas um ser, corpo, alma e espírito redimidos e em transformação, cujo maior sinal de que Deus está envolvido na redenção integral do ser humano, é a promessa escatológica da ressurreição do corpo. Nesse sentido, a conversão atua na dimensão integral do indivíduo, no sentido de restaurá-lo no todo, para o cuidado de suas relações com Deus, consigo, com o próximo e com a criação; demonstrado na cura de suas emoções, no cuidado com seu corpo, seu intelecto e suas finanças, com suas relações pessoais e com a criação.

Quanto à segunda dimensão reconciliadora, na minha concepção, além da questão eclesial, como afirma Arana, também entra as questões dos relacionamentos pessoais mais próximos do indivíduo, sua família e amigos. Esse indivíduo reconciliado com Deus vai aos poucos, sendo reconciliado com seu próximo, a partir do próximo mais próximo do ser, sua família, amigos e agora, a igreja. Quando o pecado entrou na existência humana, assim o relata Gênesis, as relações interpessoais foram afetadas em sua essência, e a reconciliação de Deus com o ser humano, integra a dimensão de sua reconciliação com seu próximo, no caso, a partir de suas relações pessoais mais íntimas: família, amigos e igreja.

Jorge Maldonado, afirma que as crises e perdas são potencialmente criadas e resolvidas no ambiente familiar (2005, p. 10). A TMI apresenta uma proposta de reconciliação divina, onde não somente se restaura a comunhão do indivíduo com Deus,

mas com seu próximo, a partir de seus relacionamentos pessoais mais próximos, família e amigos, onde a igreja, comunidade de fé e esperança, que segundo Maldonado, tem o privilégio de ser, além do ambiente onde essa restauração é sofrida e vivenciada, ser também um instrumento de Deus nesse processo de restauração integral.

Comentando sobre a terceira dimensão reconciliadora, podemos dizer que aqui entra a dimensão cósmica, relacionada ao mandato cultural. Pedro Arana, afirma que o reino de Deus é a meta, do ponto de vista teológico, da missão de Deus e sua esperança escatológica “novos céus e nova terra onde habita justiça” (2 Pe 3:13), e no capítulo que escreveu “A missão de Deus e a nossa”, afirma sua tese: “o conteúdo da missão criadora, reconciliadora e recriadora do Deus Vivente é humanizar a vida humana, dando vida em abundância (Jo 10:10) a toda a criação. E esse deve ser o conteúdo essencial da missão da igreja e dos cristãos” (2003, p. 19), uma missão reconciliadora com a criação envolvendo justiça social e cuidado com a ecologia. Na sua fala em Lausanne, Padilla afirma a questão cósmica quando discorreu sobre o “mundo” (1984, p. 132-138). Ainda que não tenha dado o devido destaque a questão ecológica, pois naquele momento não era um assunto que pertencia ao contexto, está implícito em suas definições, e que hoje se torna um assunto de maior relevância, bem como tem implicações com a justiça social, na questão da idolatria do consumismo que esgota os recursos de planeta; e do materialismo consumista, que reduz o significado do indivíduo ao ter, e não ao ser.

- O evangelho é uma mensagem recebida individualmente, que tem implicações na integralidade do indivíduo, implicações comunitárias e cósmicas; e nesse sentido, a formação de liderança cristã, em perspectiva missional e pastoral, para que alcance seu objetivo, deve oferecer ao ser em formação, instrumentos que o habilite no trato com a integralidade do evangelho, numa tríplice dimensão, pessoal (material, emocional e espiritual), comunitária e cósmica.

#### **2.4.2. O princípio da contextualização:**

O evangelho está sempre acima de qualquer cultura ou contexto e, portanto, ele pode ser contra cultural. Entretanto, para que se consiga uma evangelização que seja culturalmente pertinente e relevante, há a necessidade de contextualização do evangelho, e aqueles que têm a tarefa pastoral e missional, necessitam compreender esta dinâmica entre o evangelho e cultura. Valdir Steuernagel discorrendo sobre a questão da contextualização, afirma “Todo engajamento missionário precisa fazer um duplo esforço: decodificar e contextualizar” (1993, p. 25). É e sempre será um grande desafio decodificar e contextualizar; compreender os meandros da cultura e apresentar o evangelho de forma relevante a ela, sem, todavia, comprometer o conteúdo da fé é um grande desafio. Esse é um desafio que a TMI aceitou desde seu início e percorre até hoje, como se percebe do primeiro ao último CLADE. O Pacto de Lausanne, no artigo X, que trata do relacionamento entre o Evangelho e a Cultura afirma, entre outras coisas: (i) as igrejas estão relacionadas à cultura local; (ii) a cultura local deve ser julgada pelas Escrituras; (iii) com a queda, toda cultura está manchada pelo pecado; (iv) o evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre a outra; (v) as igrejas devem empenhar em enriquecer e transformar a cultura local (Brepohl e Grellert, 1984, p. 244-5).

Sanches descreve historicamente o caminho rumo à teologia evangélica contextual latino-americana,<sup>42</sup> que passa pelos conflitos entre fundamentalistas e liberais, e vai desembocar num terceiro grupo, o da TMI (2010, p. 64). E, segundo Samuel Escobar, o CLADE I estabeleceu a contextualização da herança evangélica no continente como sua plataforma teológica (*apud*, Sanches, p. 65). Assim, seguindo os pressupostos da TMI, não há como agir pastoralmente e missionariamente sem que se busque uma contextualização do evangelho a cultura, no sentido de que evangelho e cultura possam dialogar e conviver construtivamente. O CLADE V, em sua Carta Pastoral, recomenda que, ao seguir a Jesus no caminho de vida, os núcleos da FTL em

---

<sup>42</sup> Sanches, S. (2010). Ele faz um bom trabalho, desenvolvendo historicamente como foi que a teologia evangélica latino-americana, abordou a questão do contexto, no âmbito liberal, fundamentalista e da missão integral (p. 61-86).

cada uma de suas regiões, promova e fomente o diálogo, a reflexão bíblico-teológica e contextual, dos significados e práticas de se seguir hoje o Jesus bíblico pelo caminho da vida (Fernandes, Kosacki, Ortiz e Salinas, 2013 p. 91). Assim, a reflexão bíblico-teológica, necessariamente precisar ser contextual, afirma o CLADE V em sua Carta Pastoral.

René Padilla levanta a questão da contextualização do evangelho, propõe que “a encarnação é um elemento constitutivo do evangelho, e [...] qualquer tentativa de comunicar o evangelho sem uma inserção prévia e profunda por parte do sujeito comunicante na cultura receptora é subcristã” (2005, p. 104). Esse conceito da encarnação é um conceito que está inserido na TMI desde o início, tomando como base a revelação de Jesus Cristo, que veio antes de tudo, na encarnação do verbo. Assim sendo, do mesmo modo como Deus se encarnou em Jesus de Nazaré e se identificou e foi identificado com a cultura judaica, e a partir daí manifestou sua glória, tornou a encarnação um critério teológico e missiológico para a igreja no processo de contextualização.

Contextualizar o evangelho e suas práticas pastorais e missionais não são tarefa de fácil execução, pois corremos o duplo risco: o primeiro de relativizá-lo ao ponto de se perder o conteúdo, caindo no sincretismo cultural ou na aculturação. O segundo seria o risco da transcendência, ou seja, com medo da aproximação com a cultura e do sincretismo ou aculturação, torná-lo tão transcendente que torne o evangelho inalcançável para o ser humano. Assim sendo, é necessário que se faça uma contextualização que seja crítica, percebendo sempre quais os elementos da cultura que são contrários ao evangelho e aqueles que não são nocivos, bem como aqueles que cooperam com o evangelho; e, a partir daí, que se saiba discernir entre o essencial e o periférico, entre o conteúdo e a forma (Silva, 2002, p. 97-98).

- O evangelho é uma mensagem transmitida, recebida e vivenciada num determinado contexto, portanto, a formação teológica de liderança cristã com perfil missional/pastoral necessita instrumentalizar o indivíduo em formação, a ser capaz de operacionalizar a análise contextual e de adequar o evangelho ao

contexto, sem relativizá-lo ou transcende-lo, mas discernindo entre o essencial e o periférico para cada contexto específico.

#### **2.4.3. O princípio do compromisso com a missão:**

Orlando Costas, um dos articuladores da TMI, em seu livro *Compromiso y misión*, trabalha a questão da missão na proposta de uma reconstrução do conceito, a partir da tradição, não no sentido de manutenção, mas de novos modelos de missão, e “tentar uma reconstrução do conceito de missão” (1979, p. 26). Logo no primeiro capítulo, ele já dá seu propósito na escrita dizendo que “nosso desejo é contribuir para a geração de uma nova visão (integral e contextual) que estimule, em particular, aos cristãos protestantes latino-americanos a um compromisso missional mais eficaz e autêntico” (1979, p. 27).

A TMI nasce e se sustenta justamente desse compromisso com a missão, e em todos os seus documentos percebe-se essa intenção missional. Júlio Zabatiero, ao comentar o Pacto de Lausanne afirma que o grande acerto foi afirmar “uma identidade construída a partir do propósito divino da igreja” (2005, p. 17). Assim, ao vincular a identidade à missão, deixa evidente a importância desse conceito, pois da devida compreensão e aplicação dele, depende a relevância da igreja para cada geração e sua identidade com a *missio Dei*. Tal conceito, portanto, é questão fundamental, pois é sua identidade.

A partir dos últimos documentos produzidos por aqueles que representam a TMI, percebe-se claramente esse compromisso com a missão, não foi algo de seu início apenas, mas permanece como agenda teológica a ser sempre revisada e aprimorada. No Compromisso da Cidade do Cabo, na introdução, propõe-se que diante de uma realidade inalterada, seja efetivado um engajamento missional fundamentado em três premissas: (i) os seres humanos estão perdidos; (ii) o Evangelho é a boa nova; e

(iii) A missão da igreja continua. A missão de Deus continua até os confins da terra e até o fim do mundo. Chegará o dia quando os reinos do mundo se tornarão o reino do nosso Deus e de seu Cristo e Deus habitará com sua humanidade redimida na nova criação. Até aquele dia, a participação da igreja na missão de Deus continua, em um alegre ritmo de urgência, e com oportunidades novas e empolgantes em cada geração, inclusive a nossa (Compromisso da Cidade do Cabo, 2010, p. 5).

Aqui se vê a missão, numa perspectiva teológica fundamental para a compreensão e prática eclesial, em primeiro lugar definindo a completa dependência da humanidade perdida e separada de Deus; em segundo, que não há outra resposta senão o Evangelho de Jesus Cristo, ou seja, a solução não é humanista, mas vem de Deus para a humanidade e por fim, Deus compartilha seu agir missional conosco, dando a igreja o privilégio de participar desse agir missional de Deus em favor do mundo, numa perspectiva transcultural, geográfica e espacial, ‘até os confins da terra’ bem como escatológica e temporal, ‘até o fim do mundo’. Percebe-se a necessidade de revisão do conceito e das práticas a cada geração, pois sempre há a necessidade de reformular diante de novas realidades. O que se vê em todo o Compromisso da Cidade do Cabo, é a formulação de uma declaração de fé consistente, um chamado para agir alegremente e com empolgação, e reconfigurando a teologia e a prática da missão constantemente na busca de uma missão que seja relevante ao seu contexto.

O CLADE V produziu a Carta Pastoral, a qual denuncia os modelos eclesiásticos, empresarial, mercadológico e midiático, que reproduzem uma espiritualidade individualista e dissociada das questões sociais e políticas, produzindo igrejas fechadas e apáticas e então reafirma “a promoção de um modelo de comunidade trinitária que celebra o diálogo, o encontro, a interculturalidade e a missão de Deus” (Fernandes, Kosacki, Ortiz e Salinas, 2013, p. 93). Para o CLADE V, a FTL-B contribuiu com um documento, a partir do Guia de Participação, onde no final propõe, entre outras coisas, “ampliar as aspirações de gerar espaços/ambientes de colaboração solidária, dinâmica e inovadora de parcerias para fortalecer e posicionar a integralidade da missão” (Barro, Luz, Santos, Silva e Souza, 2013, p.102). Assim sendo, o compromisso com a missão é

um dos pressupostos fundamentais da TMI, que se expressam em seus documentos, em seus encontros e nos escritos de seus teólogos e missiólogos.

- O evangelho é uma mensagem que vem de Deus para a humanidade perdida, da qual a igreja faz parte, da qual foi alcançada e para a qual teve o privilégio de ser comissionada a participar como comunidade da missão redentora de Deus no mundo. A formação teológica de liderança cristã com perfil missional/pastoral deve habilitar o indivíduo para seu agir missional e pastoral, comprometido com a missão de Deus, desde um lugar específico, num triplo sentido: geográfico, todas as nações da terra; histórico, até os fins dos tempos; social, todos os grupos sociais de qualquer comunidade.

O próximo capítulo trata da história da cidade de Goiânia e como ela se tornou uma metrópole regional, constituindo-se uma das principais cidades brasileiras, e como sua região metropolitana foi formada. É visto também quais os fatores constantes neste processo de urbanização e metropolização que contribuíram para a constituição do *ethos* dos habitantes da cidade de Goiânia e Região Metropolitana, tendo como marco teórico a antropologia cultural, especificamente as definições de Paul Hiebert e Clifford Geertz.

## CAPÍTULO 3

### A METRÓPOLE E SUAS DEMANDAS ANTROPOLÓGICAS

Neste capítulo foi elaborada a história da urbanização e da metropolização da cidade de Goiânia, no sentido de analisar as características do contexto urbano da cidade que desafiam a formação de liderança missional e pastoral. A partir desta análise histórica e cultural, respondeu-se a seguinte questão: quais características históricas e socioculturais da cidade de Goiânia, desafiam missional e pastoralmente a educação teológica, a preparar líderes que respondam ao contexto urbano de Goiânia?

A pergunta divide naturalmente o capítulo em duas partes, sendo que a primeira trata da questão histórica e cultural da cidade, seu processo de urbanização e metropolização e suas demandas. A segunda parte trabalha a questão de conhecer melhor o *homo urbanus* goianiense, numa perspectiva antropológica, destacando a *priori*, as características que desafiam a formação de uma liderança pastoral e missional para, na, com e a partir da cidade, que atenda a tais desafios.

#### **3.1. Goiânia, a história de sua urbanização:**

Nesta parte, trabalha-se a questão histórica da cidade de Goiânia, principalmente no que diz respeito a sua fundação bem como as motivações para tal fim. A partir de sua urbanização e metropolização, verifica-se sua importância e relevância no contexto regional e nacional bem como a influência da globalização nesse processo.

##### **3.1.1. História:**

Goiânia, capital do Estado de Goiás, metrópole do Centro-Oeste brasileiro, é filha dos anos 30, mas pensada numa lenta gestação de ideias dos séculos XVIII e XIX.

Muito antes do Dr. Pedro Ludovico<sup>43</sup> elaborar proposta de mudança da capital do Estado de Goiás, diversas pessoas já haviam vislumbrado essa necessidade, como por exemplo, Dom Marcos de Noronha que em 1754, como governador da então Província de Goiás, já propunha a mudança da Capital para Pirenópolis. Depois foi o governador Miguel Lino de Moraes que em 1830 propôs a mudança da capital e muitos outros posteriormente. Ou seja, primeiro veio a ideia de mudança da capital, como uma necessidade, depois não somente a mudança, como a construção de uma nova capital (Chaul, 2010, p. 224-8).

Goiânia celebrou em 24 de outubro de 2015 seus 82 anos de fundação. É uma cidade nova, com uma história ainda incipiente. Sua construção foi um marco no processo de urbanização do Estado de Goiás, que nasceu marcado pela mineração, mas que ao encerrar esse ciclo (séc. XVIII), o ciclo do ouro, a economia passa a ser predominantemente agrária, com a fundação da nova capital, início do século XX.

Fundada em 24 de outubro de 1933, e sendo uma das cinco capitais brasileiras que foram devidamente planejadas (Guimarães, 1996, p. 38), e a primeira cidade brasileira planejada do século XX (Barreira e Deus, 2006, p. 76) conta hoje com mais de 1.302.001 habitantes<sup>44</sup>, e tornou-se uma Metrópole Regional de grande importância na ligação norte/sul do Brasil. Eguimar Felício Chaveiro (2001) propõe três fatores principais e preponderantes na determinação de se construir, em pleno Brasil Central, uma cidade planejada urbanisticamente, com a proposta de ser uma cidade líder no processo de integração nacional no Centro-Oeste brasileiro, sendo as seguintes Políticas Territoriais Integradoras que operaram para a construção de Goiânia:

---

<sup>43</sup> Pedro Ludovico Teixeira, goiano, médico, participou da Revolução de 30 como um dos líderes. Foi nomeado Interventor Federal para o Estado de Goiás de 1930-33, e nesse período liderou a fundação da cidade de Goiânia e a mudança da capital para a nova cidade. Foi Governador do Estado de 35-37; Interventor pela segunda vez de 37-45; Governador novamente de 51-54 e Senador por dois mandatos, 55-62 e 62-70. Em 69 foi cassado pelo AI-5. Nasceu em 1891 e faleceu em 1979. Foi um dos maiores líderes do Governo de Goiás (2012, 11 de Outubro). *Biografia de Pedro Ludovico Teixeira*. Recuperado 10 de Março de 2016, de <http://www.museupedroludovico.go.gov.br/post/ver/147269/biografia-pedro-ludovico-teixeira>

<sup>44</sup> IBGE (2015, 20 de julho). *Censo Demográfico de 2010*. Recuperado 10 de Março de 2016, de <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520870&search=goias/goiania>

- Grupos econômicos instalados principalmente em São Paulo, movem-se no sentido de expandir as fronteiras de produção para exportação em razão da depressão de 29 – crise internacional – e a crise do café. Neste sentido, o sudeste do Estado passa a ser mais interessante, pois já estavam ligados ao sul do país principalmente via estrada de ferro (*ibid*, p. 34-38). Temos aqui a influência da economia global, por meio da depressão de 29, e da economia nacional como um dos itens influenciadores da fundação de Goiânia. O próprio Chaveiro vai afirmar em uma pesquisa que a urbanização do sertão possuía uma intenção política econômica nacional:

A cidade planejada teria, desse modo, um vínculo umbilical com o poder, alçar-se-ia como aporte ideológico da condução do Estado naquele momento histórico e desdobrar-se-ia como um apanágio redentor dos lugares atrasados, estimulando um ganho político ao regime oligárquico da região em que se dava (2004, p. 102).

- A Revolução de 30 inaugura o Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas, e cria-se a “Marcha para o Oeste”, no sentido de desbravar a geografia do Sertão, “civilizá-lo”, palmilhar e conhecer os rincões do território vazio e filia-lo, com conhecimento plasmado em relatos meticulosos na orbita do mundo integrado, diga-se com palavras claras: ao regime de mercado (*ibid*, p. 40). Novas cidades seriam sinal do avanço e do progresso. E progresso significava a presença de industrialização, mercado e banco (*ibid*, p. 43). Se na Depressão de 29 se vê, sobretudo a influência da economia global, na Revolução de 30 percebe-se a influência da política nacional.
- Pedro Ludovico Teixeira, médico, que se formou no Rio de Janeiro, filho de latifundiários goianos, filiado ao regime oligárquico de tradição agrária no Estado, é escolhido para governar Goiás como Interventor, e recebe a incumbência de comandar a criação da nova capital. Encontra-se aí um conflito regional entre os Caiados e os Ludovicos. Aqueles centrados na Cidade de Goiás,

e Pedro Ludovico, cuja família era da Cidade de Goiás, entretanto sua vida profissional se estabelecera em Rio Verde, sudoeste do Estado, de onde se vai escolher o local para a construção da nova capital (*ibid*, p. 57). Aqui se percebe as questões de política regional e os conflitos de suas oligarquias, favorecendo a mudança da capital do Estado.

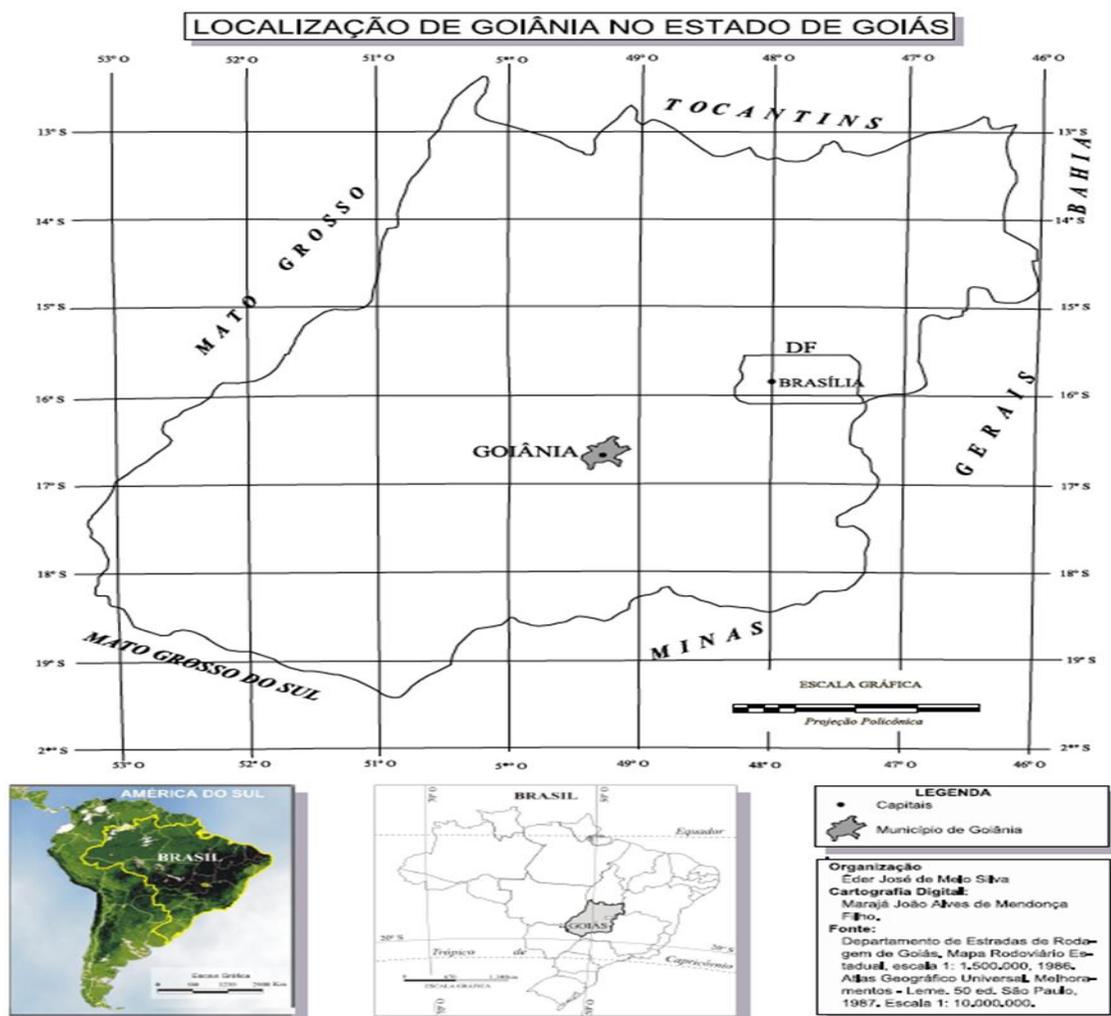
Há um quarto fator, igualmente importante na determinação para a construção da nova capital, oriundo do próprio Estado, da incapacidade da Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, então capital, se tornar uma metrópole em razão de vários fatores. Este quarto fator precede os demais, mas só encontra justificativa de execução e força quando se operam forças de fora do Estado, ou seja, os interesses internacionais e nacionais. Wilton Medeiros (2010) define bem este fator em sua tese:

- Desde o primeiro Governador do Estado, Conde dos Arcos, já em 1753, informa ao governo português não só a necessidade de mudar a capital, como até mesmo de abandonar a cidade que abrigava a capital da província. Diversas autoridades condenaram posteriormente a cidade como capital da Capitania, pelo clima, insalubridade e localização geográfica. Estas acusações contra a cidade de Goiás, a insalubridade e sua má localização para servir de centro administrativo da Província e depois do Estado, foram várias vezes repetidas durante o século XIX, por alguns Presidentes: Miguel de Lino Moraes, 1830; Couto Magalhães, 1863; Rodolfo Gustavo da Paixão, 1891 (Palacín e Moraes, 2008, p. 155-6). O primeiro texto Constitucional do Estado, na República, já mencionava essa situação – no anteprojeto em 1891, ou nas reformas de 1898 e 1918 – rezavam em seu art. 5º “A cidade de Goyas continuará a ser a capital do Estado enquanto outra causa não deliberar o Congresso”( *ibid*, p. 41).

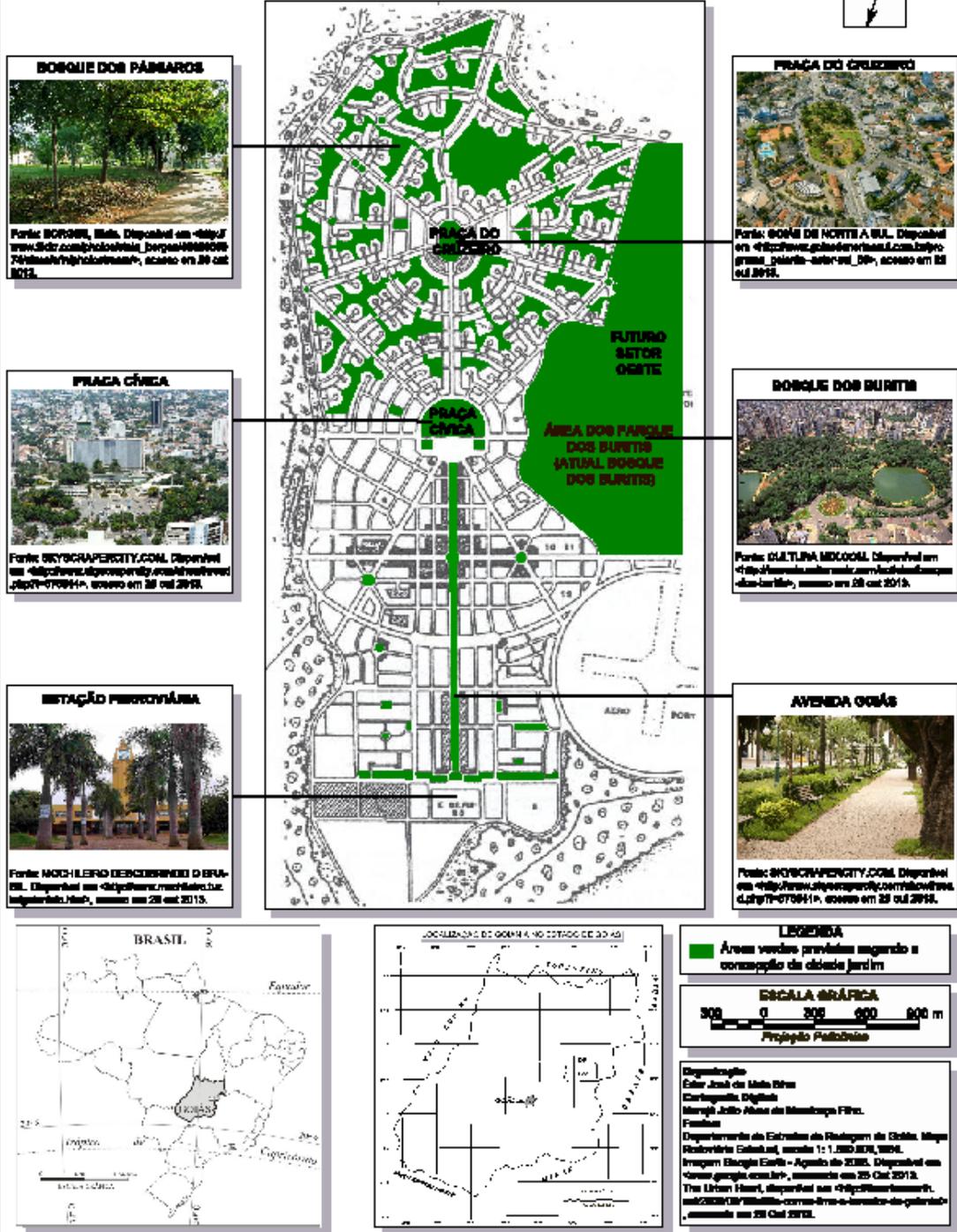
A cidade de Goiânia nasce, então, para ser a capital de um Estado que até aquele tempo não tinha representação econômica, social ou política para o Brasil, visto que apenas os estados do litoral exerciam uma importância política e econômica para o país;

entretanto, a partir da fundação e desenvolvimento da nova capital, em pleno sertão do Centro-Oeste brasileiro, representaria a possibilidade de expansão e domínio do território nacional. Nasce também como sinal de um novo tempo onde o urbano representava o progresso, e o sertão, o atraso, na mente de seus elaboradores, como propaganda a justificar tal empreendimento. Entretanto, é preciso que se repita aqui o fato de que, embora as autoridades regionais desde o século XVIII afirmassem a necessidade de mudança da Capital, foi somente quando operou forças político-econômicas internacionais e nacionais que tal empreendimento se viabiliza.

### MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE GOIÂNIA



**PLANO URBANÍSTICO ORIGINAL DE GOIÂNIA DE 1938 E PAISAGENS DA CIDADE JARDIM EM 2013**



**FIGURA 2 – PLANO URBANÍSTICO DE GOIÂNIA**

Inspirado em Versalhes,<sup>45</sup> na França (Chaveiro, 2001, p. 110, 120 e Mello, 2006, p. 42), Atílio Correia Lima, urbanista contratado pelo Estado, elaborou o projeto inicial, onde a cidade foi estrategicamente planejada e zoneada da seguinte forma: centro administrativo; zona comercial; zona industrial; zona residencial e zona rural. Previu-se em seu sítio, vias públicas largas, praças, espaços livres; traçando um plano para ser uma “Cidade Jardim”, com vários parques previstos em sua gênese.

Cabe nesse momento às observações do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1973), que viajou pelo sertão brasileiro e visitou Goiânia no início de sua construção, em 1937. Ele escreveu ‘Tristes Trópicos’ onde descreve, como etnólogo, sua observação sobre o projeto de construção de uma cidade no cerrado, mais que isso, a construção de uma nova capital em pleno sertão, no planalto central brasileiro. Ele narra que “Curitiba, capital do Paraná, apareceu um dia no mapa quando o Governo decidiu fazer uma cidade” (p. 109-10). Em seguida, afirma que “o mesmo sistema foi mais tarde aplicado para dotar o Estado de Minas Gerais com a sua capital Belo Horizonte” e por fim, afirma que a construção de Goiânia foi “um risco maior” pelo fato que não era apenas a questão de se construir mais uma capital para um Estado da federação, mas a construção de Goiânia na verdade era um objetivo penúltimo, pois o objetivo último era, a partir da sua construção, lançar as bases para se construir em pleno sertão brasileiro a futura Capital Federal (*ibid*, p. 110).

Segundo ele, observa naquele momento a construção de uma nova cidade com o objetivo de transferir a capital do Estado de Goiás, da Cidade de Goiás para essa nova cidade, não dava para perceber naquele momento, diz ele “se deveremos lamentar ou regozijarmo-nos com o absurdo do fato” de se esquecer duma cidade já edificada e partir do nada para fundar o empreendimento gigantesco com que se sonhava (*ibid*, p. 110).

Ele narra sua estada em Goiânia da seguinte forma:

---

<sup>45</sup> Arrais, C. A. (2012), afirma que o que foi planejado não deve ser considerado realizado, e que a vinculação de Goiânia com as cidades Europeias, sobretudo Versalhes, na verdade, os projetistas apropriaram-se de outras influências, inclusive do próprio sertão, e que embora seja por alguns, tido como desequilíbrio, frustração ou farsa, na verdade “revelam o caráter plural e potencialmente criativo, capaz de engendrar soluções novas, próprias do processo de urbanização brasileiro” (p.177).

Visitei Goiânia em 1937. Uma planície sem fim, que lembrava um terreno baldio e um campo de batalha, espetado por postes de eletricidade e por fixas de agrimensura, deixava entrever uma centena de casas novas espalhadas pelos quatro cantos do horizonte. A mais importante era o hotel, paralelepípedo de concreto que, no meio daquela monotonia, evocava um aeródromo ou um fortim; de bom grado poder-se-ia aplicar-lhe a expressão “bastião da civilização”, num sentido não mais figurado, mas próprio, que adquiria no caso valor singularmente irônico (Lévi-Strauss, 1955, p. 119).

Duas questões de conflito que permearam a construção e desenvolvimento da cidade de Goiânia, e que influenciaram seu *ethos* cultural, foram: primeiro a questão do conflito entre sertão e cidade,<sup>46</sup> que se procura expressar por meio de uma proposta arquitetônica moderna para a época, o estilo *art déco*<sup>47</sup> na edificação dos prédios públicos. Entretanto, ao contrário dos ideais que inspiraram os construtores de Goiânia, seus habitantes, logo nos primeiros tempos, optaram pela arquitetura neocolonial, o barroco, lembrando o Brasil rural. O próprio Lévy-Strauss (1973), ao descrever a arquitetura da antiga capital, afirma que os detalhes das construções da Cidade de Goiás “lembravam o estilo barroco das pastorais ibéricas” (*ibid*, p. 110). Assim, enquanto os planejadores da nova cidade optam por uma arquitetura contemporânea, seus moradores optam por uma arquitetura que lembra o passado rural e a antiga cidade. Aqui se percebe não apenas uma questão de conflito entre rural e urbano mas, também, e fortemente, um apego às tradições e uma resistência ao novo. Eguimar Felício Chaveiro (2001), afirma, em sua tese, que “a construção de Goiânia é uma antecipação do que, depois, alcunhou-se de ‘modernização conservadora’. Apesar disso, o vínculo com a economia agrária e com a tradição rural de sua cultura não abandonou a dinâmica da cidade” (*ibid*, p. 295).

O segundo conflito que se verifica na fundação e desenvolvimento da cidade de Goiânia, entre seus elaboradores e a população em si, é que seus idealizadores projetaram a criação de uma cidade secular,<sup>48</sup> onde em seu lugar central, na praça

---

<sup>46</sup> A questão do conflito rural e urbano será mais bem elaborada ainda neste capítulo.

<sup>47</sup> O estilo arquitetônico *art déco* foi uma manifestação cultural do início do século XX. Curiosamente o termo “*art déco*” diminutivo de *art decoratif*, foi cunhado na década de 60. Esse dado demonstra que até a construção da cidade, o estilo não tinha uma delimitação clara, por ser novo (Mello, 2006, p. 69).

<sup>48</sup> A questão da cidade secular e da cidade religiosa, será mais bem elaborada ainda neste capítulo.

principal, não foi previsto nenhuma expressão religiosa, como por exemplo, a igreja ou a catedral. Para eles, a função principal da nova cidade, até mesmo pelo fato de ser a capital, seria política. Atílio Corrêa Lima, urbanista que projetou inicialmente a cidade de Goiânia, disse “Da topografia tiramos partido também para realçar o principal motivo da cidade, que é o seu centro administrativo. A situação que lhe demos é de grande destaque” (*apud*, Mello, 2006, p. 49). Mas os moradores “perceberam” em seu traçado, a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, fato este negado por seus projetistas, mas afirmado pela população (Mello, 2006). Mircea Eliade (1992) entende que o homem pré-moderno, que ele também chama de “sociedades arcaicas”, vê em algum objeto a manifestação do sagrado, e esse homem, que ele também chama de tradicional, diante desse ato misterioso, percebe: “a manifestação de algo *de ordem diferente* – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo *natural, profano*” (p. 17). Para Eliade, o homem pré-moderno concebe o mundo secular subordinado ao sagrado, enquanto que o homem moderno concebe o mundo secular livre da ação de quaisquer divindades. Por fim, ele afirma que “o homem das sociedades tradicionais é, por assim dizer, um *homo religiosus*” (p. 20).

Isso implica, considerando a rejeição que a população faz da ‘cidade secular’ que o *homo urbanus* goianiense é por natureza um *homo urbanus religiosus*, e que o que se procura impor na criação da cidade por seus idealizadores, como uma cidade secular, não é aceito pela população que a constitui, por sua origem do campo e de religião católica, a qual impõe à cidade uma visão religiosa de mundo, conforme afirma Proença (2004) “ao deslocar-se para a cidade, o contingente rural carregou consigo a riqueza simbólica que configura o seu imaginário religioso” (p. 51). Aqui está um fato que ajuda a compor uma das teias de significado da população goianiense e que forma seu *ethos* cultural.<sup>49</sup>

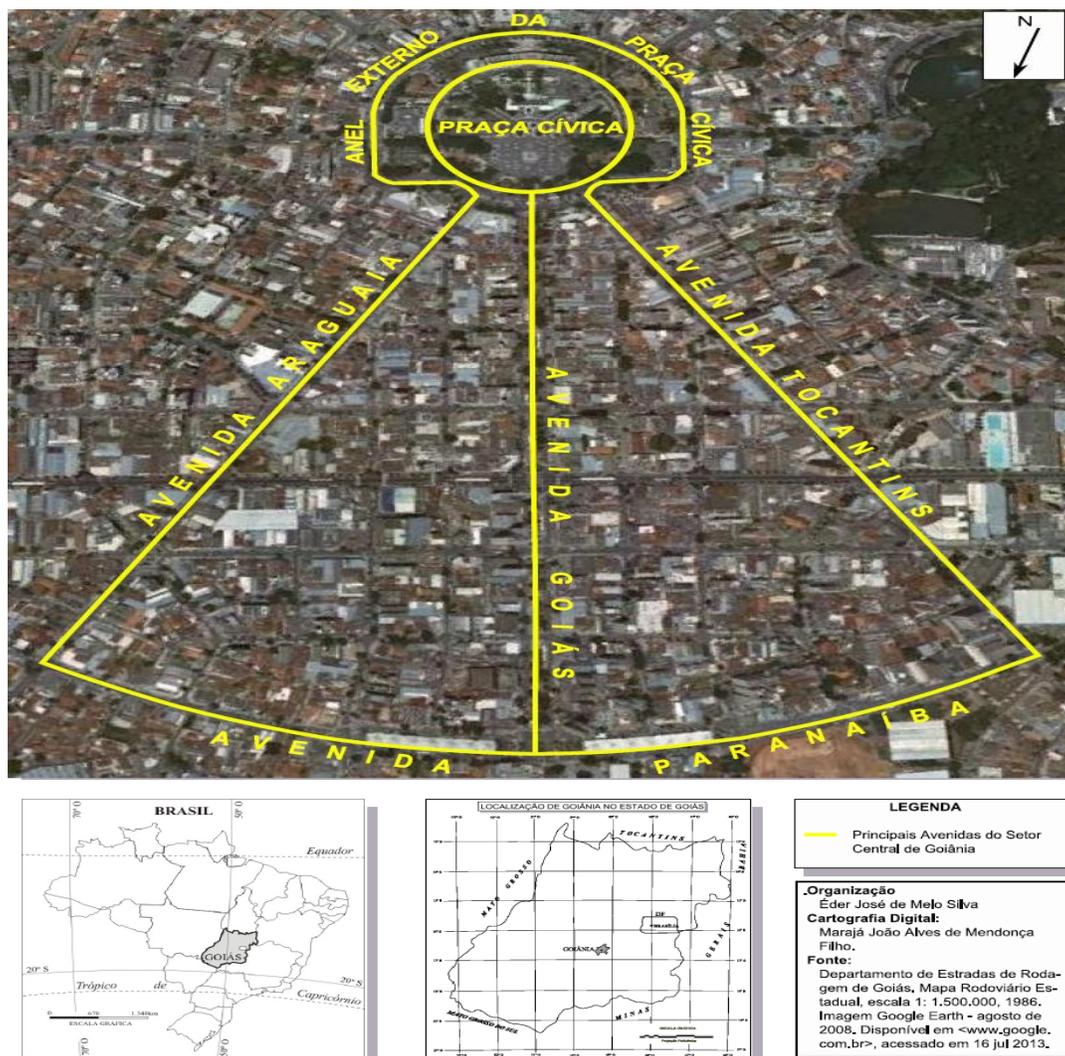
Abaixo, temos o traçado original da cidade, onde a população percebe o ‘mito da santa’. No anel central da cidade, onde está o Centro Cívico, que não possui nenhum

---

<sup>49</sup> Wander de Lara Proença (2004) chama essa expressão religiosa de ‘catolicismo popular rural’ que embora ligado ao catolicismo oficial, por vezes se refaz a margem deste com práticas sincréticas e rurais, fora do controle dos dogmas da igreja (p. 72).

edifício religioso, a população vê a cabeça da santa, nos traçados laterais das Avenidas Tocantins e Araguaia, com fechamento final entre ambas pela Avenida Paranaíba, a população enxerga o corpo da santa ou o manto da santa.

**FIGURA 3**



### **O PLANO URBANÍSTICO DE GOIÂNIA E O MITO DE APARECIDA**

Faz-se notório nesse momento, mencionar que a Comissão criada para planejar a futura capital, tinha entre seus membros, D. Emanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goyas (Medeiros, 2010, p. 53 e Barreira e Deus, 2006, p. 88). Ou seja, a ideia que se dá, é que a questão religiosa é fundamentalmente uma questão do povo, da base de

constituição da cidade, e não da liderança eclesiástica católica, ainda que esta aprovasse a questão da secularização, o que se entende pela presença do Arcebispo na comissão de sua constituição. Esse fato nos remete a uma característica desse *homo urbanus religiosus* goianiense ainda mais peculiar, ou seja, ele possui uma religiosidade popular, que não aceita imposições nem sequer do poder eclesiástico estabelecido, mas de acordo com aquilo que considera inegociável, ele suplanta diretrizes, sejam políticas ou eclesiásticas.

### **3.1.2. Urbanização e metropolização:**

Por “urbanização” entende-se como sendo o processo de movimento migratório populacional de uma determinada região, que deixa o campo, o meio rural, para morar na cidade. Por sua vez, entende-se “metropolização” como sendo o resultado do processo de urbanização de uma determinada região, onde várias cidades, sofrem o processo de urbanização e passam a serem dependentes umas das outras, sobretudo de uma, em particular, que foi a causadora do processo de metropolização.

#### **3.1.2.1. Urbanização:**

A cidade de Goiânia é fruto da tentativa de uma nova proposta urbanística para o Brasil, com cidades planejadas estrategicamente visando um conjunto de medidas técnicas que propiciassem seu desenvolvimento racional e humano. Não foi construída ao acaso, simplesmente com fins exploratórios, como se dava no tempo do Brasil Colônia. A cidade de Goiânia nasce numa época, conforme artigo de Oliva e Orison (2006) sobre a urbanização e suas consequências para a igreja local, de “grande transformação da paisagem urbana do nosso país” (p. 101). Entretanto, o rápido crescimento populacional da cidade, devido ao êxodo rural, juntamente com interesses econômicos de determinados grupos interessados em explorar o momento, o urbanismo deu lugar a urbanização, ou seja, a concentração populacional cada vez mais densa no aglomerado urbano. Wilton Medeiros (2010) afirma em seu estudo com relação a

Goiânia que “na prática a urbanização mudou o urbanismo, este foi se tornando cada vez mais subjetivo e raro” (p. 302).

A cidade planejada para ser uma ‘cidade jardim’ (Rocha, 2009, p. 180) com um cinturão verde entre a capital e demais cidades do entorno, deu lugar a uma conurbação indesejada, ao ponto de que na ocasião das comemorações dos 82 anos da cidade, um dos comentários publicados em um dos maiores jornais da cidade afirma que “o cinturão verde projetado por Atilio Correia Lima, em torno da capital ficou restrito a um “capacete verde” pois a única macro zona rural de Goiânia é na Região Norte” (Abreu, et. al., 2015, O Popular, p. 5).

O Centro-Oeste brasileiro concentra neste período o maior índice de crescimento proporcional da população urbana – 80%, conforme a tabela abaixo:

**TABELA 1 – TAXAS DE URBANIZAÇÃO DAS REGIÕES BRASILEIRAS**

Fonte: IBGE, dados trabalhados pelo autor.

REGIÃO	ANO					
	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Norte	25.8	31.9	39.1	46.1	55.4	60.0
Nordeste	21.2	29.2	37.2	44.2	53.6	62.0
Sudeste	42.9	52.1	65.1	71.8	76.8	79.8
Sul	24	33.3	40.3	56.1	67.0	76.5
Centro-Oeste	21.4	34.6	48.7	66.4	75.6	80.0
TOTAL	31.3	40.2	50.3	59.5	67.1	72.8

Nesse processo de urbanização a cidade de Goiânia alcançou a taxa de 99,6% de população urbana, no censo de IBGE 2010, conforme tabela 2. Segundo relatório do Observatório das Metrópoles,<sup>50</sup> em análise da evolução demográfica do Estado de Goiás, baseado nos dados do último censo, 2010, do IBGE, o Estado de Goiás experimentou um crescimento populacional acima da média nacional (Borges, Cunha e Moysés, 2011), e no censo 2000, Goiânia apresentou uma média de crescimento populacional, em números relativos, o dobro da média nacional (Lima e Moysés, 2009, p. 95). Esse

<sup>50</sup> É um instituto virtual de pesquisa, coordenado pelo IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que trabalha sistematicamente com 14 Regiões Metropolitanas brasileiras e uma aglomeração urbana. Em 2009 lançaram virtualmente a pesquisa com o título: Como andam Belém e Goiânia.

expressivo crescimento se deu, sobretudo, apesar da taxa de fecundidade em declínio e das taxas de natalidade, por meio dos processos de imigração, onde a região Centro-Oeste apresenta o maior saldo migratório do Brasil.

## **TABELA 2 - TAXAS DE URBANIZAÇÃO DE GOIÂNIA**

Fonte: IBGE, dados trabalhados pelo autor.

ANO	% URBANIZAÇÃO	POPULAÇÃO		
		TOTAL	URBANA	RURAL
1950	51,4	109.911	56.530	53.381
1960	70,6	221.099	156.127	64.972
1970	95,3	389.784	371.77.	18.012
1980	98,2	714.484	702.858	11.626
1991	98,9	922.222	912.711	9.511
2000	99,3	1.093.007	1.085.806	7.201
2010	99,6	1.301.892	1.296.969	4.923

Conforme os dados da tabela 2, o processo de urbanização iniciado na década de 50<sup>51</sup>, consolida-se e estabiliza-se na década de 70, pois, daí por diante, entre 1970 e 2010, o percentual de urbanização cresceu apenas 4,3%. Assim, o processo de urbanização numericamente falando, se consolida em 1970. Numericamente pelo fato de que o habitante que vem do meio rural para a cidade opta por uma mudança geográfica, mas seu “coração” continua em sua origem, no campo. A partir de 1970 o crescimento populacional da cidade de Goiânia se dá, especialmente pelo movimento migratório, de pessoas que saem não mais da zona rural, mas de outras cidades, tanto do Estado de Goiás como de outros Estados da federação, especialmente do Nordeste e Norte do Brasil. E isso foi um fator fundamental para o processo de metropolização.

---

<sup>51</sup> Na década de 50, o parcelamento urbano que tinha sido de 6 na década de 30 e 2 na década de 40, saltou para 160, o que causou um crescimento populacional exorbitante, e daí por diante, desencadeou-se o processo urbanização com precariedade das condições de crescimento (Barreira e Deus, 2006, p. 86).

### 3.1.2.2. *Metropolização:*

Goiânia é hoje uma metrópole regional, com tudo que uma metrópole encerra, tanto em suas potencialidades quanto em suas fragilidades. Ela é o município mais populoso da região Centro-Oeste do Brasil. A Região Metropolitana<sup>52</sup> engloba 20 municípios, que totalizam uma população de 2.173.141 habitantes, que de alguma forma mantêm algum tipo de relação funcional com Goiânia.

**TABELA 3 – DADOS DEMOGRÁFICOS DA RMG**

Fonte: Arrais (2013), p.173

Município	Área (Km <sup>2</sup> )	População 2000			População 2010		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Abadia de Goiás	145.55	4.971	3.096	1.875	6.868	5.072	1.796
Aparecida de Goiânia	288.46	336.392	335.547	845	455.735	455.264	471
Aragoiânia	218.75	6.424	4.262	2.162	8.375	5.529	2.846
Bela Vista de Goiás	1.276.61	19.210	12.278	6.932	24.539	17.945	6.594
Bonfinópolis	122.25	5.353	4.908	445	7.536	7.021	515
Brazabrantes	123.5	2.772	1.723	1.049	3.240	2.179	1.061
Caldazinha	311.68	2.859	1.194	1.665	3.322	1.918	1.404
Caturaiá	207.15	4.330	3.117	1.213	4.670	3.655	1.015
Goianápolis	162.38	10.671	9.805	866	10.681	9.677	1.004
Goiânia	739.49	1.093.007	1.085.806	7.201	1.301.892	1.296.969	4.923
Goianira	200.40	18.719	18.064	655	34.061	33.455	606
Guapó	517.00	13.863	9.916	3.947	14.002	11.354	2.648
Hidrolândia	944.23	13.086	7.836	5.250	17.398	10.455	6.943
Inhumas	613.34	43.897	39.976	3.921	48.212	45.079	3.133
Nerópolis	204.21	18.578	17.253	1.325	24.189	23.208	981
Nova Veneza	123.37	6.414	5.354	1.060	8.129	7.026	1.103
Santo Antônio de	132.80	3.106	2.564	542	4.690	4.258	432

<sup>52</sup> A Região Metropolitana de Goiânia – RMG, foi criada pela Lei Complementar Estadual, nº 27, de 30 de dezembro de 1999, com a finalidade de “integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum dos municípios dela integrantes” (cf. art. 2º). Inicialmente eram 11 municípios; a Lei Complementar nº 49 de 2004, acrescentou mais um, Bela Vista (Adão e Chaveiro, 2008, p. 200). As Regiões Metropolitanas foram criadas no Brasil a partir de 1970, com o objetivo de estabelecer “políticas comuns de saneamento, transporte, habitação, etc” (Arrais, 2004, p. 120). A Lei complementar 78, de 25.03.10 incluiu mais 8 municípios na Região Metropolitana de Goiânia, totalizando 20 municípios.

Goiás							
Senador Canedo	244.74	53.105	50.442	2.663	84.399	84.066	333
Teresópolis de Goiás	106.97	5.083	3.616	1.467	6.562	5.677	885
Trindade	713.20	81.457	78.199	3.258	104.506	100.107	4.399
<b>Total</b>	<b>7.397.20</b>	<b>1.743.297</b>	<b>1.694.956</b>	<b>48.341</b>	<b>2.173.006</b>	<b>2.129.914</b>	<b>43.092</b>

A transformação da cidade em Metrópole é resultado de diversos fenômenos, tais como a “modernização da agricultura, êxodo rural, um amplo pacote de investimentos em infraestrutura rodoviária e energética” (Arrais, 2004, p. 106). Além desses, a construção da Capital Federal, Brasília, a partir da década de 60, foi um fenômeno crucial.

Amália Lemos (1996, p. 61) define o que pode caracterizar uma metrópole regional: primeiro sua situação geográfica; segundo, seu contingente populacional; terceiro, a força e as características de suas funções e sua área de influência.

Partindo do pressuposto de Amália Lemos, Goiânia possui uma posição geográfica privilegiada e essa foi uma das justificativas para a sua fundação. O sítio foi escolhido levando-se em conta dois fatores: 1) o sítio urbano regular e dotado de uma boa drenagem, próprio para a edificação de uma cidade planejada; 2) a posição centralizada em relação à zona de desenvolvimento do Estado e da região da estrada de ferro, o que favorecia os centros econômicos mais desenvolvidos do país, principalmente São Paulo. Acrescenta-se a tais fatores, a proximidade com Brasília, capital federal, e uma malha Rodoviária que interliga a cidade a todo o Brasil, tornando-se a região metropolitana de Goiânia, um entreposto nacional, entre Sul/Sudeste e o Norte/Nordeste, bem como para todo o Centro-Oeste brasileiro. Este já era um dos pressupostos para a construção da cidade, como afirma Chaveiro (2004):

Se o transporte era um dos primeiros marcos da política territorial modernizadora em Goiás a partir de São Paulo, ele traria consigo as condições para que outras mais incisivas fossem desenvolvidas: Goiânia seria esta, arrojada e fecundada pelos meios de transporte, encruzilhada de um sistema de fluxos que intentava recolonizar o país sob o vigor da potência paulista (p. 126-7).

O contingente populacional da Região Metropolitana de Goiânia, segundo o censo do IBGE de 2010, é da ordem de 2.173.006 habitantes. Assim, a Região Metropolitana de Goiânia é a décima primeira mais populosa do Brasil. A sétima em qualidade de vida e possui um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) maior que a média nacional<sup>53</sup>, que é de 0,769. Entretanto, no relatório da ONU - Habitat 2010/2011, Goiânia foi considerada a cidade mais desigual da América Latina, em função do acúmulo de riqueza e concentração de renda cada vez maior, seguindo uma tendência contrária do que ocorre no país nos últimos anos.

A força e as características de suas funções e sua área de influência da RMG são plenamente percebidas em diversas áreas, especialmente na medicina, educação e comércio. A Região Metropolitana possui o maior centro de confecção do vestuário da região Centro-Oeste. Todos os finais de semana, aproveitando a tradicional Feira *Hippie*, a cidade recebe milhares de pessoas vindas não somente do interior do Estado mas do Brasil, especialmente do Pará, Maranhão, Mato Grosso, Tocantins e Distrito Federal, em busca de mercadorias para comercialização em suas regiões. Sobre tal característica, Eguimar Felício Chaveiro afirma que “cuidaram de transformar Goiânia numa cidade de economia terciária, aos ditames da economia do mundo, todavia sem perder – nos seus símbolos e em sua paisagem – manifestações de sua tradição” (2001, p. 296).

Goiânia, na área da Medicina, é hoje chamada de capital brasileira nas seguintes áreas: oftalmologia, oncologia, ortopedia, dermatologia, cardiologia, ginecologia e nefrologia. Tal fato atrai pacientes de várias partes do país e do exterior. Segundo Arrais “a disposição de um sistema de saúde pública e privada de referência no Centro-Norte do Brasil” (2004, p. 97) promove esse deslocamento de pessoas de diversas cidades do Estado e do Brasil para Goiânia. Por ocasião da comemoração dos 82 anos da cidade, o jornal O Popular publicou uma série de entrevistas a respeito do futuro da cidade, e o Presidente do comitê de Saúde do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Goiânia, Dr. Haikal Helou, disse “Goiânia já está chamando a atenção do resto do Brasil. Grandes grupos médicos do País estão nos procurando para ramificar suas

---

<sup>53</sup> Wikipédia, Enc. A região metropolitana de Goiânia. (2012, 25 de maio). Recuperado no dia 26 de Novembro de 2015, de [www.wikipédia.org/wiki/RegiãoMetropolitanadeGoiânia](http://www.wikipédia.org/wiki/RegiãoMetropolitanadeGoiânia)

unidades”. (Abreu, et. al.,2015, p. 4). A cidade é também um polo de ensino, recebendo pessoas de diversas regiões do Brasil, não somente para nossas universidades, mas também para os “cursinhos” que atraem milhares de estudantes, o que afeta toda a Região Metropolitana no seu estilo de vida longe da família, como os inúmeros barzinhos, *happy hour*, festas dos mais variados estilos, consumo de drogas e prostituição.

A cidade, além destas áreas, é um centro cultural com vários shows musicais, teatros, inúmeras casas de espetáculos, bem como salas de cinema; variados tipos de feiras e encontros de negócios, que em função disto, oferece uma rede hoteleira bem como muitos *shoppings centers*, centros de compras e o Centro de Convenções. Aqui se nota a realização do conceito de metropolização definido por Arrais:

A palavra “metropolização”, resultado da junção dos substantivos femininos “metrópole” e “ação”, fornece pistas de que se trata de um processo de extensão, uma ação, uma atração, um exercício da força sobre determinado território. Observada dessa forma, a metrópole é transformada em sujeito que exerce uma força centrípeta, influenciando, quando não determinando, as relações econômicas e sociais sobre o território nacional (2013, p. 145-6).

O processo de urbanização da cidade de Goiânia se estabiliza a partir de 1970 e daí por diante inicia o processo de consolidação como Região Metropolitana, que hoje conta com 20 municípios. Essa urbanização e metropolização encerram características peculiares, como afirma Eguimar Felício Chaveiro:

Aparelhada pelo signo da tradição do Estado de Goiás e estimulada pelo signo do urbanismo moderno do mundo desenvolvido, se Goiânia, no início resultava e se desenvolvia pelo conflito da realidade com o plano – o agrário e o urbano -, hoje, o Estado de Goiás vive um processo acelerado de urbanização, de que a cidade é representante e depositária. Mais que isso: sua história espacializada nas paisagens, nas funções e nos processos, levaram-na a um processo de metropolização, de tipo regional; Goiânia, metropoliza-se conservando, todavia, traços e signos da tradição agrária do Estado de Goiás. Isso lhe dá a sua especificidade (2001, p. 66).

### 3.2. Demandas antropológicas da urbanização de Goiânia:

A antropologia, em suas diversas ramificações, especialmente cultural e teológica,<sup>54</sup> tem um importante papel no diálogo com o tema em questão, pois ela ajuda a compreender quem é o *homo urbanus* goianiense, para que se ofereça uma educação teológica que vise à formação de liderança, que tenha um viés pastoral e missionário. Paul Hiebert, afirma que a “antropologia pode nos ajudar a tornar o evangelho relevante aos nossos ouvintes. [...] Pode nos auxiliar em nossos relacionamentos com pessoas de todo o mundo, em toda a sua diversidade cultural e nos ajudar a construir pontes de compreensão entre elas” (1999, p. 16). Assim, “construir pontes de compreensão” entre o saber antropológico cultural e o teológico, no sentido de que a educação teológica ofereça aos líderes em formação, uma capacitação teológica que possa ser relevante e pertinente ao contexto. Este conceito de “construir pontes de compreensão” de Hiebert, é um dos que colaboram para a compreensão da importância do estudo da antropologia teológica e cultural para a educação cristã.

Sathler-Rosa, ao justificar sua proposta de uma teoria antropológico-pastoral no sentido de alcançar uma teologia pastoral que seja relevante ao contexto urbano, que responda “as inseguranças e aspirações humanas em nosso tempo de incertezas” (2004, p. 69), diz que:

O cuidado pastoral visa servir a pessoa humana, o *anthropos*. Para a realização desta missão, com maior qualidade e dedicação possíveis, é necessário conhecimento acerca da natureza humana. Cabe à teologia pastoral refletir sobre os conhecimentos adquiridos das ciências e cotejá-los com a antropologia teológica (*ibid*, p. 83).

Nesta parte, por meio da perspectiva antropológica pretende-se analisar e avaliar as possibilidades e os desafios que a urbanização e a metropolização de Goiânia oferecem a educação teológica na formação de uma liderança que responda ao contexto

---

<sup>54</sup> Na elaboração do marco teórico bíblico na experiência paulina, já se elaborou as questões da antropologia bíblica, mais acuradamente e cultural, mais no nível de introdução.

urbano da cidade, num viés pastoral e missional. A antropologia é, portanto, uma das ciências sociais de fundamental importância para a construção de pontes, para uma pastoral-missional saudável e pertinente.

### **3.2.1. A antropologia e a urbanização:**

Para elaborar a relação entre antropologia, urbanização e metropolização, primeiro é necessário um estudo preliminar sobre a questão da antropologia cultural, no sentido de ver como se percebe o que é cultura neste trabalho. Paul Hiebert, do qual já extraímos o conceito de “construir pontes de compreensão,” define cultura como sendo: “os sistemas mais ou menos integrados de ideias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que se organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”. (1999, p. 30).

Clifford Geertz defende um conceito de cultura semiótico, acreditando que o ser humano é um animal amarrado a teias de significados (signos) que ele mesmo teceu. Então, Geertz afirma que a cultura *são essas teias e a sua análise*; assim, a antropologia cultural seria, segundo ele, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (2008, p. 4). Afirma, também, que “a cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento.” (*ibid*, p. 8). Neste sentido, é necessário buscar em cada cultura, seus (signos) símbolos, que lhe dão significados, e analisar cada um, de modo que se elabore uma hermenêutica daquela cultura.

O que o ser humano pensa, sente e faz, não é produto de sua individualidade inata somente, mas, sobretudo da força que as “teias de significados” culturais lhe impõem. Como afirma Geertz “não existe o que chamamos de natureza humana independente da cultura” (2008, p. 35), pois, “nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos por meio da cultura” (*ibid*, p. 36). Nesse sentido, o *homo urbanus* é condicionado pela cidade e suas “teias de significado” as quais vão dando forma a seu pensar, sentir e agir, gerando não somente novas possibilidades, mas também novos conflitos. Neste caso, a cultura urbana vai

formatando o *homo urbanus*, pois ser humano é ser indivíduo, e a pessoa se torna um indivíduo por meio da interação com os padrões culturais onde vive. A cultura urbana vai transformando o ser humano urbano, à medida que se interagem e a cultura também vai sendo reformulada nesse contato com novos atores e situações que se relacionam. É fundamental, então, conhecer a cultura urbana, suas “teias de significados”, a partir de onde se pretende trabalhar, em busca de uma interpretação da cultura urbana, no sentido de “construir pontes” e alcançar uma formação teológica que ofereça instrumentos capazes de equipar pessoas para refletir e agir missional e pastoralmente na, com e a partir da cidade. É conhecendo as “teias de significados” da cultura (Geertz), que se poderá “construir pontes” para uma pastoral-missional urbana eficiente e eficaz (Hiebert). São estas as teorias antropológicas que oferecem a esta pesquisa o suporte necessário de análise do *homo urbanus* goianiense para uma ação missional e pastoral que lhe seja significativa.

A antropologia teológica (em relação à Bíblia) entra nesse diálogo, com a antropologia cultural em relação a (cultura contemporânea), no sentido de oferecer suporte para a educação teológica para formar pessoas para a liderança missional e pastoral cristão, capacitadas para oferecer ao *homo urbanus* uma pastoral missional que o alcance em seu contexto. Essa pastoral missional precisa considerar não apenas a questão da cultura, mas também a questão teológica; e ambas, num diálogo contínuo, cooperarem para uma formação de líderes que seja sempre contextualizada.

Urbano Zilles define a antropologia teológica como sendo: “a exposição sistemática daquilo que sabemos sobre o ser humano, graças à revelação divina” (2011, p. 12). E, segundo ele, ela tem a pretensão de “responder a pergunta: ‘o que é o ser humano’? à luz da fé e da revelação” (*ibid*, p. 12). E conclui seu pensamento a respeito do relacionamento da antropologia teológica com as demais ciências, afirmando que a antropologia teológica “não elimina as respostas das demais ciências do homem, mas as integra, conferindo-lhes consistência global” (*ibid*, p. 12). As ciências do homem, para ele, são os demais campos da antropologia.

Emil Brunner fala sobre a importância da antropologia no diálogo teológico, e afirma que “toda discussão pastoral ou missionária requer autoconhecimento e faz uso

do conhecimento psicológico natural da natureza do Homem” (2006, p, 74). Assim, a antropologia teológica, em relação aos postulados da antropologia cultural, a qual em si já considera o fator religioso como constitutivo da cultura, considera em que sentido a revelação de Deus encontrada nas Escrituras coopera para uma pastoral missional do *homo urbanus*.

### **3.2.2. O homem/a mulher urbanus goianiense:**

Quais seriam, então, “as teias de significados” que se poderia trabalhar a questão da antropologia cultural do *homo urbanus* goianiense, que ajudariam a “construir pontes de compreensão” para uma pastoral missional? Onde estariam as elaborações culturais que procuram formatar o cidadão goianiense? Elaborar-se a seguir, as distinções que caracterizam o *homo urbanus* goianiense e as teias de significado que formatam seu *ethos*, a partir de duas caracterizações, uma específica, ou seja, que se consegue observar na particularidade da formação histórica da cidade em si, não significando que não se encontre em outra cidade; e outra geral, ou seja, que se consegue encontrar nas diversas regiões metropolitanas brasileira de modo generalizado<sup>55</sup>.

#### **3.2.2.1. Características peculiares do homo urbanus goianiense:**

Nesta tentativa de se verificar “as teias de significados” que se propõem a configurar o *homo urbanus* goianiense para a “construir pontes de compreensão”, há dois fatores particulares constitutivos da cidade de Goiânia, que fazem deste um ser especial, como já foi tratado em pretérito neste capítulo: o conflito urbano/rural e o apego religioso.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> No primeiro caso, trabalho especificamente com as teses de doutorado de Márcia Metran de Mello (2004), transformada em livro (2006); Wilton Medeiros (2010), e Eguimar Felício Chaveiro (2001). No segundo caso, além dos postulados dos autores e autora mencionada, trabalho também com as conclusões de Ronaldo Sathler-Rosa (2004) e Ronaldo Lidório (2008).

<sup>56</sup> Os quais ficam destacados nas teses de Marcia Mertran de Melo (2004) e Eguimar Felício Chaveiro (2001).

Márcia Mertran de Mello (2006) ressalta a dualidade da estruturação da cidade, do ponto de vista de seus fundadores e do ponto de vista de seus habitantes, com respeito às questões de fé, quando aqueles que elaboraram o projeto da cidade tiveram em mente uma cidade secular, onde em seu centro de poder estava o palácio do governo e demais prédios necessários à administração da esfera pública. O terreno destinado à construção da Catedral Metropolitana de Goiânia ficou fora do sítio da Praça Cívica, o que divergia, naquela época, das cidades goianas bem como das brasileiras onde na praça principal sempre se encontrava a Igreja Matriz. A ideia era edificar uma cidade secular, onde se preservasse a função primeira da cidade como sendo sua administração temporal, pois, afinal se tratava da construção da Capital do Estado em tempos modernos.

Goiânia foi concebida analogamente à cidade barroca, sendo o “palácio do príncipe” o seu foco principal. Entretanto, o imaginário da população preferiu que ela se assemelhasse a cidade medieval, fazendo valer a visão religiosa do mundo. No núcleo central da cidade está o palácio do governo, não existe catedral, mas é lá que a mente divina, simbolizada pela cabeça da santa, está vigilante – visivelmente invisível – a abençoar a cidade (p. 65).

Assim, de acordo com seus fundadores, num mundo civilizado, os problemas da humanidade seriam “cientificamente” redimidos (Medeiros, 2010, p. 42). Em seu projeto original não havia templo ou catedral em seu lugar mais importante, e sim, o Palácio do Governo. Entretanto, o “imaginário religioso” da população consegue visualizar no traçado da parte central da cidade, Nossa Senhora Aparecida, onde na Praça Cívica se vê a cabeça da santa, e seu corpo é delineado pelas Avenidas Araguaia, Tocantins e Paranaíba (Mello, 2006, p. 57). Isso possibilitou ao *homo urbanus* goianiense a manutenção de uma visão religiosa de mundo, moldando suas ações e reações. Michel Meslin (2014), em seus fundamentos de antropologia religiosa, afirma a ambivalência da religiosidade popular,

A religiosidade popular desempenha uma função ambivalente de adaptação e de protesto, que afinal é apenas o reflexo das relações estreitas que a unem à cultura na qual ela está imersa. Neste sentido, e na multiplicidade das formas com que ela se reveste, ela é o testemunho direto e vivo da consciência de um grupo, sua autobiografia espiritual, a história de suas relações variáveis e numerosas com os poderes divinos (p. 332).

Neste sentido, confirma-se o que diz Marcelo Mello “a universalidade exaltada pelos discursos oficiais acabou dialogando com a particularidade derivada de ações ‘coadjuvantes’” (2014, p. 465). Então, uma cidade não é determinada apenas por aqueles que têm o poder oficial de decidir seus rumos, mas também, como no caso de Goiânia, pelos atores coadjuvantes (migrantes, sobretudo operários), que muitos pensam estar ali somente para cumprir um projeto idealizado, mas que por sua intervenção vão moldando sua imagem e semelhança ao projeto original e transformando-o também à sua imagem e semelhança. Pode-se medir a força desta composição religiosa quando nas comemorações dos 75 anos da cidade, foi publicado um livro em celebração à data, com apoio do Governo do Estado e da Prefeitura, onde no capítulo inicial se faz uma alusão ao texto bíblico da narrativa do Evangelho de Mateus no diálogo entre Jesus e Pedro, substituindo o Pedro Apóstolo pelo Pedro Ludovico, fundador da cidade, com a seguinte expressão:

Pode-se dizer, por comparação com a magna tarefa confiada ao apóstolo Pedro, por Cristo, que a história escolheu Pedro Ludovico como a pessoa predestinada a conduzir essa obra que parecia utópica. Como se ele tivesse recebido a mensagem: Tu és Pedro, e sobre essa pedra construirás Goiânia (Rocha, 2009, p. 13).

A segunda característica peculiar da formatação do *ethos* cultural do goianiense é a intrínseca relação existente entre o urbano e o rural na mente da maioria de seus habitantes. São diversas as características que se podem enumerar, de onde se conclui pelo óbvio: a vida rural está ainda presente na vida de homem e da mulher que vive na metrópole goianiense, marcada pela arquitetura, música, literatura e suas festas.

Mello (2006) pesquisa a questão arquitetônica da cidade, seu desenvolvimento e conclui que são três os estilos arquitetônicos que predominam no conglomerado urbano de Goiânia. Primeiro o *art déco*<sup>57</sup> que representa o estilo modernista escolhido pelos idealizadores da cidade, os quais pensavam numa cidade moderna, voltada para o futuro. Este estilo teve influência somente nos primeiros anos de construção da cidade, predominantemente nos prédios públicos, entretanto não perdurou, pois o estilo que vai dominar a cidade até meados da década de 90 é o neocolonial, o segundo, com forte queda para o barroco. Isso demonstra que a população goianiense, em face da proposta modernizadora de seus fundadores, opta por um apego a tradição, ao passado rural, para onde remetia este estilo neocolonial, inspirado principalmente nos casarões das fazendas do período colonial, pois “no cerne do neocolonial está à tentativa de se agregar à sociedade um valor social personificado nos edifícios que rememoram um passado hipotético” (p. 100). Mello (2006) chega a mostrar que o estilo neocolonial teve uma duração maior em Goiânia do que na maioria das demais cidades onde ele teve primazia naquela época, e este é um sinal da adoção pela população goianiense, desse apego ao tradicional e ao passado rural, bem como da resistência ao novo.

A primeira fase do neocolonial em Goiânia durou aproximadamente trinta anos, dando prova de grande aceitação. Ressurgiu na década de 70, e continua até hoje, a ser uma tendência viva na cidade. Observa-se que essa sobrevivência não é normal, se forem levadas em conta outras manifestações arquitetônicas. A continuidade do neocolonial não é apenas um fenômeno goianiense, é claro. Mas, para a população de Goiânia o estilo tornou-se especial, pois evoca uma ideia de “tradição” que em Goiás está ligada à vida rural (p. 110-120).

Quanto ao terceiro estilo, o modernismo, Márcia Mertran de Mello afirma que “a arquitetura modernista mudou a paisagem urbana de Goiânia e passou a ser o principal

---

<sup>57</sup> O *art déco* retorna depois em dois momentos: por ocasião da comemoração dos 70 anos da cidade, em 2003, como uma política de preservação da memória da cidade, e nos anos 90 como *marketing* das construtoras. Em nenhum desses momentos ele volta como uma opção da população. Assim, o *art déco*, é e sempre foi, uma tentativa de se colocar uma proposta que a população não aceitou (Mello, 2006, p. 67-93).

referencial estético para as novas construções” (2006, p. 147) a partir do ano 2000. Concordam com ela, Unes e Safadi (2009), os quais afirmam que a arquitetura goianiense na atualidade apresenta duas correntes, uma pós-moderna (modernista) e outra vernacular (barroco, neocolonial), e dessas “duas tendências convivendo lado a lado paradoxalmente em contraste e equilíbrio, emana a identidade arquitetônica de Goiânia” (p. 184). Essa identidade arquitetônica entre “duas correntes” pode muito bem definir na atualidade o *homo urbanus* goianiense. O jornal O Popular, nas comemorações dos 82 anos de Goiânia, publicou diversas matérias alusivas às perspectivas futuras e numa delas afirma: “apesar da juventude da cidade, Goiânia consegue sintetizar dois polos antagônicos – a tradição e a modernidade, rock e sertanejo – antagônicos que se completam constituem um todo em que a diversidade une” e prossegue: “o futuro se projeta justamente nessa ideia de união dos antagonismos de uma capital moderna encravada no sertão. O estilo *art déco* e os carros de bois correm na memória e contribuem para a formação da identidade dos goianiense”. Concluindo com a constatação de Nasr Chaul, historiador goiano, “mas o futuro é a solidificação deste dualismo que produz algo único e que diz muito de nós”. (Abreu, et. al., 2015, O Popular, p. 5).

Na literatura, Mello (2006) pesquisou 520 crônicas publicadas nos dois principais jornais da cidade, “O Popular” e “Diário da Manhã”, no ano de 2003, quando a cidade completou 70 anos, procurando na “cidade de palavras” nas entrelinhas das crônicas, perceber a cidade imaginária que se apresentava para seus literários. Nessa pesquisa, a conclusão que a autora apresenta é a seguinte:

Acredita-se que a capital que foi construída para quebrar o conflito “cidade-sertão”, não conseguiu, de todo, cumprir esse intuito. No imaginário sugerido pelas crônicas, a cidade ainda respira o choque entre a cidade e o campo: o *homo urbanus* vive na cidade em detrimento de sua verdadeira natureza, que é a de suas raízes fincadas no meio rural. (p. 205).

O imigrante que veio para construir a cidade foi na sua grande maioria, ou quase totalidade, o ser humano do campo, da cidade do interior, que respirava a vida rural. Ele

deixa na cidade, então, não só a saudade do campo, mas as marcas formadoras de seu *ethos* original, o *ethos* rural.

A literatura que se produz em Goiânia, em sua grande maioria, deixa claro essa saudade do campo, da vida rural, e de certa forma, em grande parte, uma crítica ao modo de vida urbano, como se o último fosse inferior ao primeiro.

Na música, a cidade de Goiânia é conhecida nacionalmente como uma das que mais produzem o estilo sertanejo, chegando a se pensar e dizer, fora da cidade, que nela só se ouve sertanejo. Unes e Safadi (2009) afirmam que segundo a pesquisa, Goiânia é a capital nacional da música sertaneja, e diz mais ainda “a música sertaneja está para o Brasil assim como o rock está para o mundo” (p. 40). Goiás se tornou um centro produtor de duplas sertanejas e de violeiros, e o estilo musical sertanejo foi “apropriado pela indústria cultural, mas há ainda grupos ligados as raízes” (*ibid*, p. 55).

Nas festas que se espalham pelo país, as festas que mais identificam a população da cidade de Goiânia, são a pecuária e a festa junina. Naquela, ocorrem os rodeios e os shows, especialmente de música sertaneja, evidenciando o gosto pelo rural de uma população urbana que sente saudade de suas origens. Nesta, temos tanto a questão rural como também a questão religiosa, sendo esta segunda festa, a junina, a que sintetiza essas duas “teias de significado” que se realiza a população de Goiânia. As demais festas do calendário nacional, como o carnaval, não atraem a população goianiense, ocorrendo em tais épocas um esvaziamento da cidade, onde boa parte da população busca nas cidades do interior, ou descansar do frenesi urbano ou participar de tais festas, onde, nessas cidades, recebem um incentivo das autoridades locais e dos grupos empresariais ali instalados, com o objetivo de atrair turistas.

Eguimar Felício Chaveiro (2001) atesta que nessas áreas se afirmam a especificidade de Goiânia:

na música, nas principais festas, nos principais eventos, na forma de falar do goianiense, na sua percepção e nos seus gostos, na culinária, na literatura há uma demonstração dessa travessia, em que a ruralidade perde fôlego à urbanidade, mas não se rende por inteiro a ela (p. 296).

E mais ainda:

Mediante o plano de construção de Goiânia, a realidade agrária do Estado de Goiás e todas as suas vicissitudes entrariam em confronto com o urbanismo projetado nele, de modo que o choque entre o real e o plano se transformasse, além de signo, em esculpido do modo de ser da cidade, enquanto obra, objeto, engenharia, espaço e enquanto “ânima”, modo de vida, imagens, símbolos, comportamentos e *ethos* (*ibid*, p. 28).

### **3.2.2.2. Características gerais do *homo urbanus goianiense***

Há ainda outras questões de uma cidade metrópole, que também afeta o *homo urbanus* goianiense. Medeiros (2010) destaca uma delas em sua tese: a questão gerada pelo conflito entre urbanismo/urbanização, onde este sobrepôs àquele, o que gerou, entre tantos conflitos, a questão do tráfego e da mobilidade urbana, não só do transporte coletivo, mas também de veículos, de modo geral. Segundo Medeiros (2010), se Eward Janssem,<sup>58</sup> o urbanista, tivesse sido ouvido quando propôs um sistema de tráfego funcional, o que facilitaria a vida dos cidadãos, principalmente daqueles que necessitam do transporte coletivo, o homem e a mulher goianiense não sofreria tanto com a questão do tráfego urbano. Goiânia hoje apresenta a seus habitantes, um grave problema de tráfego urbano, tanto para veículos como para o transporte coletivo, gerando em seus milhares de habitantes um desgaste físico e emocional enorme, quando se trata de deslocamento urbano (p. 141-154 e 301).

Outro fato mencionado por Medeiros é a questão da conurbação indesejada, do ponto de vista urbanístico, mas desejada e implantada por interesses econômicos e imobiliários, com alguns municípios, especialmente em Aparecida de Goiânia, inicialmente e posteriormente, Goianira, Trindade e Senador Canedo. O que trouxe para a cidade, além da precariedade das condições de vida para os moradores desses bairros,

---

<sup>58</sup> Foi um engenheiro visionário, contratado por Pedro Ludovico em 1951, o qual previu o crescimento da cidade como Metrópole, e fez sugestões futurísticas, procurando prever uma cidade que se relacionasse harmoniosamente com o meio ambiente e que oferecesse uma proposta coerente para o tráfego urbano, só que não foi ouvido (Medeiros, 2010, p. 141-54).

devido à dificuldade do poder público de disponibilizar os serviços a uma população esparsamente dividida, a segregação da parte mais pobre da população em alguns bolsões de miséria e violência urbana (2010, p. 262). Neste ponto, pode-se mencionar um dos pontos que Sathler-Rosa (2004, p. 18-24) diz ser as matizes formadoras do presente *ethos* cultural “a nova era das desigualdades” – (*ibid*, p. 23) e Sathler-Rosa cita Paulo Moura que afirma “um dos paradoxos atuais é o fato de que o mundo se tornou mais rico e, não obstante, a pobreza aumentou” (*apud* Sathler-Rosa, p. 22,3). E segundo pesquisa da ONU – Organização das Nações Unidas, publicada no Jornal O Popular em agosto de 2012, Goiânia é a cidade mais desigual da América Latina em concentração de renda.<sup>59</sup>

O *homo urbanus* goianiense é, hoje, um ser com medo. A violência cresce diariamente e o número de assassinatos e crimes de toda a espécie, gera em sua população um sentido de insegurança permanente que isola, amedronta e faz com que a população seja cada vez mais desconfiada do seu semelhante e de tudo que o cerca. Aqui temos mais um ponto que Sathler-Rosa (2004) diz ser as matizes formadoras do presente *ethos* cultural “insegurança” – a sensação de insegurança cresce no mundo, em virtude da violência e do desfacelamento dos relacionamentos familiares. As crônicas produzidas nos dois principais jornais da cidade revelam que Goiânia é vista com características preponderantemente negativas. Muitos lamentos pelo crescimento deletério da cidade. Violência, insegurança, poluição sonora, trânsito maluco e destruição da natureza (Mello, 2006, p. 180-181).

Como Goiânia é uma cidade Metrópole, e com isso ela traz em si todos os grandes problemas que se sofre qualquer pessoa em quaisquer grandes cidades, o *homo urbanus* goianiense, sofre tudo o que Sathler-Rosa (2004, p. 18-24) diz ser as matizes formadoras do presente *ethos* cultural:

- Imperman ncias – as rela es afetivas são ef meras, sem vínculos duradouros, como afirma Zygmunt Bauman, discorrendo sobre rela o professor/aluno nos

---

<sup>59</sup> Site: <http://ascom.ufg.br/n/38771-goiania-a-cidade-mais-desigual>

tempos líquidos modernos, com relação às novas gerações e o mundo virtual: “vem daí a aversão a qualquer coisa a ‘longo prazo’ seja o planejamento da própria vida, sejam os compromissos assumidos com outros seres vivos” (2010, p. 68); nada sólido, tudo passageiro. “a ausência de longo prazo é elevada a categoria de princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo” (Sathler-Rosa, 2004, p. 18); A questão da imigração acelerada fortalece esse processo de impermanências, visto que os deslocamentos exigem a constante mutação das relações familiares e sociais, abandono de certas normas culturais de onde se vem, e adoção de outras, para onde se chega. O indivíduo imigrante está pronto ou pensa estar, tanto a deixar, quanto a possuir novos horizontes culturais. Nesse caso, a formação da Metrópole Goianiense se dá principalmente pelo processo de imigração.

- Cultura das sensações – é a busca cada vez mais intensa de encontrar no corpo a medida de identidade, tendo como resultado, o predomínio do econômico e material em detrimento dos valores éticos, morais e espirituais. A busca insana por uma felicidade plena que não se pode alcançar em sua totalidade, pois somos seres limitados e frágeis, e sempre haverá alguma falta. O processo migratório é extremamente favorável a essa cultura das sensações, visto que ocorre um deslocamento do indivíduo de seu *ethos* original, em busca de outro onde possa se satisfazer, pois o imigrante é, antes de tudo, alguém que veio em busca de novas experiências e de realização pessoal; busca esta que o leva a tomar uma decisão de ruptura radical. E essa cultura das sensações, procura levar o ser humano a perder a capacidade de aceitar o sofrimento como algo inerente a vida. É justamente a tentativa de se livrar do sofrimento, na expectativa de um viver melhor, que se imigra, se rompe com seu lugar em busca de um novo, supostamente melhor.
- Desemprego – a sensação deprimente de que ninguém tem mais um emprego seguro; a possibilidade do fim do emprego como o conhecemos; insegurança

financeira em face de uma demissão inesperada, tudo isso propicia a difusão do medo, da angústia, da ansiedade, etc.

- Competição – pouco a pouco, desaprendemos a gostar de ‘gente’. O semelhante não é mais o próximo-solidário; é o inimigo que traz intranquilidade, dor ou sofrimento. Conhecer alguém; aproximar-se de alguém; relacionar-se intimamente com alguém passou a ser uma tarefa cansativa. Concorrente, é como se vê o próximo, numa competitividade maluca.

Além das características apresentadas por Sathler-Rosa (2004), acima mencionadas, Ronaldo Lidório, fala sobre a “identidade social do homem brasileiro e suas implicações para a evangelização e pastoreio” e diz que o ser humano social brasileiro se define “ao redor de 10 elementos construtores de sua identidade” (2008, p. 58). E, para que se possa comunicar com esse ser humano brasileiro, ele aponta duas características, que de forma geral, identifica a sociedade brasileira:

- Uma sociedade contadora de história – segundo Lidório, somos uma sociedade “gravemente simbólica e contadora de histórias” sobretudo “devido ao longo processo de miscigenação entre segmentos culturais que valorizam e utilizam o simbolismo para transmitir valores e construir a identidade grupal” (*ibid*, p. 68).
- Uma sociedade relacional – afirma Lidório que o ser humano brasileiro, via de regra, “é um homem com acentuada definição relacional” (*ibid*, p. 69). Ele explica essa questão fazendo a distinção entre as sociedades axiomáticas e as relacionais. Na primeira, os conflitos são resolvidos buscando a verdade objetiva, ou seja, onde está a verdade, a razão. Na segunda, a intenção primeira não é chegar à verdade, mas manter os relacionamentos.

### 3.2.3. Desafios à formação de liderança evangélica para o contexto goianiense:

Michel Agier pergunta a si mesmo “será possível fazer antropologia de toda uma cidade?” (2011, p. 54). O que se encontra até aqui não é a semelhança de uma cartografia ou engenharia, uma definição exata do *homo urbanus* goianiense, mas como diz Agier, é mais “um esforço de teorização no qual se evidenciam certos tipos de relações” (*ibid*, p. 54), entre as pessoas e a cidade, no sentido de encontrar o *ethos* formador do *homo urbanus* goianiense, que lhe são evidentes e o mínimo necessário para estabelecer um relacionamento pertinente. Esse *ethos* formador do *homo urbanus* goianiense, dá forma às “teias de significado” que se necessita, afim de “construir pontes” entre o referido *ethos* e uma educação teológica que ofereça uma formação de liderança que esteja capacitada para agir e refletir missional e pastoralmente na, com e a partir da cidade.

Até aqui se chega ao seguinte postulado: para que se “construa pontes de compreensão” que viabilize uma formação teológica que vise formar líderes para o contexto urbano da RMG, com um viés pastoral e missional, algumas características que formam as “teias de significados” antropológicas do *homo urbanus* goianiense precisam ser consideradas pela educação teológica, a saber:

- A duplicidade de opções do *ethos* que são antagônicos mas que se completam na população goianiense, ou seja, de um lado a tradição agrária que molda o *homo urbanus* goianiense dado à tradição e ao apego ao passado; e sua contraparte todo o aparato urbano moderno que envolve a metrópole. Os desafios que esse *ethos* cultural apresenta à formação de liderança evangélica que atenda ao contexto é formar homens e mulheres que primeiro compreendam essa duplicidade na perspectiva e na visão de mundo do goianiense. Ou seja, temos diante de nós, um ser urbano metropolitano que vive diante de duas propostas em conflito, mas que na diversidade se unem: uma rural e outra plenamente urbana. Uns assumem totalmente o rural e outros o urbano. E, há aqueles que vivem entre os dois modelos, e que não abrem mão de nenhum. Neste sentido o desafio é fazer com

que cada pessoa que se dispõe a vocação pastoral e missional para a cidade de Goiânia, entenda essa dicotomia entre o urbano e o rural na cidade e suas relações, e se prepare adequadamente para trabalhar neste contexto, descobrindo as aspirações e frustrações desse ser metropolitano goianiense. É necessário se afirmar nesse momento, que esse conflito se dá não apenas pelo conflito de gerações, pois o fator da imigração é alimentador desse conflito.

- Outra das características constitutivas do *ethos* do *homo urbanus* goianiense, é seu apego a uma visão de mundo que inclui a religião como parte fundante, a qual revela a força do *ethos* religioso como uma das ‘teias de significado’ da cultura goianiense, sendo também e sobretudo, *ethos* religioso popular, que desafia a educação teológica a uma proposta de formação de liderança evangélica para a cidade, que considere a força da religiosidade popular e saiba apropriar esta característica “construir pontes de compreensão” a favor de uma missional pastoral cristã eficiente.
- Outro desafio que se apresenta a formação teológica para a cidade de Goiânia, é a questão que se denomina aqui de ‘estresse urbano’, que é a somatória de vários fatores do processo de urbanização, tais como: (i) o trânsito urbano: o deslocamento da população, tanto os que dependem do transporte público, como os que se locomovem com veículo próprio. O tempo que se dispensa a locomoção residência – serviço; residência – escola ou residência – serviço – escola – residência, é estressante. (ii) a insegurança: representada pelos seguintes fatores: violência, medo, desemprego e competição. Esses quatro fatores, abordados por Satlher-Rosa (2004) definem o *homo urbanus* goianiense como um ser inseguro e com medo. Qualquer proposta de educação teológica que vise preparar pessoas para trabalhar neste contexto necessita considerar a insegurança e seus fatores constitutivos, e suas consequências, como pauta necessária para uma pastoral missional que seja relevante e pertinente ao contexto urbano.

- A questão da desigualdade social é um desafio enorme para a liderança que se pretende formar para a cidade. A pobreza, fruto da divisão injusta das riquezas, do processo migratório, de programas políticos populistas, do processo de globalização da economia, do próprio processo urbanizatório, que procura esconder os pobres da vista dos ricos, criando espaços de convivência bem definidos. As questões sociais geradoras da desigualdade social e da pobreza, frutos da economia e urbanização, é um desafio para a educação teológica na formação daqueles e daquelas que lidam com esse contexto, para que possam agir e refletir, missional e pastoralmente na, com e a partir da cidade.
- A população goianiense se enquadra no que Lidório (2008) afirma ser um ‘perfil cultural’ que facilita na questão da comunicação da sociedade brasileira, a compreensão de que ela é uma sociedade contadora de histórias e uma sociedade relacional. Nesse ponto, a educação teológica é desafiada a oferecer formação de liderança que esteja habilitada a se comunicar com o *homo urbanus* goianiense, nas duas questões: uma sociedade contadora de história se enquadra perfeitamente na cultura das sensações, e uma sociedade relacional terá dificuldades de se relacionar com as impermanências. Formar líderes que estejam habilitados a lidar com esse *ethos* cultural é o desafio da educação teológica para o contexto da RMG.

O próximo capítulo trata das questões que envolvem o contexto institucional que envolve a tese: uma descrição do perfil do pastor batista nacional da RMG, a partir de pesquisa de campo realizada; a história da educação teológica na CBN-GO e do SETEBAN/GOIÂNIA; a descrição do resultado da pesquisa de campo entre docentes, discentes, egressos, diretoria anterior e atual e líderes fundadores do Seminário, bem como em seus documentos tais como, currículo, registro de matrícula, manuais, registro de formaturas, entre outros.

## CAPÍTULO 4

### CONTEXTO INSTITUCIONAL

Neste capítulo, trabalha-se na construção da pesquisa em três partes. Na primeira é verificado, a partir de uma pesquisa de campo realizada com os 18 pastores presidentes das 18 igrejas batistas nacionais da Região Metropolitana de Goiânia, é traçado o perfil do pastor batista nacional da RMG, suas características e desafios que se podem verificar para a educação teológica no contexto da RMG.

Na segunda parte, verificar-se a questão histórica do SETEBAN/GOIÂNIA, desde seu nascimento em 1982 até o ano de 2015, quando completou 33 anos bem como relaciona sua história com o desenvolvimento das igrejas batistas nacionais na Região Metropolitana de Goiânia, analisando junto com o perfil do pastor batista nacional da RMG. Por fim, verifica como o SETEBAN/GOIÂNIA fez parte nesse processo.

Na terceira parte, trabalhar-se a questão do processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA, seu currículo e quais seus fundamentos e objetivos pedagógicos e sua filosofia educacional, com pesquisa de campo entre os atores deste processo. Ao final se oferece uma filosofia educacional inicial, com viés missional/pastoral resultado do Marco Teórico bíblico-teológico.

#### **4.1. Perfil do pastor batista nacional da RMG:**

A fim de traçar um perfil do pastor batista nacional na cidade de Goiânia, necessário se faz, *a priori*, elaborar uma descrição histórica, de como se deu a formação da Convenção Batista Nacional no Estado de Goiás. Quando a Convenção Batista Nacional foi fundada, em 16.09.1967, fez parte do rol de igrejas filiadas a IV Igreja

Batista de Goiânia, a primeira do Estado de Goiás.<sup>60</sup> Assim, o início do trabalho batista nacional

em Goiás se dá por meio da então chamada IV Igreja, que hoje se chama Igreja Batista da Paz. No decorrer do tempo, à medida que crescia o número de igrejas batistas nacionais pelo Brasil, para facilitar a gestão, visto que o país possui um território de proporções continentais, foram sendo criadas as Regionais nos Estados.<sup>61</sup> Em 1982, no dia 21.08.1982 foi fundada a Regional da CBN em Goiás, tendo as seguintes igrejas filiadas e fundadoras:

#### QUADRO 1 – IGREJAS FUNDADORAS

<b>IGREJAS FUNDADORAS</b>	<b>MUNICIPIO</b>
IV IGREJA BATISTA DE GOIANIA	Goiânia
BATISTA CENTRAL DE GOIANIA	Goiânia
BATISTA DO SETOR SUL	Goiânia
BATISTA CENTRAL DE ANAPOLIS	Anápolis

Assim, das quatro igrejas fundadoras da CBN-GO, três estavam em Goiânia. Passados 33 anos, havia 18 Igrejas na RMG,<sup>62</sup> sendo 13 em Goiânia e as demais em 5 municípios da RMG. No decorrer desse tempo, foram fundadas e recebidas as seguintes igrejas:

---

<sup>60</sup> A ata de fundação está registrada no livro História dos Batistas Nacionais, onde na Ata da Segunda sessão da Assembleia de Inauguração, está registrado que a bênção apostólica foi impetrada pelo Pr. Gilberto Viegas Fernandes, da 4ª Igreja Batista de Goiânia, encerrando a dieta (Tognini e Almeida, 2007, p. 321-25).

<sup>61</sup> É bom salientar nesse momento, que antes de se criar as Regionais Estaduais, as igrejas batistas nacionais no Estado de Goiás, eram cuidadas pela CBN, por meio da Convenção Batista Nacional do Planalto Central, conforme Livro de Atas da CBN-GO nº 1, ata 1, pag. 01, a qual era responsável pelas igrejas nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

<sup>62</sup> É importante mencionar nesse momento, que outras igrejas foram fundadas nesse período em outras cidades fora da RMG por estas igrejas, além das que se relacionam abaixo. Aqui relacionamos apenas as que foram fundadas na RMG por ser o objeto de nossa pesquisa. No decorrer desse tempo, foram fundadas igrejas em outros Estados da federação, inclusive a organização da Regional da CBN no Estado do Tocantins, foi realizada pela CBN-GO, mas aqui nos interessa somente as que foram fundadas e recebidas na Região Metropolitana de Goiânia.

## QUADRO 2 – IGREJAS FUNDADAS

Nº	IGREJAS FUNDADAS	FUNDAÇÃO	MUNICÍPIO
1	Batista Monte Hermom	25.11.84	Goiânia
2	Batista Nova Salém	02.08.86	Goiânia
3	Batista Nacional Lírio dos Vales	02.07.88	Goiânia
4	Batista Filadélfia	13.08.88	Goiânia
5	Batista Maranatha	24.09.88	Trindade
6	Batista Bethuel	08.07.92	Goiânia
7	Batista Nova Aliança	22.09.94	Senador Canedo
8	Batista Deus Triuno	24.02.96	Goiânia
9	Batista Nacional da Paz	29.12.98	Guapó
10	Batista Água Viva	01.02.02	Goiânia
11	Batista do Calvário	14.04.04	Inhumas
12	Batista da Restauração	06.11.04	Goiânia
13	Batista do Evangelho Vivo	01.06.10	Aparecida de Goiânia
14	Batista Nacional Atos	09.06.12	Goiânia
15	Batista Life	15.07.12	Goiânia

### *4.1.1. Perfil dos pastores Batistas Nacionais na RMG:*

Para se chegar ao perfil dos pastores batistas nacionais na Grande Goiânia, foi elaborado um questionário de sete páginas, com perguntas abertas e fechadas, sendo a maioria delas fechadas. Foi definido o período histórico da pesquisa, que seria de 21.08.12, data em que a CBN-GO e o SETEBAN-GO comemoraram seus 30 anos de organização; ou seja, os dados coletados nesta primeira pesquisa tiveram essa data como última para coleta de dados. Quando a CBN-GO foi organizada, havia na Grande Goiânia 3 igrejas, e passados 30 anos, estão registradas 18 igrejas filiadas na RMG. O processo de investigação foi realizado no mês de agosto/2013 e o pesquisador foi bem recebido por todos os pastores, os quais dispuseram as respostas com toda a liberdade, o que é peculiar dos batistas.

O resultado da pesquisa, a partir da análise dos dados coletados, dá subsídios para a elaboração da seguinte questão: quem é o pastor batista nacional? Sua vida pessoal, sua formação, a igreja que pastoreia. A pesquisa apontou em resumo, a seguinte

representatividade da amostra: o pastor batista nacional é em sua totalidade, homem, maioria de cor branca, todos casados, em média com dois filhos. A maioria mora em casa própria. Todos com formação teológica, a média de idade é de 50 anos, a média de tempo de ministério é entre 20 anos. A maioria nasceu num lar evangélico e sempre pertenceu a CBN. As igrejas que pastoreiam, a grande maioria tem sede própria, com capacidade média de 200 pessoas; o envolvimento em missões é na maioria regular e nas questões sociais, fraco. A grande maioria das igrejas sempre pertenceu a CBN.

Os dados dos pastores entrevistados ficaram assim detalhados:

- Cor branca, 13; parda, 3; Negra, 2.
- 16 possuem casa própria e dois moram em casa pastoral ou emprestada.
- 1 sua idade está abaixo dos 40; entre 41 e 50 anos, temos 9; entre 51 e 60 anos, temos 2; entre 61 e 70 anos, temos 3; e com mais de 71 anos de idade, temos 3 pastores.
- O tempo de ministério de cada pastor é o seguinte: até 10 anos, 5; entre 11 a 20 anos, 6; entre 21 e 30 anos, 5; e acima de 31 anos, 2.
- O tempo de ministério na igreja atual de cada um é: até 10 anos, 7; entre 11 e 20, 6; entre 21 a 30, 4; e, acima de 31, um pastor.
- O tempo de evangélico dos pastores ficou assim distribuído: 7 têm entre 21 e 30 anos de evangélico e 11 têm mais de 31 anos de evangélico.
- 12 deles nasceram em lar evangélico e 6 frequentaram outras religiões, com predominância do catolicismo e espiritismo.
- 13 deles sempre foram da CBN e 5 vieram de outras denominações ou igrejas livres.
- Formação teológica: no SETEBAN-GO, 13; outros seminários, 05.
- 09 possuem formação superior em outra área, além da teologia; 4 possuem pós-graduação, dos quais 2 são na área da teologia.
- As igrejas que pastoreiam, 15 têm templo próprio e 3 são alugados.
- 6 igrejas possuem templos com capacidade para até 100 pessoas; 8 até 200 pessoas; 2 até 300 pessoas e 2 até 400 pessoas.

- Com relação ao envolvimento com missões transculturais, 2 têm um alto índice de envolvimento; 6 um bom envolvimento; 3 o envolvimento é regular e 7 é fraco.
- Com relação ao envolvimento com serviço social, 2 têm um alto envolvimento; 3 têm um bom envolvimento, e em 10 o envolvimento é fraco.
- Com relação ao plantio de igrejas, 7 igrejas já plantaram igrejas, num total de 18 igrejas plantadas. Assim sendo, 11 igrejas ainda não plantaram igrejas.
- Com relação ao plantio de novas igrejas, 6 igrejas estão plantando 11 novas igrejas.

Assim sendo, 12 igrejas não estão envolvidas no plantio de novas igrejas.

- Com relação à localização das igrejas na Região Metropolitana de Goiânia, 13 estão na cidade de Goiânia e 5 em outras 5 cidades da RMG, enquanto, 14 municípios da RMG não possuem nenhuma igreja batista nacional.

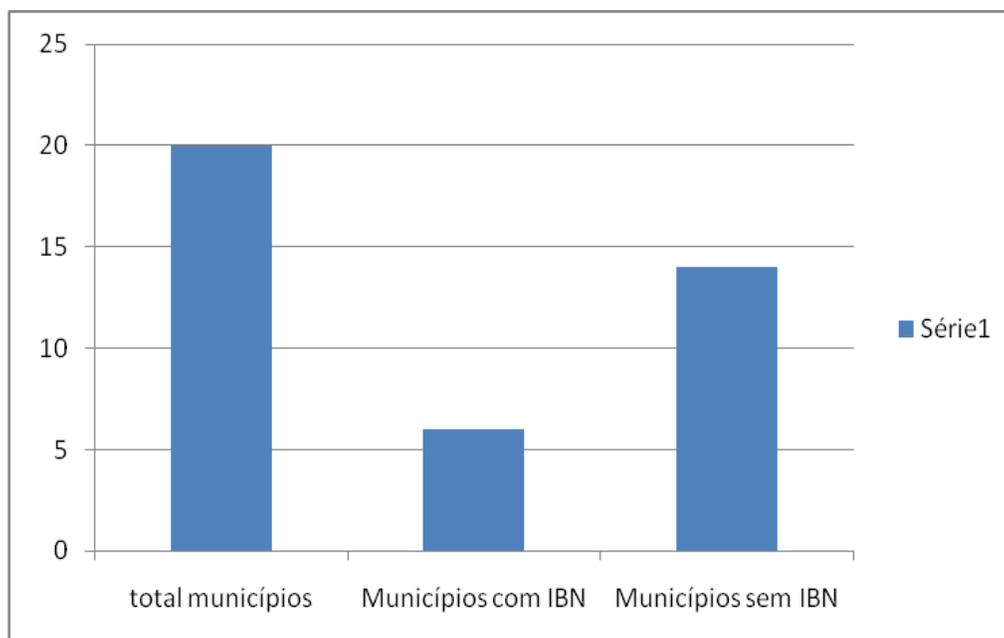
#### ***4.1.2. Desafios que esse perfil apresenta a formação teológica:***

A partir deste momento e com os dados coletados tabulados, chega-se aos desafios que se faz à formação teológica de uma liderança que responda ao contexto urbano da RMG. A seguir veremos quais desdobramentos foram desencadeados na pesquisa e como poderão contribuir com a educação teológica.

##### ***4.1.2.1. Plantio de Igrejas:***

O Gráfico 1 mostra quantitativamente, como está a situação das igrejas batistas nacionais na RMG; na questão ‘b’ do referencial teórico, plantio de novas igrejas na região onde a igreja está estabelecida.

**GRÁFICO 1 – CIDADES COM IGREJAS PLANTADAS E A PLANTAR**



Ao analisar as estratégias de plantio de novas igrejas adotadas pelas igrejas batistas nacionais na Região Metropolitana de Goiânia<sup>63</sup>, observa-se que o *modus operandi* é, em parte característico da eclesiologia batista (autonomia da igreja local), e em parte contrário a ele (relação entre fé e razão),<sup>64</sup> o que gera um crescimento disforme com o crescimento da Metrópole. Na questão da eclesiologia batista da ‘autonomia da igreja local’ se percebe que as igrejas batistas nacionais, ao fundarem uma nova igreja, não procuram um estudo que contemple duas questões básicas: primeiro verificar a dinâmica de crescimento da cidade para, a partir daí, decidir sobre ‘onde’ a novel igreja será plantada. Em segundo lugar, não se busca parceria, diálogo, união de forças, entre as diversas igrejas da cidade para tal fim, o que implica em dispêndio de energia, tudo em nome da ‘autonomia’. Pode-se aqui dar os seguintes exemplos:

<sup>63</sup> A pesquisa realizada com os pastores não aprofundou na questão do plantio de novas igrejas e do como e porquê que cada igreja foi plantada.

<sup>64</sup> A autonomia da igreja e a ênfase na educação cristã, na questão de ‘fé e razão’, estão claramente definidos no Manual Básico da CBN (2010, p. 17-20), e Silva, J. A. S. (2015, p. 28 e 162).

- a) Aparecida de Goiânia é a segunda maior cidade da RMG, com mais de 455 mil habitantes<sup>65</sup>, e a segunda maior população do Estado de Goiás. Há na cidade apenas uma igreja batista nacional, e duas missões ou congregações.
- b) Em Senador Canedo, quarto maior município da RMG, cuja população, no ultimo senso, foi a que mais cresceu proporcionalmente na RMG, com quase 85 mil habitantes<sup>66</sup>, possui apenas uma igreja fundada em 1994.
- c) Dos 20 municípios que compõem a RGM, 14 não têm nenhuma igreja batista nacional. O dado positivo é que as cinco cidades que possuem igrejas batistas nacionais são as maiores da RMG: Goiânia, Aparecida de Goiânia, Trindade, Senador Canedo e Inhumas. E Guaporé, a sexta, é a décima cidade em população.

Um dos desafios que se apresenta nesse momento, é trabalhar com os pastores batistas nacionais de RMG, para que se tenha uma visão estratégica de plantio de novas igrejas, sem ferir os princípios da autonomia das igrejas locais, mas priorizando o *ethos* batista da ‘racionalidade’.<sup>67</sup> Desde a fundação da CBN-GO já se percebe essa falha estratégica, pois as três igrejas da RMG que participaram da fundação da CBN-GO, todas estavam localizadas na região central da cidade de Goiânia. Para se ter um comparativo, nem as igrejas da Convenção Batista Brasileira cometeram tal equívoco, pois elas procuraram plantar igrejas nos diversos bairros estratégicos da cidade. Esse é um desafio, que essa tese apresentará à CBN-GO e para o SETEBAN-GO: em que sentido, tanto a CBN-GO e o SETEBAN-GO, poderiam cooperar com as igrejas estabelecidas, na elaboração de propostas que visem perseguir o ponto desse referencial teórico?

Outro dado importante que o Gráfico 2 revela é que das 18 igrejas batistas nacionais da RMG, apenas sete plantaram igreja até 2013. Ou seja, 11 igrejas nunca plantaram uma igreja.

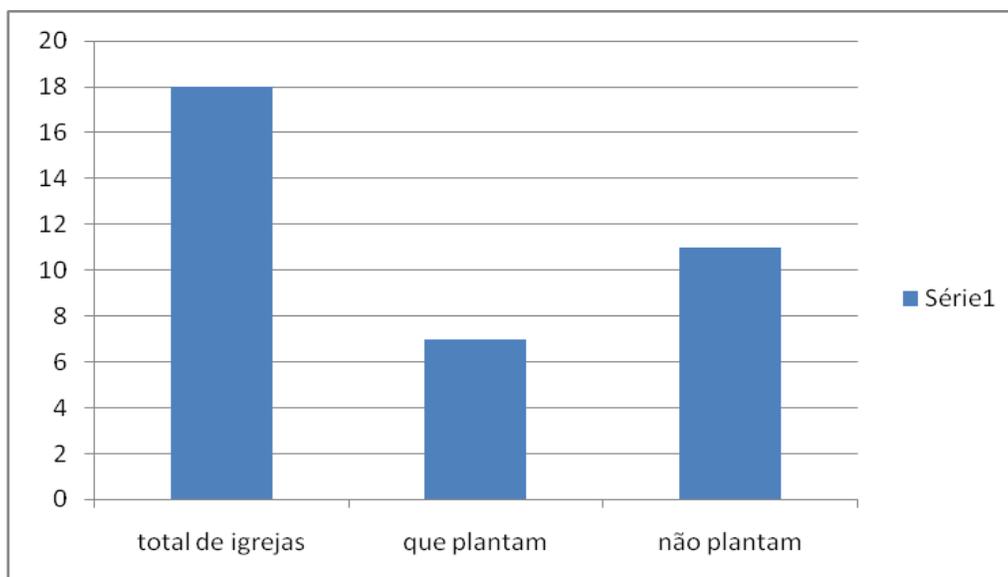
---

<sup>65</sup> Fonte: Censo do IBGE de 2010.

<sup>66</sup> Fonte: Censo do IBGE de 2010.

<sup>67</sup> Silva, J. A. S. (2015, p. 162).

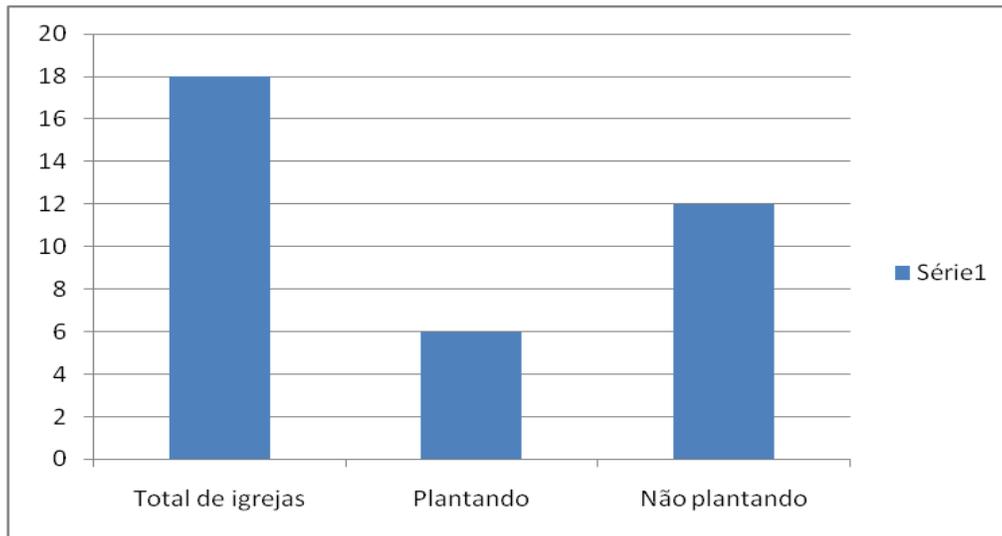
## GRÁFICO 2 – IGREJAS QUE PLANTARAM E NÃO PLANTARAM IGREJAS



O Gráfico 3 abaixo, mostra que das 18 igrejas, apenas 6 estão em processo de plantio de novas igrejas. Comparando os dados do Gráfico 2 e do Gráfico 3, percebe-se além da questão reduzida do número de igrejas que estão envolvidas no plantio de novas igrejas, a comparação mostra que há igrejas que plantaram igrejas e que hoje não mais estão envolvidas nesse processo.

Revela também o gráfico 3, em comparação com o gráfico 2, que embora tenha crescido gradativamente o número de igrejas na RMG, diminui o número de igrejas que se envolvem no processo de plantio de novas igrejas. Esses dados apontam para um afastamento de um dos *modus operandi* característico dos batistas, bem como alguma dificuldade no cumprimento do item “b” do referencial teórico, qual seja: “A igreja esteja envolvida em projetos de expansão, na região onde está estabelecida, por meio de programas de plantação de novas igrejas” (MBBN, 2010, p. 32).

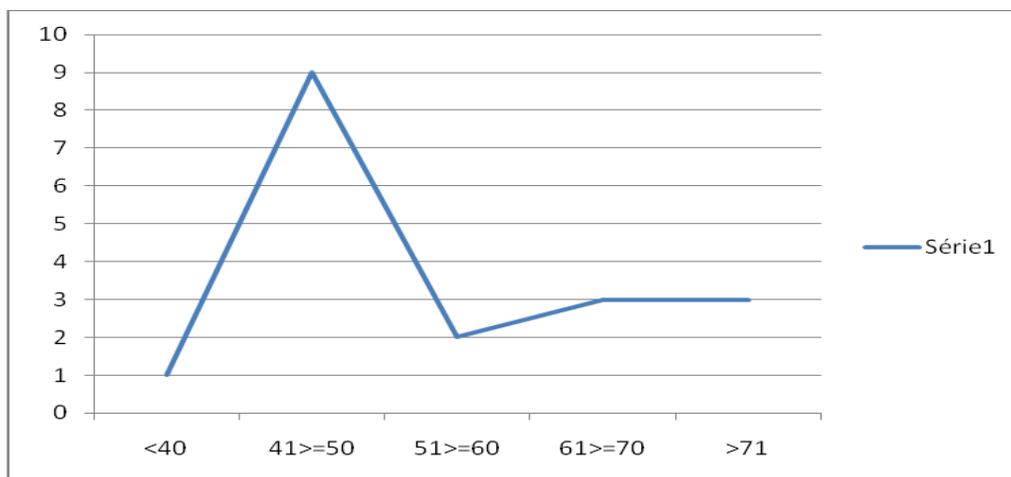
**GRÁFICO 3 – IGREJAS QUE ESTÃO E QUE NÃO ESTÃO PLANTANDO IGREJAS**



**4.1.2.2. Formação dos pastores:**

Alguns desafios com relação à formação dos pastores batistas nacionais que a pesquisa aponta para uma pastoral urbana, com viés missionário e pastoral, são os seguintes:

**GRÁFICO 4 – FAIXA ETÁRIA DOS PASTORES**



O gráfico 4, resultado da pesquisa de campo, revela primeiramente um desafio as igrejas batistas nacionais de RMG, no sentido de providenciar a formação de pastores

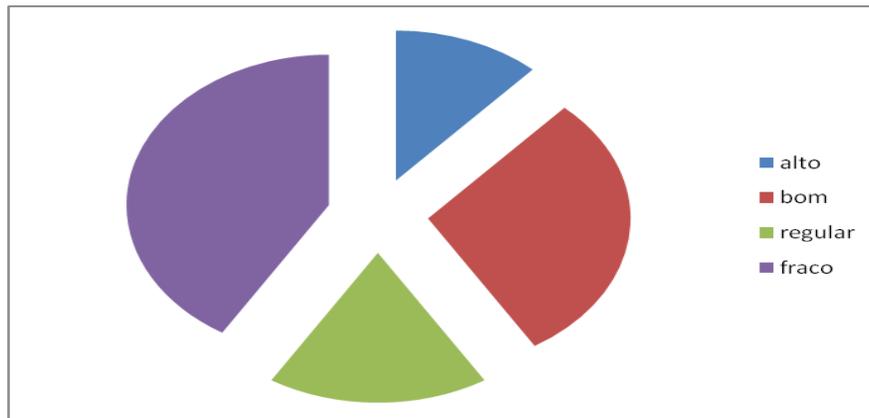
jovens, visto a pesquisa ter demonstrado que, dos 18 pastores, somente um tem menos de 40 anos, e 35% dos pastores estão acima dos 61 anos. Entretanto, a questão é mais profunda, e envolve uma série de variáveis, pois não é apenas uma questão de ‘providenciar’ pastores mais jovens, visto que há fatores complexos envolvidos, como vocação, treinamento, etc. A pesquisa demonstra também, a questão dos pastores que já estão em fase de pensar na aposentadoria ou em jubilar-se, e em todos os documentos que se pesquisou da denominação, não foi encontrada nenhuma orientação nesse sentido.

A pesquisa aponta que o processo de aculturação de Goiânia, a juventude é fortemente influenciada por elementos de uma cultura sertaneja e agrária. O pastoreio é um exercício ainda que eclesiástico, visto socialmente como uma atividade profissional. Todavia, requer como menciona Weber<sup>68</sup>, a perspectiva da vocação o que se torna mais desafiador em uma juventude permeada por significativos valores alheios a carreira religiosa além da influência de um *ethos* religioso fundado em uma concepção católica popular, conforme as origens da formação urbana goianiense, que embora tenha tido, por seus idealizadores e fundadores uma intenção secular, a população impôs sua visão religiosa e católica de mundo. Retomando as *teias de significados* que se impõem ao ser humano, percebe-se que o indivíduo urbano, neste caso um pastor, estará condicionado pelas teias de significado de sua cidade. O que esta estatística demonstra é que há uma lacuna entre as demandas reais do ministério e a perspectiva de indivíduos dispostos e disponíveis para se envolverem em outra dimensão de carreira. O que estaria estabelecendo essa lacuna, a não rejeição pela juventude da vocação ou o não estímulo por parte dos pastores atuais, ao desenvolvimento de uma nova liderança?

Esse é um desafio que se apresenta a todas as pessoas e instituições que estão envolvidas no processo pastoral e missionário da denominação, ou seja, as igrejas, o seminário, a Ordem de Ministros Batistas Nacionais e a CBN-GO. Não é uma questão que pode ser resolvida somente com uma das partes, embora possa e deva ser iniciada por uma das partes, mas a solução está no envolvimento de todos.

---

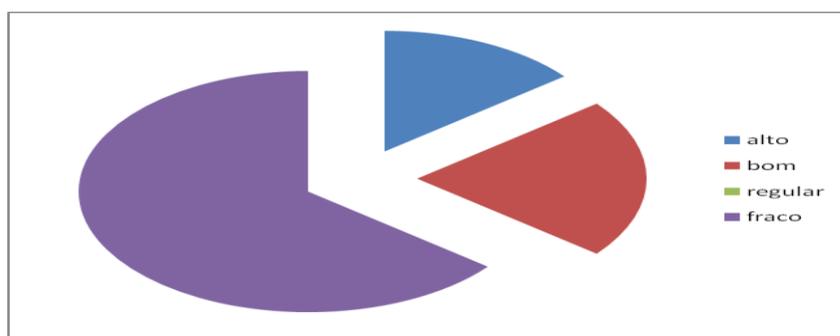
<sup>68</sup> Weber, M. (1991). Economia e sociedade. Brasília: UNB, p. 279-320.



**GRÁFICO 5 – ENVOLVIMENTO MISSIONÁRIO**

Em relação à questão do envolvimento missionário transcultural, que se verifica no envolvimento em novas missões ou projetos de missão transcultural não somente nos diversos países, mas também entre povos indígenas no Brasil, o questionário revelou, conforme gráfico 5, o baixíssimo índice, ou seja, apenas duas igrejas apresentaram um alto envolvimento missionário, 6 igrejas apresentaram um bom envolvimento, 3 regular e em 7 igrejas, o envolvimento missionário apontou um fraco envolvimento. O lado positivo é que todos os pastores demonstraram o desejo de receber mais informação sobre o trabalho transcultural e se percebeu na pesquisa. Como o trabalho missionário transcultural é novo da Convenção Batista Nacional, pois foi organizado em 1995, uma das variáveis possíveis, para o fraco envolvimento, pode ser esse.

**GRÁFICO 6 – ENVOLVIMENTO SOCIAL**



Revela o questionário, por meio do gráfico 6, no que diz respeito ao envolvimento das igrejas com um projeto de ação social relevante na região onde se localizam o seguinte: apenas duas igrejas apresentaram um alto envolvimento; 3 igrejas demonstraram um bom envolvimento, e em 10 igrejas o envolvimento é fraco. A grande maioria das igrejas limita seu trabalho social a distribuição de ‘cestas básicas’ para membros carentes da igreja, sem nenhum envolvimento com a sociedade ao redor.

A atividade missional está vinculada as características de liderança das igrejas e requer significativo engajamento, educação, formação e até mesmo vocação por parte de líderes e possíveis missionários. Conforme discutido anteriormente, os elementos que compõem o *ethos* cultural que envolve as metrópoles, neste caso Goiânia, tais como: impermanências, culturas de sensações, desemprego e competição, podem contribuir para uma igreja com visão sistêmica, ou seja, voltada efetivamente para o aspecto social propriamente dito. A visão limitada ou limitante de que ação social consiste em oferta de cestas básicas revela a necessidade de compreender a igreja em uma dimensão biológica cognitiva, ou seja, como organismo vivo que influencia e deve influenciar segmentos e partes que compõem uma sociedade.

Os dados dos dois gráficos acima apontam para deficiência na formação pastoral, e o desafio que se apresenta, o faz em diversas frentes: despertar os pastores que estão à frente destas igrejas para a questão missional e social<sup>69</sup>; trabalhar a formação dos futuros pastores, junto ao seminário, para que se verifique o projeto pedagógico que ofereça essa qualificação; fazer gestão junto a Convenção Batista Nacional e suas instituições, para que sejam trabalhadas essas questões de forma intensiva.

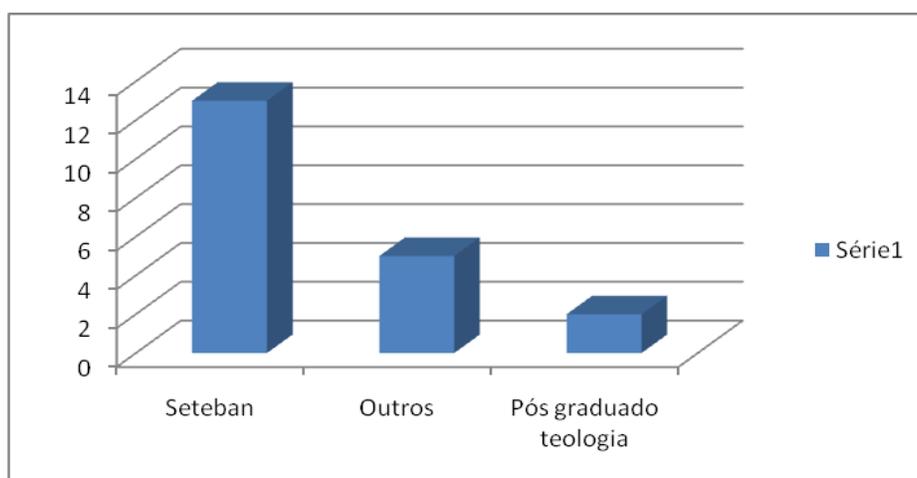
Compreender a dimensão social da igreja é sem dúvida o principal desafio de uma sociedade marcada pela complexidade e por um pensamento linear. O pensamento sistêmico requer rupturas com paradigmas e pensamentos de natureza patriarcal onde a realidade é interpretada por relações binárias ou dualistas. Isto significa que as igrejas ao trabalharem em uma visão dicotômica de mundo, certo ou errado, sim ou não, muito ou pouco, perdem assim a oportunidade de enfrentarem conflitos em uma dimensão

---

<sup>69</sup> Outra pesquisa de campo será realizada no capítulo 4, onde o objeto pesquisado será o SETEBAN/GOIÂNIA e, entre outras questões, se verificará seu projeto pedagógico.

assertiva. Um pastor em uma sociedade complexa deverá compreender a igreja como espaço de múltiplas possibilidades, mais que a construção de um indivíduo religioso. Necessário se faz a formação de um cidadão comprometido, não apenas com a igreja local, mas com a sociedade. Isto se dará não apenas em função de um projeto pedagógico de formação teológica, mas no discurso e prática da atividade pastoral construída socialmente no decorrer das relações humanas produzidas nas igrejas e instituições denominacionais.

**GRÁFICO 7 – FORMAÇÃO TEOLÓGICA**



O gráfico 7, deixa evidente que a maioria dos pastores das igrejas batistas nacionais estudaram no seminário da denominação, de 18 pastores, 13 estudaram no SETEBAN-GOIÂNIA. Isso indica que, de certa forma, tanto as questões positivas como as negativas, na prática pastoral e missional realizada nas igrejas batistas nacionais na RMG, têm influência direta do seminário da denominação.

As igrejas apresentaram baixo envolvimento missionário e social, e as que tiveram melhor envolvimento duas, seus pastores estudaram no SETEBAN/GOIÂNIA, mas fez vários cursos de pós-graduação em outras instituições teológicas. A outra, seu pastor estudou em outro seminário não pertencente à denominação, e foi, por alguns anos, missionário transcultural no exterior. Ou seja, cruzando esse gráfico com os gráficos 5 e 6, os quais demonstram o envolvimento das igrejas em missões e ação

social, percebe-se que há uma deficiência na formação dos pastores nessas áreas, e pode ser que essa deficiência esteja no projeto pedagógico do seminário da denominação e em ações pedagógicas da própria denominação.

Outra questão que pode ser levantada seria o fato de que, para ser pastor ordenado à denominação, exige-se a formação teológica. Assim, consciente ou inconscientemente, a pessoa só faria teologia, em boa parte dos casos, porque é obrigado; e a constatação se daria pelo fato de que dos 18 pastores, somente 3 fizeram cursos de pós-graduação, e somente dois na área de teologia. Também, indica que os pastores não foram preparados para valorizar a educação continuada e sistemática, por considerar ou descansar no fato de que o recebido na graduação é suficiente.

#### **4.2. Análise histórica da educação teológica batista nacional em Goiânia – o caso SETEBAN/GOIÂNIA:**

Desde o início, a CBN priorizou pela formação teológica de seus pastores, missionários e missionárias, haja vista que antes de fundar a CBN, o movimento de Renovação Espiritual que se organizara sob a denominação de AME – Ação Missionária Evangélica, em janeiro de 1966 (Tognini e Almeida, 2007, p. 163), criou o STEB – Seminário Teológico Evangélico do Brasil e em abril de 1966 foi realizada a primeira aula inaugural do STEB (*ibid*, p. 169, 170 e Souza, 2007, p. 36). Para o STEB, as Igrejas Batistas Nacionais enviavam seus vocacionados com a finalidade de serem preparados para o ministério pastoral e missionário, sobretudo nas duas primeiras décadas iniciais. Durante estas duas primeiras décadas, esse movimento de seminaristas dos diversos Estados brasileiros em direção a Belo Horizonte - MG para estudar no STEB foi intenso; mas, com a criação das Seccionais, Regionais da CBN nos Estados, cada uma foi criando seus seminários e daí esse movimento dos seminaristas para Belo Horizonte foi diminuindo consideravelmente, com isso, a denominação começa a aumentar o número de igrejas nos Estados.

Hoje, praticamente cada Seccional da CBN tem seu seminário regional, e algumas possuem mais de um, como a Regional da Bahia, Minas Gerais e outras.

Algumas possuem um seminário com diversos núcleos em locais estratégicos, como é o caso de Goiás.

#### **4.2.1. Histórico do SETEBAN-GO:**

O SETEBAN-GO – Seminário Teológico Batista Nacional em Goiás, foi criado no dia 21.08.82, por ocasião da fundação da CBN-GO.<sup>70</sup> O Seminário iniciou suas atividades modestamente e com recursos escassos. Poucos professores e com formação limitada, ou seja, embora todos possuíssem formação teológica, nem sempre eram especialistas nas matérias. O Seminário não possuía instalações adequadas e os alunos eram poucos.

A primeira turma que se formou em 1985 foi constituída dos seguintes formandos: Benedito Luiz David, Cícero Carlos Moreira, Jacira Alexandre de Oliveira, José Alves Teixeira, José de Oliveira Santos, Paulo Sergio Rocha Arantes, Roberto Ferreira de Carvalho e Valmiro Ferreira de Freitas. Via de regra, os seminários no Brasil nasceram modestamente. Proença registra que o primeiro seminário teológico evangélico no Brasil, foi criado em 14 de maio de 1867, com a primeira turma de três alunos, e funcionava nas dependências da Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (2006b, p. 23).

O mesmo pode-se dizer do primeiro seminário teológico fundado pela CBN no Brasil, o STEB – Seminário Teológico Evangélico do Brasil, em 1966, em Belo Horizonte-MG, o qual se serviu das dependências da III Igreja Batista para dar início as suas atividades (Souza, 2007, p 36. Tognini e Almeida, 2007, p. 170). Ou seja, 100 anos depois de se fundar o primeiro seminário teológico no Brasil, o primeiro seminário a ser fundado pela CBN inicia de forma semelhante.

Ao se questionar com os líderes fundadores, como eles fariam um resumo dos 10 primeiros anos do Seminário, eles responderam o seguinte:<sup>71</sup> “serviço abnegado e amor a causa que se instalava” Depoente 2; “recursos humanos e financeiros escassos”

---

<sup>70</sup> Livro de Atas da CBN-GO, Ata 1, p. 12-17.

<sup>71</sup> Conforme Questionário I – Líderes Fundadores.

Depoentes 1 e 3; “utilização do patrimônio das igrejas” Depoente 3. O SETEBAN utilizou as dependências da Igreja Batista Central de Goiânia e da IV Igreja Batista de Goiânia, desde sua fundação até 2007, quando a CBN-GO comprou uma casa na Avenida Contorno, nº 82, Centro, onde hoje está instalado o Seminário.<sup>72</sup>

Nas entrevistas realizadas com três dos pastores que participaram da fundação do Seminário, ao se questionar sobre os motivos que levaram a fundar um seminário diante de recursos escassos, a respostas foram as seguintes:<sup>73</sup>

- Naquela época, os seminaristas das Igrejas Batistas Nacionais, só tinham duas opções: ou sair para estudar em outro Estado ou estudar em seminários de outras denominações em Goiás. Assim, a criação do Seminário em Goiânia, resolvia essas duas questões;
- O desejo de ver o crescimento da denominação no Estado de Goiás, pois os alunos que se mudavam para seminários de outros Estados, não retornavam ao Estado de Goiás; assim, formando os seminaristas aqui, esse problema estaria resolvido.
- Oferecer formação denominacional aos seminaristas das igrejas batistas nacionais, e assim evitar as divergências doutrinárias (sobretudo nas questões do batismo no Espírito Santo e os dons espirituais), pois os seminários de Goiás eram de outras denominações, o que gerava conflitos de diversas naturezas.

Um fato digno de nota nesse momento, é que a preocupação com a formação teológica que evidenciasse as questões do batismo no Espírito Santo e os dons espirituais foram também valores que nortearam a fundação do primeiro seminário batista nacional no Brasil, o STEB, conforme registra Manoel Cardoso de Souza “o Seminário Teológico

---

<sup>72</sup> Conforme Registro de Imóveis da 3ª Circunscrição de Goiânia, Livro 02, folha 1, sob nº R.02, matrícula 22.685.

<sup>73</sup> Conforme Questionário I – Líderes Fundadores.

Evangélico do Brasil surgiu de uma necessidade: precisava de obreiros treinados na filosofia de Renovação Espiritual, que cressem no batismo no Espírito Santo e nos dons espirituais” (2007, p. 35).

No início do Movimento de Renovação Espiritual, esse era um problema grave, que causava a expulsão de seminaristas que criam no Batismo no Espírito Santo, por Seminários estabelecidos na época (Tognini e Almeida, 2007, p. 169). Assim, quase 20 anos depois da fundação do primeiro seminário teológico dos batistas nacionais, um dos problemas que gerou sua fundação perdurava no Brasil.

Segundo a ata de fundação do Seminário, o objetivo de sua existência foi “ministrar o ensino teológico aos vocacionados ao Santo Ministério da Palavra e ao serviço da causa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”,<sup>74</sup> o que revela desde seu início, que a intenção não era só de formar pastores para as igrejas, mas pessoas que pudessem servir na “causa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Colabora com essa afirmação o fato do Seminário sempre ter sido aberto às mulheres, que na época, de acordo com os documentos constitutivos da CBN, não podiam ser ordenadas ao pastorado, podendo servir como missionárias e nas diversas áreas de ação das igrejas locais.

Numa ata em que se registra o relatório do Secretário Executivo do Seminário na Assembleia Geral da CBN-GO, ele afirma que o Seminário estava cumprindo bem sua missão de “preparar homens e mulheres, para melhor servir a causa do Mestre”.<sup>75</sup> O Seminário iniciou suas atividades oferecendo os cursos de Bacharel em Teologia com duração de 4 anos, e Médio em Teologia com duração de 3 anos.<sup>76</sup> A partir de 1996, criou mais um curso, o de Liderança Cristã, com duração de dois anos.

Hoje o Seminário funciona em sistema modular, com aulas 3 vezes por semana, oferecendo os cursos: Básico em Teologia, 12 módulos; Teologia Ministerial, 24 módulos e Superior em Teologia, 36 módulos. Aqueles que fazem Teologia Ministerial

---

<sup>74</sup> *Ibid*, p. 12.

<sup>75</sup> Ata 19, de 19.11.88, p. 36.

<sup>76</sup> Ata nº 1, p 15.

precisam cumprir estágio supervisionado e os que fazem Superior em Teologia, além do estágio supervisionado, precisam escrever um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

Até o ano de 2011, foram graduados 134 estudantes, sendo 58 mulheres e 76 homens. Dessas 134 graduações, 5 foram no curso de Liderança Cristã, 31 no curso de Médio em Teologia e 98 no curso de Bacharel em Teologia. Interessante registrar aqui, que o curso de liderança cristã, teve apenas uma graduação com 5 alunos, em 1998. Alguns desses formandos não são de igrejas batistas nacionais, dentre as denominações que enviaram alunos que se graduaram pelo SETEBAN/GOIÂNIA, pode-se mencionar, Casa da Bênção, Assembleia de Deus, Igreja de Cristo, e igrejas independentes. Os graduados das igrejas batistas nacionais, fora os que foram ordenados ao pastorado, os demais estão servindo em suas igrejas nas áreas de liderança, ensino e aconselhamento.<sup>77</sup> Alguns trabalham em casas de recuperação para dependentes químicos. Outros se dedicaram ao trabalho missionário transcultural.

A pesquisa realizada com os pastores das 18 igrejas batistas nacionais da RMG, até 2013, conforme dados mencionados no início deste capítulo, demonstra que o crescimento numérico das igrejas batistas nacionais na RMG, está intimamente ligado ao SETEBAN/GOIÂNIA, e nesse caso, ele tem cumprido o papel designado por seus fundadores. Não há como avaliar, apenas por esses dados, se tal crescimento é condizente com a realidade do crescimento das igrejas evangélicas em geral, na região e da cidade, mas que o crescimento constatado está ligado ao SETEBAN/GOIÂNIA, não se pode negar. Esses dados são apenas do Núcleo de Goiânia. Não se contempla aqui, aqueles que se formaram no SETEBAN/GOIÂNIA e estavam pastoreando igrejas fora da RMG.

Entretanto, um fato negativo constatado é que embora tenha crescido o número de igrejas batistas nacionais da RMG, o número de alunos não aumentou, pelo contrário, nos últimos anos a situação ficou complicada, e as formaturas, desde a primeira turma de 1985, até a última em 2011, mantiveram uma média estável.

---

<sup>77</sup> Esse seria um assunto para uma pesquisa, saber qual a influência na igreja local, se percebe a partir da formação teológica que líderes leigos receberam no SETEBAN/GOIÂNIA.

Percebe-se conforme quadro abaixo, que a partir de 2002, a frequência de formatura passou de a cada dois anos, para a cada 3 anos, e desde 2011 até 2015 não houve nenhuma formatura, chegando ao intervalo de 4 anos. Como foram plantadas mais igrejas, o correto seria ter aumentado o número de alunos, o que não ocorreu, e aí está uma questão que precisa ser estudada.

### QUADRO 3 - RESUMO DE FORMATURAS DO SETEBAN-GOIÂNIA 1985-2011

MÊS/ANO	BEL	MÉDIO	LIDERANÇA	TOTAL ANO	TOTAL ACUMULADO	MEDIA 134/27
dez/85	8			8	8	4,96
dez/87	3	4		7	15	14,88
dez/89	5	2		7	22	24,8
dez/91	7	3		10	32	34,72
dez/93	5	3		8	40	44,68
fev/95	10	6		16	56	49,64
fev/96	7	4		11	67	54,6
dez/96	6	3		9	76	59,56
dez/98	2	3	5	10	86	69,48
dez/01	7			7	93	84,36
dez/02	8			8	101	89,32
dez/05	7	3		10	111	104,2
jun/09	9			9	120	119,08
dez/11	14			14	134	134
<b>TOTAL</b>	<b>98</b>	<b>31</b>	<b>5</b>		<b>134</b>	<b>134</b>

Ao longo desses 33 anos, o SETEBAN-GO criou novos núcleos de formação Teológica, com o mesmo objetivo de sua fundação, visando atender as demandas regionais. Em 1997 criou o núcleo de Anápolis, cidade a 50 km de Goiânia, sediado na Igreja Batista Central de Anápolis; e em 2003, o núcleo de Rio Verde, cidade a 220 km

de Goiânia, sediado na Igreja Batista Nacional Central de Rio Verde. Ao verificar os relatórios da CBN-GO nos últimos anos, percebe-se claramente a influência no crescimento do número de igrejas onde os núcleos do SETEBAN-GO foram criados. Todos esses núcleos foram criados a partir do núcleo de Goiânia; e, nesse aspecto, pode-se dizer que o núcleo de Goiânia, além de ter contribuído para o desenvolvimento da missão batista nacional bem como de outras denominações e igrejas independentes, na RMG, também cooperou na mesma dinâmica em todo o Estado de Goiás; e ao ter nos quadros de organizações missionárias transculturais, egressos do SETEBAN-GO, constata-se que o campo transcultural também foi acrescido com pessoas formadas nele. Verifica-se também entre os egressos do SETEBAN/GOIÂNIA, pessoas que estão trabalhando em diversas organizações de missão urbana, como casas de recuperação de dependentes químicos e outros projetos afins, com isso, pode-se verificar que a abrangência do trabalho realizado pelo SETEBAN/GOIÂNIA, hoje, é não somente no âmbito local, mas regional, nacional e transcultural; não somente no âmbito do plantio de novas igrejas, mas também em projetos sociais de missão urbana e de qualificação da liderança leiga para as igrejas. Interessante notar que quando se questionou aos três líderes fundadores do SETEBAN-GO sobre quais foram os benefícios que o Seminário tem prestado ao reino de Deus, as respostas deles, foi na mesma direção, ou seja, “formar pastores, missionários e missionárias e líderes não somente para o Estado de Goiás, mas para outros países”.<sup>78</sup>

#### ***4.2.2. Relação SETEBAN/GOIÂNIA e Igrejas Batistas Nacionais da RMG:***

Neste ponto da pesquisa, já se possui dados suficientes para se fazer uma análise da relação existente entre o SETEBAN/GOIÂNIA e as igrejas batistas nacionais na RMG. Utilizaremos dados da pesquisa realizada com os 18 pastores das igrejas batistas nacionais da RMG, alguns analisados no início deste capítulo, que trata do perfil do pastor batista nacional bem como os questionários que foram elaborados para esta parte,

---

<sup>78</sup> Conforme Questionário I – Líderes Fundadores.

quais sejam: líderes fundadores do SETEBAN-GO; docentes; discentes; egressos; Diretor atual e 3 Diretores anteriores e 1 Secretária Executiva que exerceu o mandato por quase 20 anos. Essa relação efetivada entre SETEBAN/GOIÂNIA e as igrejas batistas nacionais gerou algum crescimento? Que tipo de crescimento foi gerado? Há deficiências nesse crescimento? Quais? São perguntas que se pretende responder neste ponto da pesquisa.

Os dados apresentados referentes ao questionário que foi respondido pelos pastores que presidem as igrejas batistas nacionais da RMG, considerando que dos 18, 13 estudaram no SETEBAN/GOIÂNIA. No que diz respeito ao Seminário, os dados apresentaram os seguintes resultados:

- Quando questionados pelo valor que atribuem ao que estudaram no Seminário no exercício do ministério, 17 disseram que ajudou muito, um disse que foi regular; e quase nada, não teve nenhuma opção.
- Quando foram questionados sobre qual a opinião sobre o SETEBAN/GOIÂNIA, 1 disse que muito bom; 11 disseram que é bom e 6 disseram que é regular.
- Quando questionados sobre qual matéria mais contribuiu para o exercício do ministério, 8 disseram que foi Teologia Sistemática e 10 matérias da Teologia Prática.
- Quando questionados sobre onde se deve investir mais no SETEBAN/GOIÂNIA, 11 disseram que deveria ser em Teologia Prática; 01 na parte acadêmica; 01 em História da Denominação e 05 em questões de formação do caráter cristão.
- Quando questionados sobre qual medida deveria ser tomada para melhorar o SETEBAN/GOIÂNIA, 10 disseram que o Seminário precisa melhorar seu relacionamento com as igrejas; 01 buscar apoio financeiro para os seminaristas;

02 apontaram a necessidade de um currículo que responda aos desafios da atualidade; 01 pediu maior divulgação; 02 que se oferecessem aos alunos, maiores possibilidades de realizar a prática pastoral e 01 sugeriu que se trabalhasse com os alunos, as questões de caráter e 01 disse regularização perante o MEC.

O Gráfico 07,<sup>79</sup> fruto do questionário da primeira parte deste capítulo, demonstra que o SETEBAN/GOIÂNIA foi fundamental para o crescimento do número de igrejas batistas nacionais na RMG. Quanto ao valor que se atribui ao SETEBAN/GOIÂNIA, por todos os envolvidos na pesquisa, pode-se dizer o seguinte: dos 18 pastores que presidem igrejas da RMG, 11 avaliaram o seminário como Bom, 1 respondeu Muito Bom e 6 avaliaram como Regular. Já os líderes fundadores, um disse Muito Bom, outro Bom e um Regular. Os docentes, 4 disseram que é Bom e um Muito Bom. Os alunos, todos disseram Muito Bom.<sup>80</sup> Dos egressos, 3 disseram Muito Bom e 1 Bom.<sup>81</sup> Ao se considerar que a maioria dos alunos e egressos tem curso superior em outra área, pode-se então chegar à conclusão, que o SETEBAN/GOIÂNIA, apesar de suas deficiências que serão mencionadas a seguir, tem prestado um bom serviço as igrejas batistas nacionais na RMG.

Entretanto, as respostas aos questionários demonstram algumas particularidades a serem observadas, no sentido de sugestões dos entrevistados para melhorar a relação do SETEBAN/GOIÂNIA com as igrejas batistas nacionais, por meio de seus serviços na área da formação teológica. É significativo o fato de que dos 18 pastores entrevistados, 11 tenham sugerido que o Seminário deve investir mais na área de Teologia Prática. O questionário realizado com os alunos demonstra que a motivação que levou todos a estudarem no Seminário, foi “receber preparo para servir melhor no reino de Deus”, ou seja, uma intenção de melhorar a *práxis*. Foi dada aos Egressos, uma questão fechada

---

<sup>79</sup> Este gráfico mostra a proporcionalidade entre os pastores das 18 igrejas, quantos estudaram no SETEBAN/GOIÂNIA, 13; dos que estudaram em outros Seminários, 5; e dos 18, quantos fizeram algum curso de pós-graduação em teologia 2.

<sup>80</sup> Conforme Questionário III – Discentes.

<sup>81</sup> Conforme Questionário IV – Egressos.

onde se perguntava o seguinte: Qual área o seminário poderia ter te ajudado melhor? Acadêmica, bíblica, prática ministerial, caráter ou espiritualidade. 75% responderam Prática Ministerial. Assim sendo, por tudo que se ouviu de pastores, professores, alunos e egressos, pode-se concluir que há um clamor geral para que o SETEBAN/GOIÂNIA propicie de alguma forma, aos alunos e alunas, não só uma formação acadêmica, mas também oportunize a eles alguma experiência nas áreas da Teologia Prática, ao criar meios em que o ensino seja colocado em prática, gerando experiência e segurança no corpo discente.

Outro fato a ser observado no questionário, é o pedido que 11 pastores para que o SETEBAN/GOIÂNIA se aproxime das igrejas. Nota-se nessa questão que eles sentem um distanciamento entre igrejas e SETEBAN/GOIÂNIA e que se houver uma iniciativa do SETEBAN/GOIÂNIA em buscar essa aproximação, será bem vista e aceita pelos pastores e igrejas da RMG. Portanto, tendo em vista essa questão junto com a questão da prática ministerial, já se pode adiantar nesse momento da pesquisa, um caminho ou uma sugestão para o SETEBAN/GOIÂNIA, aliando o clamor dos pastores por uma melhor aproximação do SETEBAN/GOIÂNIA com as igrejas e as questões de prática ministerial, e elaborar projetos de teologia prática, para que os alunos possam executar estágios nas igrejas, sob avaliação dos pastores das igrejas. Esta ação por si só, cooperaria com a solução de duas demandas demonstradas nos questionários.

Entretanto, no questionário V<sup>82</sup> destinado aos Ex-Diretores e ao Atual Diretor do SETEBAN/GOIÂNIA, constata-se que na opinião de todos eles, que o apoio dos pastores deixa muito a desejar, p. ex.: das 18 igrejas da RMG, conforme questionário, quantas apoiavam intensamente o SETEBAN/GOIÂNIA? Todos disseram que não mais que 8, ou seja, menos da metade das igrejas batistas nacionais da RMG. A pergunta sobre qual a parte negativa que eles ressaltariam na relação entre o SETEBAN/GOIÂNIA às igrejas, todos apontaram a falta de apoio dos pastores. Então fica evidente aqui, uma nítida crise de opiniões entre a liderança do Seminário e os

---

<sup>82</sup>Conforme Questionário V – Diretor e Ex-Diretores do SETEBAN/GOIÂNIA.

pastores da RMG, sobre o relacionamento do SETEBAN/GOIÂNIA com as igrejas batistas nacionais da RMG.

Conforme dados recebidos da secretaria do SETEBAN/GOIÂNIA, em 2015 foram matriculados 29 alunos, dos quais 17 são homens e 12 são mulheres; 12 têm 2º Grau e 17 têm curso Superior; 2 alunos são de igrejas que não pertencem a CBN-GO; 21 são de igrejas batistas nacionais e 6 de congregações de uma igreja batista nacional. Das 18 igrejas batistas nacionais, apenas 6 igrejas enviaram alunos para o SETEBAN/GOIÂNIA, esse último ano da pesquisa, 2015, o que confirma a entrevista com os ex-diretores e diretor atual, sobre a pequena participação das igrejas batistas nacionais no envio de seminaristas.

Se tomarmos por fundamento a etimologia da palavra ‘seminário’ cuja origem vem do latim *seminariu*, ‘viveiro de plantas onde se fazem as sementeiras’, conforme afirma Proença, a ideia original “era a de que, semelhantemente às plantas dos viveiros e herbários, os candidatos às funções clericais também ficassem separados sob cuidados especiais e protegidos durante o seu processo de formação” (2006a, p. 13). Proença faz uma análise histórica nesse texto, do desenvolvimento das formas e modelos de se aplicar na formação de líderes para a igreja até os dias atuais. Ao considerar que a denominação Batista Nacional experimenta hoje o que se passa em todo o Brasil, no sentido de que os seminários se multiplicaram por todo o território nacional, e hoje uma pessoa que deseja estudar teologia não mais tem necessidade de se mudar de cidade,<sup>83</sup> o que demonstra a proximidade dos seminários com as igrejas enviadoras. Pode-se afirmar e até que a ‘sementeira’ é não somente o Seminário, mas também a igreja, e que é nessas duas instituições que se forma a liderança e, portanto, há de se encontrar caminhos para fortalecer a parceria entre ambas, no sentido de que se efetive uma melhor formação de liderança, com viés pastoral e missionário. Há também de se questionar, onde seria de fato a ‘sementeira’ o seminário ou a igreja local, ou qual o papel de cada uma delas nesse processo?

---

<sup>83</sup> Registra-se aqui o crescente número de cursos de teologia a distância por meio da internet oferecidos no Brasil, aonde em parte, nem a igreja ou seu pastor chega a ter conhecimento de que o membro está estudando.

Proença ao discorrer sobre a perspectiva histórica da preparação de líderes do povo de Deus, ao falar sobre o *modus operandi* de Jesus, ao reunir por três anos seus discípulos num seminário, a fim de treiná-los para a liderança do povo de Deus, afirma: “ali aprenderam a desenvolver uma espiritualidade cristocêntrica e solidária; a elaborar uma teologia prática voltada para o contexto em que viviam tendo como fundamento a Palavra de Jesus e a conhecer a importância e necessidade premente de um ministério desenvolvido sob o poder e a capacitação do Espírito Santo” (*ibid*, p. 15). Destaca-se nesse momento em sua fala, a questão de ‘uma teologia prática’. Pelo que se ouviu dos pastores e dos alunos, especialmente dos egressos, é que se espera um programa efetivo que oportunize aos alunos, projetos de inserção ministerial nas igrejas locais, aplicando o conteúdo aprendido, o que propiciará uma melhor avaliação da reflexão e ação teológico-missional/pastoral, pois como afirma Lintincum, “o processo de ação-reflexão-ação das coalizões, é uma das melhores maneiras para capacitar e treinar líderes” (1996, p. 184). Assim, além de dar ao aluno e ao SETEBAN/GOIÂNIA a capacidade de avaliar seu desenvolvimento, cumprirá também, outra demanda dos pastores, qual seja: uma maior aproximação do SETEBAN/GOIÂNIA das igrejas.

#### **4.3. Análise do processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA:**

Este momento da pesquisa é dedicado a analisar o processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA, sua estrutura educacional, sua estrutura pedagógica e filosofia educacional, explícita e implícita em seus documentos.

##### **4.3.1. O SETEBAN/GOIÂNIA e a estrutura atual:**

Reiteramos que o SETEBAN-GO funciona em núcleos, e cada núcleo tem liberdade de definir seu currículo e sua política pedagógica. Ao todo, conta-se com 140 alunos em todos os núcleos; atualmente, o SETEBAN/GOIÂNIA, objeto desse estudo, conta hoje com 29 alunos. O curso Superior em Teologia tem uma carga horária de 1.680 horas, em três anos. Está incluso nessa carga horária, o TCC – Trabalho de

Conclusão de Curso e o Estágio Supervisionado. Assim sendo, pode-se perceber que o Núcleo de Goiânia funciona como um Instituto Bíblico, sem qualquer possibilidade, em médio prazo, de tornar-se uma instituição de ensino superior de teologia, nos moldes do que configura a legislação brasileira.<sup>84</sup>

O crescimento do SETEBAN-GO se deu em seus núcleos, os quais foram criados ao longo dos anos. Entretanto, percebe-se pelos números apresentados na pesquisa, que o SETEBAN/GOIÂNIA está em declínio, tendo em vista que o aumento do número de igrejas batistas nacionais na RMG, não redundou no aumento de alunos para o SETEBAN/GOIÂNIA, pelo contrário, está diminuindo desde 2003. Nesses dois últimos anos, foram efetuadas mudanças drásticas, as quais começam a produzir resultados positivos, mas ainda distantes das possibilidades que se configuram pela quantidade de igrejas e pastores que a denominação possui na RMG. Como já mencionado anteriormente, em 2015 foram matriculados 29 alunos, sendo que 27 são de igrejas batistas nacionais, e das 18 igrejas batistas nacionais na RMG, apenas 6 enviaram alunos ao SETEBAN/GOIÂNIA. 17 alunos têm curso superior e 12 têm o ensino médio. São 17 homens e 12 mulheres. Os alunos e alunas do SETEBAN/GOIÂNIA trabalham secularmente e nenhum se dedica exclusivamente aos estudos teológicos.

A estrutura administrativa consta de um Diretor, que recebe uma ajuda de custo e presta relatório do CONAD, que é o Conselho de Administração de todos os núcleos do SETEBAN-GO.<sup>85</sup> Tem uma secretária remunerada, que dá expediente nos dias de aulas. Os professores não são de tempo integral, mas parcial e recebem por aulas ministradas. As aulas são segunda, terça e quinta-feira, das 19 às 22 h, tendo duas aulas por período. Oferece aos alunos os cursos: Básico em Teologia, com 12 matérias; Teologia Ministerial, com 24 matérias e Superior em Teologia, com 36 matérias. Os alunos que fazem o curso de Teologia Ministerial têm que passar pelo estágio supervisionado e os

---

<sup>84</sup> Wander de Lara Proença afirma que da conformação do modelo de formação teológica pela Reforma Protestante e da Contra-Reforma Católica, nasceram dois modelos básicos de instituições teológicas, o Seminário e a Faculdade de Teologia, consolidados nos Estados Unidos e trazidos para o Brasil (2006a, p. 21).

<sup>85</sup> Conforme art. 11 do Estatuto do SETEBAN-GO, registrado no livro de atas 01, p. 5, 20.09.97.

que fazem o Superior de Teologia, além do estágio supervisionado, precisam escrever um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

Conforme Quadro 3, a primeira turma concluiu o curso em 1985 e a última turma a receber a graduação foi em 2011. De 2012 até 2015 não houve nenhuma formatura, o que dá um espaço de 4 anos. Percebe-se que a partir de 2002, as formaturas deixaram de ter o interstício de 2 anos e passaram a ter mais de três anos, e como não houve formatura em 2015, o período passou para 4 anos, e então, neste sentido, ficando claramente demonstrado no quadro acima, que a situação do SETEBAN/GOIÂNIA não corresponde ao crescimento do número de igrejas batistas nacionais da RMG.

#### **4.3.2. O currículo do SETEBAN/GOIÂNIA:**

Pelo que se pode ver abaixo, o currículo do SETEBAN/GOIÂNIA tem uma estrutura comum à maioria dos seminários no Brasil.<sup>86</sup> O currículo do SETEBAN/GOIÂNIA foi alterado ao longo dos anos, de acordo com as necessidades, e sem um lugar em si, onde se definisse oficialmente esse currículo, mas ao longo de sua história, aqueles que estiveram na direção fizeram as alterações que acharam necessárias, fundamentados em suas convicções, em conversas nas reuniões de professores e em diálogo com os pastores.

**QUADRO 4 – CURRÍCULO**

<b>BIBLIA</b>	<b>PASTORAL</b>	<b>CIÊNCIAS/APOIO</b>
Int. Bíblica	Adm. Eclesiástica	Português
Int. N.T.	Pastoral Urbana	M.T.I.
Int. A.T.	Psicologia Pastoral	Int. a Sociologia
Geografia Bíblica	Caráter do Obreiro	Int. a Psicologia
Hermenêutica	Teologia Pastoral	Filosofia e fé cristã

<sup>86</sup>Zabatiero, J. P. T., define a estrutura da maioria dos seminários brasileiros dividido nas áreas de Bíblia, Teologia e História da Igreja, Prática Pastoral e Ciências de Apoio (2006, p. 164). Já Edson Martins, aponta as seguintes áreas, Disciplinas Bíblicas, Histórico-teológicas, Práticas, Filosóficas e Auxiliares, (2006, p. 61-62).

<b>TEOLOGIA</b>	<b>MISSIONAL</b>	Antropologia Cultural
Teol. Do NT	Seitas e Heresias	<b>HISTÓRIA</b>
Teo. Contemporânea	Teo. Bíblica Da Missão	Hist. Cristã
Eclesiologia	Crescimento da Igreja	Hist. Avivamentos
Escatologia	Evangelismo	Hist. Da Denominação
Teologia sistemática	Missiologia	Didática
Teologia do AT	Capelania	Hist. De Israel
	Homilética	
	Aconselhamento Familiar	

O currículo do SETEBAN/GOIÂNIA foi elaborado a partir de currículos de outros Seminários, conforme afirma Lourenço Stelio Rega ser o padrão, que ele denomina de “da tesoura e da cola” (2006, p. 113), o que gera, segundo ele, uma indefinição da filosofia e da política educacional, o que se percebe claramente no SETEBAN/GOIÂNIA. A filosofia e a política educacional do SETEBAN/GOIÂNIA procura seguir a orientação inicial de sua fundação, propiciar o crescimento da denominação na região e resguardar as doutrinas fundamentais dos batistas nacionais, sobretudo a questão do batismo no Espírito Santo e os dons espirituais.<sup>87</sup> Segundo Edson Martins, não é apenas a questão do currículo em si, que tem como prática comum a “da tesoura e da cola” como conjunto de disciplinas que compõe o curso, “mas a filosofia de ensino que tem por objetivo formar a liderança das igrejas protestantes” (2006, p.83).

Ao analisar os questionários dos egressos, percebe-se implícito o pedido por uma filosofia de ensino que oportunize mais a questão da prática ministerial. Foi dada a eles, a seguinte pergunta: qual área você pensa que o seminário poderia ter te ajudado melhor? A questão era fechada, dando as seguintes opções: acadêmica, bíblica, prática ministerial, caráter ou espiritualidade. Dos cinco entrevistados, 4 responderam, prática ministerial e um acadêmica.<sup>88</sup> No questionário que se fez aos 18 pastores presidentes das igrejas batistas nacionais na RMG, ao serem inquiridos sobre em que área o

<sup>87</sup> Livro de Atas da CBN-GO., Ata 1, p. 12.

<sup>88</sup> Conforme Questionário IV – Egressos.

SETEBAN/GOIÂNIA deveria investir mais, 11 disseram que seria na teologia prática, ou seja, nas questões práticas do ministério.<sup>89</sup>

Então, em função do resultado da pesquisa de campo, onde 80% dos egressos afirmaram que a maior deficiência que tiveram nos estudos foi nas questões de prática ministerial, e dos 18 pastores das igrejas batistas nacionais da RMG, 62% solicitaram que o SETEBAN/GOIÂNIA invista mais nas questões de prática ministerial, pode-se concluir, *a priori*, que essa é uma demanda genuína e que pode ser contemplada em sua estrutura curricular, filosofia educacional e processo pedagógico.

Segundo Manfred Waldemar Kohl “a maioria dos seminários mede o sucesso meramente por meio do exercício acadêmico, minimizando os requerimentos para o desenvolvimento da maturidade espiritual e da experiência de ministério” (2006, p. 92). Para ele, caso as escolas de teologia não coloquem seu foco em evangelismo, missão e discipulado, com ênfase no envolvimento prático, as igrejas criarão seus mini-seminários (*ibid*, p, 92). Rega afirma que “é preciso mencionar o descompasso entre a formação do obreiro e sua práxis ministerial” (*ibid*, p. 114) e finaliza apontando o que talvez seja um dos problemas encontrados no relacionamento entre as igrejas batistas nacionais e o SETEBAN/GOIÂNIA, qual seja: “nem sempre há pastores dispostos a ‘adotar’ seminaristas assumindo o papel de seus orientadores ministeriais” (*ibid*, p, 114). Julio Paulo Tavares Zabatiero aponta com uma das três questões ainda não resolvidas nos dois paradigmas de formação teológica, ‘ecumênico’ e ‘evangelical’ é a relação entre teoria e prática (2006, p. 153-154).

Assim sendo, por todo o exposto, apresenta-se aqui uma questão para as Conclusões e Recomendações Finais: que se proponha que o currículo seja menos conteudista e se estimule a criação de trabalhos práticos em cada matéria, e na filosofia educacional se defina uma maior integração entre teoria e prática, no sentido de se alcançar maior efetividade na formação educacional, e se atenha a uma das três outras questões ainda não resolvidas, além da relação entre teoria e prática e da imagem da

---

<sup>89</sup> Conforme Questionário realizado para o segundo capítulo.

pessoa egressa dos cursos de bacharelado de teologia, mencionadas por Zabatiero:<sup>90</sup> a superação do modelo curricular da modernidade.

#### **4.3.3. A filosofia educacional do SETEBAN/GOIÂNIA:**

Zabatiero, fala da elaboração do “projeto teológico-pedagógico” (2006, p. 159), o que no caso do SETEBAN/GOIÂNIA, seria uma tarefa *a posteriori*, pois ainda não possui nem sequer uma filosofia educacional devidamente estabelecida, e o projeto teológico-pedagógico é uma tarefa institucional.<sup>91</sup> Já Rega fala sobre a importância da filosofia educacional, que seria o conjunto de valores que fundamentam o processo educativo da instituição. Ele afirma que essa declaração de valores antecede a questão do currículo: “antes de elaborar o currículo é preciso que haja o estabelecimento de uma declaração de valores e objetivos educacionais norteadora de todo sistema educacional” (2006, p. 115). Nesse sentido, o que se percebe nos estudos que se fez da história do SETEBAN/GOIÂNIA, bem como de sua prática pedagógica, é que a questão fundamental está, a princípio, não no currículo em si, mas na filosofia educacional que molda a prática educacional.

Não é apenas uma questão de verificar a ausência de uma filosofia educacional, pois toda instituição tem uma filosofia educacional, ainda que implícita, como é o caso do SETEBAN/GOIÂNIA. Ao se verificar os documentos de sua origem, Estatutos e Atas de assembleias, bem como ao se analisar os questionários aplicados a todos os envolvidos no processo educacional do SETEBAN/GOIÂNIA, percebe-se uma filosofia

---

<sup>90</sup> Segundo Zabatiero, o paradigma da modernidade o currículo se divide em áreas acadêmicas relativamente estanques, com disciplinas relativamente autônomas e desvinculação dos conteúdos da vida cotidiana, com tendência para a especialização e fragmentação do saber, desconsiderando outras fontes do saber, que não a acadêmica, bem como a indiferença para as questões pessoais de docentes e discentes, o que gera um distanciamento entre o saber estudado na escola e a vida cotidiana. Ele propõe algumas medidas para superar o paradigma da modernidade: modificação dos títulos de áreas do currículo; mudança de ementas; participação interativa do corpo docente no desenvolvimento do projeto pedagógico e questões didáticas; ampliação de horas de estágio; valorização da interdisciplinaridade, dentre outros, aspectos esses que serão rerepresentados de forma mais detalhada ao final desse capítulo, como recomendações finais (2006, p.165-7).

<sup>91</sup> Para melhor consideração do assunto “Projeto Pedagógico” verificar o que diz Celso Vasconcellos (2000), onde ele afirma o valor deste e orienta em sua elaboração.

implícita que se tem praticado ao longo de sua existência. Rega afirma que “quer saibamos ou não, estejamos conscientes ou não, o sistema educacional de cada seminário é produto de um conjunto de forças que o modelam” (2006, p. 113). Assim, tudo que foi realizado no SETEBAN/GOIÂNIA ao longo de seus 33 anos de existência, é produto de um “conjunto de forças” não explícitas, mas implícitas em sua história e prática educacional. Nossa tarefa primeira é identificar a filosofia educacional que está implícita na história e na prática educacional do SETEBAN/GOIÂNIA. A segunda é oferecer uma proposta para a filosofia educacional do SETEBAN/GOIÂNIA, em função da análise antropológica urbana e marco teórico bíblico-teológico apontado na tese.

Pelo que se percebe na história e prática pedagógica do SETEBAN/GOIÂNIA, nota-se que sua filosofia educacional implícita caminha por dois vieses: o conteudista e o funcionalista. Zabatiero diz que “não há prática sem teoria – ao menos pressuposta, ainda que ignorada; e não há teoria sem alguma prática, ainda que a relação entre ambas seja contraditória” (2006, p.161). A questão funcionalista implícita na filosofia do SETEBAN/GOIÂNIA verifica-se primeiramente em seus Estatutos, os quais afirmam que um dos seus objetivos seria “ministrar o ensino teológico aos vocacionados ao Santo Ministério da Palavra e ao serviço da causa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”.<sup>92</sup> Complementando o que se encontra em seu artigo 1º, acima citado, temos o questionário que foi entregue aos Líderes Fundadores, os quais ao serem perguntados o que os levou a fundar um seminário, disseram que foi “evitar que os vocacionados saíssem pra estudar em seminários fora de Goiânia ou em seminários de Goiânia, mas de outras denominações; buscar o crescimento da denominação e formar os vocacionados dentro da declaração de fé dos batistas nacionais.”<sup>93</sup> Por tudo isso, pode-se perceber que o primeiro objetivo do SETEBAN/GOIÂNIA é funcionalista, ou seja, formar liderança para a denominação, visando seu crescimento.

Edson Martins diz que “quase todas as instituições teológicas pertencentes aos protestantes nasceram com o objetivo de preparar mão de obra para a manutenção da estrutura eclesiástica de cada confissão” (2006, p. 51), o que ele chama de visão

---

<sup>92</sup> Livro de atas da CBN-GO, p. 12.

<sup>93</sup> Questionário I – Líderes Fundadores.

funcionalista (*ibid*, p. 52). Embora ele dê um tom pejorativo a esse objetivo, não há mal nenhum em que uma confissão deseje preparar melhor aqueles que em seu meio, querem se dedicar eficientemente ao ministério. A própria citação que ele faz de um dos líderes denominacionais que defende a abertura de seminários, a motivação é saudável “jovens bem preparados para assumir os campos que o Senhor está abrindo” (*ibid*, p. 52). Pode-se perceber nessa visão o objetivo missional e pastoral, ou seja, novos campos (missional) bem como a preparação de novos líderes que darão continuidade ao trabalho (pastoral).

A questão conteudista se verifica nos questionários, cujas repostas apontam para a ênfase que se dá aos conteúdos, logrando êxito, inclusive, nessa questão. No questionário que se fez com os Egressos, quando perguntados sobre o que mais os ajudou do que estudaram no SETEBAN/GOIÂNIA, 80% disseram que foi nas questões teológicas e exegéticas. Quando perguntados onde o SETEBAN/GOIÂNIA poderia ter sido melhor, 80% disseram que na ‘prática ministerial’, ou seja, em questões práticas.<sup>94</sup> Segundo Rega “o sistema dos seminários no Brasil geralmente é um sistema orientado por conteúdos (conteudista) em vez de ser orientado por objetivos educacionais” (2006, p. 113). Uma questão que precisa ser avaliada nesse caso, é que para ser pastor batista nacional, o candidato precisa passar por um processo, no qual consta um exame em teologia e eclesiologia,<sup>95</sup> em que o exame eclesiológico, nada mais é que exame das práticas eclesiais batistas nacionais. É natural neste caso, que um grande foco de qualquer seminário batista nacional, seja oferecer um conteúdo programático, capaz de preparar o indivíduo para esse exame.

Por todo o exposto, pode-se verificar que a filosofia implícita no processo educacional do SETEBAN/GOIÂNIA está focada em dois objetivos: funcionalista – que seria o de preparar líderes para o crescimento da denominação na região; e, conteudista – ou seja, mais focado no acúmulo de conhecimento, especialmente no que a denominação crê, do que nas exigências pastorais e missionais contextuais.

---

<sup>94</sup> Questionário IV – Dos Egressos

<sup>95</sup> Artigo 18 do Regimento Interno da ORMIBAN, p. 146 do Manual Básico dos Batistas Nacionais.

Quanto à questão funcionalista, não há mal em si mesma, primeiro conquanto se esteja aberta a todas as denominações, o que tem sido uma prática do SETEBAN/GOIÂNIA, tanto possuindo em seu quadro docente professores de outras denominações, quanto em seu quadro docente alunos de outras denominações; em segundo lugar, que a formação não seja visando o crescimento pelo crescimento, mas um crescimento integral visando o reino de Deus e a sociedade, e não apenas a instituição.

Agora, quanto à questão conteudista, é um problema que desafia não somente o SETEBAN/GOIÂNIA, mas grande parte dos seminários no Brasil. Uma questão específica dos batistas nacionais que força o conteudismo é a exigência que se faz no exame teológico dos candidatos ao pastorado pela ORMIBAN – Ordem de Ministros Batistas Nacionais, instituição que credencia os pastores batistas nacionais, o que leva os seminários batistas nacionais a se concentrarem em oferecer aos alunos um conteúdo que os habilite a essa prova.<sup>96</sup> Como nem todos que estudam no SETEBAN/GOIÂNIA serão pastores, esse modelo precisa ser repensado.

A vocação não é privilégio de uns dentro do povo de Deus, mas todo povo de Deus é vocacionado ao serviço pastoral e missionário.<sup>97</sup> É certo que dentro do povo de Deus, alguns recebem uma vocação específica, a qual visa especificamente, ser instrumento de Deus no preparo de todo o povo de Deus para a missão. Destaca-se aqui, algumas das conclusões de Charles van Engen (1996) a respeito da questão: 1. A pessoa ordenada não é superior, mais importante ou mais santa; 2. Ela é designada pelo povo de Deus para capacitar e preparar a congregação; 3. A confirmação da ordenação vem à medida que a Igreja se torna povo missionário de Deus; 4. A pessoa ordenada é servo de

---

<sup>96</sup> As normas regimentais para este exame preveem a consideração de fatores regionais, embora o que se percebe na grande maioria dos exames, é a grande concentração em questões de conteúdo teológico, sobretudo da sistemática.

<sup>97</sup> Sobre a vocação de todo o povo de Deus para o serviço, dedico um capítulo do livro *“O Espírito Santo e a missão da igreja”* a este tema, considerando a análise bíblica do fenômeno de Pentecostes em Atos 2, como tendo como objetivo, responder a três questões: 1. Quem foi enviado? A Quem foi enviado? Como foi enviado? A primeira pergunta a resposta é: todo o povo de Deus foi capacitado e enviado no Pentecoste. Silva, E. J. M. (2002, p.59-82).

todos; 5. Ela se esforça para estabelecer uma inter-relação dinâmica entre a igreja e o mundo; 6. Há um chamado especial de Deus, e a congregação precisa perceber isto.<sup>98</sup>

A questão da formação conteudista, até mesmo para aquele que será pastor, dificultará sua prática ministerial, o que já é um reclame de 80% dos egressos do SETEBAN/GOIÂNIA, conforme aponta os questionários.

Então, a filosofia educacional implícita do SETEBAN/GOIÂNIA, deve passar pelo crivo de uma proposta que visa: servir na preparação de pessoas vocacionadas para o ministério, a fim de servir as igrejas locais no sentido de um duplo viés missional e pastoral, primando por oferecer uma educação teológica dentro dos princípios batistas, não deixando de lado as questões referentes ao batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais como realidades para nossos dias.

O último capítulo a seguir, trata das questões finais e para tanto segue a seguinte estrutura: primeiro um resumo dos três capítulos anteriores, depois as conclusões que apresentaram e por fim, as recomendações às instituições envolvidas no processo de formação de liderança cristã para o contexto da RMG.

---

<sup>98</sup> Para ver mais sobre a vocação de todo o povo de Deus, sugiro Bosch, D. (2002, p. 558-564), Cook, G. (1998, p. 156-160), Roldán, A. F. (2003, p. 103-130) e Driver, J. (1994, p. 40-56).

## CAPÍTULO 5

### RESUMO, CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto da pesquisa adoto o seguinte método: primeiro apresento um resumo de tudo que já foi escrito nos capítulos, como sendo pontos gerais. Em seguida, são apresentadas as conclusões que a pesquisa aponta em cada capítulo. Finalmente, apresenta as recomendações para que o SETEBAN/GOIÂNIA possa oferecer uma formação de liderança que seja pertinente ao contexto da RMG, preparando pessoas para servir a ele, num viés missional e pastoral.

#### 5.1. Resumo:

O resumo segue a ordem dos capítulos da tese, não sendo necessário resumir o primeiro capítulo, pois se refere às questões metodológicas introdutórias. O primeiro ponto será sobre o marco teórico bíblico-teológico da tese. O segundo, descrever como foi formada a metrópole goianiense e os traços peculiares que apontam para o *homo urbanus* goianiense. O terceiro, descrever o contexto constitucional triplo que envolve o tema: As 18 igrejas da RMG, o SETEBAN-GOIÂNIA, e a CBN-GO, destacando como instituição central promotora de mudanças, o SETEBAN-GOIÂNIA.

### **5.1.1. Marco teórico bíblico-teológico:**

O marco teórico bíblico busca extrair princípios bíblicos para a formação de liderança cristã que atenda ao contexto da RMG, analisando a experiência paulina a partir de suas cartas e do livro de Atos. A teologia bíblica, especificamente focando na liderança paulina, encontram-se princípios que podem cooperar com a formação teológica de uma liderança com perfil pastoral e missional, para o contexto da RMG. Tendo como ponto de partida a formação familiar cultural de Paulo; sua experiência de conversão e chamada; sua caminhada como discípulo e mentor; como missionário, pastor e teólogo, elabora-se a trajetória de Paulo. Em cada um destes aspectos e em todos conjuntamente, temos princípios auxiliares para a formação de liderança que atenda às demandas da RMG.

Após verificar a toda a vida do apóstolo Paulo, chegou-se a quatro princípios que podem cooperar com a educação teológica na formação de liderança para o contexto urbano da RMG: (i) princípio antropológico; (ii) pedagógico; (iii) eclesiológico; e (iv) estratégico.

O marco teórico teológico é o da Teologia da Missão Integral. Em 2002, os batistas nacionais optaram pela Teologia da Missão Integral como eixo eclesiológico norteador das atividades pastorais e missionais de suas igrejas, definindo para os batistas nacionais, o que é a missão integral da igreja: “se refere a levar a denúncia do estado de degradação (moral, espiritual, social e físico) do homem, por causa do pecado, que provocou a interrupção do relacionamento com Deus e com o ser humano. A missão integral da igreja atua na perspectiva da adoração a Deus, do discipulado, da ação missionária e da responsabilidade social” (MBBN, 2010, p. 28). E finaliza com uma afirmação fundamentada nas palavras de René Padilha “o evangelho todo, para todo o homem e o homem todo” (*apud* MBBN, 2010, p. 28).

A TMI nasceu na América Latina, com teólogos latino-americanos, e tem suas raízes no movimento missionário do século XIX e XX na América do Norte e Europa. Tem suas origens na teologia clássica e no movimento Evangelical. Os fatos preponderantes para a criação e expansão da TMI foram o CLADE I, como o primeiro

congresso latino americano para tratar da questão, a criação da FTL, como fórum de reflexão permanente e Lausanne 74, onde a TMI se inseriu no contexto mundial.

A partir da teologia da missão integral foram extraídos três princípios que poderão cooperar para uma formação teológica com viés pastoral e missionário, de líderes para o contexto da RMG, quais sejam: (i) o princípio da integralidade do ser humano; (ii) o princípio da contextualização; e, (iii) o princípio da missão.

### ***5.1.2. Goiânia: a metrópole e suas demandas antropológicas:***

A cidade de Goiânia, fundada para ser a capital do Estado de Goiás, no dia 24 de outubro de 1933, foi, àquela época, uma das cinco capitais brasileiras devidamente planejadas. O plano urbanístico trazia em si a proposta de ser uma cidade líder no processo de integração nacional, a partir do Centro-Oeste Brasileiro. Foram quatro os fatores que contribuíram para a criação da nova capital: (i) os grupos econômicos nacionais, instalados, sobretudo em São Paulo que desejavam expandir suas fronteiras, movidos pela economia global em relação à depressão de 29 nos Estados Unidos da América; (ii) a Revolução de 30, quando o Presidente Getúlio Vargas inicia um programa de ocupação do sertão chamado “Marcha para o Oeste.” (iii) O cenário político em Goiás, favoreceu a criação da nova capital, visto que o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, nomeado Interventor do Estado por Getúlio Vargas, era inimigo político da oligarquia dos Caiados, que há tempos dominavam a política goiana e estavam instalados na antiga capital, a Cidade de Goiás; (iv) e o último fator, o fato inconteste que a antiga capital não reunia as condições de ser uma metrópole em razão de vários fatores, dentre eles a topografia e a insalubridade, o que já era pleito que reportava desde o século XIX (Chaveiro, 2001; Medeiros, 2010; Palacín, 2008). O traçado original de Goiânia foi inspirado em Versalhes, na França. Sua criação foi uma atitude ousada e tinha como objetivo último, caso desse certo, a construção da futura capital federal (Levy-Strauss, 1973).

A cidade de Goiânia possui mais de um milhão e trezentos mil habitantes, e seu crescimento vertiginoso gerou a criação da RMG com 20 municípios, que totalizam mais

de dois milhões e cem mil habitantes, configurando a décima primeira Região Metropolitana mais populosa do Brasil; a nona em qualidade de vida e um IDH maior que a média nacional de 0,800. O índice de urbanização da RMG é de 98,04% e da cidade de Goiânia de 99,6%. É líder regional em diversas áreas, como na atividade terciária, na medicina, na educação e cultura. Sua localização fez dela um entreposto nacional entre Sul/Sudeste e Norte//Nordeste, bem como para todo o Centro-Oeste brasileiro.

A partir da antropologia cultural, como referencial teórico, buscou-se encontrar uma aproximação do que seria o *homo urbanus* goianiense, tendo em vista que tanto o cuidado pastoral quanto a ação missional, encontram-se no contexto das pessoas que habitam a RMG, com suas demandas antropológicas. Neste sentido, por meio da antropologia cultural percebem-se quais são as teias de significado que formam o *ethos* cultural do *homo urbanus* goianiense; e a partir do conhecimento dessas teias de significados construir pontes no sentido de alcançar uma pastoral missional que seja relevante e pertinente ao contexto da RMG.

O *homo urbanus* goianiense possui características peculiares e gerais. As peculiares, frutos do processo de fundação da cidade, são: o conflito urbano/rural e o apego ao religioso. Em diversas áreas pode-se perceber tanto o apego ao religioso quanto ao mundo rural do *homo urbanus* goianiense, cito aqui especificamente a arquitetura e a música. Na arquitetura o fato de Goiânia ter sido a cidade onde o apego ao neocolonial se deu por mais tempo e na música por Goiânia ter se tornado a capital da música sertaneja no Brasil. Somente nos últimos anos é que esse apego ao religioso e ao rural começa a perder campo para a secularização e urbanização, tanto na arquitetura por meio da opção por estilos modernistas, como na música pela adoção do sertanejo universitário (Mello, 2006).

Nas características gerais, temos, conforme Medeiros (2010), as questões do tráfego urbano, conurbação indesejada na região metropolitana, a violência, gerando o que se chama de estresse urbano. Sathler-Rosa (2004) aponta alguns fatores que formam o *ethos* cultural do mundo urbano dos quais encontramos presente no *homo urbanus* goianiense os seguintes: o sentido de impermanência, gerado pelo estrangulamento da

família tradicional e pela imigração, e a cultura das sensações, gerado por uma visão de mundo individualista e materialista, onde também o processo de imigração, muitas vezes, se dá por esse motivo e é gerador dessa expectativa. O desemprego e a competição são dois fatores que afetam o cidadão goianiense, tornando a vida urbana ainda mais individualista e geradora de imensos conflitos pessoais. Duas características do ser humano brasileiro apontado por Lidório (2008), que estão presentes no *homo urbanus* goianiense são: uma sociedade contadora de história e relacional.

### **5.1.3. Contexto institucional:**

A pesquisa demonstrou que os agentes institucionais envolvidos no processo de transformação, por meio do agir e refletir pastoral e missionalmente na RMG são três, conforme figura 1. Embora a pesquisa tenha como foco central esse agir e refletir a partir do SETEBAN-GOIÂNIA, duas outras instituições fazem parte diretamente desse agir e refletir e não há como estudar o SETEBAN sem considerar estas duas instituições, quais sejam: a CBN-GO, que é a associação que congrega as igrejas batistas nacionais e as 18 igrejas batistas nacionais que estão localizadas na RMG.

No aspecto institucional, o primeiro passo foi elaborar o perfil dos pastores batistas nacionais que presidem as 18 igrejas da RMG, qual seja: o pastor batista nacional da RMG é em sua totalidade homem, de cor branca em sua maioria, todos casados, em média com dois filhos, e a maioria tem casa própria. Todos têm formação teológica e a média de idade é de 50 anos. A média de tempo de ministério é de 20 anos. A maioria nasceu num lar evangélico e sempre pertenceram a CBN. As igrejas que pastoreiam a maioria tem sede própria, com capacidade para 200 pessoas. O envolvimento em missões é regular e nas questões sociais é fraco. Das 20 cidades que compõem a RMG, temos igrejas em 6 cidades, sendo treze em Goiânia, uma em Aparecida de Goiânia, uma em Trindade, uma em Senador Canedo (as cinco maiores cidades da RMG), e uma em Inhumas.

O SETEBAN/GOIÂNIA foi criado em 21.08.1982, com o objetivo de formar teologicamente os vocacionados e vocacionadas, a fim de propiciar o crescimento das

igrejas batistas nacionais na região e orientar a formação dentro da doutrina batista nacional, sobretudo nas questões do batismo do Espírito Santo e os dons espirituais, e aqui temos a filosofia educacional implícita. Iniciou com todas as dificuldades peculiares aos seminários evangélicos brasileiros, com apenas 4 igrejas para mantê-lo. Até hoje foram 134 graduações, sendo 58 mulheres e 76 homens. 5 foram do curso de Liderança Cristã, 31 do Médio em Teologia e 98 de Bacharel em Teologia. O Seminário possui uma sede própria no centro da cidade, com instalações modestas, mas suficiente para o que oferece e com possibilidade de ampliação. Foram criados novos núcleos do SETEBAN-GO. Em 1997 na cidade de Anápolis, a 50 km de Goiânia; e em 2003, o de Rio Verde, cidade a 220 km de Goiânia. Ao todo, o SETEBAN-GO conta com 140 alunos e no núcleo de Goiânia 29 alunos. Dos 29 alunos, 27 são de igrejas batistas nacionais, sendo que das 18 igrejas batistas nacionais da RMG apenas 6 enviaram alunos. 17 alunos e 12 alunas; 17 têm curso superior e 12 o ensino médio. Além do corpo docente formado por voluntários, conta com um Diretor, que dá tempo parcial e uma secretária de tempo integral.

O processo educativo do SETEBAN/GOIÂNIA, conta com um currículo cuja matriz é comum à maioria dos seminários brasileiros, e sua filosofia educacional, tem como ênfase propiciar o crescimento da denominação na região e resguardar as doutrinas fundamentais dos batistas nacionais, de certa forma implícita desde sua fundação. Essa filosofia educacional aponta para um viés conteudista e funcionalista.

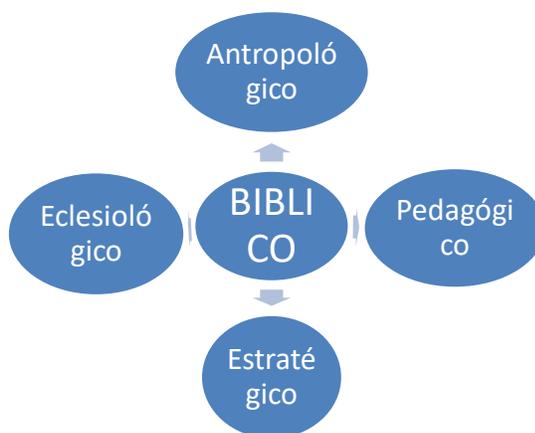
## **5.2. Conclusões:**

A metodologia foi a mesma adotada para o resumo, ou seja, destacar dos três capítulos anteriores, as conclusões apresentadas pela pesquisa, que visa verificar e apurar o que se faz necessário para que a educação teológica possa cumprir seu papel para a formação de liderança cristã para o contexto urbano, com perfil missional e pastoral. Então seguiremos o seguinte roteiro: primeiro quais são as conclusões apresentadas no capítulo que trata do marco teórico bíblico-teológico? Segundo, quais são as conclusões que demonstrou o capítulo que trata da Região Metropolitana de

Goiânia? E, por último, quais as conclusões apresentadas na pesquisa sobre o contexto institucional, ao qual a pesquisa se destina?

### 5.2.1. Marco teórico bíblico-teológico:

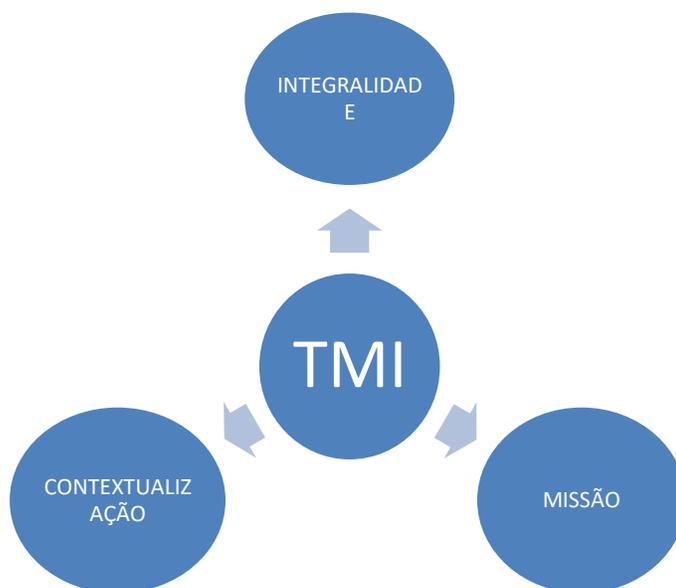
Analisando os aspectos da formação de liderança em Paulo, a pesquisa oferece quatro princípios para nortear a educação teológica no sentido de formar liderança para o contexto urbano da RMG: (i) princípio antropológico – visa compreender as teias de significado culturais que envolvem o *homo urbanus*, e construir pontes para alcançá-lo, missional e pastoralmente, em seu contexto; (ii) pedagógico – visa conceber a formação de liderança, como processo de educação tanto formal como informal, com diversidade estratégica e flexibilidade contextual, numa relação dinâmica entre discipulado e mentoria; (iii) eclesiológico – visa compreender a centralidade da igreja como o lugar a partir de onde é formada a liderança num duplo viés: pastoral (nutrir o povo de Deus) e missional (proclamar a fé ao não povo de Deus), e (iv) estratégico – visa conceber sua importância para a ação missional e pastoral na cidade, considerando a flexibilidade estratégica que o mundo urbano exige, em seus variados fatores contextuais.



**FIGURA 4 – PRINCÍPIOS BÍBLICOS DE FORMAÇÃO DE LÍDERANÇA PAULINO**

Analisando a teologia da missão integral a pesquisa aponta três princípios que poderá nortear a formação teológica no sentido de preparar liderança para o contexto da RMG, quais sejam: (i) o da integralidade do ser humano – visa perceber o indivíduo em sua complexidade física e espiritual, cognitiva e afetiva, confrontando com uma evangelização reducionista e dicotomista. (ii) O da contextualização – visa ajudar a compreender que a cultura envolvida no contexto onde estão as pessoas, deve ser considerada e compreendida, para a elaboração de uma ação missional e pastoral eficiente e eficaz. (iii) O princípio da missão – visa compreender que conceito de missão é sempre revisto e reformulado, a partir dos desafios de cada novo tempo e tem como ponto de partida e fundamento, o fato de que a missão é derivada de Deus, cuja resposta é o evangelho para a humanidade separada de Deus. A missão está sempre em estado de mudança, em resposta aos novos desafios contextuais.

**FIGURA 5 – PRINCÍPIOS DA TMI PARA A FORMAÇÃO DE LIDERANÇA**



### **5.2.2. Goiânia Metrópole e suas demandas antropológicas:**

A urbanização de Goiânia se deu num processo que desarticulou todo o projeto urbanístico que seus fundadores propuseram para a cidade e, juntamente com o processo de metropolização, gerou uma gama de problemas que assombram seus habitantes diariamente, e que são geradores de desafios sociais, culturais e pessoais, os quais a educação teológica que visa preparar líderes para este contexto, precisa considerar.

#### **5.2.2.1. Desafios sociais:**

Primeiramente temos a questão do conflito produzido pelo que se chama ‘estresse urbano’ que é o conjunto de situações geradas pela urbanização crescente da cidade, dificultando a qualidade de vida de seus habitantes. O estresse urbano tem como fonte geradora principal na cidade de Goiânia, os seguintes fatores:(i) o trânsito urbano – o deslocamento da população, tanto dos que dependem do transporte público, como dos que se locomovem com veículo próprio. Problema de todas as grandes cidades brasileiras, e Goiânia não está fora dele. O tempo que se dispensa a locomoção: residência – serviço, e vice versa; residência – escola e vice versa; ou residência – serviço – escola – residência é estressante física e emocionalmente, tanto em função do tempo, como em função do gasto financeiro; (ii) a insegurança – aqui representada pelos seguintes fatores: violência, desemprego e competição. Esses três fatores, abordados por Satlher-Rosa, definem o *homo urbanus* goianiense como um ser inseguro. Na RMG, o fator que mais gera insegurança hoje é a violência. A criminalidade como um todo, assassinatos, assaltos, roubos, tráfico de drogas, e outros, tem gerado na população um sentimento de insegurança doentio. Nesse ano, Goiânia esteve nos noticiários nacionais com matadores em série, de mendigos e mulheres, sendo que no final foi preso um suspeito, o qual confessou ter matado 39 pessoas, sendo 22 mulheres e 17 homens. A

população da RMG vive em pânico com todo tipo de violência praticada a todo o momento.<sup>99</sup>

Em segundo lugar, temos a questão da desigualdade social, a qual se constitui num desafio enorme para a liderança que se pretende formar para a cidade. A pobreza, fruto da divisão injusta das riquezas, do processo migratório, de programas políticos populistas e do processo de globalização da economia. O próprio processo de urbanização, que procura esconder a pobreza da vista dos ricos, criando espaços de convivência bem definidos, gerou na cidade a desigualdade social, o que se percebe claramente, na divisão dos espaços urbanos, onde os espaços de moradia, lazer e trabalho dos ricos, é bem segregado dos pobres. Outro fator onde se observa a questão da segregação social a qual a sociedade goianiense foi submetida, por meio da urbanização, foi a conurbação urbana ocorrida entre os municípios da RMG, prejudicando extremamente as cidades da RMG que foram vítimas da exploração imobiliária, sobretudo a população mais pobre, os quais foram empurrados regiões, sem as mínimas condições urbanas, dificultando inclusive, a administração das cidades do entorno, no sentido de oferecer os serviços públicos de qualidade, e vistas como ‘cidades dormitório’, por não possuir uma economia própria e servir apenas como moradia para os trabalhadores de Goiânia. A questão das desigualdades sociais é fruto da política econômica e do processo de urbanização, o que se constitui um desafio para a formação de liderança.

---

<sup>99</sup> Abreu, Almeida, Bahia, Longo e Pinheiro, (2014) O Popular, dia 18/10/14, p. 5.

### 5.2.2.2. *Desafios culturais:*

A secularização<sup>100</sup> é um desafio para a formação de liderança cristã, pois ela defende que a religião não é a única forma de determinar a vida das pessoas, mas outras instituições vão tomando esse lugar de influência, defendendo que a questão religiosa é de fórum privado e não deve nortear a vida pública. Muitas pessoas, embora se dizendo religiosas, influenciadas pelo pensamento secularizador, não definem todos os seus comportamentos e decisões fundamentados em valores religiosos, bem como não demonstram em sua vida prática, apego e fidelidade à sua religião, por considerar está como sendo apenas, um dos fatores constitutivos de sua cultura. Entretanto, a tentativa de reprimir o religioso e deixá-lo somente no domínio privado, pessoal e subjetivo, não logrou êxito como afirma Meslin (2014), em sua antropologia religiosa:

Não podemos hesitar um só instante em descobrir que esta posição é por demais teórica e que ela afirma uma secularização que jamais é tão total nem tão absoluta, pois é evidente que toda fé religiosa radica e funciona apenas na realidade de homens crentes, que vivem numa cultura e numa sociedade dadas. Não existe fé tão privada que não exerça qualquer influência sobre a sociedade. Além disso, sabemos que toda religião não pode atingir o homem a não ser através das mediações culturais de seu tempo (p. 67).

Neste caso, a tentativa de subordinar a cidade de Goiânia ao pensamento secular, ideal de seus fundadores, comprova as afirmações de Meslin fundadas na antropologia religiosa, pois não logrou êxito, por força da implicação de que o pensamento religioso faz parte da essência das culturas humanas.

---

<sup>100</sup> A partir do século XIX houve um progressivo declínio da influência das instituições religiosas tradicionais, mesmo afirmando que nunca uma crença ou instituição religiosa a ela ligada tenha obtido uma unanimidade absoluta. Este declínio, verificou-se tanto na prática dos fiéis, como na dificuldade crescente em recrutar clero para o desenvolvimento e manutenção da instituição. A maior parte dos estudos versou a tentativa de compreensão deste fenômeno. Hoje, a investigação já não se centra tanto nas causas e nas razões da secularização, mas nas possibilidades da relação da modernidade com o religioso. Wikipédia, Enc. *Secularização*. (2013, 13 de agosto). Recuperado o dia 10 de dezembro de 2014, de <https://pt.wikipedia.org/wiki/secularizacao>

Embora a secularização seja um desafio atual, na cidade de Goiânia é preciso salientar que é um processo tardio, em relação às demais cidades de região metropolitana, como Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, etc. Só para se ter um parâmetro, Brasília, a capital da República, a cidade metropolitana mais próxima a Goiânia, cerca de duas horas de carro, fundada 30 anos depois, o processo de secularização é bem mais acentuado que em Goiânia, a qual conserva ainda um ar provinciano. Isso se deu já em sua gênese, como mostra a pesquisa, uma das características constitutivas do *ethos* do *homo urbanus* goianiense é seu apego a uma visão de mundo que inclui a religião como parte fundante. Observa-se essa ligação ao religioso, tanto no ‘mito de fundação’ quanto em uma de duas principais festas, a festa junina, onde se comemora São Pedro, Santo Antônio e São João. O ‘mito de fundação’ vê no traçado da cidade a figura de Nossa Senhora de Aparecida, e esse mito nasce da mentalidade popular, pois a padroeira da cidade é Nossa Senhora Auxiliadora, escolhida pelo clero católico. A festa junina é extremamente forte em Goiânia, não somente nas igrejas católicas, mas também nas escolas, e ultimamente, algumas igrejas evangélicas têm feito uma adaptação da festa, como sendo uma festa que evoca a tradição rural. Nessa aculturação que se dá em algumas igrejas evangélicas, a respeito da festa junina, demonstra tanto a força dessa festa, de fundo religioso católico popular, mas também como se fosse uma volta à ruralidade, mostrando não somente a força do *ethos* religioso como uma das ‘teias de significado’ da cultura goianiense, como também, um *ethos* religioso católico popular, que desafia uma proposta de formação teológica de liderança evangélica para a cidade.

Entretanto, nos últimos anos, a secularização vai tomando forma na mentalidade das novas gerações dos goianienses, o que se verifica na questão da arquitetura da cidade, como pesquisado no segundo capítulo, onde as novas construções que foram edificadas a partir do ano 2000, não obedeceram ao estilo neocolonial, na sua maioria, mas ao estilo futurista. Outro fator que pode ser considerado é a mudança ocorrida na música sertaneja, da qual Goiânia é considerada a capital nacional. Nos últimos 10 anos,

a música sertaneja sofreu uma mudança de roupagem, acrescentando um novo estilo,<sup>101</sup> assumindo o título de ‘sertanejo universitário’ para agradar a nova geração, que não quer mais estar ligada ao sertanejo tradicional, que remete justamente à forte ligação com a tradição religiosa e rural, numa visão de mundo onde o religioso determina as ações das pessoas e da sociedade, bem como o mundo rural. Essas influências secularizadoras que se percebe na população goianiense, aqui denotadas especialmente na música e na arquitetura, se deve ao processo de urbanização, à migração e ao acesso da juventude às universidades por ser um centro universitário regional, bem como um centro comercial, não somente para o Estado, mas para a Região Centro-Oeste e Estados do Norte e Nordeste brasileiro e por consequência, ao mundo globalizado e seus novos meios de comunicação.

### **5.2.2.3. Desafios pessoais:**

O *homo urbanus* goianiense é um ser em conflito, não só em função das demandas da pós-modernidade, ou modernidade líquida, mas também por sua própria formação original, a qual luta para preservar uma tradição mais ligada a ruralidade e a religião, e a princípio, rejeitou os valores da secularização, mas agora, quando esses valores passam a ser assimilados pela população mais jovem, os conflitos se acumulam de forma mais abrangente. Segundo Sathler-Rosa (2004), o *ethos* urbano possui algumas características que são peculiares, das quais cito aqui duas: a ‘cultura das sensações’ e as ‘impermanências.’ Elas afetam diretamente, de forma mais contundente, a população das grandes cidades. A cultura das sensações leva o ser humano a busca incessante e às vezes, insana, por novas experiências e um sentimento de insatisfação constante, o que se percebe claramente na RMG, pelo número cada vez maior de lugares onde se oferece a população a possibilidade dessas respostas.

---

<sup>101</sup> A música sertaneja possui hoje três roupagens específicas: o sertanejo de raiz, que representa o meio rural; o sertanejo romântico, que se distanciou do meio rural; e o sertanejo universitário, que está mais ligado aos novos valores secularizados. Wikipédia, Enc. Música Sertaneja. (2013, 13 de Agosto). Recuperado o dia 19 de Fevereiro de 2014, de [www.wikipedia.org/wiki/M%C3%Basica\\_sertaneja](http://www.wikipedia.org/wiki/M%C3%Basica_sertaneja).

A questão das impermanências afeta o indivíduo no sentido da ausência de significados, de uma rotina que lhe ofereça segurança e nesse sentido, tanto as questões individuais de bem-estar, como as comunitárias mais próximas, no caso a família, são alteradas, gerando conflitos e desestruturação da personalidade e da família, o que desencadeia outros conflitos sociais, na área das drogas e da violência urbana. A população goianiense é hoje extremamente afetada por esses fatos.

Segundo as pesquisas do IBGE, a única região do país em que o número de divórcios cresceu mais que o de casamentos, foi o Centro-Oeste, especialmente o Estado de Goiás,<sup>102</sup> o que pode ser facilmente constatado nas escolas, ao se verificar junto aos alunos quantos deles vivem com os pais; daí percebe-se claramente que a grande maioria, sobretudo nas famílias de mais pobres, são filhos de pais separados. Soma-se a estas questões a migração, pois a cidade recebe pessoas que vem para buscar novas oportunidades, e muitos destes, saem de suas cidades deixando suas famílias e vindo para uma cidade cosmopolita, estabelecendo novos laços de amizade e em alguns casos, afetando os laços familiares originais.

A população goianiense se enquadra no que Lidório (2008) afirma ser um ‘perfil cultural’ na questão da comunicação da sociedade brasileira, uma sociedade contadora de histórias e uma sociedade relacional. E, esse conflito da sociedade líquida, demonstrado nas questões das impermanências, é fator gerador de conflitos pessoais extremos, ao ponto de conduzir as drogas e a violência, o que desafia a formação de liderança cristã para tal contexto, no sentido de oferecer ferramentas para que a comunicação com o *homo urbanus* goianiense, esteja atenta a essas questões e esteja preparada para responder a altura. As relações humanas são alimentadas por sensações boas e ruins. A mais profunda de todas as relações, é o casamento. Numa sociedade direcionada pelo sentir-se bem, ser feliz sempre, não se constrói relações interpessoais duradouras, o que prejudica especialmente o casamento, e por consequência os filhos e família estendida. A cultura das sensações, afeta especialmente o valor das relações interpessoais, as quais têm sua origem na família, que é diariamente influenciada por

---

<sup>102</sup> G1, Notícias. Taxa de casamentos e divórcios. (2013, 19 de dezembro). Recuperado o dia 20 de Fevereiro de 2014, de [www.g1.globo.com/goias/noticias/2013/taxas-de-casamento-divorcios](http://www.g1.globo.com/goias/noticias/2013/taxas-de-casamento-divorcios)

valores que contribuem para sua dissolução, especialmente na relação do casal, o que gera um desafio para a formação de liderança cristã, no sentido de se preparar para lidar com essas questões, de uma forma bíblica e contextual.

### **5.2.3. O Contexto institucional:**

Quanto às conclusões a respeito da pesquisa de campo realizada no campo institucional, compreendendo o SETEBAN/GOIÂNIA, as 18 Igrejas Batistas Nacionais da RMG e a CBN-GO, são as seguintes:

A questão da idade dos pastores revela que 34% estão acima dos 61 anos e somente um deles está com idade abaixo dos 40 anos. O que estaria estabelecendo essa lacuna: A rejeição da juventude da vocação, os valores da secularização ou o não estímulo por parte dos pastores atuais, ao desenvolvimento de uma nova liderança? Essa questão todas as instituições envolvidas são parte da resposta.

A pesquisa demonstra que poucos pastores buscaram uma educação teológica continuada, indica a ausência de uma política educacional no sentido de valorizar a educação continuada.

Duas questões a ser mencionada sobre o envolvimento com missões transculturais ser regular nas igrejas da RMG: Somente em 1995 foi organizado um departamento nacional para cuidar dessa área, e todos os pastores se mostraram abertos a receber informação sobre o assunto, o que é positivo.

Nas questões de envolvimento com as realidades sociais da comunidade ao redor da igreja, a pesquisa apresentou uma participação fraca. Limitado, na maioria, a distribuir cestas básicas para membros carentes da igreja, sem envolvimento com as questões sociais ao redor. Pode ser que a ausência de uma visão sistêmica dos elementos que compõem o *ethos* cultural de uma metrópole, gerando uma visão limitada ou limitante, “cestas básicas”.

Não há um plano estratégico para plantio de novas igrejas na RMG por parte de nenhuma das três instituições presentes na RMG. Aumentou o número de igrejas, mas,

mais de uma numa região e nenhuma em outras. Dos 20 municípios da RMG 14 ainda não tem nenhuma igreja batista nacional. Aparecida de Goiânia, a segunda maior cidade da RMG, com mais de 455 mil habitantes, tem somente uma igreja e duas congregações. São três os agentes que operam na questão da abertura de novas igrejas: a igreja local, o SETEBAN/GOIÂNIA, e a CBN-GO.

Das 18 igrejas, 11 nunca plantaram igreja e 7 já plantaram e no momento da pesquisa, apenas 6 estão em processo de plantio de novas igrejas, ou seja, está reduzindo o número de igrejas envolvidas nesse processo e conseqüentemente aumentando o número das que não estão plantando novas igrejas.

Em as igrejas batistas nacionais da RMG, a pesquisa demonstrou que o crescimento das igrejas na região está intimamente relacionado ao Seminário, pois das 15 novas igrejas que foram fundadas na RMG após a criação da CBN-GO, 13 são pastoreadas por pessoas formadas no SETEBAN/GOIÂNIA. Entretanto, o crescimento das igrejas não correspondeu ao aumento do corpo discente do Seminário, pelo contrário, nos últimos anos, houve diminuição de alunos e um espaçamento de tempo maior entre as formaturas. Após 2011, foram efetuadas mudanças drásticas, as quais começam a produzir resultados positivos, mas ainda distantes das possibilidades que se configuram pela quantidade de igrejas e pastores que a denominação possui na RMG.

A pesquisa revela que há uma demanda por investimento na área da teologia prática, não só em conteúdo, mas também em projetos de estágio nas igrejas, onde 80% dos egressos afirmaram que a maior deficiência que tiveram nos estudos foi nas questões de prática ministerial, e dos 18 pastores das igrejas batistas nacionais da RMG, 62% solicitaram que o SETEBAN/GOIÂNIA invista mais nas questões de prática ministerial. Pode-se concluir, *a priori*, que essa é uma demanda genuína e que pode ser contemplada em sua estrutura curricular, filosofia educacional e projeto educativo.

Foi constatada uma distância entre a maioria das igrejas batistas nacionais e o SETEBAN/GOIÂNIA. Das 18 igrejas batistas nacionais da RMG, apenas 6 enviaram alunos para o SETEBAN/GOIÂNIA no último ano, o que indica um grande número de igrejas que não enviaram alunos.

Quanto ao valor que se atribui ao SETEBAN/GOIÂNIA, a pesquisa realizada entre os 18 pastores, docentes, discentes, egressos, fundadores, diretorias anteriores e a atual, a conclusão é que o SETEBAN/GOIÂNIA tem prestado um bom serviço às igrejas batistas nacionais.

A filosofia implícita no processo educacional do SETEBAN/GOIÂNIA está focada em dois objetivos, um funcionalista e outro conteudista, e a pesquisa indica que deve haver mudança, sobretudo na questão conteudista, em dois aspectos: primeiro que o seminário se ocupe com uma formação com viés pastoral e missional, oferecendo uma formação que priorize a formação para o trabalho integral da missão e não apenas um dos aspectos, como se tem praticado no Brasil; e em segundo lugar, se ocupar com as questões de prática ministerial, tanto do trabalho pastoral quanto missional.

### **5.3. Recomendações:**

As recomendações seguirão os seguintes passos: primeiro as que se fundamentam no Marco Teórico da pesquisa: urbano, bíblico e teológico; em segundo as de origem referente ao contexto da RMG e ao *homo urbanus* goianiense lugar; e em terceiro lugar, as recomendações se darão no campo institucional, tanto para o SETEBAN/GOIÂNIA, como para a CBN-GO e as igrejas batistas nacionais da RMG.

#### **5.3.1. Referentes ao Marco Teórico – bíblico- teológico:**

Para uma educação teológica que vise formar líderes para o contexto urbano, recomenda-se que o SETEBAN/GOIÂNIA, partindo da teoria teológico-missional/pastoral a partir da TMI, e teoria bíblico-missional/pastoral a partir da experiência paulina, adote uma nova filosofia educacional, com duplo viés: missional e pastoral, qual seja:

Filosofia Educacional – Que se proponha uma filosofia educacional que vise preparar líderes que respondam integralmente aos desafios missionais e pastorais a partir

da RMG. Assim, a reflexão e ação teológica não optarão por focar na formação pastoral ou missional, mas oferecerá uma formação integral, considerando que a *missio Dei*, é tanto pastoral como missional; ou seja, uma educação teológica que visa preparar pessoas tanto para alcançar o indivíduo em sua realidade separada de Deus (ação missional), como o cuidar desse indivíduo alcançado, em sua vivência diária, numa comunidade de fé (ação pastoral), para que ele possa ser também um agente pastoral e ou missional (integral). Uma área se completa na outra, ainda que uns se dediquem mais a uma que a outra área. Que seja incluído no texto da Filosofia Educacional a expressão “no poder do Espírito Santo”, que faz parte do fundamento teológico-histórico da Convenção Batista Nacional.

Definido a filosofia educacional, recomenda-se que seja adotado os princípios abaixo relacionados, fruto da análise do processo da experiência de liderança paulino e da TMI, os quais servirão de norte para a educação teológica a partir do contexto urbano:

Antropológico – Compreender as teias de significado culturais que envolvem o *homo urbanus*, e construir pontes para alcançá-lo em seu contexto.

Pedagógico – o processo educativo é formal e informal, em diversidade estratégica e flexibilidade contextual, numa relação dinâmica entre discipulado e mentoria;

Eclesiológico – A igreja, como o lugar central, a partir de onde é preparada a liderança num duplo viés: pastoral (nutrir o povo de Deus) e missional (proclamar a fé ao não povo de Deus).

Estratégico – Ações práticas para a ação missional e pastoral na cidade e flexíveis em face as rápidas mudanças e diversidades vivenciais do mundo urbano.

Integralidade do ser humano – o indivíduo necessita ser considerado em sua realidade pessoal (física, emocional e espiritual) e relacional (comunitária e cósmica).

Contextualização – o contexto onde se vivencia a tarefa missional e pastoral deve ser considerado e compreendido, para a elaboração de uma ação e reflexão eficiente e eficaz.

Missão – a missão é derivada de Deus e a resposta para a humanidade. E, diante de sempre novos desafios contextuais, é revista e reformulada.

### **5.3.2. Referentes ao contexto da RMG:**

Para uma educação teológica que vise formar líderes para agir e refletir missional e pastoralmente com e na, e a partir da cidade, recomenda-se que considere o que se oferece abaixo, relacionado ao contexto da RMG:

Conhecer seu contexto, especialmente a RMG, sua história e as forças que moldaram suas características bem como as demandas antropológicas de seus habitantes, com seus desafios: sociais, culturais e pessoais. A RMG com seus mais de dois milhões de habitantes em 20 cidades exige um planejamento estratégico de ação pastoral e missional, para o qual, o conhecimento de sua realidade e desafios será fundamental.

Conhecer quem é o *homo urbanus* goianiense, considerando sempre que a cultura está sempre em movimento, sobretudo numa metrópole tantos habitantes, que embora tenha traços específicos, como o conflito rural e urbano, religioso e secular, possui também traços gerais comuns ao povo brasileiro e aos habitantes das metrópoles. Não se deve esquecer também, as diversas subculturas representadas e presentes na RMG, em relação constante com a cultura específica e geral.

Considerar como os fatores de estresse urbano oferecem um desafio para a ação pastoral e missional nas regiões metropolitanas, exigindo estratégias específicas de abordagem tanto no campo missional como no pastoral, o que demanda considerar, na formação teológica, a utilização de outras ciências, sobretudo as ciências sociais, como a sociologia, antropologia, psicologia e a pedagogia.

### **5.3.3. Referentes ao campo institucional:**

Para uma educação teológica que vise formar líderes para agir e refletir pastoral e missionariamente com, na e a partir da cidade, recomenda-se que as três instituições envolvidas no processo se atenham as seguintes orientações:

Divulgar os dados positivos da pesquisa – (i) A pesquisa mostra que o SETEBAN/GOIÂNIA cooperou para o crescimento da denominação na RMG, visto que iniciou com 3 igrejas e hoje são 18 e das 15 novas igrejas, 13 são pastoreadas por egressos do SETEBAN/GOIÂNIA; (ii) há egressos do SETEBAN/GOIÂNIA trabalhando em missões transculturais e em projetos sociais de missão urbana na RMG; (iii) dos 134 egressos do SETEBAN/GOIÂNIA, os que não estão relacionados acima, uma grande parte, se não todos, estão cooperando com suas igrejas em diversos ministérios; (iv) outro dado positivo do SETEBAN/GO foi a abertura de novos núcleos em regiões estratégicas do ponto de vista geográfico que foram instaladas a partir do núcleo de Goiânia, nas cidades de Anápolis (1997), Rio Verde (2003), São Luiz de Montes Belos (2014) e Morrinhos (2015); (iv) e, por fim, o fato da pesquisa revelado que a maioria dos pastores da RMG, dos egressos, corpo discente e docente, avaliaram positivamente o papel do SETEBAN/GOIÂNIA na formação teológica e desenvolvimento da denominação.

Divulgar os dados negativos da pesquisa entre as igrejas batistas nacionais da RMG, para a CBN-GO e o SETEBAN/GOIÂNIA – (i) a pesquisa demonstra que a questão da média de idade avançada dos pastores batistas nacionais das igrejas da RMG, necessitando de verificar o porquê do reduzido número de pastores mais jovens; (ii) indicou também um distanciamento dos pastores do SETEBAN/GOIÂNIA, como mostra os dados da pesquisa; (iii) revelou que o envolvimento das igrejas em missões transculturais é fraco, bem como o envolvimento em projetos sociais que minimizem os desafios sociais da metrópole que sofre as consequências positivas e negativas do processo de urbanização; (iv) um número pequeno de igrejas estão envolvidas em projetos de plantação de novas igrejas, e o número de igrejas envolvidas no plantio de novas igrejas diminuiu ao longo dos anos; (v) não há um plano estratégico para plantação

de novas igrejas que pense na RMG, seus desafios urbanos e demandas estratégicas; (vi) das 20 cidades que compõem a RMG apenas 6 possuem igrejas batistas nacionais; a maioria das igrejas batistas nacionais da RMG não enviam alunos para o SETEBAN/GOIÂNIA.

Divulgar a TMI como eixo eclesiológico de ação e reflexão de sua *práxis*, onde os três princípios extraídos nesta pesquisa podem ajudar na transdisciplinaridade, no sentido de alcançar uma educação teológica cujo objetivo seja a transformação da sociedade, a partir de igrejas que se ocupem de uma missão cuja ação missional e pastoral, considerem a integralidade do ser humano, seu contexto e sua missão.

Criar ferramentas no sentido de divulgar e conscientizar o corpo docente e discente do Seminário, no sentido de compreender o que vem a ser a TMI, bem como os princípios apresentados e outros que possam ser apresentados, e incentivar o estudo desses princípios a partir da teologia bíblica.

Estrutura Administrativa – Que o SETEBAN/GOIÂNIA tome as seguintes iniciativas (i) acrescentar a sua estrutura pedagógica, duas ações que ajudarão na aproximação com as igrejas batistas nacionais da RMG, na oferta de propostas para trabalhos práticos nas igrejas por seminaristas, na produção teológica direcionada para os conflitos causados pelo processo de urbanização, que desafiam as questões pastorais e missionais, da seguinte forma: a primeira é designar um professor mentor que orientasse trabalhos práticos de missão urbana, realizado pelos seminaristas juntamente com as igrejas, relacionados à evangelização e discipulado e envolvimento em apoio a projetos de plantio de novas igrejas e apoio a projetos de missão urbana, como casas de recuperação de dependentes químicos; apoio aos moradores de rua, e outros. A segunda ação pedagógica seria designar um professor que orientasse pedagogicamente o Seminário, tanto os professores na condução de um planejamento de ensino que alcance os objetivos missionais e pastorais, quanto os alunos e as alunas na produção acadêmica do “Trabalho de Conclusão de Curso”, em estudos de casos que desafiam a pastoral e a missão urbana, despertando o interesse em questões do cotidiano que afetam os habitantes das metrópoles, e cooperam com o pastoreio e missão nas grandes cidades. Desta forma, nesta ação pedagógica, se atenderia a duas questões pendentes, a questão

do estágio supervisionado e do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Então, o Diretor não trabalhará sozinho, mas terá um colegiado de mais duas pessoas com os quais dividirá a coordenação pedagógica do Seminário.

Estimular estudos estratégicos para projetos missionários e pastorais que tenham como contexto a RMG, no sentido de plantio de igrejas nos 14 municípios onde não há igreja batista nacional, como em regiões estratégicas dos cinco maiores municípios da RMG.

Estimular estudos de demandas sociais entre a população da RMG com o objetivo de criar projetos missionais/pastorais sociais, que atendam as demandas da região. Pode ser feito tanto na produção do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, como por iniciativa do corpo docente, dos pastores da RMG e da direção da CBN-GO.

Apresentar os resultados da pesquisa aos pastores com as seguintes perguntas: por que o número de igrejas envolvidas no plantio de novas igrejas está diminuindo? O que o SETEBAN/GOIÂNIA pode fazer em relação ao fato? De quem seria a responsabilidade de propor um projeto estratégico para plantio de novas igrejas na RMG?

Projeto Educativo – Elaborar o Projeto Educativo para o SETEBAN/GOIÂNIA, considerando o que afirma Vasconcellos (2000) como sendo um processo participativo e não impositivo, e nunca definitivo, pois como o processo educativo está sempre em mudança. O Projeto deve incorporar este espírito de vir a ser, e estar sempre aberto ao diálogo e a mudanças. O Projeto Educativo aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, como afirma Vasconcellos, e como instrumento teórico-metodológico de intervenção e mudança, precisa estar sempre acessível. Os resultados desta pesquisa ajudarão na elaboração do Projeto Educativo, visto que os dados da pesquisa contribuem com os três aspectos de um projeto educativo, que segundo Vasconcellos são três, Marco Referencial que mostra a finalidade, Diagnóstico que revela a realidade e a Programação que é a mediação, ou seja, o que se fazer para alterar a realidade em busca da finalidade.

O Currículo – Zabatiero (2006) propõe três ações no sentido de se alcançar maior efetividade na formação educacional.<sup>103</sup> A que se mostra como recomendação nesse momento é a de superar o modelo curricular da modernidade. Segundo ele, no paradigma da modernidade o currículo trabalha com áreas acadêmicas relativamente estanques, com disciplinas relativamente autônomas e desvinculadas dos conteúdos da vida cotidiana, com tendência para a especialização e fragmentação do saber, desconsiderando outras fontes do saber, que não a acadêmica, bem como a indiferença para as questões pessoais de docentes e discentes, o que gera um distanciamento entre o saber estudado na escola e a vida cotidiana. Ele propõe algumas medidas para superar o paradigma da modernidade o que recomendamos: (i) Modificar o título das áreas do currículo para destacar o vínculo teoria-prática; (ii) Em vez de mudar o nome das matérias, o que geraria problema para alunos que mudam de escola, mudar as ementas dessas disciplinas para que se alcancem três áreas (o conteúdo, a vivência e a reflexão); (iii) reunir periodicamente os professores para discutir a relação teoria-prática e compartilhar experiências; (iv) estabelecer critérios para a prática didática, privilegiando modelos didáticos que funcionem ao redor da problematização, que possibilita o vínculo entre ensino e pesquisa, teoria e prática, estudo e ação na comunidade; (v) estabelecer objetivos de ensino das várias áreas da formação integral da pessoa, comuns a todas as disciplinas, como um projeto de espiritualidade da instituição; (vi) ampliar o número de horas de estágio supervisionado, desde o primeiro semestre, com vistas a priorizar a relação teoria-prática; e, (vii) maior atenção à interdisciplinaridade na montagem do corpo docente da escola. Antônio Carlos Barro afirma que “os currículos são absolutos quando na verdade deveriam ser relativos. O currículo não é o fim da educação teológica, mas o meio pelo qual ela atinge seu alvo” (2006b, p. 183).

Então, tendo o currículo como meio pelo qual se atinge o alvo da educação, Barro (2006b); e considerando as propostas (i) e (ii) de Zabatiero (2006) acima mencionadas, ou seja não enfatizar a mudança dos títulos das matérias, tendo em vista uma questão prática, no sentido tanto de receber estudantes de outras instituições como

---

<sup>103</sup> São eles: 1. A relação entre teoria e prática; 2. A imagem da pessoa egressa dos cursos de bacharel em teologia; 3. A superação do modelo curricular da modernidade.

de transferência, para não se gerar conflitos. Focar a mudança nos títulos das áreas a fim de orientar as questões de teoria e prática. Neste sentido propomos que o currículo do SETEBAN/GOIÂNIA seja dividido em três áreas: 1. Bíblia/Pregação – Nesta área se concentrará as matérias onde se oferecerá ao estudante as ferramentas necessárias para a compreensão da Bíblia e sua aplicação, na pregação, ensino e discipulado. 2. Teologia/Reflexão – Nesta área se concentrará as matérias que oferecerão ao estudante as ferramentas necessárias para o estudo da teologia e seus fundamentos, no sentido de que possa se elaborar uma reflexão sobre sua aplicação contemporânea. 3. Pastoral/Missional – Aqui se concentrará as matérias que oferecerão ao estudante as ferramentas necessárias para sua *práxis*, tanto nas questões pastorais, que se entende aqui como as de cuidado do povo de Deus e missional como sendo as ações em relação a evangelização e presença abençoadora do povo de Deus em direção aos que ainda não são povo de Deus.

Aplicar a Teologia da Missão Integral, eixo eclesiológico adotado pelos Batistas Nacionais, como matéria de uso transdisciplinar, inclusive nas áreas de Bíblia/Pregação e Teologia/Reflexão. Antônio Carlos Barro afirma que: “não se pode falar de missão integral e promovê-la na igreja por meio de literatura e congressos e verificar que nos currículos teológicos esse conceito é quase que totalmente esquecido” (2006b, p. 186).

Equipar os professores no sentido de usar a TMI como ferramenta basilar de transdisciplinaridade na interação com as demais matérias, produzindo um material reflexivo e entregue a cada docente, nele contendo entre outros, o Pacto de Lausanne e o Compromisso da Cidade do Cabo.

## QUADRO 5 – CURRÍCULO PROPOSTO

<b>BIBLIA/PREGAÇÃO</b>	<b>PASTORAL/MISSIONAL</b>	<b>TEOLOGIA/REFLEXÃO</b>
Int. Bíblica	Adm. Eclesiástica	Filosofia e fé cristã
Int. N.T.	Pastoral Urbana	M.T.I.
Int. A.T.	Psicologia	Teologia do NT
Português	Caráter do Obreiro	Teologia do AT
Hermenêutica	Teologia Pastoral	História Cristã I
Homilética	Sociologia	História Cristã II
Exegese do NT	Antropologia Cultural	Teo.Latino-americana
Exegese do AT	Teo. da Missão Integral	História da Denominação
História de Israel	Crescimento da Igreja	Teologia Sistemática I
Geografia bíblica	Evangelização/discipulado	Teologia Sistemática II
Didática	Missiologia	Teologia Sistemática III
	Capelania	Teologia Sistemática IV
	Aconselhamento Familiar	

## CONCLUSÃO:

Retomando a poesia de Paulo Freire, ao final deste “quefazer” e por não ficar na “pura espera” arrisco uma paráfrase de sua poesia Educação Obvia:

Trabalhei os livros, e que e quantos livros;  
Conversei com homens e mulheres, e com quantos e  
quantas;  
Suei meu corpo, que o sol queimou;  
Minhas mãos se cansaram, meus dedos reclamaram;  
Meus pés aprenderam caminhos outrora desconhecidos;  
Meus ouvidos ouviram palavras inesquecíveis;  
Meus olhos viram o que antes não viam.

Valeu à pena a jornada! Agora é esperar a frutificação e nesta espera, enquanto “repouso do muito que farei”, fico a imaginar quais serão os frutos deste mergulho de corpo e alma nas veredas da educação teológica. Mergulhar na história de minha denominação, conhecer mais um pouco da história do nosso Seminário, e pensar que tem ainda os Núcleos de Anápolis e de Rio Verde... Sem falar em tantos outros seminários regionais batistas nacionais que estão espalhados por todo o território brasileiro... Sem dizer que no campo das missões transculturais já estamos plantando seminários em alguns países. Há muito por fazer, e espero que esta pesquisa possa servir, ainda que embrionariamente, de estímulo a que possamos nos debruçar sobre o valor e o lugar dos nossos seminários e como poderão contribuir para a missão da igreja numa sociedade de rápidas transformações socioculturais, onde o mundo cibernético abriu espaço para muito “quefazer”.

Outro fato que valeu a pena o sacrifício dos estudos realizados nesta pesquisa, foi ter debruçado sobre a história da minha cidade. Que história maravilhosa. Ler sobre as expectativas dos imigrantes que vieram para construir a cidade e o desafio que assumiram seus idealizadores. Descobrir as transformações que foram operadas e os agentes destas transformações, uns bem intencionados e buscando o bem comum, outros, entretanto, manipulando e usando o espaço público visando interesses de grandes grupos econômicos em prejuízo da população. Conhecer um pouco mais sobre nossa

cultura e as *teias de significado* que dão forma ao *ethos* do *homo urbanus* goianiense, foi imensurável. Vale a pena estudar nossa cidade, seus habitantes, suas aspirações e frustrações. A educação teológica necessita compreender esta dinâmica.

Um ilustre visitante vindo a Goiânia em 1937, o grande antropólogo Levi-Straus, quando ainda tinha 29 anos, desapontado com a construção de uma cidade no meio do nada, disse: “nada poderia ser tão bárbaro, tão desumano, quanto esta implantação no deserto. [...] Ali nos sentíamos como numa estação de trem ou num hospital, sempre passageiros, e nunca residentes” (*apud*, Rocha, 2009). Naquela época a cidade estava com 12 mil habitantes e era um canteiro de obras no meio do cerrado. Hoje, nestes “tristes trópicos” como denominou seu livro, resultado de sua viagem como etnólogo ao Brasil, no meio do cerrado brasileiro, nestes “tristes trópicos” há uma bela e hospitaleira cidade, que recebe imigrantes de toda parte, sobretudo de regiões pobres do nosso país, e que dispõe de praticamente todos os problemas que uma metrópole possui, mas onde milhares de pessoas vivem seus sonhos e decepções, e onde o evangelho de Cristo encontra um terreno fértil, necessitando de semeadores que sejam fiéis ao seu chamado e devidamente qualificados para tal tarefa.

Perceber a riqueza da Teologia da Missão Integral e as possibilidades que ela proporciona, ao estabelecer este vínculo entre a educação teológica que se oferece e as demandas urbanas, bem como os desafios que as sociedades urbanas oferecem ao “quefazer” missional e pastoral. Verificar as possibilidades que se oferece com a teologia bíblica, especialmente a teologia bíblica da liderança paulina, onde a TMI pode encontrar embasamento para o “quefazer” da educação teológica.

## BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). Princípio. *Dicionário de Filosofia* (5a. ed., pp. 928-929). São Paulo: Martins Fontes.
- A Bíblia Sagrada. (2007). *Edição Comemorativa dos 40 anos da Convenção Batista Nacional*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Abreu, V., Almeida, C., Bahia, A., Longo, M., Pinheiro, E., Ribeiro, K., Xavier, R. (2015, 25 de Outubro). Desafios para um futuro melhor. *O Popular*, Caderno 1, pág. 5.
- Adão, F. O. e Chaveiro, E. F. (2008). *Desigualdades sócio-espaciais, democracia e gestão metropolitana: análise do desempenho institucional em Goiânia (1997-2007)*. Boletim Goiano de Geografia, 28, núm. 2, pp. 187-202.
- Agier, M. (2011). *Antropologia da cidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Alexander, L. C. A. (2008). Cronologia de Paulo. Em *Dicionário de Paulo e suas cartas* (pp. 343-353). São Paulo: Paulus; São Paulo: Edições Vida Nova; São Paulo: Edições Loyola.
- Arana, P. (2003). La misión de Dios y la nuestra. Em Arana, P.; Escobar S. y Padilla, C. R. (Eds.). Em *El Trino Dios y lamisión integral* (pp. 9-72). Buenos Aires: Kairós.
- Araújo, S. S. (1997). *A manipulação no processo de evangelização*. Belo Horizonte: LERBAN.
- Arrais, T. A. (2004). *Geografia contemporânea de Goiás*. Goiânia: Ed. Vieira.
- Arrais, T. A. (2013). *A produção do território goiano*. Goiânia: Editora UFG.
- Arrais, C. A. (2012). *Identidades modernas do plano urbano de Goiânia*. Boletim Goiano de Geografia, 32, núm. 2, pp. 177-192.
- Arteaga, M. A. (2008). *Carta a los Efésios*. Florida: Sociedades Bíblicas Unidas.

- Barreira, A. A. e Deus, J. B. (2006). *Goiânia – da utopia a construção do lugar*. Boletim Goiano de Geografia, 26, núm. 1, pp. 69-91.
- Barro, A. C. (2004). Revisão do marco da missão integral em *Missão Integral: proclamar o reino de Deus, vivendo o evangelho de Cristo* (pp. 74-75). Viçosa, MG: Editora Ultimato.
- Barro, A. C. e Kohl, W. M. (2005). *Missão Integral Transformadora*. Londrina: Descoberta.
- Barro, A. C. (2006a). A escolha do pastor como fator para uma liderança transformadora. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. *Liderança cristã transformadora* (pp. 83-108). Londrina: Descoberta.
- Barro, A. C. (2006b). Educação teológica e os desafios para uma sociedade em transformação. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. *Educação Teológica Transformadora* (pp. 173-192). Londrina: Descoberta.
- Barro, J. H. (2002). *De cidade em cidade*. Londrina: Descoberta.
- Barro, J. H., Luz, L., Santos, L., Silva, C. F. e Souza, R. J. (2013, Junho) Anexo II: Seguir a Jesus no seu caminho de vida. *Práxis Evangélica*, núm.21, pp. 95-103.
- Batista Nacional, Convenção (2010). *Manual Básico Batista Nacional e Manual da Ormiban*. Brasília, DF.
- Batista Nacional, Convenção. *O Manual do Mensageiro*. (2015, 25 de Julho). Recuperado o dia 01 de Abril de 2016, de <http://www.cbn.org.br/manual/manual2015.pdf>
- Batista Nacional Goiás, Convenção. (2015). *Manual do Mensageiro da XXI da Assembléia Geral da CBN-GO*. Goiânia, GO.
- Bauman, Z. (2010). *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bedford, N., Segura, H. (2011). *Cuaderno de Participación del CLADE V*. Florida: Kairós.

- Birdsall, D. *Lausana 74: Gestão del legado*. Recuperado 15 de Janeiro de 2017 de <https://www.lausanne.org/es/contenido/aml/2014-07-es/lausana-74>
- Bonino, J. M. (1995). *Rostros del Protestantismo Latinoamericano*. Buenos Aires: Nueva Creación, Grand Rapids: Willian B. Eerdmans Publishing Company.
- Borges, E. M.; Cunha, D. F e Moysés, A. (2011, Agosto). *O Estado de Goiás e a Região Metropolitana de Goiânia no Censo 2010*. Observatório das Metrôpoles. Recuperado 20 de Novembro de 2015 de [http://web.observatoriodasmetrosoles.net/download/GOeRMG\\_Censo.pdf](http://web.observatoriodasmetrosoles.net/download/GOeRMG_Censo.pdf)
- Bornkamm, G. (2003). *Bíblia, Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica.
- Bosch, D. (2002). *Missão Transformadora*. São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Brepohl e Grellert. (1984). *A missão da igreja no mundo hoje*. Belo Horizonte: ABU.
- Bruce, F. F. (2003). *Paulo, o apóstolo da graça*. São Paulo: Shedd Publicações.
- Brunner, E. (2006). *A doutrina cristã da criação e da redenção*. São Paulo: Fonte Editorial.
- Bultmann, R. (2008). *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã.
- Campos, L. S. (1996). Protestantismo Histórico e Pentecostalismo: aproximações e conflitos. (pp. 77-120). Em Gutiérrez, B. F. e Campos, L. S. (Eds.). *Na força do Espírito, os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real.
- Castro, E. (1986). *Servos livres. Missão e unidade na perspectiva do reino*. Rio de Janeiro: CEDI.
- Cavalcanti, R. (1987). *Igreja: agência de transformação histórica*. (Série Congresso Vinde). Niterói: SEPAL, 1987.
- Cavalcanti, R. (1999, setembro-outubro). *Para que um CLADE IV?* Revista Ultimato 260. Recuperado 20 de Agosto de 2015 de <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/260/para-que-um-clade-iv>.

- Chaul, N. F. (2010). *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade* (3a. ed.). Goiânia: Editora UFG.
- Chaveiro, E. F. (2001). *Goiânia, uma metrópole em travessia*. Tese de doutorado não Publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Chaveiro, E. F. (2004). A urbanização do sertão goiano e a criação de Goiânia. Em Neto, A. T.; Castro, J. A.; Chaveiro, E. F.; Casseti, V.; Gomes, H., *O espaço goiano: abordagens geográficas* (pp. 93-144).
- Convenção Batista Nacional. *Livro de Atas n° 2*.
- Convenção Batista Nacional do Estado de Goiás. *Livro de Atas n° 1*.
- Cook, G. (1998). *Evangelização é comunicação*. Campinas, São Paulo: United Press.
- Costas, O. (1975). *El protestantismo en América Latina hoy: ensayos del camino (1972-1974)*. San José: Publicaciones INDEF.
- Costas, O. (1979). *Compromiso y Misión*. San José, Costa Rica: Editorial Caribe.
- Dayton, E.R. e Fraser, D.A. (1987). Missão e a Igreja. Em *Missões Transculturais: uma perspectiva estratégica* (pp. 690-694). São Paulo: Mundo Cristão.
- Douglas, J. D., (1975) *Deixa a terra ouvir sua voz: Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, Lausanne, Suíça*. (Volume de referência oficial). Minneapolis: Mundo Ampla Pub.
- Driver, J. (1994). *Contra a corrente*. Campinas, São Paulo: Editora Cristã Unida.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ellis, E. E. (1981). Paulo. Em *O novo dicionário da Bíblia* (4a.ed., pp. 1217-1232). São Paulo: Vida Nova.
- Ellis, E. E. (2008). Cartas Pastorais. Em *Dicionário de Paulo e suas cartas* (pp. 181-191). São Paulo: Paulus; São Paulo: Edições Vida Nova; São Paulo: Edições Loyola.

- Ellis, E. E. (2008). Paulo e seus colaboradores. Em *Dicionário de Paulo e suas cartas* (pp. 232-239). São Paulo: Paulus; São Paulo: Edições Vida Nova; São Paulo: Edições Loyola.
- Escobar, S. (1971). *Responsabilidad social de La iglesia*. Publicaciones AGUEB.
- Escobar, S. (1995). *La fundación de La Fraternidad Teológica Latinoamericana: Breve ensayo histórico*. Boletín Teológico, núm. 59-60.
- Escobar, S. (1997). *Desafios da Igreja na América Latina*. Viçosa: Ultimato.
- Fabris, R. (1984). *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Fernandes, C., Kosacki, S., Ortiz, A., Salinas, D. e Kosacki, S. (2013, Junho) Anexo I: *Carta Pastoral do Quinto Congresso Latino Americano de Evangelização. Práxis Evangélica*, 21, (pp. 91-94).
- Ferreira, J. A. (2009). *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do novo testamento*. Goiânia: Ed. da UCG, Ed. América.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freston, P. (1994). Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em Antoniazzi, A. *Nem Anjos nem demônios*. (pp. 67-99). Petrópolis: Vozes.
- G1, Notícias. *Taxa de casamentos e divórcios*. (2013, 19 de dezembro). Recuperado o dia 20 de Fevereiro de 2014, de [www.g1.globo.com/goiás/notícias/2013/taxas-de-casamento-divórcios](http://www.g1.globo.com/goiás/notícias/2013/taxas-de-casamento-divórcios)
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Green, M. (1989). *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- Goiânia, a cidade mais desigual. (2012, 12 de Agosto). *O Popular*, Caderno 1, pág. 4.
- González, J. (2000). *Hechos de los Apóstoles*. Buenos Aires: Kairós.

- González, J. (2011). *Cultura e Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus*. São Paulo: Hagnos.
- Governo de Goiás (2012, 11 de Outubro). *Biografia de Pedro Ludovico Teixeira*. Recuperado 10 de Março de 2016, de <http://www.museupedroludovico.go.gov.br/post/ver/147269/biografia-pedro-ludovico-teixeira>
- Guimarães, G. (1996, Maio). Assentamentos mais humanos. “More humansettlements”. *Conferencia Brasileira para a Habitat II*. Rio de Janeiro: Federação Nacional de Arquitetos e Urbanistas, pp. 5-96.
- Heyer, C. J. D. (2009). *Paulo, um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus.
- Hesselgrave, D. J. (1995). *Plantar igrejas: um guia para missões nacionais e transculturais* (2a.ed.). São Paulo: Mundo Cristão.
- Hiebert, P. G. (1999). *O evangelho e a diversidade das culturas*. São Paulo: Ed. Vida Nova.
- IBGE (2015, 20 de julho). *Censo Demográfico de 2010*. Recuperado 10 de Março de 2016, de <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520870&search=goias/goiania>.
- Kohl, M. W. (2006). Educação teológica: o que necessita ser mudado. *Educação teológica transformadora* (pp. 87-107). Londrina: Descoberta.
- Konings, J. (2014). *A Bíblia, sua origem e sua leitura – introdução ao estudo da Bíblia*. (8a. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Lausanna, Movimento de (2015, 10 de setiembre). *O compromisso da Cidade do Cabo*. Recuperado 10 de Janeiro de 2016, de <https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/compromisso-da-cidade-do-cabo-pt-br/compromisso>
- Lemos, A. I. G. (1996). *Modernidade e Metrôpoles latino-americanas*. Rio de Janeiro e Buenos Aires. São Paulo: USP.
- Lévy-Strauss, C. (1955). *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70.

- Levi-Strauss, C. (1973). *Tristes Trópicos* (2a.ed.). Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires.
- Lidório, R. (2008). *Antropologia Missionária*. São Paulo: Instituto Ântrpos.
- Lintincum, R. (1996). *Revitalizando a Igreja*. São Paulo: Editora Bom Pastor.
- Lima, J. J. F. e Moyses, A. (2009). *Como andam Belém e Goiânia*. Rio de Janeiro: Letra Capital, Observatório das Metrôpoles.
- Lyra, S.P.R.(2004). *Cidades para a glória de Deus*. Belo Horizonte: Visão Mundial.
- Maldonado, J. (2005). *Crises e perdas na família*. Viçosa: Ultimato.  
Mariano, R. (1999). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Marguerat, D. (2009). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Marshall, I. H. (1999). *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- Martinez, M. (1997). *Comportamiento Humano: Nuevos métodos de investigación*. México: Editorial Trillas.
- Martins, E. (2006). Instituição Teológica: uma visão dos seus principais componentes. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. *Educação Teológica Transformadora* (pp. 49-86). Londrina: Descoberta.
- Matos, A. S. (1999). A missão da igreja: uma perspectiva latino-americana. *Revista Fides Reformata* 4-1, 1-16.
- Medeiros, W. A. (2010). *Goiânia metrópole: sonho, vigília e despertar*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.
- Mello, M. (2014). *Goiânia e os diálogos (re) produtores de um “corpo híbrido”*. Boletim Goiano de Geografia 34, núm. 3, pp. 465-479.

- Mello, M. M. (2006). *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Editora UFG.
- Meslin, M. (2014). *Fundamentos de antropologia religiosa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mora, J. F. (Ed.) (2001). Princípio. *Dicionário de Filosofia*. (Vol. 3, pp. 2370-2372). São Paulo: Edições Loyola.
- Mora, S.A.(2008). *Fundamentos da pedagogia*. Alajuela: CIPET.
- Morris, L. (2003). *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova.
- Murphy-O'Connor, J. (2007). *A antropologia Pastoral de Paulo*. (2a.ed.). São Paulo: Paulus.
- Nascimento, J. R. (2007). *Calvário e Pentecoste: regeneração e poder*. Brasília: LERBAN.
- Notícias da REDEMI, Rede de Missão Integral. (2013, agosto). *O Batista Nacional*, p. 14.
- Neto, L. L. (2002). *O novo rosto da Missão*. Viçosa: Ultimato.
- Oliva, A. S., Orison, M. (2006). A urbanização e suas implicações para a igreja local. Em Muzio, R. R. *Revolução Silenciosa II* (pp. 97 – 122). Brasília: Palavra.
- Padilla, C. R. (1984). A evangelização e o mundo. Em Brepohl, D. e Grellert, M. *A missão da igreja no mundo de hoje*. (pp. 155-172). São Paulo: ABU Editora; Belo Horizonte: Visão Mundial.
- Padilla, C. R. (1992). *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: FTL-B e Temática Publicações.
- Padilla, C. R. (1994). Todo o Evangelho para todos os povos desde a América Latina. Em Steuernagel, V. *No princípio era o verbo* (pp. 17-22). Curitiba: Encontro Editora.
- Padilla, C. R. (2005). *Missão Integral* (2a. ed.). Londrina: Descoberta.

- Padilla, C. R. (2015). 45 años de La Fraternidad Teológica Latinoamericana. Recuperado 15 de Janeiro de 2017 de <http://ftl-al.org/45-anos-de-la-fraternidad-teologica-latinoamericana/>.
- Palacín, L. e Moraes, M. A. S. (2008). *História de Goiás* (7a. ed.). Goiânia: Editora Vieira.
- Pardomo, E. A., (julio-diciembre 2013). *Una descripción histórica de la teología evangélicalatinoamericana*. Recuperado 18 de Janeiro de 2017 de <http://obrerofiel.s3.amazonaws.com/teologia/pdf/Descripcion%20teologica%202.pdf>
- Pastor Darci Reis assume SENAM e SEDELIM (2011, dezembro). *O Batista Nacional*, p. 13.
- Pierson, P. E. (2000). *Atos que contam*. Londrina: Descoberta.
- Proença, W. L. (2004). Um interprete das transformações culturais e sociais da cidade. Em Barro, J. H. (Org.). *O pastor urbano* (2a.ed. pp. 11-48). Londrina: Descoberta.
- Proença, W. L. (2006a). De “casa de profetas” a seminários teológicos: a preparação vocacional em perspectiva histórica. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. (Eds.), *Educação Teológica Transformadora* (pp. 11-48). Londrina: Descoberta.
- Proença, W. L. (2006b). O ministério de Jesus como modelo de liderança para os nossos dias. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. (Eds.), *Liderança Cristã Transformadora* (pp. 11-40). Londrina: Descoberta.
- Rega, L. S., (2006). Revendo paradigmas para a formação teológica e ministerial. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. (Eds.), *Educação Teológica Transformadora* (pp. 109-146). Londrina: Descoberta.
- Reynier, C. (2012). *Para ler o apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus.
- Rocha, H. (2009). *Goiânia 75*. Goiânia: Ed. da UCG.
- Roldán, A. F. (2000). *Para que serve a teologia?* Curitiba: Descoberta.

- Roldán, A. F. (2003). El sacerdocio de todos los creyentes y la misión integral. Em Padilla, C. R. e Yamamori, T. (Eds.), *La iglesia local como agente de transformación* (pp. 103-130). Buenos Aires: Kairos.
- Sampieri, R. H.; Collado, C. F. e Baptista, P. (2006). *Metodología de La Investigación*. México: Mc Graw Hill.
- Sanches, R. F., (2009). *Teologia da Missão Integral*. São Paulo: Editora Reflexão.
- Sanches, S. (2010). *A teologia evangélica contextual*. São Paulo: Editora Reflexão.
- Saracco, N. (2001). Misión y Misiología desde América Latina. Taylor, G. (2001). Em *Misiología Global para El Siglo XXI: Consulta de Iguazú* (p. 365). Grand Rapids, Michigan: Backer Books House Comp.
- Sathler-Rosa, R. (2004). *Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança*. São Paulo: ASTE.
- SETEBAN-GO – Seminário Teológico Batista Nacional do Estado de Goiás.  
*Livro de Atas nº 1*.
- Silva, E. J. M. (2002). *O Espírito Santo e a Missão da Igreja*. Londrina: Descoberta.
- Silva, E. J. M. (2011). *A convenção batista nacional e a dicotomia entre a modernidade e a pós-modernidade*. Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura, n. 35, pp. 70-81.
- Silva, J. A. S. (2015) *Renovação Espiritual entre os Batistas no Brasil: uma abordagem sociológica*. Brasília: LERBAN.
- Souza, M. C. (2007). *A história do STEB*. Belo Horizonte: Edições Boas Novas.
- Stam, J. (2003). *Profecia Bíblica e Missão da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal.
- Steuernagel, V. R. (1992). *A serviço do reino. Um compêndio sobre a missão integral da igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora.

- Steuernagel, V. (1993). *Obediência Missionária e Prática Histórica*. São Paulo: ABU Editora S/C.
- Steuernagel, V. (1994). *O princípio era o verbo*. Curitiba: Encontro Editora.
- Stott, J. (1989). *A mensagem de Gálatas*. São Paulo: ABU Editora S/C.
- Stott, J. (1994). *A mensagem de Atos*. São Paulo: ABU Editora S/C.
- Stott, J. (2001). *A mensagem de Efésios*. São Paulo: ABU Editora S/C.
- Tillic, P. (2009). *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial.
- Tognini, E. (1987). *Geografia das terras bíblicas*. (Vol. 2, 2a.ed.). São Paulo: Louvores do Coração.
- Tognini, E. (1993). *História dos Batistas Nacionais*. Brasília: D.F. Convenção Batista Nacional.
- Tognini, E. (1998). *Batismo no Espírito Santo*. São Paulo: Bompastor.
- Tognini, E. e Almeida, S. L. (2007). *História dos Batistas Nacionais*. Brasília: LERBAN.
- Unes, W. e Safadi, M. (2009). *Goiás 2010*. Goiânia: ICBC.
- Van Engen, C. (1996). *Povo Missionário, Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova.
- Vasconcellos, C. (2000). *Planejamento: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico*. São Paulo: Libertad.
- Vielhauer, P. (2005). *História da Literatura Cristã Primitiva*. Santo André: Editora Academia Cristã Ltda.
- Weber, M. (1991). *Economia e sociedade*. Brasília: UNB.

Wikipédia, Enc. *A região metropolitana de Goiânia*. (2012, 25 de maio). Recuperado o dia 10 de Março de 2016, de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Região\\_Metropolitana\\_de\\_Goiânia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_Metropolitana_de_Goiânia).

Wikipédia, Enc. *Música Sertaneja*. (2013, 13 de Agosto). Recuperado o dia 19 de Fevereiro de 2014, de [www.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica\\_sertaneja](http://www.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_sertaneja).

Wikipédia, Enc. *Secularização*. (2013, 13 de Agosto). Recuperado o dia 10 de Dezembro de 2014, de <https://pt.wikipedia.org/wiki/secularizacao>.

Wit, H. (2002). *En la dispersión el texto es pátria*. San José, Costa Rica: Universidad Bíblica Latinoamericana.

Zabatiero, J. P. T. (2005). Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. Em Kohl, M. W, Barro, A. C. (Eds.) *Missão Integral Transformadora* (pp. 13-44). Londrina: Descoberta.

Zabatiero, J. P. T. (2006). Em busca de um projeto teológico pedagógico para a educação teológica. Em Kohl, M. W. e Barro, A. C. *Educação Teológica Transformadora* (pp. 147-170). Londrina: Descoberta.

Zilles, U. (2011). *Antropologia Teológica*. São Paulo: Paulus.

Zwetsch, R. E. (2008). *Missão como com-paixão*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO I

#### PARA OS LIDERES FUNDADORES

1. O que levou vocês a fundarem um seminário naquela época, diante de tão escassos recursos?
2. Por que não enviar os alunos para outro seminário da cidade?
3. Vc pode fazer um resumo de como foram os primeiros 10 anos do seminário?
4. Quais benefícios você destacaria no serviço que o seminário tem prestado ao reino de Deus?
5. Quais sugestões você daria para melhorar o seminário hoje?
6. O seminário é:  
( ) Muito bom ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim

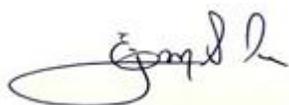
O Depoimento é sigiloso, e é garantido ao depoente o total anonimato na publicação da pesquisa. Sendo que o pesquisador assume perante a lei, a responsabilidade de manter o nome do depoente no anonimato.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Igreja que trabalha \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Eder José de Melo Silva

## QUESTIONÁRIO II

### PARA OS DOCENTES

1. O que levou vc a aceitar o desafio de ser professor do seminário?
2. Qual importância vc dá a formação teológica de líderes para a igreja hoje?
3. Como você percebe vocação pastoral e missionária em seus alunos?
4. Como você procura estabelecer um relacionamento mais próximo com seus alunos?
5. Qual área vc percebe que os alunos enfrentam mais dificuldades?  
( ) Acadêmica ( ) Base bíblica ( ) Caráter ( ) Financeiro ( ) Ministério
6. O seminário é:  
( ) Muito bom ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim
7. Em sua opinião, as transformações observadas no cenário religioso atual têm trazido novos desafios para a educação teológica? Quais?

O Depoimento é sigiloso, e é garantido ao depoente o total anonimato na publicação da pesquisa. Sendo que o pesquisador assume perante a lei, a responsabilidade de manter o nome do depoente no anonimato.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Igreja que trabalha \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Eder José de Melo Silva

### QUESTIONÁRIO III

#### PARA OS DISCENTES

1. Porque vc está estudando no seminário?  
 Preparar para servir melhor a Deus  
 Conhecer melhor a Bíblia  
 Ser um pastor/missionário  
 Outras opções \_\_\_\_\_
2. Em que vc espera que a formação que o seminário oferece te ajude?
3. Sua igreja sabe que vc está estudando no Seminário?
4. Vc recebe alguma ajuda financeira para fazer o Seminário?
5. Qual a maior dificuldade que vc encontra pra estudar no seminário?  
 Transporte  Tempo  Financeiro  falta de incentivo  Materiais Didáticos  
 Outro: \_\_\_\_\_
6. O seminário é:  
 Muito bom  Bom  Regular  Ruim

O Depoimento é sigiloso, e é garantido ao depoente o total anonimato na publicação da pesquisa. Sendo que o pesquisador assume perante a lei, a responsabilidade de manter o nome do depoente no anonimato.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Igreja que trabalha \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Eder José de Melo Silva

## QUESTIONÁRIO IV

### PARA OS EGRESSOS

1. O que vc estudou n o seminário te ajudou no ministério?  
( ) Muito ( ) Regular ( ) Quase nada ( ) Nada
2. Qual área vc pensa que o seminário poderia ter ajudado melhor?  
( ) Acadêmica ( ) Bíblica ( ) Pratica Ministerial ( ) Caráter ( ) Espiritualidade
3. Do que vc estudou no seminário, o que mais ajudou?
4. A convivência com os líderes do Seminário, professores e colegas, em que medida foi importante para seu ministério?  
( ) Muito ( ) Regular ( ) Quase nada ( ) Nada
5. Vc teria alguma sugestão para oferecer ao seminário?
6. O seminário é:  
( ) Muito bom ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim
7. Como você incentiva outras pessoas a estudarem no seminário?

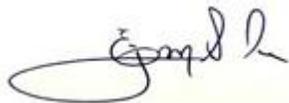
O Depoimento é sigiloso, e é garantido ao depoente o total anonimato na publicação da pesquisa. Sendo que o pesquisador assume perante a lei, a responsabilidade de manter o nome do depoente no anonimato.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Igreja que pastoreia \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Eder José de Melo Silva

## QUESTIONÁRIO V

### PARA A DIRETORIA (Atual e passada)

DURANTE O TEMPO QUE VOCE TRABALHOU COM O SETEBAN...

1. O APOIO DOS PASTORES AO SETEBAN FOI

( ) Muito Bom ( ) Bom ( ) Regular ( ) Deficiente

2. Nesse relacionamento, o que você destaca como positivo, por parte das igrejas e pastores?

3. O que você destacaria de negativo nesse relacionamento?

4. Das 17 igrejas batistas nacionais da Região Metropolitana de Goiânia, quantas vc diria que deu um apoio significativo ao SETEBAN?

( ) Não mais que 4 ( ) Não mais que 8 ( ) Um a 12 ( ) Quase todas

5. O que vc acha que deveria ser feito, POR PARTE DOS PASTORES, para melhorar esse relacionamento?

O Depoimento é sigiloso, e é garantido ao depoente o total anonimato na publicação da pesquisa. Sendo que o pesquisador assume perante a lei, a responsabilidade de manter o nome do depoente no anonimato.

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Igreja que pastoreia \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Eder José de Melo Silva

# QUESTIONÁRIO INICIAL

## I – DADOS PESSOAIS

### 01. Qual é o seu estado civil?

Solteiro \_\_\_ Viúvo \_\_\_ Separado \_\_\_ Casado \_\_\_

Filhos? Sim \_\_\_ Não \_\_\_ Quantos \_\_\_\_\_

### 02. Qual é o seu grau de escolaridade:

(1) Não estudou

(2) Primeiro grau

(3) Segundo grau

(4) Curso superior

(5) Qual/quais? \_\_\_\_\_

(6) Pós graduação Qual? \_\_\_\_\_ Onde? \_\_\_\_\_

### 03. A casa onde o(a) Sr (a) mora é:

(7) (1) Própria (2) Alugada (3) Cedida pela igreja

(8) (4) Cedida por amigos ou parentes (5) Outros

### 04. Qual é a sua idade? \_\_\_\_\_ anos

### 05. Há quanto tempo você é evangélico? \_\_\_\_\_ anos

### 06. Frequentou outras religiões? (1) Sim (2) Não

Quais? \_\_\_\_\_

### 07. Com que frequência o (a) Sr(a) lê:

	Diariamente	Várias vezes por semana	Uma vez por semana	Poucas vezes por mês	Quase nunca	Nunca
O popular ou Jornal Local						
<i>Folha de S. Paulo ou Estado de S. Paulo</i>						
Veja, Isto É ou Época						

## II – DADOS MINISTERIAIS

**01. O que você estudou no seminário, colaborou no seu ministério?**

\_\_\_ Muito \_\_\_ Regular \_\_\_ Quase nada \_\_\_ Nada

**02. Do que você estudou no seminário, o que mais ajudou no ministério?  
E a onde houve deficiência?**

---

**03. Qual área você pensa que o seminário deveria investir mais para formar pastores e líderes para a igreja atual?**

---

**04. Qual sua opinião sobre o seminário da denominação?**

(1) Muito bom

(2) Bom

(3) Regular

(4) Ruim

**05. Qual sua sugestão para melhorar o seminário da denominação no serviço que presta as igrejas?**

---

**06. Estudou Teologia em algum Seminário, Faculdade ou Instituto bíblico?**

Não \_\_\_\_\_ Sim \_\_\_\_\_ Por quantos anos? \_\_\_\_\_

Onde? (1) Seminário da denominação (2) Outro

Qual? \_\_\_\_\_

**07. Qual o tempo que o (a) Sr (a) dedica ao ministério?**

(1) Integral            (2) parcial: quantas horas? \_\_\_\_\_  
Qual é sua ocupação principal? \_\_\_\_\_

**08. Fora a Bíblia quais livros e autores são referência para o seu ministério?**

---

**09. Quais personalidades que viveram nos últimos três séculos inspiraram seu ministério?**

---

**10. Quanto tempo de ordenação ao pastorado? \_\_\_\_\_**

**11. Sempre participou desta denominação? (1) Sim    (2) Não**

De quais outras denominações evangélicas já participou?

---

**12. Você participa, de alguma das seguintes organizações?**

(1) Conselhos de Pastores Goiânia

(2) Associação de Moradores

(3) Associação esportiva ou cultural

(4) Partido político.

(5) Campanha Contra a Fome

(6) Conselhos Municipais

(7) Obra assistencial

(8) Nenhuma

(9) Outra: \_\_\_\_\_

### III – DADOS ECLESIAÍSTICOS

**1. Quando a igreja foi fundada?**

**2. Desde então, em decorrência do trabalho, quantas igrejas foram organizadas?\_\_\_\_\_ Quantas congregações tem hoje?\_\_\_\_\_**

**3. As igrejas organizadas estão todas filiadas a CBN? \_\_\_\_\_**

**4. O local onde a igreja se reúne atualmente é:**

(1) Próprio (2) Alugado (3) Emprestado (4) outro \_\_\_\_\_

**5. Qual a capacidade do templo?**

Pessoas sentadas:\_\_\_\_\_ Pessoas em pé:\_\_\_\_\_

Nas questões 7-13, anote frases que expressem a resposta na opção outra.

**6. Atualmente, quais são as ênfases ministeriais de sua igreja?**

- |                                 |                       |
|---------------------------------|-----------------------|
| (1) Evangelização / Crescimento | (7) Pastoral          |
| (2) Pregação da Palavra         | (8) Formar Lideranças |
| (3) Missões (envio-sustento)    | (9) Comunhão          |
| (4) Social                      | (10) Discipulado      |
| (5) Avivamento                  | (11) Compromisso      |
| (6) Adoração/ Louvor            | (12)Outros:_____      |

**7. Quais são as atividades ou programas desenvolvidos para responder a estas ênfases?**

- |                                  |                               |
|----------------------------------|-------------------------------|
| (1) Evangelismo pessoal          | (7) Acampamentos/integração   |
| (2) Evangelismo público/ eventos | (8) Eventos/cursos/seminários |
| (3) Capacitação de líderes       | (9) Grupo nos lares/células   |
| (4) Visitas                      | (10) Ensino                   |

( 5) Social

(11) Oração

(6) Curas e sinais

(12) Outros: \_\_\_\_\_

**8. Quais destas atividades tem sido mais frutíferas e quais são os fatores que Deus mais tem usado para produzir crescimento na sua igreja nos últimos anos?**

(1) Evangelismo pessoal

(7) Acampamentos/integração

(2) Evangelismo público/ Eventos

(8) Eventos/curso/seminários

(3) Capacitação de líderes

(9) Grupo nos lares/células

(4) Visitas

(10) Ensino

(5) Social

(11) Oração

(6) Curas e sinais

(12) Outros \_\_\_\_\_

**9. Quais são os principais obstáculos que a sua igreja tem enfrentado para um maior crescimento?**

(1) Falta de recursos humano

(5) Baixo envolvimento dos membros

(2) Falta de recursos financeiros

(6) Concorrência

(3) Falta de estrutura física

(7) Batalha espiritual

(4) Valores secular na Igreja

(8) Outros: \_\_\_\_\_

**10. Qual estratégia a igreja tem usado para formar seus líderes?**

(1) Seminário da denominação

(2) Outros Seminários – quais \_\_\_\_\_

(3) Outros Cursos – quais \_\_\_\_\_

(4) Da própria igreja – quais \_\_\_\_\_

(5) Outras \_\_\_\_\_

**11. Em relação a missões, a sua igreja local:**

(1) Possui conselho, secretaria ou depto. missionário?

(2) Realiza conferência periódicas de Missões?

(3) Intercede por missionário nos cultos e / ou grupos?

(4) Gostaria de mais informações sobre missões?

(5) Possui parceiras com Juntas e/ ou Agências Missionárias?

Quais? \_\_\_\_\_

(6) Contribui financeiramente para o sustento de missionário?

Quanto no Brasil? \_\_\_\_\_ E no Exterior? \_\_\_\_\_

Esses missionários atuam em quais áreas e ministérios? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**12. Aproximadamente qual percentual do orçamento total, incluindo ofertas especiais e o arrecadado com o dízimo, é destinado a missões?**

(Treinamento, envio e sustento de missionário, divulgação e manutenção de ministérios, \_\_\_\_\_ entre outros) \_\_\_\_\_

**13. Quais destas ferramentas de comunicação a igreja usa para divulgar sua presença na região?**

(1) Promoção de atividades sociais para a comunidade

(2) Cartazes, folhetos, folders

(3) Programas de televisão

(4) Faixas, placas luminosas, banners

(5) Programas de rádio

(6) Site na internet

(7) Eventos públicos evangelísticos

(8) Outros \_\_\_\_\_

**14. Quais são as maiores necessidades sociais da região onde a sua igreja está localizada?**

(1) Nenhuma

(2) Carência de Deus, salvação

(3) Creche e pré-escola

(4) Atendimento ao adolescente

(5) Atendimento à saúde ( Posto de Saúde)

(6) Escolas

(7) Trabalho com dependentes químicos

(8) Atendimento à famílias pobres

(9) Outros \_\_\_\_\_

**15. Sua igreja desenvolve ou participa diretamente de algum projeto social? Qual?**

- (1) Creches e/ou pré-escola ( 0 a 6 anos)
- (2) Casa-lar faixa etaria \_\_\_\_\_
- (3) Atendimento a dependentes químicos
- (4) Internamento
- (5) Asilos
- (6) Apoio Socioeducativo ( 7 a 12 anos)
- (7) Sopão
- (8) Alfabetização de adultos
- (9) Ensino profissionalizante
- (10) Atendimento ambulatorial
- (11) Distribuição de cestas básicas
- (12) Nenhum
- (13) Outros \_\_\_\_\_

**16. Aproximadamente qual o percentual do orçamento da igreja destinada aos projetos sociais e/ou auxílio a carentes?**

---

**17. Sua igreja realiza reunião administrativa com a participação dos membros?**

- (1) Sim \_\_\_\_\_ (2) Não \_\_\_\_\_

Nome completo do pesquisador: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistado: \_\_\_\_\_

Igreja que pastoreia \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Eder José de Melo Silva